



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

KIVIA MIRRANA DE SOUZA PEREIRA

**AS ELITES SE DIVERTEM: SOCIABILIDADES, IDENTIDADES E
ASSOCIATIVISMO NO IDEAL CLUBE (MANAUS, 1903-1920)**

**MANAUS – AM
2021**

KIVIA MIRRANA DE SOUZA PEREIRA

**AS ELITES SE DIVERTEM: IDENTIDADES, SOCIABILIDADES E ASSOCIATIVISMO NO IDEAL
CLUBE (MANAUS, 1903-1920)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH-UFAM), como exigência para obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto Bubolz Queirós.

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P436e Pereira, Kivia Mirrana de Souza
As elites se divertem: sociabilidades, identidades e associativismo
no Ideal Clube (Manaus, 1903-1920) / Kivia Mirrana de Souza
Pereira . 2021
275 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: César Augusto Bubolz Queirós
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Clubes recreativos. 2. Elites. 3. Ideal Clube. 4. Manaus. I.
Queirós, César Augusto Bubolz. II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. César Augusto Bubolz Queirós
Presidente – UFAM

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt
Membro Externo – UFRGS

Prof. Dr. Davi Avelino Leal
Membro Interno – UFAM

Com todo meu amor, carinho e empenho, não poderia ser diferente, dedico aos meus pais – Dôra e Wedson – e à minha avó, Consuelo. Nem todas as palavras e teorias poderiam expressar a gratidão de dedicar esse trabalho como retribuição de tudo que recebi até aqui.

AGRADECIMENTOS

Finalizar um trabalho é sempre uma grande satisfação, mas quando estamos mergulhados em um momento de tamanha crise e luto nacional devido a covid-19, cada palavra reveste-se de um ato de resistência. Meus agradecimentos partem do reconhecimento que sem a assistência das pessoas aqui citadas seria difícil eu encontrar vigor e ânimo para tecer e finalizar essa pesquisa. Apesar das dificuldades, com o apoio de todos/as, posso respirar tranquilamente o ar da gratidão pelo empenho e dedicação que me ofereceram.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de recursos financeiros. O investimento iniciado ainda na graduação com os Projetos de Iniciação Científica me permitiram bater no peito com orgulho cada vez que eu utilizava o pecúlio para a minha formação. Se cheguei até aqui foi por esse benefício ser essencial. Desejo, com estima e luta, que a coordenação permaneça a cumprir seu papel social. Viva o desenvolvimento da ciência nacional!

Ao meu orientador, Prof. César Augusto Queirós, que desde o momento que me aceitou como orientanda, não mediu esforços e empenhos para me engajar e incentivar na construção de uma jornada universitária com base na pesquisa e com dedicação. Esse reconhecimento é também um agradecimento por nos momentos mais delicados ter se mostrado um amigo, preocupado com meu bem estar físico e mental, assim como com as minhas alegrias e ganhos durante esses anos. Espero, um dia, chegar à sua altura como profissional, ser humano bondoso e militante acadêmico crítico em defesa da democracia.

Ao Programa de Pós-Graduação em História e ao Departamento de História da Universidade Federal do Amazonas pela formação acadêmica. Foram muitos os momentos e as pessoas que passaram e contribuíram em minha jornada ao longo desses anos, nos corredores e/ou nas salas de aula. Cada momento serviu para que eu aprendesse e me engajasse em favor da educação, do ensino de História e da pesquisa sobre Amazônia.

Aos mestres: Prof. Dr. Almir Diniz, Prof. Davi Avelino Leal, Profa. Dra. Márcia Eliane de Souza e Mello, Prof. Luís Balkar Pinheiro, Profa. Dra. Maria Luiza Ugarte Pinheiro, Prof. Dr. Nelson Tomelin Júnior, Profa. Dra. Patrícia Rodrigues da Silva e Prof. Dr. Auxiliomar Ugarte, pelos ensinamentos teóricos e metodológicos compartilhados em sala de aula ou em “simples” conversas para troca de ideias, indicações de fontes ou referências bibliográficas. Foram essas contribuições que me fizeram ter a certeza que o estudo sobre elites era importante. Sou imensamente admiradora da responsabilidade e compromisso histórico expressos no trabalho que vocês desenvolvem.

Aproveito e estendo esses agradecimentos à minha banca de qualificação e defesa, composta pelo Prof. Dr. Hideraldo Costa, Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt e Prof. Dr. Davi Avelino Leal, que foram sensíveis ao apontar os caminhos, as questões e as abordagens para o aperfeiçoamento desta pesquisa.

Agradeço, de igual modo, ao Jailson, pelo grande trabalho que desenvolve ao atender todas as nossas demandas e responsabilidades com compromisso e zelo no Programa de Pós-graduação em História (UFAM).

Aos integrantes, aos coordenadores e aos colegas formados no Laboratório de Estudos sobre História Política e História do Trabalho do Amazonas (LABUHTA), à Associação Nacional de História seção Amazonas (ANPUH/AM), à Revista de Pós-Graduação em História - Canoa do Tempo, à Revista Discente do Departamento de História - Manduariasawa e ao GT Mundos do Trabalho do Amazonas. Nesses espaços, encontrei as portas abertas para que eu aprendesse e desenvolvesse eventos científicos e muitas reflexões, aspectos tão necessários para a nossa atuação profissional e intelectual. Destaco o meu agradecimento e admiração à Wanderlene Barros (pela amizade, telefonemas e companheirismo quando tudo era dúvida e incerteza) e à Profa. Deusa Costa que nas gestões da ANPUH-AM sempre foi compreensiva, amável e incentivadora.

Aos funcionários do Centro dos Povos da Amazônia, do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), do Diário Oficial, da Gerência de Acervos Digitais da SEC (ao Samuel Souza) e da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas pelos atendimentos e pelos auxílios prestados na procura das fontes. Essas últimas instituições mesmo no período de pandemia se disponibilizaram para realizar o levantamento, digitalizar e ofertar os documentos necessários para a finalização dessa dissertação. Se não fosse a compreensão de todos pela situação, esse trabalho teria carecido. Agradeço também a Ana Nascimento Guerreiro que talvez não saiba, mas foi graças ao livro presenteado, *Assim nasceu o Ideal* (Genesino Braga), que essa pesquisa finalmente encontrou o seu objeto de estudo. Que sua bondade seja sempre recompensada!

Por representar a base do que eu sou, agradeço e ofereço esse trabalho aos meus pais, Dôra e Wedson que não mediram esforços durante toda a minha vida para investir em minha educação. Trabalhadores aguerridos, pessoas simples e valorosas, me ensinaram que a maior herança que poderiam me deixar seriam os estudos. Tudo que faço é na esperança de um dia retribuir com conforto, orgulho, a alegria, a proteção e o amor concedidos a mim. Vocês são meus maiores presentes, amo imensamente e orgulhosamente vocês.

Agradeço aos amigos leais. Ao Luiz Antonio, Davi Abreu, Evelyn Ramos e Maria Paula. Às vezes, de tão parecidos no tom e doses de humor, chego a pensar que somos um. Obrigada pela paciência, pelo amor e pelo carinho expressos sempre que necessários (e olha que não foram poucos os momentos). Vocês, meus queridos amigos, sempre estiveram comigo em viagens, eventos, bibliotecas, pastelarias, barzinhos, praças e em todas as minhas mudanças de endereço ou de ideias. Meu agradecimento ao Luiz e Davi por terem me inserido dentro da militância, à Evelyn e à Maria por me ensinarem que a luta também pode ser realizada com afetos. Obrigada por serem um dos primeiros a corrigir meus trabalhos ou me assistir em eventos científicos, eu mesma não saberia retribuir tamanha dedicação! Mas meu agradecimento maior será por nunca terem me deixado desistir, por me fazerem questão de mostrar que a vida é bonita e que amanhã sempre será outro dia.

Igualmente agradeço a Izys e a Karinny. Do grupo, eu sou a mais velha, mas vocês sempre me mostraram que isso não significou muita coisa quando tiveram que cumprir o papel de minhas “guardiãs”. Nossa amizade é o elo entre PT, UFAM e a vida. Amo vocês. Agora poderei tomar nossos cafés, assistir filmes e investir mais tempo de qualidade que vocês sempre me cobraram. Quero sempre viver à altura do que vocês representam!

Aos companheiros e companheiras da Democracia Socialista (Corrente interna do Partido dos Trabalhadores do Amazonas) e da Kizomba. A Paola Rodrigues, Shirley Abreu, Ana Cláudia, Júnior, Liz, Sarah, Tatyane Valente, Roberto (in memoriam), Luciana e Valéria que são amigas/os preocupados com minha saúde e meu bem estar. A luta por uma sociedade justa e igualitária perpassa a ciência de saber quem está ao nosso lado nas trincheiras. Obrigada!

À Eliana Moura, Inara, Raoni, Christine, Thaysa, Pâmela, Luana, Larissa, Nadinny, Ayla, Isabela, Janaína Jungles. Ao Phild, Maria Carolina e Elivelton. O apoio e a admiração de vocês sempre serão uma das minhas doses de ânimo e encorajamento. Tenham certeza que o carinho é recíproco.

Por fim, aqui está o produto, espero que eu tenha utilizado os recursos necessários para que as pessoas aqui citadas se sintam parte essencial (e especial) desse trabalho.

Mas a história política – e esta não é a menor das contribuições que ela extraiu da convivência com outras disciplinas – aprendeu que, se o político tem características próprias que tornam inoperante toda análise reducionista, ele também tem relações com os outros domínios: liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida. O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social.

René Rémond.

RESUMO

Manaus, na virada do século XIX para o XX, passou pelo seu processo de “modernização” e “progresso”. Reflexo desse momento, vários clubes surgiram na cidade com o intuito de promover uma vida recreativa aos seus participantes. De acordo com as pesquisas realizadas, ao menos duzentas associações recreativas surgiram entre o período de 1854 a 1920. Com esse processo, este trabalho pretende compreender a formação, objetivos, ações e dinâmicas dos clubes e associações recreativas fundadas. Entre as análises que pretende-se encaminhar, observa-se estas entidades como espaço de organização e mobilização social, tendo em vista que os grupos, como as elites locais, escolheram estes espaços para afirmar seus interesses enquanto classe e execução de uma sociabilidade burguesa. As análises dessa pesquisa intenciona responder as perguntas sobre quem eram essas elites e como através de suas trajetórias individuais ou em grupo de sócios conseguiu-se estabelecer estratégias associativas no Ideal Clube. Deste modo, o Ideal, fundado em 1903, apresenta importantes dinâmicas organizativas que fizeram com que 51 diretores apresentassem características em comum como seus empenhos profissionais e postos públicos, naturalidades e vínculos recreativos, esportivos, mutualistas, partidários, fraternos, étnicos e educacionais que evidenciam os liames criados através de suas vivências. Entre os objetivos, ainda destaca-se a investigação sobre as práticas sociais que consagraram as atividades recreativas ao seu valor ideológico e simbólico para os prestígios, carismas, *status* e poderes das elites locais. Neste trabalho utilizamos os periódicos locais, estatutos, dicionários biográficos e obras memorialísticas que nos oferecem notícias sobre os clubes, atividades recreativas e como as elites que compunham a política, o âmbito jurídico, o comércio e as patentes militares. Torna-se importante destacar que esse trabalho está embasado nas discussões e contribuições sobre História Social da Amazônia que sustenta as vivências dos agentes e das relações sociais como imprescindíveis para interpretarmos a cidade, a organização dos seus grupos em entidades recreativas e as dinâmicas das políticas locais.

Palavras-Chaves: Clubes recreativos, elites, Ideal Clube, Manaus.

ABSTRACT

Manaus, at the turn of the 19th to the 20th century, went through its process of “modernization” and “progress”. As a reflection of this moment, several clubs emerged in the city with the aim of promoting a recreational life for its participants. According to the research carried out, at least two hundred recreational associations emerged between the period 1854 to 1920. With this process, this work intends to understand the formation, objectives, actions and dynamics of the clubs and recreational associations founded. Among the analyzes that we intend to forward, these entities are observed as a space for organization and social mobilization, considering that groups, such as local elites, chose these spaces to affirm their interests as a class and to execute a bourgeois sociability. The analysis of this research intends to answer questions about who these elites were and how, through their individual trajectories or in a group of members, it was possible to establish associative strategies in Ideal Clube. In this way, Ideal, founded in 1903, presents important organizational dynamics that made 51 directors present characteristics in common such as their professional commitments and public posts, birthplaces and recreational, sports, mutualist, partisan, fraternal, ethnic and educational ties that demonstrate the bonds created through their experiences. Among the objectives, there is also an investigation into the social practices that consecrated recreational activities to their ideological and symbolic value for the prestige, charisma, status and power of the local elites. In this work we use local journals, statutes, biographical dictionaries and memorial works that offer us news about clubs, recreational activities and how the elites that made up politics, the legal sphere, commerce and military ranks. It is important to point out that this work is based on discussions and contributions on the Social History of the Amazon that supports the experiences of agents and social relations as essential for us to interpret the city, the organization of its groups in recreational entities and the dynamics of local policies.

Keywords: Recreational club's, elites, Ideal Club, Manaus.

LISTA DE IMAGENS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

| FIGURAS | Página |
|---|--------|
| Figura 1: Planta da Cidade de Manaus. | 35 |
| Figura 2: Mansão de um Presidente de Manaus – 1862 – Paris <i>Librairie</i> de L. Hachette et C. | 41 |
| Figura 3: Um grupo de sócios da Liga Colonial Italiana junto à queda d'água na Cachoeira Grande. | 59 |
| Figura 4: Aspectos do Bosque Municipal onde eram realizadas as principais atividades esportivas como o futebol, tiro e remo. | 74 |
| Figura 5: Coronel Antonio Bittencourt e homenagem do Derby Clube | 77 |
| Figura 6: Homenagem ao <i>sportman</i> amazonense Cariolano Durang e a valorização pelos procedimentos físicos e exemplo moral. | 80 |
| Figura 7: Coronel Francisco Públis Ribeiro Bittencourt. Primeiro Presidente do Ideal Clube. | 89 |
| Figura 8: Desemb. Antero Rezende. Um dos fundadores do Ideal Clube e Secretário da 1ª Diretoria. | 95 |
| Figura 9: Flâmula com o símbolo e com cores verde e branca do Ideal Clube | 101 |
| Figura 10: Convite destinada à Família B. Faria e Souza. | 102 |
| Figura 11: Terceira sede do Ideal Clube. | 113 |
| Figura 12: Sede do Ideal Clube na Avenida Eduardo Ribeiro. | 114 |
| Figura 13: Diretoria eleita em 12 de fevereiro de 1905. | 123 |
| Figura 14: Desemb. Gaspar Guimarães - Presidente da Assembleia Geral (1910, 1915, 1916). | 136 |
| Figura 15: Oficiais e inferiores do 1º Batalhão da Sociedade de Tiro Brasileiro no Amazonas. | 143 |
| Figura 16: Coronel Joaquim Nunes de Lima. | 159 |
| Figura 17: Coronel José Nunes de Lima. | 160 |
| Figura 18: Programa de Corridas do Derby Club em homenagem a Tiradentes. | 167 |
| Figura 19: Interior do Ideal Clube nas festas e bailes | 188 |
| Figura 20: Planta de Manaus com as principais vias por onde passava o Carnaval – 1906. | 198 |
| Figura 21: Aspecto do salão do Ideal Club, a nossa distinta associação dançante familiar, por ocasião do baile à fantasia no sábado 21 de fevereiro de 1914. | 204 |
| Figura 22: Charge do Jornal Correio do Norte: “O que eles fizeram e ainda pretendem fazer para desgraça completa do Amazonas”. | 207 |
| Figura 23: Charge e representação do jornal Correio do Norte. | 208 |
| Figura 24: A senhorita Ayres, filha do Sr. João Pinho Ayres, com a fantasia com que conquistou, com justiça, o bonito e custoso prêmio instituído pelo Ideal Club, no baile de 21 de fevereiro dessa associação. | 211 |
| Figura 25: Carro “As 4 Estações” com a família do Coronel Adolfo Lisboa. | 214 |
| Figura 26: A festa em honra de Raul de Azevedo no dia 13 de maio. | 224 |

| GRÁFICOS | Página |
|--|---------------|
| Gráfico 01: Clubes, Entidades e Associações Recreativas fundadas em Manaus (1854-1920). | 72 |
| Gráfico 02: Associados do Ideal Clube (1915, 1917, 1919). | 110 |
| Gráfico 03: Número de notícias veiculadas no Jornal do Comércio. | 111 |
| Gráfico 04: Profissões dos diretores do Ideal Clube. | 125 |
| Gráfico 05: Naturalidade e Nacionalidade dos diretores do Ideal Clube (1904-1920). | 126 |

QUADROS

| | |
|---|------------|
| Quadro 01: Composição do Conselho Diretor da Cruz Vermelha Italiana. | 57 |
| Quadro 02: Presidentes da Assembleia Geral – Ideal Clube – (1904-1920). | 117 |
| Quadro 03: Secretários da Assembleia Geral – Ideal Clube – (1904-1920). | 119 |
| Quadro 04: Secretários da Diretoria do Ideal Clube – (1904-1920). | 119 |
| Quadro 05: Diretoria do Ideal Club (1904-1920). | 121 |
| Quadro 06: Associações, redes e vínculos dos diretores do Ideal Clube. | 127 |
| Quadro 07: Ex-presidente da Associação Comercial (1871 – 1942) | 156 |
| Quadro 08: Principais encontros e festividades que ocorreram no Ideal Clube (1903-1920). | 178 |
| Quadro 09: Conferências ou exposições que ocorreram no Ideal Clube (1906-1920) | 218 |

TABELAS

| | |
|--|-----------|
| Tabela 01: População do Brasil por nacionalidade segundo os recenseamentos de 1872, 1890 e 1900. | 52 |
|--|-----------|

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 16 |
| CAPÍTULO 1. A CIDADE E OS CLUBES: FUNDAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DOS ESPAÇOS RECREATIVOS EM MANAUS..... | 31 |
| 1.1 – A CIDADE E OS PRIMEIROS CLUBES RECREATIVOS: A SOCIEDADE RECREAÇÃO AMAZONENSE | 33 |
| 1.2 – A “GRANDE PÁTRIA DE DANTE” NA AMAZÔNIA: A SOCIEDADE ITALIANA DE SOCORROS MÚTUOS E A CRUZ VERMELHA ITALIANA..... | 48 |
| 1.3 – “NA MARÉ DOS CLUBES”: O CRESCIMENTO URBANO, A EXPANSÃO DAS PRÁTICAS SOCIAIS E A CONSOLIDAÇÃO DOS CLUBES DE ELITES EM MANAUS..... | 66 |
| CAPÍTULO 2. POR UMA VIDA ASSOCIATIVA: O IDEAL CLUBE (1903-1920)..... | 84 |
| 2.1 – “ASSIM NASCEU O IDEAL”: O INÍCIO E A CONSOLIDAÇÃO DA TRADIÇÃO IDEALINA EM MANAUS | 87 |
| 2.2 – “OS CLUBES VIVEM PARA SERVIR A SOCIEDADE”: ASPECTOS ESTRUTURAIS, ESTATUTÁRIOS E ASSOCIATIVOS DO IDEAL CLUBE | 98 |
| 2.2.1 – A Sede | 111 |
| 2.3 – “NÃO ERA MAIS UM GRUPO DE MOÇOS QUE REPRESENTAVA A VIDA DESTA AGREMIACÃO”: CARGOS, FUNÇÕES E REDES ASSOCIATIVAS..... | 115 |
| 2.3.1 – A Assembleia Geral..... | 116 |
| 2.3.2 – A Diretoria..... | 120 |
| 2.3.3 – Sociabilidades, redes e vínculos associativos | 124 |
| CAPÍTULO 3. ENTRE PRESTÍGIOS, PODERES E A TROCA DE CAPITAIS: AS ELITES DO IDEAL CLUBE | 130 |
| 3.1 – EM BUSCA DE MORAL E CIVILIDADE: A ELITE JURÍDICA NA TRAJETÓRIA DE GASPAR VIEIRA GUIMARÃES | 135 |
| 3.2 – ENTRE A RECREAÇÃO, O COMÉRCIO E O TRABALHO: A RECONVERSÃO DE CAPITAIS ATRAVÉS DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS | 153 |
| CAPÍTULO 4. “A VANGUARDA DO ENTUSIASMO, CONFIANÇA E CRENÇA”: CONVÍVIOS, PRÁTICAS E RELAÇÕES SOCIAIS IDEALINAS..... | 170 |
| 4.1 – “EXPANSÕES DE ALEGRIA”: BAILES, SARAUS, PARTIDAS DANÇANTES E FAMILIARES..... | 176 |
| 4.2 – “NUM ABRE ALAS QUE EU QUERO PASSAR DE ENSURDECER”: A IDENTIDADE E A DISTINÇÃO DAS ELITES NOS CARNAVAIS DO CLUBE | 192 |
| 4.3 – “NO CERTÂMEN DA CIVILIZAÇÃO”: OS DEBATES E CONFERÊNCIAS PÚBLICAS SOBRE OS RUMOS DA NAÇÃO | 215 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 233 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 238 |

| | |
|--|------------|
| FONTES..... | 250 |
| Álbuns..... | 250 |
| Estatutos e Relatórios | 250 |
| Periódicos e Revistas..... | 251 |
| APÊNDICE I – SOCIEDADES, ASSOCIAÇÕES E CLUBES EM MANAUS (1854-1920) | 252 |
| APÊNDICE II – DADOS DOS DIRETORES DO IDEAL CLUBE (1904 – 1920)..... | 257 |
| APÊNDICE III – FESTIVIDADES DO IDEAL CLUBE (1903-1920)..... | 267 |
| ANEXO I: FUNDADORES E DIRETORES DO IDEAL CLUBE | 273 |
| ANEXO II: TABELA DE RUAS, MORADORES E LISTAGEM DE ANALFABETOS | 275 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As inquietações sobre as quais se debruçam este trabalho partem de anseios e curiosidades sobre as organizações das elites em Manaus entre os anos de 1903 a 1920.

As elites, lidas no plural, aparecem na maior parte dos escritos historiográficos de forma indireta, citadas como as responsáveis pelo controle da cidade na esfera estatal em que desempenhavam o seu mecanismo de dominação. No entanto, algo me inquietava, ainda na graduação, quando parei para refletir sobre os conceitos revisitados do marxismo¹ que ressaltam o cotidiano e a cultura como estratégias de resistências, organizações, poderes e seu caráter mobilizador em torno dos interesses dos trabalhadores e dos “excluídos da história”.² Com essa deixa, a pergunta estava feita: por quais vias e espaços, além do aparente, as elites utilizavam-se para se estruturar e para sociabilizar os seus aspectos de classe?

A indagação apenas sinalizava para a vasta quantidade de espaços em que as elites estão inseridas: nas esferas estatais, burocráticas, comerciais, jurídicas, militares, literárias, científicas, médicas e... recreativas. A parte que mais nos interessa é justamente essa última, mas que, como será apresentado, não deixa de ter a sua estruturação fundamentada e enraizada nas demais, dado que foi nas agremiações, sociedades e/ou clubes recreativos que encontramos o caráter relacional e distintivo dos interesses, sociabilidades e identidades dos grupos de poder na cidade.

Compreendendo esses locais como uma esfera importante, onde os seus sócios se divertiam e desfrutavam do tempo livre, as agremiações e sociedades recreativas não surgiram única ou originalmente em Manaus.

Para Victor Andrade de Melo, os clubes chegaram ao Brasil por meio da vinda da Família Real, em 1808, com o objetivo de modernizar e oferecer aos nobres da Corte uma estrutura adequada para sua diversão. Surgidos na Europa e, posteriormente, nas cidades do

¹ O historiador inglês E. P. Thompson convida-nos para estudarmos os espaços de interação social da classe trabalhadora, visto que podem revelar a importância das relações sociais, ações dos sujeitos e dos rituais que se constituem em tradições subpolíticas que se colocam com formas alternativas de luta e resistência, para além do embate político, partidário e associativo. Os rituais como a venda de esposas, *rough music*, motim e turba que ocorriam no mercado, na feira, na taberna ou em praça pública, influenciaram a formação do primórdio movimento operário inglês. Logo, temos a noção que além de estudar os comportamentos dos sujeitos, devemos analisar os seus espaços de atuação, tendo em vista que nestes ambientes os indivíduos criam e externam suas noções de direito, solidariedade e cultura, uma vez que esses “espaços autônomos de sociabilidade que, embora conflitivos e plurais, possibilitavam o desenvolvimento de fortes noções de coletividade e a formulação de valores diferenciados” (THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.62; FORTES, Alexandre. " Miríades por toda a eternidade": a atualidade de EP Thompson. **Tempo social**, v. 18, n. 1, p. 197-215, 2006.)

² PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Editora Paz e Terra, 2017.

Rio de Janeiro³ e São Paulo, os denominados *club's* tinham a função de reunir pessoas para a recreação, mas, na verdade, se constituíram como recintos privilegiados e autônomos para a afirmação de distinções sociais. Conforme Melo,

Desde sua criação, os clubes foram importantes instituições na sociedade brasileira, extrapolando suas supostas funções recreativas. Na verdade, funcionavam como um retrato e um termômetro das relações políticas. Eram um espaço privilegiado de encontro e de auto identificação entre os membros das elites. Por isso, os clubes criavam constantemente mecanismos de *status* e distinção, como a concessão de títulos honorários a personagens insígnies da sociedade brasileira, a distribuição de certificados e símbolos aos associados, concessão de privilégios no acesso a certas atividades ou espaços.⁴

Nessa mesma linha interpretativa, em *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*, Jeffrey Needell investiga os clubes Cassino Fluminense (1845), Jockey Clube (1868) e Clube dos Diários (1895) e pontua que a “cultura e a sociedade de elite serviram para manter e promover os interesses e a visão da própria elite, e que paradigmas culturais derivados da aristocracia europeia foram adaptados ao meio carioca com esta finalidade”.⁵

Nesses espaços, a elite se encontrava para o lazer, mas provavelmente também para a conversa, a troca de ideias, as discussões políticas e comerciais. Inevitavelmente, entre uma partida e outra, criavam laços sociais, de amizade, de negócios e laços matrimoniais que garantiram a sua manutenção e seu enraizamento.

Diante desse processo, não concebemos a ideia de que os clubes e/ou associações recreativas chegaram em Manaus, ao contrário, suas fundações, por mais que inspiradas nas cidades europeias, cariocas ou paulistas, fizeram parte de um processo paralelo de construção da própria cidade que, desde os momentos imperiais, procurava galgar projeção nacional. Dados os recursos financeiros e econômicos para a aplicação dos projetos, uma nova elite migrou à região com as indicações de Dom Pedro II para administrar e investir financeiramente na cidade e estruturar Manaus como um forte entreposto comercial para

³ Com isso, como pontua Lilia Schwarcz, “é na capital, durante os anos de 1840 a 1860, que se cria uma febre de bailes, concertos, reuniões e festas. A corte se opõe à província, arrogando-se o papel de informar os melhores hábitos de civilidade, tudo isso aliado à importação de bens culturais reificados nos produtos ingleses e franceses. Nas casas os homens jogavam voltare, gamão, xadrez e whist, e os moços o jogo da palhinha. Já as mulheres divertem-se com jogos de prenda, de flores, do bastão, do amigo ou amiga e do lenço queimado”. (SCHWARCZ, 1998, p.111).

⁴ MELO, Victor **Andrade de**. **Dicionário do esporte no Brasil** [livro eletrônico]: do século XIX ao início do século XX. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Ciências da Saúde, 2018.

⁵ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*, Trad. Celso Nogueira, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p.11.

servir os gostos e padrões estrangeiros. Porém, essas ações não foram suficientes para concretizar os planos de “civilização” sonhados para a cidade.

Isso só foi possível com a “explosão” gomífera nas cidades de Manaus e Belém que, a partir de 1890, passaram a notar um investimento econômico na região com o objetivo de construir uma capital próspera, com prestígio nacional e estrangeiro.

Esse período, conhecido como *Belle Époque*, caracterizou-se pelas grandes mudanças urbanas e arquitetônicas, pelo crescimento da população e pela introdução de elementos e costumes europeus, “podendo-se fazer uma analogia desta fase de mudanças com a montagem de uma vitrine”.⁶ Essa comparação se deu justamente para explicar as modificações culturais, políticas e econômicas que a cidade estava vivenciando.

Entretanto, essa cidade, que foi idealizada para ser um modelo em civilidade, não pode ser lida e interpretada somente por sua forma estrutural, como uma casa de brinquedo, despossuída de singularidades, peculiaridades e significados. As questões que perpassam o cotidiano de seus habitantes envolvem duas reflexões: a primeira, sobre as imposições feitas a ela pelo viés econômico e estrangeiro; e a segunda, sobre a ação e a reação de seus cidadãos, pois

[...] a modernidade em Manaus não só substitui a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também transforma a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação e desenvolve a imigração. É a modernidade que chega ao porto de lenha, com sua visão transformadora, arrasando com o atrasado e feio, e construindo o moderno e o belo.⁷

Nessa dinâmica, as elites locais e o Estado estruturaram a cidade de Manaus para servir os gostos e padrões estrangeiros, em busca de reconhecimento cultural, social e econômico. Avenidas, praças, bares, teatros e estabelecimentos foram criados para oferecer à cidade uma aparência moderna. No bojo dessas transformações, novos hábitos, costumes e relações teciam as vivências dos cidadãos *no* e *com* o espaço citadino. Assim, seus habitantes trabalhavam, divertiam-se e compartilhavam experiências comuns e sociais nos mais variados níveis e lugares. Porém, existia um grupo abastado que tinha sobre si o poder de gerir as diversões em torno dos seus gostos, tentando ao máximo afastar, reprimir e ocultar a cultura local.

⁶ MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e arquitetura – 1852-1910**. 3ª edição. Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006, p. 142.

⁷ DIAS, Ednéa Mascarenhas. **A ilusão do fausto: Manaus, 1880-1920**. Manaus: Valer, 1999, p.29.

Foi nesse contexto de desenvolvimento econômico, de transformações urbanas e de crescimento demográfico que os clubes, associações e/ou sociedades recreativas se formaram em Manaus. Com o objetivo aparente de agregar pessoas em prol da diversão e do tempo livre, as associações revelaram outros fatores para a união. Além de se constituírem como espaços de interação social, onde as práticas de recreio (esportivas, culturais, dançantes e literárias) eram exercidas, esses clubes e associações também eram importantes espaços de formação e/ou manutenção de laços identitários e de pertencimento, fortalecimento de vínculos étnicos, políticos, corporativos ou classistas. Assim, entre as sociabilidades e as identidades, a diversão e a ordem, a valorização do trabalho e do tempo livre, práticas de jogos lícitos e ilícitos, os clubes e associações contribuíram para a constituição e o fortalecimento de classificações sociais.

Para o memorialista Thiago de Melo, em *Manaus, amor e memória*, havia três categorias de clubes na cidade. Os considerados “clubes de nata” frequentados pela elite local; os clubes populares destinados à classe média; e os clubes dos subúrbios voltados para atender a população mais pobre, os considerados “freges”. Os clubes frequentados por homens e mulheres, nacionais e estrangeiros, com sua diversão por meio de jogos lícitos, danças, teatros, esportes, piqueniques e outras atividades recreativas, permitiam que novas relações sociais fossem criadas e consolidadas, além daquelas do espaço doméstico ou no âmbito do trabalho, dando ao ser social uma vida mais pública, urbana e coletiva. Para Simone Villanova,

A sociedade de modo geral passou a se organizar em torno das associações recreativas, artísticas, culturais, esportivas, carnavalescas, filantrópicas, etc. Isso significa que a cultura do lazer no século XIX não se restringia somente ao ambiente doméstico. Ficava cada vez mais comum a essa época o encontro e as diversões públicas, como os grêmios e clubes, tornando-se importante expressões de convívio social. Com o desenvolvimento das cidades e, por conseguinte, da urbanização houve o aumento desse fenômeno, fazendo com que o convívio social fora de casa se transformasse em um hábito urbano cada vez mais comum à família.⁸

Ana Maria Daou, nas obras *A belle époque amazônica* (1999) e *A cidade, o teatro e o 'Paiz' das Seringueiras: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX* (1998), evidencia o papel de espaços públicos, como o teatro e os clubes, e a atuação da elite tanto para a derivação de experiências em comum quanto para a promoção

⁸ VILLANOVA, Simone. **Sociabilidade e cultura: a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus (1859-1900)**. Manaus: EDUA, 2015, p.60.

em ações que davam ao grupo forma, visibilidade social e autorrepresentação na sociedade manauara em seu contexto de expansão, progresso e modernização:

Nos jornais de Manaus chama a atenção o reconhecimento da necessidade de ‘diversões’, o que sinaliza para a emergência de um tipo de sociabilidade mais segmentada em que associações e clubes preencham diferentes funções e estimulam os encontros nos espaços da cidade ampliada, nas ruas e na Avenida. Esses eventos aproximariam os que chegavam à cidade, e os acontecimentos deste tipo eram objeto de atenção dos diferentes administradores, governadores e prefeitos, preocupados em fomentar ‘diversões’ e grandes espetáculos que favoreceram a vida pública, uma certa ordem espelhada nos espaços da cidade – uma preocupação pertinente, se considerarmos as alterações no modo de vida e nas formas tradicionais de sociabilidade que a ordem urbana, o cosmopolismo e o convívio na cidade impunha às pessoas⁹.

Essas contestações apontam para outras envergaduras. Os estudos sobre as organizações e os clubes formados por imigrantes, que também se caracterizaram por suas atividades recreativas, não passaram despercebidos para a região norte, em especial para Manaus. Maria Luiza Ugarte Pinheiro¹⁰ nos informa a existência de sociedades de caráter beneficentes ou recreativas que tinham a finalidade de promover e fortalecer a solidariedade entre os seus, como a Luzitânia Repatriadora (1908), a Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas (1873), o Centro Español (1902), a Sociedade La Union Española (1905), a Sociedade Hespanhola de Beneficencia Cervantes (1905), a Sociedade Española de Socorros Mútuos (1916), a Sociedade Espanhola Recreativa (1919) e a Union Sportiva Espanhola (1919). Para Marília Ferreira Emmi,¹¹ essas associações serviram para a construção de um referencial cultural e mobilizador dos interesses vinculados à cultura, aos negócios, ao trabalho, à saúde e ao lazer; e serviam para a preservação e reconstrução de identidades na Amazônia.

⁹ DAOU, Ana Maria. **A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras**: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2014, p.289.

¹⁰ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Imigração e Imprensa Espanhola em Manaus, 1901-1921. In: PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto (Org.). **Imprensa e Sociedade na Amazônia (1870-1930)**. Curitiba: Editora CRV, 2017, p. 183-209; PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Portugueses e Ingleses no Porto de Manaus, 1880-1920. In: SOUSA, Fernando; MARTINS, Ismênia; MENEZES, Lená de Medeiros, MATOS, Izilda; FERLINI, Vera. SARGES, Nazaré, ARRUDA, Jobson (Orgs.). **Portugal e as Migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Porto (Portugal): CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2015, p. 52-73.

¹¹ EMMI, Marília Ferreira. **Um século de imigrações na Amazônia Brasileira (1850-1950)**. Belém: NAEA, 2013.

Através da investigação nos periódicos locais,¹² encontramos ao menos 200 clubes, associações ou sociedades recreativas com diferentes propostas de atuações, como os clubes carnavalescos, esportivos,¹³ sociedades étnicas,¹⁴ clubes de mulheres¹⁵ e de trabalhadores. Entretanto, o maior número de atividades destinava-se *para e pela* diversão das elites locais. Esse cenário fez com que os clubes se multiplicassem pela cidade, entre os anos de 1854 e 1920, de uma forma vertiginosa, com programações requintadas e modernas e que agregavam um maior número de integrantes.

Tendo em vista a escolha pelo tipo de agremiação, naquilo que conceituamos e definimos como “clubes de elites”, sobressaiu-se o debate teórico e metodológico que compreende a atuação das elites (políticas, jurídicas, econômicas, militares, administrativas e intelectuais) como agrupamento social em uma perspectiva relacional.

Faz-se importante reconhecer que as elites não atuam apenas nas esferas dos processos burocráticos que envolvem a manutenção do estado-nação, pois podem agir no engajamento em outros setores, como públicos, privados e/ou associativos na tentativa de afirmação, sustentação e projeção social, que se consolidam através de uma competição sem fim dos usos e dos recursos do capital (econômico, cultural e/ou social).

Para evidenciarmos os tipos e usos do capital, utilizamos as análises e os conceitos de Pierre Bourdieu, Flávio Heinz e Odaci Luiz Coradini. Esses autores, além de apresentarem uma importante discussão sobre elites e relações de poder, também nos indicam as possibilidades de interpretação das funcionalidades dessas organizações recreativas em Manaus.

¹² Estrela do Amazonas, “*Amasonas*”, Comércio do Amazonas, Correio do Norte, *Diário Oficial*, A Federação, Imparcial, Jornal do Comércio e Quo Vadis.

¹³ Alguns dos clubes esportivos: Sport Club (1898), Amerika Sport Club (1910), Foot Ball Association, Derby Club (1909), Tiro Nº10, Luso Sporting Club, Leixões Sport Club.

¹⁴ Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2017) informa a existência de sociedades beneficentes ou recreativas em Manaus, que tinham o fim de promover e fortalecer a solidariedade entre os seus, como a Luzitânia Repatriadora (1908), Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas (1873), Centro Español (1902), Sociedade La Union Española (1905), Sociedade Hespanhola de Beneficencia Cervantes (1905), Sociedade Española de Socorros Mútuos (1916), Sociedade Espanhola Recreativa (1919) e Union Sportiva Espanhola (1919). Além disso, para esse projeto identificamos outras sociedades, como a Sociedade Italiana de Socorros Mútuos (1900), Cruz Vermelha Italiana (1917), Sociedade Italiana Pró-Pátria (1918) e Sociedade Espanhola Recreativa e de Beneficência (1918). Essas sociedades, apesar de não se tratarem especificadamente de associações recreativas, evidenciam a potencialidade de investigações sobre as diversas e variadas formas de se organizar.

¹⁵ As mulheres também se organizaram em torno de sociedades. Desde 1884, as sociedades abolicionistas como Club Juvenil Emancipador e Amazonenses Libertadoras tinham em sua diretoria mulheres com alto prestígio social, casadas ou que pertenciam a família de políticos importantes do Amazonas, como Elisa de Faria Souto, Isabel Bittencout, Albina e Othilia Sarmiento e Olívia Aranha. Para o ano de 1909, encontramos o Grêmio Familiar Amazonense, clube feminista que formou o jornal “O Grêmio” no mesmo ano. Ver mais: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte**: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). Manaus: EDUA, 2015.

É verdade que as análises sobre as elites têm sido alvo majoritário de cientistas sociais e antropólogos, tanto em definições conceituais quanto em balanços teóricos e metodológicos. Entretanto, Flávio Heinz alega que

O historiador de elites empreende o estudo dos processos históricos nos quais elas se inserem à luz de suas características sociais mais ou menos constantes. Trata-se de conhecer as propriedades sociais mais requisitadas em um grupo, sua valorização ou desvalorização através do tempo; conhecer a composição dos capitais ou atributos cultural, econômico ou social, e sua inscrição nas trajetórias dos indivíduos; enfim, conhecer os modelos e/ ou estratégias empregados pelos diferentes membros de uma elite para alicerçar uma carreira exitosa e socialmente ascendente ou, em outros casos, evitar – mediante mecanismos de reconversão social – um declínio ou uma reclassificação social muito abrupta.¹⁶

Embora não haja consenso sobre o que se entende por elites,¹⁷ o termo é usado em um sentido amplo para fazer referência às categorias ou aos grupos que ocupam o “topo” de “estruturas de autoridade ou de distribuições de recursos”, podendo ser políticos, sociais, econômicos e/ou comerciais.¹⁸ Portanto, o termo “elites” sugere e qualifica todos aqueles que compõem um grupo minoritário que ocupa a parte superior da hierarquia social. Essas categorias que se ordenam em virtude de sua origem, méritos, cultura ou riqueza são constituídas do direito de dirigir e negociar as questões de interesse coletivo da sociedade civil ou estatal.¹⁹

Isso posto, de forma geral, nosso objetivo é identificar os clubes fundados e inquirir sobre as organizações, as atuações e as programações desses recintos, buscando compreender os seus papéis na constituição de laços identitários, na troca de interesses e nas múltiplas formas de exercer suas sociabilidades para a busca de prestígios,²⁰ representação ou distinção social. Por perceber que não conseguiríamos abarcar todas essas possibilidades de investigação em todas as agremiações fundadas – que, para nós, foi muito surpreendente durante a pesquisa –, nossa temática, recorte temporal e objeto se afunilaram.

¹⁶ HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. FGV Editora, 2006, p.9.

¹⁷ No plural, pois envolve tipificações: política, econômica, intelectual, sindical, comercial, empresarial, agrária ou burocrática.

¹⁸ HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. FGV Editora, 2006, p.7.

¹⁹ Idem, p.9.

²⁰ Um trabalho que nos inspirou a nível internacional foram: PRIMO, Bruno e Sébastien Chauvin. “A dimensão simbólica do capital social: os grandes círculos e os Rotary Clubs de Milão”, **sociedades contemporâneas**, vol. 77, 2010, pp. 111-137; BRAVARD, Alice. “O círculo aristocrático na França burguesa 1880-1939”, **História, economia e sociedade**, vol. 30º ano, não. 1, 2011, pp. 85-99. Esses trabalhos evidenciam a importância de estudos os clubes para compreensão dos círculos de prestígios de capital nas cidades italianas e francesas.

Os resultados das análises se verticalizaram para o estudo sobre o Ideal Clube, uma agremiação histórica, formada em 1903, e que hoje está sob a tutela da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Amazonas (SEC), responsável por resguardar a sua sede física para atividade e exposições culturais, pois a esfera associativa do Ideal Clube não está mais em vigor.

Priorizamos considerar as conjunturas postas para cada momento e tempo histórico que pudessem resgatar a organização do clube, sua composição social, atividades recreativas e o retrato dos diretores, sócios e frequentadores.

O recorte temporal proposto nessa dissertação está estritamente ligado à justificativa que abarcasse a fundação do Ideal Clube, em 6 de junho de 1903. Escolhemos o ano de 1920 para fechar o estudo, no entendimento que essa data encaminhou os preparativos de inauguração da sede, em 1921, instaurada na Avenida Eduardo Ribeiro, atrás do Teatro Amazonas. Por isso, faz-se importante destacar que a largura temporal nos permite colocar em contexto a cidade de Manaus que, nesse período, passou por conjunturas diferenciadas do apogeu e queda do preço e comercialização da borracha. Como as elites eram as maiores interessadas nos empreendimentos, benesses e rendimentos, certamente notaremos quais foram as suas percepções, estratégias e comportamento frente à própria dinâmica cidadina.

Nossos objetivos buscam refletir sobre a vida associativa das elites manauaras dentro da agremiação e as relações sociais forjadas a partir dos encontros associativos. Portanto, a partir da sua organização, notaremos como o associativismo foi incorporado como um estilo de vida “idealino”, que se configurou em uma lógica de organização da esfera burocrática e estatutária, assim como um *habitus* que consagra posições sociais, trajetórias, capitais e práticas em um único espaço. Graças ao contato sobre as perspectivas teóricas e metodológicas de Pierre Bourdieu, pudemos inquirir e refletir sobre isso.

Em *A Distinção*, o teórico inicia afirmando que “os bens culturais possuem, também, uma economia, cuja lógica específica tem de ser bem identificadas para escapar a lógica do economicismo”.²¹ A intenção do autor foi questionar o reducionismo das classes sociais aos aspectos exclusivamente econômicos que não consideravam outros elementos que uniam os indivíduos às estruturas sociais, como as apropriações simbólicas ou culturais. Por isso, em seus mais variados estudos, o autor explora as classes sociais em uma perspectiva relacional e vinculada aos termos analíticos de “espaços sociais”, “campos” e “capitais”.

²¹ BOURDIEU, Pierre. *A distinção crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007, p.9.

Como definição, temos o espaço social como um conjunto que agrega indivíduos por meio de suas ocupações similares, definidas pelo capital que possuem. No caso, estão envolvidos em situações similares de existência, modos de vida e de classificações sociais, definidas por Bourdieu como *habitus*, que são fundamentais para definir e qualificar os gostos, os comportamentos, os consumos e os julgamentos de uma classe ou posição social. Trata-se de princípios geradores de práticas e construtores de distinções:

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e, sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação princípios de visão e de divisão e gostos diferentes.²²

No bojo das classificações das classes sociais e dos indivíduos, torna-se necessária a compreensão e a utilização do termo “capital”. Este termo contextualiza e sugere a existência de capitais simbólicos que, além dos bens materiais como os recursos financeiros, econômicos ou monetários, também possuem a mesma dinâmica em uma esfera representativa e acabam por dar valor ou evidenciar os poderes de indivíduos que participam dessa ordem.

Bourdieu insere no debate quatro tipos de capitais: o capital econômico, o capital cultural, o capital simbólico e o capital social. Esses dois últimos estão baseados nas redes e relações sociais forjadas em um grupo e/ou nas trocas de recursos, favores ou bens. Desse modo, os capitais simbólicos e sociais não dependem exclusivamente de algum campo específico de atuação (político, cultural ou econômico) ou de instituições para legitimá-lo; necessita apenas da atuação de agentes nos grupos aos quais pertencem (corporativo, fraterno ou laços de parentesco) que lhe possibilitem o aumento de bens e de destaque social.²³

No caso desse estudo, os clubes de elite alinham-se às discussões sobre o capital social, pois representam uma vinculação de prestígio e notoriedade, garantindo aos sócios a consolidação de relações de interesses com seus pares e com a sociedade manauara.

A importância do capital social amplia-se nas situações que envolvem as elites e a política. Julgando que os agentes podem estar em posições sociais mais altas ou mais baixas, dentro ou fora dos sistemas de propriedade econômica que determinam as estruturas de

²² BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. Edusp, 2007, p.22.

²³ CORADINI, Odaci Luiz. **Estruturas de dominação, integração social e muito mais**: os confrontos entre as noções de capital social de Bourdieu e de Coleman. BIB, São Paulo, n. 69, 2010, p. 25.

oportunidades políticas,²⁴ as agremiações são excelentes espaços para a execução de sociabilidades burguesas, recrutamentos e troca de capitais para a conquista e a ascensão de representações sociais mais elevadas.

É claro que não se pode ignorar as lutas sociais (dadas no campo simbólico ou material) que constituem as relações de poder, distinções entre as classes e os indivíduos, assim como faz-se necessário compreender as estratégias dos grupos “dominantes” que autopreservam seus estilos de vida, modos de dominação e mecanismos de reconversão dos capitais previamente estabelecidos. Para Bourdieu, as distinções sociais dadas entre as classes manifestam a fabricação, reprodução e circulação de uma imposição dos estilos de vida luxuoso das elites. Desta forma,

O espaço dos estilos de vida, ou seja, o universo das propriedades pelas quais se diferenciam, com ou sem intenção de distinção, os ocupantes das diferentes posições no espaço social não passa em si mesmo de um balanço, em determinado momento, das lutas simbólicas cujo pretexto é a imposição do estilo de vida legítimo e que encontram uma realização exemplar nas lutas pelo monopólio dos emblemas da ‘classe’, ou seja, bens de luxo, bens de cultura legítima ou modo de apropriação legítimo desses bens. A dinâmica do campo no qual os bens culturais se produzem, se reproduzem e circulam, proporcionando ganhos de distinção, encontra seu princípio nas estratégias em que se engendram sua raridade e a crença em seu valor, além de contribuírem para a realização desses efeitos objetivos pela própria concorrência que os opõe entre si: a ‘distinção’ ou, melhor ainda, a ‘classe’ – manifestação legítima, ou seja, transfigurada e irreconhecível, da classe social – existe através das lutas pela apropriação exclusiva dos sinais distintivos.²⁵

O autor ainda considera que as ações individuais e/ou coletivas dadas por critérios étnicos, nacionais, raciais ou religiosos são imprescindíveis para afirmação e representação do mundo social.²⁶ Dessa maneira, não podemos deixar de pontuar que, nesse jogo social, se forjam e se fortalecem as identidades. Por isso, nosso objetivo também perpassa a identificação das trajetórias individuais para respondermos à pergunta: quem eram as elites que frequentavam o Ideal Clube?

Graças a essa inquietação, nos inspiramos nos modelos prosopográficos como análise metodológica para conhecer essas elites. A prosopografia se caracteriza como o estudo da

²⁴ CODATO, Adriano. Metodologias para a identificação de elites: três exemplos clássicos. **Como estudar elites**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015, p. 28.

²⁵ BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. Edusp, 2007, p.234.

²⁶ Ibidem, p. 133.

formação das biografias coletivas em que determinado grupo está inserido ou se movimenta.²⁷ Dentre os critérios utilizados, optamos pela delimitação e identificação dos sócios, diretores e fundadores do clube. Propusemos nos indagar: quem eram? Quantos eram os participantes? Quais os cargos ocupados no clube? Quais foram as suas profissões? Quais atividades políticas ou de gestão pública exerceram? Quantos anos possuíam quando ocuparam tais direções? Quais eram as suas naturalidades? E quais outras diretorias e vínculos associativos possuíam além do Ideal Clube?²⁸

Utilizamos o método posicional, que consiste em enfatizar as ocupações e posições formais dos 51 diretores (1904-1920), tanto dentro da agremiação²⁹ quanto nas esferas jurídica, comercial e militar.³⁰ Notamos e analisamos os *status* e prestígios que estavam em vigor nas estruturas agremiativas e ocupacionais, as formas de recrutamento nas carreiras políticas, as bases econômicas, os estilos de vida e os valores gerados ou reforçados. Nesse ínterim, a importância da inspiração prosopográfica na história e nesse estudo reforçam a identificação das ações políticas, ideológicas, estruturais e de mobilidade social:

O primeiro refere-se às origens da ação política: o desvelamento dos interesses mais profundos que se considera residirem sob a retórica da política; a análise das afiliações sociais e econômicas dos agrupamentos políticos; a revelação do funcionamento de uma máquina política e a identificação daqueles que manipulam os controles. O segundo refere-se à estrutura e à mobilidade sociais: um conjunto de problemas envolve a análise do papel na sociedade, especialmente as mudanças nesse papel ao longo do tempo, de grupos de *status* específicos (usualmente da elite), possuidores de títulos, membros de associações profissionais, ocupantes de cargos, grupos ocupacionais ou classes econômicas; Assim, aos olhos de seus expoentes, o propósito da prosopografia é dar sentido à ação política, ajudar a explicar a mudança ideológica ou cultural, identificar a realidade social e descrever e analisar com precisão a estrutura da sociedade e o grau e a natureza dos movimentos em seu interior.³¹

²⁷ Salientamos que o trabalho apresentado não trata-se de uma análise prosopográfica, mas que inspira-se no modelo para perceber os espaços associativos e estatais compartilhados em comum. Isto explica-se pela limitação que tivemos ao realizar o cruzamento de fontes e fazer as biografias, de fato, coletivas.

²⁸ O resultado sobre essas inquietações pode ser conferido no Apêndice II: Dados dos diretores do Ideal Clube (1904-1920).

²⁹ PERISSINOTTO, Renato Monseff; CODATO, Adriano Nervo (Ed.). **Como estudar elites**. Editora UFPR., 2015, p.16.

³⁰ Ver também: BULST, Neithard. Sobre o objeto e o método da prosopografia. **Politeia: História e Sociedade, Vitória da Conquista**, v. 5, n. 1, 2005; OLEGÁRIO, Thaís Fleck. Aportes e limites da prosopografia para o estudo de elites regionais. **Revista Outras Fronteiras**, v. 4, n. 2, p. 24-40, 2018; FERRARI, Marcela. Prosopografia e história política Algumas aproximações. **Antíteses**, v. 3, n. 5, p. 529-550, 2010.

³⁰ PERISSINOTTO, Renato Monseff; CODATO, Adriano Nervo (Ed.). **Como estudar elites**. Editora UFPR., 2015.

³¹ STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, n. 39, 2011, p.115.

Ainda se faz importante destacar que, nesse conjunto de reflexões, estão postas as elucubrações sobre as identidades que se manifestam atreladas às práticas sociais. Como afirma Edgar Decca, “a identidade de um grupo forma-se normalmente por sinais externos e por um conjunto de símbolos e valores a partir dos quais se opera uma identificação”.³² Para isso, Woodward apresenta diferentes questões a serem analisadas: I) a identidade é relacional e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades; II) o social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades; III) a conceitualização da identidade envolve o exame de sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas.³³ Segundo Tomaz Tadeu Silva,

Dividir o mundo entre ‘nós’ e ‘eles’ significa classificar. O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados.³⁴

Inquirir sobre as práticas sociais do Ideal Clube nos remete à responsabilidade de abordar e de compreender sobre os significados em torno das classificações, dos prestígios e da busca por *status* como formas de distinções sociais nas atividades recreativas, uma vez que isso servia como manifestações dos valores, dos costumes e das crenças dos associados e participantes. Esses atributos estão além dos privilégios de classe, mas evidenciam o enraizamento e a circulação de ideias, concepções, debates e valores de mundo que estavam em voga no período. Foi por meio de suas práticas recreativas, esportivas e/ou literárias que as elites mantiveram o domínio cultural e intelectual como forma mais emblemática e consumada de distinção, classificação e diferenciação que perpetuaram-se e tornam-se vivas até mesmo na atualidade, embora hoje em dia sejam mais questionadas.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos, com diferentes propostas e análises das fontes históricas, mas seguindo a lógica dos estudos de Bourdieu: apresentação do espaço, análise dos modos e estilos de vida (*habitus*), compreensão das estratégias adotadas pelos

³² DECCA, Edgar S. de. **Cidadão, mostre-me a identidade**. Campinas, SP: Caderno CEDES, 2002, p.08.

³³ WOODWARD, Kathryn Christine. **Identidade e diferença**. Sage, 1997, p.13-14.

³⁴ DA SILVA, Tomaz Tadeu et al. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.82

próprios agentes em busca de capitais e o entendimento sobre os significados simbólicos das práticas recreativas.

No 1º capítulo, *A cidade e os clubes: fundação e consolidação dos espaços de recreação em Manaus*, com a colaboração das notícias nos periódicos locais, abordamos três momentos na cidade de Manaus. O primeiro recorre a segunda metade do século XIX, em 1854, com a fundação da denominada “Sociedade Recreação Amazoniense”. A referida sociedade foi a primeira entidade recreativa da antiga Vila da Barra do Rio Negro. Por meio dela, percebemos como as primeiras atividades recreativas estavam voltadas para o exclusivismo de reuniões privadas e íntimas nas residências dos presidentes da província e no interesse em homenagens cívicas ao Imperador Dom Pedro II. Em um segundo momento, notamos como os administradores, negociantes e intelectuais começaram a debater sobre a migração nacional ou estrangeira. Com a promoção de políticas públicas para os imigrantes, além de incentivar a mudança de mão de obra para o comércio local e para os seringais, estimulava-se o “progresso” cultural, político e social inspirado nos moldes europeus. Não à toa, formaram-se os clubes étnicos que agregavam e prestavam o assistencialismo e mutualismo aos imigrantes. Cabe em nossa investigação mostrar a atuação e organização de um grupo específico: os italianos. Entre suas diversas tarefas, os italianos destacaram-se como um importante núcleo empresarial que se organizava em torno da filantropia e beneficência nas entidades: “Sociedade Italiana de Socorros Mútuos” e na “Cruz Vermelha Italiana”. Assim, também abordamos como os laços étnicos e as relações sociais teciam-se nessa vida “além-mar”. Em uma terceira abordagem, buscamos analisar de que forma o grande desenvolvimento urbano, arquitetônico, político e social corroborou para o surgimento, a propagação e a divulgação das atividades recreativas e esportivas, ao ponto de marcar o início do século XX como o maior impulsionador de atividades, com a criação de mais de 160 clubes. Essas sucessões de acontecimentos certamente contribuíram para o revigoramento das inclinações das elites em se reunir em torno das diversões e recreios, onde possivelmente poderiam agregar projeções dos seus projetos para a cidade e para o seu modo de vida.

No 2º capítulo, *Por uma vida associativa: o Ideal Clube (1903-1920)*, com o suporte das obras Assim nasceu o Ideal (Genesino Braga) e Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: um século de aristocratismo (Gaitano Antonnacio), do estatuto do Ideal Clube (1915) e do Jornal Ideal (1904), pudemos inquirir sobre a vida associativa e agremiativa da associação. A seção visa a investigar sobre as razões e os objetivos de sua fundação e o ordenamento do grêmio. Por esse motivo, o debate em torno dos primeiros anos do novo clube perpassam também a sua organização estatutária com a intenção de concretizar uma tradição e uma

história com referências para os seus sócios e para a sociedade que vislumbrava o Ideal Clube como um centro de requinte e distinção, que agregava os campos jurídico, comercial e militar da cidade. Desse modo, os diretores das Assembleias Gerais e das Diretorias conceberam os arranjos e as preparações do clube para a conquista da sua sede, para a execução das programações recreativas e para a manutenção de outras ordens que fizeram parte da vida associativa. Contudo, o maior ganho estava no fortalecimento das redes e dos vínculos de interesses com outras 37 entidades nas quais os seus diretores estavam inseridos.

Já no 3º Capítulo, *Entre prestígios, poderes e trocas de capitais: as elites do Ideal Clube*, exploramos a vida e trajetória de Gaspar Vieira Guimarães, Joaquim e José Nunes de Lima. O primeiro, como representante da elite jurídica; e os demais, presidentes da Associação Comercial do Amazonas (ACA). Utilizamos o *Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado* (Agnello Bittencourt) e as fontes periódicas com o sistema de buscas de palavras-chave na Hemeroteca Nacional Digital para realizarmos a transcrição e pesquisa sobre a biografia desses homens. O objetivo, além da análise sobre a atuação dessas elites, é inquirir sobre as representações e seus capitais. Esses diretores carregavam e utilizavam de estratégias de sociabilidades para reconverter seus poderes em torno de suas imagens, visando a galgar espaços e prestígios políticos, econômicos ou sociais como base eleitoral ou carismática. No intuito de responder à questão “por que e como as elites atuavam?”, temos ciência de que as biografias e trajetórias desses indivíduos não são singulares, mas concentram as características mais importantes de um grupo³⁵ que utilizava do recreio para forjar e moldar a sociedade como reflexo de suas ações e intenções.

Por fim, no 4º capítulo, *A vanguarda do entusiasmo, confiança e crença: convívios, práticas e relações sociais idealinas*, abordamos as visões de mundo expressas nas atividades e reuniões realizadas dentro, fora e por meio do Ideal Clube. Catalogamos, ao menos, duzentas programações, tais como as partidas dançantes, os encontros com fins associativos, as conferências literárias e científicas, os aniversários do clube, os bailes à fantasia no carnaval, as festas patrióticas, os teatros, os concertos musicais e os encontros esportivos. Priorizamos o estudo de partidas dançantes, encontros carnavalescos, conferências literárias e científicas, que ocorreram com o intuito de debater os assuntos nacionais, como o letramento, o trabalho, a “raça” e o progresso. O ponto-chave dessas atividades culminou na disseminação de concepções, valores e projetos que visavam a ofertar à sociedade manauara a importância da civilização, da modernidade e da ciência como caminho de satisfação dos desejos das elites

³⁵ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2006, p. 175.

em prol de si mesma. Sem embargo, de forma bastante sutil, esse ideal foi enraizado como o âmago, a alma e a essência do imperialismo europeu que fincou o domínio e a expansão do capitalismo na Amazônia, utilizando-se da cultura e da diversão como prerrogativas para a exploração e para o engajamento de lutas simbólicas que se materializavam no cotidiano.

Não menos importante, nossa pretensão foi contribuir para a História Social da Amazônia. Como previamente dito, aqui, apresentamos as associações recreativas como espaço de relações, identidades e sociabilidades que não se separam dos interesses de classes. Pelo contrário, reafirmam-se constantemente, porém de uma forma diferenciada ao garantir as posições, os títulos e as ocupações, além da administração política estatal.

Estar em um clube poderia significar a participação em um teatro público, onde ver e ser visto marcavam diferenças e projeções singulares tão importantes quanto postos e recursos financeiros garantidos na arena burocrática. Nossa expectativa, ao abrir as cortinas desse palco, é perceber a sociedade em movimento em que o poder, longe de parecer exclusivamente um encanto ou uma repressão de grupos, ainda é um dos caminhos para a leitura da práxis.

À vista disso, reforçamos as palavras de Thaís Fleck Olegário:

São as relações sociais a que a história social quer captar. Os homens e suas dimensões, seu cotidiano, cultura, economia, formas de sociabilidade, suas transformações e permanências, a formação e a dissolução de grupos, classes, elites. Trata-se de perceber a sociedade em movimento, permeada de ação humana. Nesse sentido, a história das elites apresenta-se como um dos recortes possíveis do social, aquele que torna compreensíveis as relações de poder. No entanto, deve-se proceder com cautela, pois, o poder é uma das esferas que ao mesmo tempo encanta aos historiadores e os leva a crer na imutabilidade dos fatos. O perigo está na finitude dos estudos, é impossível apreender o real por completo, toda pesquisa versará apenas sobre um fragmento da realidade.³⁶

Desejamos uma leitura reflexiva e inquietante no sentido crítico para a abertura de análises que não pudemos elucidar com maior precisão. Este trabalho é apenas um fragmento das possibilidades de estudos sobre as elites que, como outros grupos, têm seus leques abertos para a história política local como modalidade da prática social, ligada a vários aspectos da vida cotidiana.³⁷

³⁶ OLEGÁRIO, Thaís Fleck. Aportes e limites da prosopografia para o estudo de elites regionais. **Revista Outras Fronteiras**, v. 4, n. 2, p. 39.

³⁷ RÉMOND, René. **Por uma História Política**, 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p. 35-36.

CAPÍTULO 1. A CIDADE E OS CLUBES: FUNDAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DOS ESPAÇOS RECREATIVOS EM MANAUS

A vida volta a tornar-se pública. O clube para os que estão por cima, o café para os que estão por baixo, é a isso que chegaram a sociedade e o povo. Tudo isso faz com que eu sinta, neste país que me é tão caro, como um viajante.³⁸

A consolidação da modernidade no final do século XIX e início do século XX foi marcada pela ambiguidade. Homens e mulheres oportunizaram em suas vidas as transformações do mundo em suas diversas esferas: econômicas, culturais, políticas, geográficas e administrativas. Compartilharam com os seus pares e com a sociedade formas de mobilizações, identidades e solidariedades que se constituíram por meio da união de interesses de diferentes sujeitos que, por meio das experiências postas nas organizações e seus cotidianos, intensificaram as lutas e contradições, ao ponto de a experiência da modernidade ser uma construção e uma destruição, ao mesmo tempo:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia.³⁹

Diante das inúmeras mudanças que marcaram a vida contemporânea, torna-se necessário compreender as nuances e as mudanças que os habitantes da cidade de Manaus experimentaram em seu cotidiano. Seja no trabalho, no porto, na fábrica, na rua, na igreja, seja nos bares, nas praças e nos clubes recreativos, as relações sociais ligavam o sujeito ao seu espaço e vice-versa. Portanto, neste capítulo, nosso objetivo é compreender o processo de formação dos clubes e associações recreativas com o intuito de acompanhar o florescimento desses espaços em paralelo ao crescimento da própria cidade vinculado à formação de seus grupos sociais, em especial as elites econômicas, políticas e comerciais.

³⁸ CLARK, T.J. **A pintura da vida moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 72.

³⁹ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Editora Companhia das Letras, 2007, p.24.

Para isso, foi preciso identificar e inventariar os clubes a fim de analisar as razões que impulsionaram o aparecimento de tais organizações. Foi por meio da investigação nos jornais, como o *Jornal Amazonas*, *Correio do Norte*, *Jornal do Comércio*, *Diário Oficial*, entre outros, que tivemos acesso às notícias sobre as mais variadas formas de organização. Graças a essas informações, encontramos 200 clubes formados entre os anos de 1854 e 1920. Suas atividades estavam voltadas para o divertimento e a recreação que, até certo ponto, estavam restritas aos lares e às casas dos governantes locais, contudo, à medida que a cidade se modernizava, as atividades tornavam-se públicas e diversas.

Nossa principal fonte, nesse momento, são as notícias nos periódicos locais, por isso, cabe ressaltar que, a partir da análise da “grande imprensa” como fonte histórica, compreende-se que problematizar o seu papel significa tomá-la como força ativa do capitalismo e não como mero lugar de anúncio dos acontecimentos, eventos e atividades para a promoção das agremiações e espetáculos.⁴⁰ Assim, reafirma-se que a imprensa local se apresentou também como um espaço privilegiado *de e para* a articulação de projetos políticos, culturais, “modernizadores” e elitistas de uma sociedade idealizada para cumprir os moldes e a consolidação do capitalismo.

Em primeiro plano, será analisada a denominada “Sociedade Recreação Amazoniense”, fundada em 1854, momento anterior ao recorte temporal proposto neste trabalho. A referida sociedade foi a primeira entidade recreativa da antiga Vila da Barra do Rio Negro. Por meio dela, torna-se perceptível como as associações recreativas se incorporaram à sociedade amazonense e vincularam-se ao seio social os chefes políticos e os projetos públicos de nação. Por conseguinte, abordaremos como os membros das elites políticas e econômicas se uniram em torno de outros interesses, além dos impostos nos setores burocráticos, utilizando dos eventos e homenagens públicas para o estreitamento de relações sociais e privadas.

Em segundo plano, será explorado como as ondas migratórias direcionadas à cidade de Manaus impactaram a formação e a organização dos clubes e associações étnicas. Antes mesmo do período áureo da borracha, administradores da Província, negociantes e intelectuais começaram a debater sobre a migração, a mão de obra estrangeira e o mercado consumidor. Mais expressivamente a partir de 1872, propagandas veiculadas nas imprensas nacionais e

⁴⁰ O texto de Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, *Conversas sobre história e imprensa*, apontam o desenvolvimento de metodologias e problematizações das fontes históricas. Compreendendo o periódico como um monumento, ou seja, uma fonte destinada a transmitir à posteridade a memória “de fato” ou pessoa notável (Dicionário Silveira Bueno), devemos lidar com as intencionalidades explícitas ou não em suas páginas ao ponto de problematizar tais eventos.

estrangeiras tinham o objetivo de atrair trabalhadores e investidores para a região. Dessa forma, muitos imigrantes europeus e nordestinos migraram ao Amazonas em busca de investimentos ou trabalho. Através da busca por “mão de obra qualificada”, os investidores locais tinham a missão de transformar a imagem negativa que se tinha da Amazônia em uma forte e atrativa ideia de entreposto comercial. Com isso, a promoção de políticas públicas para os imigrantes, além de incentivar a imigração e o comércio local, estimulava o projeto civilizatório de progresso cultural, político e social inspirado nos moldes europeus. Não à toa, com a consolidação desses imigrantes na capital, formaram-se os clubes e as sociedades étnicas, que tinham como objetivos agregar os conterrâneos, prestar assistencialismo e mutualismo e desenvolver suas práticas e culturas em outras terras, caracterizando-as como sociedades pluriclassistas. Símbolo desses fatores, observamos a atuação de duas entidades italianas em Manaus: a Sociedade Italiana de Socorros Mútuos e a Cruz Vermelha Italiana. Tais sociedades agregavam sócios, empresários e embaixadores italianos residentes na capital amazonense. Com a nossa investigação, percebemos o estreitamento de laços sociais que possibilitaram a circulação de acordos públicos e privados como estratégia para a fixação dos povos ítalos na cidade.

Por fim, analisaremos como o projeto social, comercial e político da *Belle Époque* impulsionou o surgimento de um conjunto de associações e clubes na cidade. Buscaremos compreender as práticas e os significados presentes na sociabilidade das elites e da população local com o espaço público, evidenciando distinções sociais e suas redes de interesses. Ao se unir em torno da diversão, integrantes e associados não buscavam apenas usufruir do tempo livre, mas aproveitavam de tais momentos para reafirmar suas identidades, *status*, projetos e interesses políticos, econômicos e sociais, como se partilhassem de um teatro público,⁴¹ no qual ver e ser visto marcava limites e diferenças sociais importantes.

1.1 – A CIDADE E OS PRIMEIROS CLUBES RECREATIVOS: A SOCIEDADE RECREAÇÃO AMAZONENSE

Era dia 21 de fevereiro de 1854, quando o Jornal *Estrella do Amazonas* anunciava que, no dia 25 do mesmo mês, seria realizada a partida da Sociedade Recreação Amazonense.⁴²

⁴¹ DE MELO, Victor Andrade. Lazer, esporte e cultura urbana na transição dos séculos XIX e XX: conexões entre Paris e Rio de Janeiro. *Logos*, v. 12, n. 1, p. 81, 2005.

⁴² Respeitamos a grafia da época, entretanto, adotaremos as correções ortográficas e adaptaremos à linguagem padrão brasileira, pois através das análises notamos que a partir de 1860 o referido recinto passa a ser denominado “Sociedade Recreação Familiar Amazonense”.

Sociedade Recreação Amazoniense: A partida correspondente ao corrente mês terá lugar no dia 25. Os sócios, que desejarem cartões para convidados deverão fazer os seus pedidos até o dia 24. Cidade da Barra do Rio Negro, 17 de fevereiro de 1854. – O secretário, João Antonio Pará.⁴³

Pelas investigações no periódico, acredita-se que a referida sociedade tenha sido a primeira agremiação fundada na denominada Barra do Rio Negro. Apesar das poucas notícias sobre a entidade, julga-se que, por causa do seu envolvimento nacional, representados nas figuras de seus sócios, a Sociedade Amazonense comemorou, no dia 5 de dezembro de 1854, juntamente com o Presidente da Província, Herculano Ferreira Penna, com o Coronel Comandante das Armas e com a Oficialidade da Guarda Nacional, aos fogos e iluminações, o aniversário do Imperador Dom Pedro II. Nessa ocasião, o periódico *Estrela do Amazonas* noticiava as comemorações relativas ao aniversário do Imperador com ênfase ao sarau realizado pela Sociedade:

Barra do Rio Negro 5 de Dezembro de 1854.

O dia 2 do corrente, faustíssimo aniversário natalício de Sua Majestade, o Imperador, o Senhor D. Pedro 2º foi solenizado com um *Te-Deum laudumus* na Capela do Seminário, depois do qual houve no Palácio da Presidência, á uma hora da tarde, cortejo á Efigie do mesmo Augusto SENHOR. Concorrerão a este ato os oficiais das diferentes classes do Exército aqui existentes, os da Guarda Nacional, e muitos outros cidadãos, que corresponderão com entusiasmos aos vivas nacionais dados em frente da Tropa pelo Exmº Presidente da Província.

A noite iluminaram-se as frentes de todas as casas, e a sociedade – Recreação Amazonense – deu uma partida, á que assistiram Ex., o Sr. Presidente da Província, o Sr. Coronel Comandante das Armas, a Oficialidade de Linha e da Guarda Nacional, todos em 1º uniforme, e um grande número de famílias, durando esta brilhante e agradável reunião até a madrugada.

Ao Céu pedimos incessantemente que faça renascer por longos anos, sempre sereno e brilhante, o aniversário do Íncrito Monarca, que por felicidade dos brasileiros dirige o destino deste grande país.⁴⁴

A noite iluminada mostrou-se como o momento de festa e alegria pela vida do monarca, acontecimento comemorado em todo território nacional. Os significados e as peculiaridades em torno da data foram acompanhados com o pedido aos céus para que o destino do país permanecesse seguindo a dinâmica de modernização e esplendor que Dom Pedro II desempenhara. Conforme Lilia Schwarcz,⁴⁵ a homenagem feita ao Imperador com os

⁴³ *Estrela do Amazonas*. Manaus, 21 de fevereiro de 1854.

⁴⁴ *Estrela do Amazonas*, 05 de dezembro de 1854.

⁴⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.36.

te-déuns, as missas de ação de graças, as embaixadas e as grandes cerimônias instauraram uma “lógica do espetáculo”, com o intuito de construir as memórias, dar visibilidades e engrandecer a figura do Monarca. Não somente isso, mas apropriado ao momento específico no qual a condecoração foi realizada, a homenagem social, política e recreativa da Sociedade Recreação Amazonense favorecia a afirmação do poder real, o estabelecimento de laços e interesses que ultrapassaram as fronteiras da Corte e chegaram na Amazônia com as elites locais.⁴⁶

Nessa época, a pequena cidade possuía aproximadamente 8.500 habitantes (sendo 4.080 índios, 2.500 mamelucos, 900 brancos, 640 mestiços e 380 escravos)⁴⁷ e dispunha de pouca infraestrutura nos quesitos arquitetônicos, urbanísticos e culturais. A planta da cidade, publicada em 1852, na administração de Tenreiro Aranha, mostra-nos a existência de poucos bairros, como o “São Vicente, Campina, Costa d’Africa, Espírito Santo, República, e Remédios”.⁴⁸

Figura 1 - Planta da Cidade de Manaus



Legenda: Planta levantada na administração de João Batista Tenreiro Aranha, 1852.
Fonte: Arquivo Nacional.

⁴⁶ Segundo Schwarcz: “Como símbolo da união, a realeza parecia ser a melhor saída possível para evitar a autonomia e possível separação das províncias; somente a figura de um rei congregaria esse território gigantesco, marcando por profundas diferenças. É assim que as elites locais optam pela monarquia, na esperança de ver o jovem rei como belo fantoche”. SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.38.

⁴⁷ AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo e. (1852). **Dicionário Topográfico, Histórico, descritivo da Comarca do Alto Amazonas**. Recife. Meira Henrique Nova – Edição Fac-similar; Manaus: Associação Comercial do Amazonas – ACA – 1984.

⁴⁸ PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. **A cidade sobre os ombros**: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925) – 3ª Ed. – Manaus: FUA, 2015, p.40.

No plano político, entre os anos de 1852 a 1889, a Barra do Rio Negro foi administrada por 30 presidentes de Província, oriundos do Rio de Janeiro e Nordeste, indicados pelo Imperador para estruturar e gerir as estruturas recém-instituídas na localidade após o desmembramento da Província do Grão-Pará, em 1850. Essa rotatividade na região acabou por ocasionar e consolidar os grupos oligárquicos das elites locais concentrados nos setores econômicos, políticos e administrativos atrelados às oligarquias da Corte,⁴⁹ tendo em vista que a alta rotatividade dos presidentes nos cargos estavam alinhados com os nítidos objetivos de treinamento político e de ascensão social. Em outras palavras, para que tais políticos galgassem representação social a nível nacional, precisavam passar pelas experiências de governo em pequenas províncias distantes do núcleo governamental. A título de exemplo, o historiador José Murilo de Carvalho, em *A construção da Ordem*, cita o Presidente da Província do Amazonas, Herculano Ferreira Pena, também presente nas primeiras festividades cívicas realizadas pela Sociedade Recreação Amazonense (conforme citado), como arquétipo profissional dessa estrutura política:

Alguns políticos foram de fato quase que administradores profissionais de províncias. Herculano Ferreira Pena, por exemplo, administrou oito províncias diferentes. O projeto de 1860 dividia as províncias de acordo com sua importância, colocando como requisito para quem quisesse administrar as mais importantes ter primeiro passado pelas de menor peso. A justificativa era a necessidade de treinamento. Além da experiência administrativa e dos bons salários, o político tinha ainda, como presidente, a oportunidade raramente desperdiçada de acelerar carreira, especialmente pela garantia de uma eleição para o Senado, precedida ou não por eleição para a Câmara. Era um dos poucos mecanismos que lhe permitia conseguir uma senatoria por província que não a sua própria.⁵⁰

Se havia a necessidade de treinamento para justificar a ocupação dos cargos públicos e administrativos, talvez houvessem também outras possibilidades de vínculos com a figura imperial e sua centralidade política e administrativa. Nesse sentido, apenas as ocupações, os treinamentos políticos e os trabalhos técnicos não justificavam unicamente o esforço de migração para a região, assim como também não davam conta de abarcar e gerir essa estrutura fundamentada na conquista de poderes e favores simbólicos. Por esse motivo, a Sociedade Recreação Amazonense começou a mostrar a sua importância como canal de homenagens ao Imperador.

⁴⁹ DAOU, Ana Maria. **A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras**: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2014, p. 79.

⁵⁰ DE CARVALHO, José Murilo. **A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial**. Editora Record, 2003, p. 109.

Com a ânsia pela implementação dos projetos de modernização, moralização e educação do povo, comemorar o aniversário do Imperador representava também a afirmação da autoridade local, por meio da qual a elite política se colocava simbolicamente como representante do poder régio. Para tanto, por mais que a Barra apresentasse um crescimento irrisório, o controle da população e do seu território deveria ser garantido pela afirmação e reconhecimento de Dom Pedro II como Rei e governante no território local, pois isso garantiria a autoidentificação dos poderes e autenticava as submissões das populações locais. A seguridade de tais propensões estava introduzida nas realizações das festividades e das homenagens públicas praticadas pelas sociedades recreativas do período, em que os

[...] valores e sentimentos políticos que a festa colocava em cena tão importantes, seja porque nos informa sobre estratégias políticas de legitimação do poder, ou de moralização e educação do povo, seja porque eles faziam parte de toda uma rede de sentidos e significados a partir dos quais a população que presenciava e participava da festa construía uma identidade e uma imagem de si. (...) A construção desse Estado Imperial, com suas práticas de controle e ação sobre as pessoas e as coisas na sociedade, se fazia justamente com a criação de um imaginário político que perpassa e que eram vivenciados nas festas cívicas.⁵¹

As festas cívicas ganharam dimensões nacionais e tornaram-se símbolos de “civildade”, “ordem” e “progresso” para as sociedades que gostariam de aproximar-se do poder real e do imaginário “moderno” como autenticação do poder estatal. É certo que as festividades realizadas na Província do Amazonas pretendiam cumprir a função política para a qual estavam destinadas, contudo, para que isso ocorresse, a existência de entidades recreativas como a Recreação Amazonense deveria vincular os elementos militares, civis e religiosos em suas programações como elo primordial de demonstração de força, direito e representação do poder do Estado e dos seus administradores locais, encarregados de sustentar a unidade política nas dimensões cotidianas.

Dessa maneira, a Barra do Rio Negro participava das comemorações de festas patrióticas comandadas por ordens verticais e hierárquicas das forças administrativas, militares e políticas. A própria solenidade do dia 7 de setembro (aniversário da Independência do Brasil) não passou despercebida na região. A data tem se mostrado como um dos pilares constitutivos do ideal de nação que se utilizou do imaginário, por vezes ilusório, de autonomia política e liberdade dos povos para a construção de uma tradição cívica pautada no controle, na ordem e em uma suposta respeitabilidade. Como modelo dessa estruturação, 40 anos após

⁵¹ LAVEZZO, Catarina de Queiroz. **As festas do império:** a organização da cidade para os dias festivos. Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, 2003, p.34.

o evento da independência, no dia 11 de agosto de 1861, uma nova sociedade cívica e recreativa surgia em cena, a Sociedade *Ypiranga*.

Com o nome sugestivo ao local da independência, a criação da Sociedade Ipiranga foi incentivada pelos sócios da Sociedade Recreação Amazonense. Segundo o Jornal *Estrella do Amazonas*, no dia 12 de setembro do mesmo ano, 38 cidadãos⁵² se reuniram na casa da Recreação Amazonense para celebrar a fundação da nova entidade que tinha como fim celebrar as festas cívicas (25 de março, Dia da Constituição de 1824 e 7 de setembro, Dia da Independência), promover o progresso no Amazonas e organizar o auxílio dos presos, dos pobres e dos considerados indigentes:

O fim desta associação é festejar os dias Nacionais 25 de março e 7 de setembro, promover o progresso da Província do Amazonas por toda e qualquer forma ao alcance dela, e **de cada um dos membros em particular, tem um advogado que cuide das causas dos presos pobres, e socorrer os indigentes reconhecidos verdadeiramente por tais.** [grifos nossos]

O Sr. Dr. Coutinho recitou uma alocução análoga, e em seguida o Sr. Dr. Canavarro com o principal autor dessa instituição patriótica, desenvolvendo a história do progresso do século invocou os esforços de todos que se tinham dignado aceitar e anuir a se inscreverem sócios para concorrerem afim de que tão nobre sociedade prospere, e concluiu com vivas a S. M, a Família Imperial, a Constituição do Império, a Associação Ypiranga, e ao Exm^o Presidente da Província, que foram correspondidos por todos. S. Exc^a louvando convenientemente o patriotismo, de que está possuída a Associação, agradece estas provas de estima, e prometeu toda a coadjuvação tanto como homem público como particular.

Ao terminar este ato tocou a música o hino Nacional e subiram ao ar muitos fogos entre vivas dos sócios, e povo reunido; depois do que percorrerão as ruas da cidade todos os mesmos sócios, indo a música tocando adiante, e repetindo-se muitos vivas com numerosos foguetes⁵³.

Apesar das poucas fontes que fazem referências à Sociedade *Ypiranga* e à Sociedade Recreação Amazonense, a atuação dessas duas entidades em prol do fortalecimento dos ideais patrióticos favorecia o poder monárquico por duas razões bem alinhadas. A primeira evidenciava que a presença e promoção de festas patrióticas por sócios, autoridades e políticos que representavam os interesses dos governos (administrativo e imperial) visava a endossar a consolidação de um projeto de unidade nacional através dos símbolos e do imaginário que vislumbrariam o poder nacional na perspectiva de longa duração, mas também

⁵² Podemos destacar: “No dia 12 do corrente trinta e oito cidadãos reuniram-se na casa da Recreação Amazonense a convite dos Ilustríssimos Senhores e Exmos. Dr. Manoel Gomes Corrêa Miranda, Capitão Tente Nuno Alves Pereira de Melo Cardoso, Coronel Leonardo Ferreira Marques, Capitão João José de Freitas Guimarães, Dr. David de Vasconcellos Canavarro, e 1º Tenente Rufino Luiz Tavares, e tomando a palavra o Sr. Dr. Canavarro declarou que o fim dessa reunião era a criação da Sociedade *Ipyranga*”. (*Estrella do Amazonas*, 14 de agosto de 1861.)

⁵³ *Estrella do Amazonas*, 14 de agosto de 1861.

de cuidado com o seu povo, uma vez que a caridade foi utilizada na oferta de um advogado que cuidasse dos presos pobres e dos indigentes. A segunda razão orientava os grupos políticos e econômicos a se configurarem como representantes do projeto nacional de civilidade, ordem e modernização; por esse motivo, essas elites deveriam consagrar e reafirmar constantemente a figura do rei como um distinto articulador da cultura, realizando a defesa dos interesses para apaziguar desavenças e conflitos que, por vezes, tentavam ameaçar a tranquilidade do poder régio que tipificava o Brasil como um dos poucos países a manterem o modelo imperial em aliança com as suas elites como estratégia para a fuga das rebeliões e mudanças estruturais na sociedade:

Nesses momentos, fortemente pautada em uma agenda de festas, rituais e imagens, a monarquia brasileira se serviu à larga das representações simbólicas que envolvem o poder monárquico e que evocam elementos históricos de longa duração, associando o soberano à ideia de justiça, ordem, paz e equilíbrio. Moderno suficiente para se opor à imagem das repúblicas americanas, tão caracterizadas por guerras civis e associadas à anarquia; modelo para impor uma imagem civilizacional 'à europeia'.⁵⁴

Se, de um lado, temos a realização de festas patrióticas para a exposição e auxílio do poder monárquico, de outro, temos a formação de predileções individuais em uma mesma esfera simbólica. As reuniões, as partidas e os jantares nas casas dos sócios da Sociedade Recreação Amazonense, geralmente destinadas a um grupo seletivo de convidados, nos remete ao suprimento e desejo das elites que almejavam por *status*, pois essas ocasiões eram propícias para que as relações sociais fossem formadas. Assim, não era apenas no campo burocrático, ou seja, na administração da Província ou na sua defesa territorial, que as elites conseguiram partilhar de interesses em comum ou mostrar sua cultura e ideologia à sociedade, ao contrário, foram preferencialmente nos espaços privados que nasceram as relações pessoais que se materializaram em cargos e administrações públicas, mas que, devido aos constantes jogos de interesses, também pareciam mais uma dança das cadeiras em que os personagens estavam em constante substituição.

Essas situações afetaram diretamente a Sociedade Recreação Amazonense, que até o ano de 1855 contava com sua 8ª diretoria.⁵⁵ De nossas hipóteses, ou a sociedade foi fundada antes de 1854, ou isso demonstra uma profunda instabilidade na manutenção da entidade. Acreditamos que a última suposição se encaixe em nossas investigações já que os sócios

⁵⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.33.

⁵⁵ **Estrella do Amazonas**. Manaus, 03 de outubro de 1855.

dessa fundação pertenciam ao corpo administrativo e militar da cidade. Desse modo, entre os anos de 1854 a 1863, tempo de funcionamento da agremiação, as idas e vindas dos militares e políticos faziam com que a rotatividade da diretoria fosse frequente por motivos salariais, experiências administrativas, aceleração de carreira e estratégia política.⁵⁶

Porém, nem tudo se encaixava apenas na administração ou política local. Além das comemorações ao aniversário do Imperador, a agremiação realizou reuniões das mais diversas, incluindo bailes, festas e saraus na casa de seus sócios⁵⁷ ou no salão da Rua Formosa.⁵⁸ Logo, fica evidente que as dimensões e relações sociais desse período perpassaram os setores públicos, privados, governamentais e recreativos em um constante entrelaçamento entre essas esferas com o objetivo, mesmo inconsciente e indireto, de fortificação de laços e fraternidades.

Podemos conjecturar, inclusive, que as casas dos Presidentes de Província foram espaços apropriados para a aglomeração de interesses e diversões, pois eram locais onde poderiam partilhar de uma vida em comum entre as elites políticas e financeiras, especialmente diante das faltas de programações e eventos culturais. Não apenas isso, deve-se levar em conta a experiência vivida na cidade carioca referente ao contato com os primeiros clubes formados no Rio de Janeiro, tendo em vista que a metrópole era referência nas atividades culturais e por onde passavam os políticos e administradores antes de migrarem para a Cidade da Barra do Rio Negro.

O encontro entre as elites nos poucos espaços recreativos poderia permitir que os administradores trocassem experiências políticas, saudosismos culturais propiciados pela experiência no Rio de Janeiro e consolidação dos planos sociais almejados para a pequena cidade durante o período. Inclusive, podemos verificar, por meio da pintura exibida a seguir (**Figura 2**), da mansão de um presidente de Manaus, que as casas dos governantes eram os locais onde se realizavam as festas da Sociedade Recreação Amazonense, mas, ao mesmo tempo, que sua paisagem era rodeada de igarapés e povoada por índios e mamelucos dos quais os administradores locais queriam se livrar.

⁵⁶ DE CARVALHO, José Murilo. **A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial**. Editora Record, 2003, p. 109.

⁵⁷ “Sociedade recreação amazonense – A 8ª Diretoria da Sociedade Recreação Amazonense tendo de prestar suas contas, convida aos Snres. Sócios, na forma dos artigos 5º e 6º dos estatutos, para uma Reunião Geral, no domingo 7 de outubro vindouro, pela 5 ½ horas da tarde na residência do Ill.mo. Snr. Diretor. Secretária da Sociedade Recreação Amazonense em 25 de setembro de 1855. O secretário, Manoel Rodrigues Check Nina.” **Estrella do Amazonas**, 03 de outubro de 1855.

⁵⁸ “Sociedade Recreação Familiar Amazonense – De ordem do Exmº Snr. Presidente da Sociedade Recreação Familiar Amazonense se previne aos senhores sócios que no dia 14 do corrente terá lugar a primeira partida da sociedade, no salão da rua Formosa. O Secretário, Azevedo.” **Estrella do Amazonas**, 12 de setembro de 1860.

**Figura 2 - Mansão de um Presidente de Manaus – 1862 –
Paris Librairie de L. Hachette et C**



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindin – Acervo Digital. Título: Maison du président de Manaus; Descrição Física: 1 grav. pb.; gravura em madeira, dimensões da grav.: 11,2 x 16,3 cm em f. 24,0 x 15,0 cm; dimensões da imagem: 2269 x 1547 pixels; 300 dpi(resolução). Acesso em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3784>.

Ao que nos parece, a realização de festividades nas residências dos presidentes da Província nesse momento pode ser comparada ao período vivenciado pelos franceses no século XVI e na primeira metade do século XVII, descrito pelo historiador Philippe Ariès em *A História da Vida Privada: da renascença ao século das luzes*. Os limites entre o espaço público e privado, a constituição de novos costumes e amizades e a valorização pela escrita ainda estavam sendo integrados na vida cotidiana, portanto, havia a existência de espaços mistos que se caracterizavam pela ocupação de “redes de clientelas que asseguravam tanto as funções públicas (ocupação militar ou administrativa) como as atividades privadas, recorrendo a serviços pessoais” em que “a casa de um governador de província, de um magistrado, confunde-se com sua função”.⁵⁹

É necessário abordar que, além da mistura de funções espaciais, a essa altura ainda estavam sendo formadas as impressões e delimitações do espaço privado, portanto, a noção de lar. Gilberto Freyre também aborda a relação dos homens brasileiros com o lar e com a rua nos anos de 1850, período em que a rua era o próprio clube:

A noção de lar não era tão forte entre os homens brasileiros, moradores de sobrados, ao tempo em que a família patriarcal estava em seu pleno vigor, que o fizesse caseiros em seus gostos e em seus hábitos. Não possuíam eles clubes mundanos – a menos que aceitemos como tais as lojas maçônicas. A rua era o seu clube. Um clube ao ar livre: a rua, a praça, o lago da imperatriz, a porta da botica. Que os brasileiros da cidade, na década de 1850, não encontravam grande atração nos lares parece fato tranquilo. Entretanto um viajante francês, Luís De Freycinet, observara, ainda na década de 1830, mal

⁵⁹ CHARTIER, Roger; FEIST, Hildegard. História da vida Privada. **Da Renascença ao Século das Luzes**, v. 3, 2009, p.23.

saído o Brasil de *regímen* colonial, que os brasileiros passavam grande parte do tempo em casa, dormindo; e só outro fora de casa. Algumas vezes recebiam amigos em suas salas ou em seus alpendres. Daí, precisarem apenas – conjecturava o francês – de uma sala de visitas e de quartos de dormir.⁶⁰

Para a nossa região, no exercício de atividades recreativas entre os anos de 1850 a 1870, percebemos a existência de uma sociabilidade forjada no estreitamento entre o público e o privado. Um exemplo dessa experiência ocorria em relação aos festejos locais: quando não ocorriam nas dependências e gerências da igreja, eram realizados nas casas dos comandantes e favoreciam as relações e os reagrupamentos por afinidades políticas, administrativas e recreativas. Assim, as relações sociais se caracterizavam pela fronteira existente entre o público e o privado, na qual a casa e o lar eram definidores de comportamentos conservadores e condutas públicas por se formarem no íntimo do espaço patriarcal. Para Habermas,

A fronteira entre a esfera privada e a esfera pública passa pelo meio da casa. [...]As pessoas privadas que aqui formam um público não nascem ‘na sociedade’. Elas surgem primeiramente, por assim dizer, de uma vida privada que adquiriu uma forma institucional no espaço interior da família conjugal patriarcal⁶¹.

Ao assumirmos que as festividades e as relações sociais nascem entre essas fronteiras, estamos também enunciando a formação institucional desses locais, marcados, como já indicados, pelo patriarcalismo. Os homens assumiram os cargos de liderança nas entidades e clubes recreativos desde sua fundação e aproveitaram-se dos prestígios, controles e autoridades para deixar e enraizar suas concepções sociais. Portanto, ao observar a composição do corpo associativo da Sociedade Recreação Amazonense, notamos que o militarismo, a vigilância, a norma, a lei e o escravagismo faziam parte de seus princípios, uma vez que a associação, por meio dos seus membros, era um braço do próprio sistema.

Em 1861,⁶² o corpo associativo era composto por: Dr. Manoel Gomes de Miranda, Capitão Tenente Nuno Alves Pereira de Mello Cardoso, Coronel Leonardo Ferreira Marques, Capitão João José Freitas Guimarães, Dr. David de Vasconcellos Canavarro e o 1º Tenente Rufino Luiz Tavares.

⁶⁰ FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. Tradução do inglês por Waldemar Valente em convênio com o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. – 4ª Ed. Revisitada. São Paulo: Global, 2009, p.88-89.

⁶¹ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa; com prefácio à edição de 1990**. Ed. Unesp, 2014, p. 167.

⁶² **Estrella do Amazonas**, 14 de agosto de 1861.

O Dr. Manoel Gomes de Miranda, antes de ser enviado à cidade, ocupava inicialmente o cargo de alferes e gradativamente conquistou postos de confiança, como tenente e oficial de justiça na cidade no Rio de Janeiro e, posteriormente, no Maranhão. Quando enviado à Barra do Rio Negro, em 1852, administrou a cidade durante vários momentos como Vice-Presidente, Presidente Interino, chefe de polícia, comarca ou como deputado na Assembleia Legislativa do Estado.⁶³

O capitão e tenente Nuno Alves Pereira de Mello Cardoso era capitão de Mar e Guerra da Marinha Nacional. Antes de ser Presidente da Província, entre os meses de março e julho de 1875 e junho de 1876,⁶⁴ foi administrador dos cortes de madeira no Pará e tenente da Armada do Amazonas.

Já Leonardo Ferreira Marques foi um dos alferes da Guarda Policial, negociante e escravista local e deputado à Assembleia Provincial do Amazonas juntamente com o Dr. Manoel Correia Miranda.⁶⁵

O Dr. Antônio David de Vasconcellos Canavarro, de acordo com Agnello Bittencourt, nasceu no Pará, em 24 de agosto de 1828. Começou o curso de medicina em Salvador (Bahia), terminando no Rio de Janeiro. David Canavarro fez parte da Expedição Científica que o Governo Imperial mandou ao Norte, em 1858, para explorar o Amazonas, chefiada por Antônio Gonçalves Dias. Foi também Deputado à Assembleia Legislativa e Inspetoria da Saúde Pública.⁶⁶

Estes homens cancelavam a influência social que a entidade precisava para consolidar seus ideais, mas, apesar de seu corpo associativo, a Sociedade Recreação Familiar Amazonense passou por dificuldades na execução das partidas. No Jornal *Estrella do Amazonas*, o secretário, Ignácio do Rego Barros Pessoa, constantemente anunciava os convites para a participação dos sócios às assembleias e às sessões extraordinárias para tratarem de assuntos administrativos. Os convites pareciam não transformar a situação da Sociedade e a participação dos filiados, de tal modo que, em 1862, começava a aproximar-se de seu fim.

⁶³ Informações coletadas nos jornais **Estrella do Amazonas** (1854-1861), **A nova Epocha** (1857), **Publicador Maranhense** (1859) e **Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal** (1859, 1866).

⁶⁴ Informações coletadas no Dicionário Amazonense de Biografias, de Agnello Bittencourt, no Almanaque Administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro (1850) e nos jornais O Globo (1853) e Estrella do Amazonas (1859).

⁶⁵ Informações coletadas nos jornais Estrella do Amazonas (1854), Correio Mercantil e Instrutivo, político, Universal do Rio de Janeiro (1858-1868) e O Republicano – RJ (1855).

⁶⁶ BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro, Conquista, 1973, p. 189.

Após as divulgações, as chamadas e as irregularidades na execução das reuniões, no dia 12 de fevereiro de 1862, o jornal publicava uma nota de um cidadão autodenominado “amante do progresso” para a diretoria, os filiados e a entidade, exigindo a continuidade das atividades e partidas dançantes que, desde dezembro do ano anterior, não havia sido realizadas. Para embasar sua crítica, o cidadão ainda ressaltou que a falta de reuniões indicava injustiças para com os membros e falhava no melhoramento da civilização:

Duas palavras sobre a sociedade – recreação familiar amazonense. A falta das partidas correspondentes aos meses de dezembro e janeiro findos, deu causa a pensar-se que esta instituição tinha tocado ao seu termo: Era uma injustiça ao bom senso dos seus dignos membros, que devidamente se compenetraram de suas vantagens. **Um melhoramento tão altamente civilizador [grifo nosso]**, não era possível que fenecesse sem causa muito graves. Embaraços inerentes a uma empresa ainda não assente em bases sólidas, motivarão a interrupção de que falamos: ontem, porém reuniu-se a sociedade em Assembleia geral para a eleição da Diretoria, que tem de reger o primeiro semestre deste ano, e farão eleitos para as diversas comissões.

[...]

Consta-nos que empossada desde logo a nova Diretoria foi declarado que se desse neste mês duas partidas, sendo uma correspondente ao mês de janeiro. Folgamos muito com isto: é a única distração que temos, força é não poupar esforços para que sobreviva apesar de tudo.

Manaus, 10 de fevereiro de 1862.

Um amante do progresso.⁶⁷

O intuito de incentivar a “civilização” estava alinhado aos planos das elites locais que utilizavam de todos os recursos – financeiros, econômicos, morais e sociais – para desenvolver a “cultura europeia” na região. Ao que tudo indica, nesse mesmo sentido, o primeiro teatro na cidade surgiu apenas em 1869, período posterior à criação da Sociedade Recreação Amazonense. O teatro, como apontado pela historiadora Simone Villanova, em *Sociabilidade e Cultura: a história dos pequenos teatros em Manaus (1859-1900)*, cumpre no século XIX um caráter educacional e civilizatório, a fim de educar a população local aos bons hábitos e costumes de um novo momento, da era moderna. De forma similar, mas com um ponto diferenciado, os clubes e as agremiações formados pelas elites locais tiveram um papel diferenciado: serviam como espaço de conagração de práticas e de manutenção/reprodução de *status* e poderes sociais e simbólicos.

Para que a cultura e a civilização ganhassem um novo fôlego, foi apresentada a nova diretoria, composta por administradores locais: Presidente – o capitão Clementino José Pereira Guimarães; Vice-presidente – o capitão José Coelho de Miranda Leão Júnior;

⁶⁷ **Estrella do Amazonas.** Manaus, 12 de fevereiro de 1862.

Secretário – Ignácio do Rego Pessoa; Tesoureiro – o Tenente Silvério José Nery; Diretores: Dr. Antônio José Moreira, Dr. José Joaquim de Moraes Navarro, Capitão José Antônio d’Andrada Barra, Capitão Joaquim Izidoro d’Oliveira, Tenente Raymundo José Ferreira d’Alcantara e o Capitão Manuel d’Almeida Coutinho d Abreu.⁶⁸

Acerca desse corpo diretor, só encontramos informações sobre a biografia de Clementino José Pereira Guimarães, conhecido também como Barão de Manaus, nascido em Belém do Pará, em 1828. Segundo Agnello Bittencourt, o comandante dedicou-se à criação do jornal *Cinco de Setembro* que circulou pela primeira vez em 3 de maio de 1851⁶⁹ e cedeu lugar ao jornal *Estrella do Amazonas*, em 1854. Esses dois jornais se constituíram como importantes espaços para as notícias sobre a Sociedade Amazonense. O Dr. Clementino Guimarães atuou também na construção da Igreja dos Remédios, nas reformas do Prédio do Seminário Episcopal, nos reparos do Hospital Militar e Instituto dos Educandos Artífices e na conclusão do Paço Municipal. Sendo assim, tratava-se de uma figura notável para o período, ao ponto de Agnello referenciá-lo:

Cidadão de fisionomia aberta, simpática, de pômulos salientes, testa ampla, davam-lhe uma demonstração de acuidade intelectual e domínio. A esses predicados físicos, juntam-se outros de educação, fazendo-o uma entidade maneirosa, no lar e nas relações sociais. [...] Clementino José Pereira Guimarães, Barão de Manaus, foi realmente uma grande figura da antiga Província do Amazonas⁷⁰.

Apesar dos esforços em manter o local, a notícia sobre a dissolução da Sociedade Recreação Familiar foi divulgada em dezembro de 1863, pelo Secretário Braule Pinto, no jornal *O Cathecista*. A Recreação Familiar Amazonense foi dissolvida em 2 de janeiro de 1864, ressurgindo apenas em 1872 com um novo nome *Club Familiar*, no intuito de organizar uma nova sociedade dançante na capital. A partida de instalação ocorreu na noite do dia 9 de maio de 1872, na casa do Comendador Clementino José Pereira Guimarães, o mesmo que administrou a antiga recreação.

Embora a Sociedade Recreação Amazonense tenha se diluído em 1862, é necessário observar que os sócios da entidade permaneceram atuando na cidade. Por isso, torna-se imprescindível observar esses grupos de forma relacional e operante, que se utilizavam de suas próprias estratégias para se manter atuantes, sem dependência exclusiva de algum órgão.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2015, p.58.

⁷⁰ BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias**. Rio de Janeiro, Editora Conquista, 1973, p.167.

Nesse propósito, as afirmações e projeções feitas no jornal ganharam rapidamente um novo sentido. O Jornal *Amazonas* exprimiu:

A reunião esteve animada, reinando a mais cordial convivência e profusão. Momentos tão agradáveis, como os que oferece uma reunião de pessoas que se distinguem pela fidalguia de sentimentos, são as que adoçam as contrariedades nesse lidar contínuo, que carece suavizar o espírito para viver alguma vida.

Desejamos que o Club produza os resultados, que de coração lhe auguramos.⁷¹

As apresentações do Clube Familiar, oriundo da Sociedade Recreação Amazonense, portanto, não poderiam ser desvinculadas das ideias elitistas que traduziam os desejos dos governos amazonenses ao almejamem que os novos resultados e as atividades da agremiação corroborassem o vislumbre de sua cordialidade e generosidade. Esses atributos ficavam notórios na dimensão pública para implementação de hábitos, costumes e normas na população amazonense, pois os periódicos, os teatros e as programações das associações recreativas continham instruções pedagógicas e proporcionavam aos seus participantes a exibição como uma espécie de teatro aberto.

Em 1883, o ato cívico em comemoração ao 5 de setembro, da Proclamação da Província do Amazonas, marcou o comparecimento de 500 pessoas pertencentes aos grupos de elites no Amazonas. Os festejos cívicos foram realizados em torno do patriotismo, da civilidade e da diversão. Estima-se que ao menos 28 embarcações concorreram no torneio de regatas em que, ao final, receberam a distribuição de diversos prêmios aos vencedores. Mas, sob as honras e homenagens ao primeiro presidente da província, João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, as autoridades se aproveitaram para realizar a sua autopromoção e suposta “benevolência” ao fornecer 15 cartas de liberdades aos escravos. A cerimônia foi registrada pelo Jornal do Amazonas:

Festejos – Os festejos preparados pelos patrióticos habitantes de nossa famosa capital, em comemoração do fausto 5 de setembro, aniversário da Lei N. 582, que restituiu a esta parte de imenso vale amazônico a sua categoria de província, que um governo despótico lhe tinha extorquido, estiveram esplendidos e foram além de toda expectativa.

No dia 2 á tarde teve lugar a regata, achando-se para esse fim todo embandeirado o litoral da cidade, e afluindo aos cais um grande número de espectadores.

Concorreram 28 embarcações, pintadas e aparelhadas á capricho.

⁷¹ Jornal *Amazonas*. Manaus, 11 de maio de 1872.

Abordo do valor Ariman, que a companhia do Amazonas cedeu para esse divertimento, teve lugar a distribuição dos prêmios aos vencedores. No dia 4 á noite efetuou-se a procissão cívica, ou passeata *aux fambleaux*. A ela concorreram os meninos do colégio Marinho, do Instituto Amazonense, das escolas públicas e aprendizes marinheiros. Percorreu as ruas e praças da cidade, parando em diversos pontos, defronte da câmara municipal, do palácio, das tipografias, dos colégios, etc. Quase todas as ruas da capital estavam embandeiradas e iluminadas. Às 5 horas da madrugada de 5, salvas de bombas e girândolas de foguetes fendendo os ares, anunciavam a todos a aurora desse belo dia. Às 7 horas da manhã teve lugar o assentamento da primeira pedra do monumento que se vai erigir ao primeiro presidente desta Província João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, seguindo-se o *Te-Deum laudamus*, mandado celebrar pela nossa ilustre edilidade. Depois do Te-Deum foi inaugurado um palácio e retrato do Primeiro Presidente desta Província, sendo pronunciados nesta ocasião diversos discursos análogos ao ato e distribuídas 15 cartas de liberdade a outros tanto escravos manumitidos pelas cotas ultimamente votadas para esse fim na lei do orçamento provincial. Às 10 horas da noite realizou-se o baile, a que assistiram cerca de 500 pessoas, a elite de nossa sociedade. Estiveram presentes as primeiras autoridades civis e militares da província. Tudo ocorreu com bastante animação, reinando a mais perfeita harmonia. Podemos assegurar que foi o baile mais concorrido que se tem dado em Manaus, e que nunca os amazonenses festejaram tão entusiasticamente e brilhantemente o dia 5 de setembro. A redação de nossa folha se congratula com os ilustres filhos deste abençoado torrão, por ver se desenvolver cada vez mais em seus corações os sentimentos de verdadeiro patriotismo.⁷²

A inserção de políticos na vida cultural, a consolidação da economia e dos grupos de elites, os primeiros passos da imprensa e o estabelecimento de uma vida mais pública com projeções sociais configuraram a chegada de um “novo momento”, assim definido e almejado pelos governantes.

Se as primeiras sociedades recreativas foram formadas exclusivamente pela presença significativa de elites políticas e militares que tinha como fim as programações voltadas às festividades cívicas, a partir de uma nova configuração do final do século XIX, vemos que o crescimento da cidade estimulou a formação de novas entidades, clubes e associações que adquiriram novos formatos ao agregar novos sócios, especialmente os/as imigrantes, criando espaços exclusivos para exercer suas solidariedades, identidades e sociabilidades.

Os nomes desses espaços também mudaram. Notamos que, a partir de 1872, de “sociedades” eles passaram a ser denominados “clubes” como a expressão mais viva da diversidade e aglomeração que começava a ser desenvolvida na cidade. Victor Andrade de Melo aborda esse momento de transição vivenciado também em Manaus:

⁷² **Jornal do Amazonas**, 08 de setembro de 1883.

No final do século XIX, surgem os primeiros clubes criados por uma classe média urbana em formação, uma nova configuração das elites nacionais, curiosamente os que mais tempo sobreviveram. No decorrer do século XX, foi uma febre nacional a criação de clubes, de características diferenciadas, ligados aos mais diversos esportes e práticas, nas diferentes classes sociais. Praticamente não havia cidade em que não houvesse clubes; em muitos municípios existiam mais de um e muitas vezes vários em um mesmo bairro.⁷³

A formação de grupos, associações (beneficentes, recreativas e filantrópicas), sociedades mutualistas e operárias começaram a ser mais expressivas a partir da década de 1880, quando, diante do “prelúdio republicano, astúcia da ordem e ilusões do progresso”,⁷⁴ as manifestações e organizações da sociedade civil se deram por classe, nacionalidade, raça, interesses econômicos e sociais, saúde, esporte, lazer, cultura e religião. Essas organizações, além de agruparem identidades e interesses em comum, foram capazes de agitar a cidade, explorar suas ruas, seus espaços e de dar a ela outros significados e interpretações em uma constante tentativa de pertencimento além das esferas burguesas, elitistas e burocráticas. Nesses espaços, outros atores sociais apareceram em cena, como os trabalhadores e os imigrantes. Não mais como meros espectadores, eles manifestaram os seus rituais e as suas tradições ao seu próprio modo.

1.2 – A “GRANDE PÁTRIA DE DANTE”⁷⁵ NA AMAZÔNIA: A SOCIEDADE ITALIANA DE SOCORROS MÚTUOS E A CRUZ VERMELHA ITALIANA

Em 5 de abril de 1876, a *Revista do Amazonas* veio a público manifestar a sua posição frente à importância do vale amazônico e quais as vantagens que o território oferecia ao comércio com as riquezas “abandonadas”, os produtos naturais e o emprego na indústria agrícola. Como se pode imaginar, as propagandas realizadas na revista deveriam ter um certo objetivo: atrair os recursos financeiros do Império para o favorecimento da indústria e agricultura, desenvolvimento da instrução pública, exploração dos rios e investimentos na navegação a vapor.⁷⁶

⁷³ DE MELO, Victor Andrade. **Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX.** Autores Associados, 2018. (Consulta online)

⁷⁴ NOVAIS, Fernando Antônio. **História da vida privada no Brasil: República, da belle époque à era do rádio.** Companhia das Letras, 1998, p. 40.

⁷⁵ Em referência a passagem no **Jornal do Comércio**. Manaus, 21 de setembro de 1918.

⁷⁶ **Revista do Amazonas**. Manaus, 05 de abril de 1876.

Nesse momento, a fim de efetivar a modernização e o intensivo desenvolvimento do comércio na região, seria necessário superar os “problemas” de mão de obra e ocupação do território.

Sobre o primeiro, desde o período colonial, a exploração da mão de obra indígena na Amazônia, por meio das catequeses, descimentos, guerras justas e/ou resgates, era uma prática bem conhecida. Entretanto, seguindo as normas do período imperial, o caráter de civilização e catequização dos índios para a Província do Amazonas fazia parte do cumprimento do Regimento das Missões, de 1845,⁷⁷ que regulamentava a política indigenista no Brasil. Conquanto, entre o período de implementação até o ano de 1866, houve inúmeras denúncias sobre os descumprimentos dos artigos referentes à falta de pagamento dos indígenas ou a sua utilização em trabalhos particulares aos diretores parciais, fazendo com que, em 1875, as diretorias fossem, de fato, extintas. Portanto, não é de se estranhar que a *Revista do Amazonas* insistisse na tradição e na manutenção de mão de obra barata:

2º Provar que a catequese e a civilização de milhares de índios que vivem errantes pelas nossas matas, sem conhecimento do mundo como ele é, sem trabalho, sem religião, é uma grande necessidade, e que devemos guia-los ao trabalho agrícola, reunindo-os em colônias nos diversos rios da província. É uma excelente conquista de braços, pois os índios estão habituados com o nosso clima e meios de vida.⁷⁸

Por certo, fruto da consolidação da escravidão que se enraizou no Amazonas, a manutenção da exploração de indígenas e negros se manteve viva na construção da própria cidade. O historiador Ygor Olinto resgata os serviços realizados pela população escravizada que servia como construtora dos projetos de uma cidade que se inspirava em modelos europeus, portanto, o espaço desses serviços era circundado por disputas sociais, políticas e culturais. Entre os serviços, estavam:

[...] os negros ‘aguadeiros’ que coletavam água, juntamente com os índios nos igarapés ou nas fontes, para venderem aos cidadãos, os ‘negros de ganho’ alugando seus préstimos, quer fosse para carregar pedras, colunas ou mercadorias, quer fosse para os serviços domésticos; havia ainda os negros carroceiros que transportavam os habitantes para diferentes lugares na cidade; as escravas de ‘bons costumes’, vendedeiras, quitandeiras,

⁷⁷ **Decreto Imperial** nº 426, de 24 de julho de 1845.

⁷⁸ **Revista do Amazonas**. Manaus, 05 de abril de 1876.

engomadeiras, costureiras; os sapateiros, ferreiros, carpinteiros, e outros serviços domésticos.⁷⁹

A busca por uma outra mão de obra se desdobrava sobre novos projetos. Dentre os destacados, o problema de ocupação que visava a trazer novos habitantes, em especial os europeus.

Desde 1873, o governo local apresentava o seu apreço pela migração estrangeira e desenvolvimento econômico intensivo na região. No mesmo ano, por exemplo, houve um investimento de 10:000\$000 com a emigração nacional ou estrangeira.⁸⁰ As aplicações das rendas da Província cumpriam a sua principal finalidade de investimento: na moralidade e nos bens materiais fornecidos pela sua mão de obra. Assim, não é de se estranhar que o debate sobre o trabalho tenha entrado em questão, no qual propagandistas, investidores e sanitaristas apresentaram a migração como seu principal empenho:

1º Sustentar a necessidade da emigração estrangeira em alta escala para esta província, facilitando-se aos emigrantes os meios de subsistência até que eles os possam tirar do produto de seus trabalhos.⁸¹

A migração de uma outra mão de obra se justificava pela qualificação para o trabalho, mas a realidade estava mesmo firmada no incentivo do embranquecimento da população e a sua “civilização”. Assim, os estrangeiros eram alvos da política do governo local que “oferecia” trabalho, casa, alimentação e a concessão de terras pelo preço menor da lei.⁸²

A acessibilidade de terras para os trabalhadores e imigrantes nesse momento se apresentava como um grande atrativo para os problemas de ocupação territorial. Apesar da Lei de Terras, de 18 de setembro de 1850, que transformava a propriedade em mercadoria dada apenas pelo título de compra, poucos posseiros tinham interesse em empreender na região tendo em vista os inúmeros “problemas” de locomoção, clima e riquezas que ela oferecia, portanto, a solução para as contrariedades apresentadas seria de conceder títulos de terras para quem decidisse morar no imenso vale amazônico a fim de conseguir explorar as suas divulgadas riquezas.

A ilusão contida nessas promessas tinha o seu preço e, talvez, o maior deles fosse o avanço da exploração capitalista na região. Nesse ínterim, na busca por recursos que a

⁷⁹ Cavalcante, Ygor Olinto Rocha. **Uma viva e permanente ameaça: resistências, rebeldias e fugas escravas no Amazonas provincial**. Jundiaí, Paco Editorial, 2015, p.116.

⁸⁰ **Boletim Oficial da Província do Amazonas**. Manaus, 21 de junho de 1873.

⁸¹ **Revista do Amazonas**. Manaus, 05 de abril de 1876.

⁸² **Jornal do Amazonas**. Manaus, 13 de abril de 1876.

tirassem de sua “zona de infantilidade” comercial, a Amazônia se apresentava de braços abertos para servir como laboratório para a cultura do “progresso”, da “civilidade”, da ascensão da indústria e dos valores do trabalho:

Os povos do continente europeu são os mais cultos do mundo, sua emigração para a América nos é de vantagem.

Emigração com eles a própria civilização da Europa representada na cultura das ideias, no conhecimento prático das indústrias, na posse de cívicas atitudes criadas pelo respeito da lei, e por fim os hábitos adquiridos do trabalho, elemento de máxima valia para os povos que se acham ainda envoltos nas faixas de sua infantilidade; e disto são contestes os resultados produzidos por essa plêiade gloriosa acampada no Sul, onde realizam os prodígios de sua atividade, honrando a velha e a nova pátria.

E realmente de vantagem incontestável a imigração europeia, considerada em geral, de um modo absoluto; mas em relação ao Amazonas ela oferece no presente dificuldades bem sérias. A corrente de emigração, por natureza das circunstâncias atuais, não pode ser espontânea, ela exigirá sacrifícios iguais aos que tem feito o país, sacrifícios avultados, que mal comportam os onerados cofres da Província.⁸³

Unindo propagandas, políticas públicas e investimento econômico às dificuldades dos imigrantes em seus países de origem, o fenômeno da imigração ocorreu em todo território nacional. As experiências e trajetórias individuais e coletivas iniciaram muito antes de sua chegada ao solo amazonense.⁸⁴ Mas, com o ímpeto de “fazer a América” ou “fazer a Amazônia”, muitos europeus chegaram e consolidaram-se em Manaus. Entretanto, uma diferença crucial se apresentava a esses imigrantes: se nos primeiros séculos de colonização brasileira eles se portavam como conquistadores, nesse momento, eles foram tratados como mãos-de-obra para o capital que teriam de “ceder e adaptar-se ao mundo tropical circunjacente para sobreviver em meio às surpresas, incertezas e agressividade de um ambiente exótico e desconhecido”⁸⁵. Sendo o trabalho definidor para a migração, Sayad define o imigrante como

[...] uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonismo), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um

⁸³ **Revista do Amazonas**. Manaus, 05 de abril de 1876.

⁸⁴ Sayad apresenta a possibilidade de estudarmos a emigração através de dois pontos de vista: a do emitente e a do receptor. Dessa forma, conheceremos as condições, motivações, desejos e percursos dos que migram, evitando análises fragmentadas e preconceituosas que consideram apenas um viés. SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração: ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998, p. 11.

⁸⁵ BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. 3ª Ed. Manaus: Editora Valer, 2009, p. 74.

trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem – sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante. Foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser.⁸⁶

Apesar de considerar a imigração como fato social completo,⁸⁷ é necessário atentar-se para as vontades e os desejos dos indivíduos. A emigração apenas em termos de custo e benefícios econômicos reduz a ação dos indivíduos a meros objetos do governo, isentos de subjetividades e ação.⁸⁸

Segundo os estudos de Celso Furtado, pelo menos 500.000 pessoas migraram para a região entre os anos de 1872 e 1910.⁸⁹ Por meio dos dados do IBGE,⁹⁰ para o Amazonas isso significa o crescimento anual de: 0,0155 entre os anos de 1872 a 1890; 0,265 entre os anos de 1890 a 1900; e 0,0254 entre os anos de 1900 a 1910. Mais especificamente, esses números representam:

Tabela 1 - População do Brasil por nacionalidade segundo os recenseamentos de 1872, 1890 e 1900

| Ano | População do Amazonas por nacionalidade e sexo | | | | | | População Total |
|------|--|----------|---------|--------------|----------|-------|-----------------|
| | Brasileiros | | | Estrangeiros | | | |
| | Masculino | Feminino | Total | Masculino | Feminino | Total | |
| 1872 | 29.702 | 25.709 | 55.411 | 1.768 | 431 | 2.199 | 57.610 |
| 1890 | 78.516 | 66.122 | 144.638 | 2.405 | 872 | 3.277 | 147.915 |
| 1900 | 134.213 | 112.298 | 246.511 | 2.423 | 822 | 3.245 | 249.759 |

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁸⁶ SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração: ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998, p. 54-55.

⁸⁷ “‘Fato social total’, é verdade; falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica (história demográfica e história política da formação da população francesa), e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento”. SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração: ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998, p. 16.

⁸⁸ Como bem pontuado por Cardoso: “Em outras palavras, ao criticar a dedução que caracteriza os migrantes como vítimas, existe o indicativo de posicioná-lo como sujeitos da História, dando atenção às suas ações no bojo do processo. Entende-se que os migrantes não tiveram que cumprir uma sina predestinada por fatores externos a sua vontade, e nem seus caminhos foram feitos ao acaso, sem nenhuma reflexão sobre as possibilidades da travessia. Refuta-se o posicionamento que articula seus argumentos através da anulação impotente diante de imperativos estruturais, lidos através de cânones teóricos que superdimensionam os poderes de ordem econômica e política.” CARDOSO, Antônio Alexandre I. **Nem sina, nem acaso: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território Amazônico (1847-1877)**. Ceará: dissertação de mestrado; UFCE, 2011, p. 152.

⁸⁹ FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**, p. 129-35 apud PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925) – 3ª Ed.** – Manaus: FUA, 2015, p. 62.

⁹⁰ Dados coletados no site do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** em 16/02/2016.

Em dados mais expressivos, isso significa dizer que 2,4%⁹¹ da população tinha origem estrangeira, em sua maioria europeus, principalmente portugueses, espanhóis e italianos.⁹² Além disso, do total de brasileiros existentes na região, ao menos 20% eram imigrantes nacionais de origem nordestina⁹³ que tiveram suas passagens subsidiadas para deixarem o Ceará e dirigirem-se ao Pará e/ou Amazonas, fugindo da fome e da seca que assolava a região cearense. Além dos problemas geográficos e econômicos que atingiram as cidades nordestinas, muitos migraram pelos seus próprios meios para procurar alternativas de sobrevivência.⁹⁴

Chegando em Manaus, muitos cearenses foram encaminhados aos barracões – onde as condições de vida não eram das melhores –, fazendo com que as exaustivas jornadas de trabalhos, os endividamentos e as condições de vidas precárias tornassem o antigo desejo paradisíaco em um inferno exploratório. Entretanto, uma outra parte abastada de cearenses conseguiu “ganhar a vida” marcando significativamente a composição das elites no Estado em diversas composições: no interior amazônico, como seringalistas e, na capital, como comerciantes, juízes, militares e políticos.

Além das questões de classe, Boris Fausto apresenta a imigração com duas características distintas: “primeiramente como um profundo corte, com vários desdobramentos, no plano material e no plano do imaginário, mas isso não simboliza o apagamento de uma fase passada, muito pelo contrário, integra-se no presente com muita força”;⁹⁵ e a segunda característica “diz respeito a sua condição de outro, a uma alteridade composta por olhares cruzados: do imigrante para o nacional e deste para o imigrante”.⁹⁶ Ou seja, a tentativa de reprodução e/ou reconstrução de etnicidades em outros lugares é significativa, tendo em vista a criação e manutenção de meios materiais, simbólicos e culturais que tendem a diminuir as distâncias geográficas e culturais e servir para a afirmação e reafirmação de sua identidade em outra terra.

⁹¹ Dados detalhados: Em 1872: 3,8% da população era estrangeira, 1890: 2,2% e 1900: 1,2%. Saliento que essa é uma amostragem e que precisa de análises mais acentuadas, mas que podem contribuir para outras problematizações a respeito da migração estrangeira no Amazonas.

⁹² COSTA, Deusa. **Quando viver ameaça à ordem urbana: trabalhadores de Manaus (1890-1915)**. Editora Valer, 2014, p.56.

⁹³ Idem

⁹⁴ CARDOSO, Antônio Alexandre I. **Nem sina, nem acaso: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território Amazônico (1847-1877)**. Ceará: dissertação de mestrado; UFCE, 2011, p. 152.

⁹⁵ FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, p. 14.

⁹⁶ FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, p. 20.

No estado do Amazonas, a historiografia tradicional demorou a se debruçar sobre o estudo do cotidiano desses imigrantes. Porém, estudos recentes,⁹⁷ passaram a considerar a presença desses sujeitos em diversos espaços e com diferentes formas de atuação: seja como elites, seja como trabalhadores.

Analisando especificamente portugueses e espanhóis, muitos ligados às elites econômicas ou com forte poder aquisitivo, observa-se que, embora uma parte significativa compusesse os mundos do trabalho, outros se constituíram como importantes comerciantes e empresários, criando lojas, mercearias, padarias, estivas, fábricas etc.⁹⁸ Os estudos de Pinheiro,⁹⁹ por exemplo, informam que os imigrantes também criaram jornais com o intuito de trocar informações e manter a comunicação com os seus países de origem ou como forma de manutenção de sua cultura e identidade. Como exemplo, destaca-se que, em Manaus, vinte jornais foram criados por colônias portuguesas¹⁰⁰ e seis por colônias espanholas.¹⁰¹

Além disso, houve a criação de sociedades beneficentes ou recreativas com imigrantes de origem ibérica, que tinham o intuito de promover e fortalecer a solidariedade entre os seus, a saber: Luzitânia Repatriadora (1908), Sociedade Benéfica Portuguesa do Amazonas (1873), Centro Español (1902), Sociedade La Union Española (1905), Sociedade Hespanhola de Beneficencia Cervantes (1905), Sociedade Española de Socorros Mútuos (1916), Sociedade Espanhola Recreativa (1919) e Union Sportiva Espanhola (1919). Para Emmi, essas associações serviram para a constituição de um referencial cultural e mobilização de

⁹⁷ Como os de Maria Luíza Ugarte Pinheiro: “A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)”, “Portugueses e ingleses no Porto de Manaus (1880-1920)”, “Portugueses no universo do trabalho manauara (1880-1920)”, “Migração, trabalho e etnicidade. Portugueses e ingleses no porto de Manaus, 1880-1920”, “Imigração e imprensa espanhola em Manaus”; Deusa Costa: “Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores de Manaus (1890-1915); Geraldo Sá Peixoto Pinheiro: “Imprensa, Política E Etnicidade: Portugueses Letrados Na Amazônia (1885 – 1936)”; Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro: Imigração, trabalho e imprensa em Manaus, 1890-1928 e Valdirene Porto: “Imprensa, imigração, trabalho e sociabilidades femininas na Belle Époque Manauara, 1880-1920”.

⁹⁸ Samuel Benchimol registrou mais de 150 lojas e empresas criadas por portugueses só entre os anos de 1940 a 1998, in: BENCHIMOL, 2009, p. 95-97. Ver também: PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. **Imigração e imprensa espanhola em Manaus**. In: PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **Imprensa e sociedade na Amazônia (1870-1930)**. Curitiba: CRV, 2017, p. 193; e EMMI, Marília Ferreira. **Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira (1850-1950)**. Belém: NAEA, 2013.

⁹⁹ PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. Imigração e imprensa espanhola em Manaus. In: PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **Imprensa e sociedade na Amazônia (1870-1930)**. Curitiba: CRV, 2017.

¹⁰⁰ Ver a tese de Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro, “Imprensa, Política e Etnicidade: Portugueses Letrados na Amazônia (1885 – 1936)” que analisou a *portugalidade* por meio do mapeamento de trinta jornais portugueses em Belém e vinte em Manaus entre os anos de 1874 a 1937. (pp. 96 – 98).

¹⁰¹ Maria Luíza Ugarte Pinheiro catalogou: *El Hispano-Amazonense* (1901); *La Voz da España* (1901-1907); *Centro Espanhol* (1902-1903); *La union* (1903); *El Español* (1903) e *El Hispano-Amazonense* (1918-1921). PINHEIRO, 2017, p. 194.

interesses vinculados à cultura, aos negócios, ao trabalho, à saúde e ao lazer; e serviam para a preservação e reconstrução de identidades na Amazônia.¹⁰²

No que se refere à criação de associações recreativas e étnicas, três questões se colocam: 1) para trabalhadores/as e pessoas menos favorecidas, a criação de clubes e associações estrangeiras poderia significar estratégias para o fortalecimento de solidariedades e vínculos identitários e étnicos; 2) para as elites, poderia representar um lugar propício para a circulação de interesses e investimentos políticos que almejavam conquistar e consolidar-se em novas terras; 3) em alguns momentos, especialmente no exercício da solidariedade e/ou patriotismo, algumas barreiras entre classes poderiam inclinar-se na garantia de, “com o objetivo de preservar valores e tradições, fornecer apoio econômico tanto no país de origem como no de acolhida e de reivindicar determinados direitos na sociedade de imigração”.¹⁰³

Este último enfoque fica evidente quando notamos a atuação da Sociedade Italiana de Socorros Mútuos em 7 de janeiro de 1900. A entidade tinha como finalidade o socorro mútuo, a fraternidade, a concórdia, a união dos elementos que constituíam a colônia italiana no Amazonas e com o interesse de manter o alto prestígio da Pátria. Após a primeira década, surgiu também a Sociedade Italiana Pró-Pátria que, de igual modo, promovia os contatos e as relações entre a Itália e Manaus,¹⁰⁴ e a delegação Cruz Vermelha Italiana.

A Cruz Vermelha Italiana, também chamada de Cruz Vermelha Brasileira, foi fundada no Rio de Janeiro em 1908. Somente em 7 de setembro de 1916 que a entidade chegou em Manaus. A associação promoveu disputas e torneios esportivos, sessões de teatros e cinemas e jantares com o objetivo de adquirir fundos financeiros para prestar socorros e para a proteção a feridos, enfermos e necessitados em caso de guerra ou calamidade pública.

Para adesão na Sociedade Italiana (1900), era necessário ser italiano ou filho de cidadão italiano ou mesmo ser geograficamente italiano; ser apresentado por um sócio, o qual assumiria a responsabilidade de admissão; ter completado a idade de doze anos e não ter mais de cinquenta; gozar de boa saúde e reputação de pessoa honesta.¹⁰⁵

¹⁰² EMMI, Marília Ferreira. **Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira (1850-1950)**. Belém: NAEA, 2013, p.52.

¹⁰³ SARMIENTO, Érica. Associativismo espanhol/galego no Rio de Janeiro: conflitos, visibilidade e lideranças étnicas. In: SOUZA, Fernando et al. (Org.) **Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Porto, Portugal: CEPESE, 2014, v.1, p. 560.

¹⁰⁴ O jornal “A Capital” informou a existência dessa Sociedade através da seguinte notícia: “Ontem pelas 16 horas, na sede da Associação dos Retalhistas, reuniram os sócios da Sociedade Italiana Pró-Pátria, cuja diretoria tratou de diversos assuntos de alta relevância. Presidiu a sessão o Sr. Júlio de César Robertti, que é também presidente da Associação dos Retalhistas e delegado da Cruz Vermelha Italiana, tendo comparecido o Sr. Dr. Henrique Bombieri, cônsul da Itália neste Estado e avultado número de membros dessa colônia amiga”. **A Capital**. Manaus, 19 de agosto de 1918.

¹⁰⁵ **Diário Oficial**, 06 de novembro de 1900.

Pela sua própria organização e pelas relações tecidas entre os sócios, a Sociedade Italiana atingiu o seu prestígio social na sociedade manauara. Seguindo os requisitos, cada sócio tinha o dever de promover o incremento da sociedade, dar exemplo nas virtudes cívicas e satisfazer as exigências financeiras. Para fazer parte da sociedade, cada sócio deveria pagar uma joia para a inscrição de vinte mil réis e uma mensalidade de seis mil réis. A ausência de três meses incorria na multa de dez mil réis ou a eliminação da associação.¹⁰⁶ Considerando que um trabalhador da estiva recebia 240\$000 réis,¹⁰⁷ os valores referentes à joia e à mensalidade representavam três dias e um dia de trabalho com o ganho de 8\$000 réis,¹⁰⁸ respectivamente.

No que se refere à Cruz Vermelha, a instituição dispunha de um grupo ilimitado de sócios e a contribuição financeira era paga trimestralmente pelo valor de mil réis. Ao que tudo indica, a entidade possuía bons recursos e contribuintes. No ano de 1913, por exemplo, a entidade nacional possuía em caixa três milhões e meio de francos e dispunha de materiais necessários para utilizar nas suas 230 unidades.¹⁰⁹

À época, além dessas regras representarem o nível de capital financeiro disponível entre os sócios e a associação, a moralidade individual e grupal era indispensável. No âmbito individual, a idoneidade pessoal servia para a busca de trabalhos, sobrevivências e boas indicações. Portanto, se os/as italianos/as carecessem de empregos e rendas, precisariam apresentar boa saúde para as atividades laborais que também indicavam a integridade de um corpo coletivo que buscava integrar-se e consolidar-se na sociedade manauara, por isso, precisava manter as suas “boas referências” garantidas e responsabilizadas entre os próprios italianos.

No que se refere às elites, embora pouco numerosos se comparados aos portugueses e espanhóis,¹¹⁰ segundo Samuel Benchimol, os italianos participaram da formação empresarial

¹⁰⁶ **Diário Oficial**, 06 de novembro de 1900.

¹⁰⁷ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)** – 3ª Ed. – Manaus: FUA, 2015, p.82.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ **Jornal do Comércio**. Manaus, 05 de agosto de 1913.

¹¹⁰ Ler mais: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Portugueses e Ingleses no Porto de Manaus, 1880-1920. In: SOUSA, Fernando; MARTINS, Ismênia; MENEZES, Lená de Medeiros, MATOS, Izilda; FERLINI, Vera. SARGES, Nazaré, ARRUDA, Jobson (Orgs.). **Portugal e as Migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Porto (Portugal): CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2015; PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Imigração e Imprensa Espanhola em Manaus, 1901-1921. In: PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto (Org.). **Imprensa e Sociedade na Amazônia (1870-1930)**. Curitiba: Editora CRV, 2017; PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. DA PROTEÇÃO À PROJEÇÃO: O Associativismo espanhol em Manaus (1901-1919). **História (São Paulo)**, v. 40, 2022.

em Manaus e no interior do Amazonas,¹¹¹ atuando em diversos setores, como nos ramos de bebidas, estivas, alfaiatarias, joalherias, padarias, calçados, tecidos, ourivesarias etc. No interior, estavam presentes em cidades como Parintins, Maués e Urucurituba.

Na formação da nova Sociedade Italiana de Socorros Mútuos, em novembro de 1900, a sua diretoria estava assim composta: Michel de Stefano – Presidente; Carlos Bertoghatti – Vice-Presidente; G. Pagam Vulcani, Bartoletti Giovani, Cesaré Veroseni, De Biase Vincenza – Conselheiros; e Giulio de Cesaré Roberti – Secretário.¹¹²

De igual modo, a Cruz Vermelha Italiana deveria ser administrada por um Conselho Diretor constituído de trinta sócios, possuindo paridade entre os sexos, eleitos em Assembleia Geral anual. Estava assim composto em 1917:

Quadro 1 - Composição do Conselho Diretor da Cruz Vermelha Italiana

| Cruz Vermelha Italiana – Conselho Diretor – 1917 | |
|---|---|
| Presidente | Lourenço Ferreira Valente do Couto |
| Vice-Presidentes | Dr. Manoel Francisco Machado. Coronel Augusto Cézar Fernandes ¹¹³ . |
| | D. Maria Maquiné da Silva Nery. |
| | D. Mariamelia Moreira Beltrão |
| Secretário Geral | Capitão Dr. Manoel do Nascimento Pereira de Araújo Dr. Raymundo do Rego Barros. Dona Berlina Amorim. D. Sophia de Brito Pereira. |
| Tesoureiros | Coronel José Carneiro dos Santos. D. Julita Fiuza Câmara; Coronel Joaquim de Souza Ramos. D. Julia de Miranda Câmara |
| Procuradores | Coronel Joaquim de Souza Ramos D. Julia de Miranda Câmara D. Izaura C. de Menezes Costa |

Fonte: Adaptado com as informações do “Estatuto da Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira e Italiana”, de 1917.

Também fizeram parte do Conselho Diretor outros nomes, tais como: D. Altacir de Antony Bittencourt, D. Dinari de Amarim Antony, Desembargador Bonifácio F. de Almeida,

¹¹¹ Samuel Benchimol catalogou os empresários e estabelecimentos comerciais de italianos e descendentes no Pará e no Amazonas entre 1888 a 1970. In: BENCHIMOL, 2009, p. 454-463.

¹¹² **Diário Oficial**, 06 de novembro de 1900.

¹¹³ O Coronel Augusto Cézar Fernandes foi um importante comerciante local, chegando a ser Presidente da Associação Comercial do Amazonas e do Ideal Club durante vários e repetidos anos, como veremos logo mais.

Dr. Manoel Francisco Machado, Dr. Lourenço Ferreira Valente do Couto, Dr. Astrolabio Passos, Coronel Antonio Guerreiro Antony, Dr. Benjamin Ferreira Valle, Coronel José Luciano de Moraes Rego, Dr. Raimundo do Rego Barros, Capitão Dr. Manoel do Nascimento Pereira de Araújo, Coronel José Carneiro dos Santos, Comendador Joaquim Gonçalves de Araújo, Coronel Joaquim de Souza Ramos e Dr. Raymundo Nonato Fontenelle.¹¹⁴

Podemos observar que, diante dessa diretoria, as mulheres participavam e poderiam compor a administração da entidade, diferenciando de outras agremiações e clubes locais que privilegiavam a composição das suas Assembleias Gerais e de suas Diretorias aos homens maiores de 18 anos, relegando às mulheres o papel de organizadoras de eventos ou permitindo a sua participação apenas nos bailes e dias de festividades. Contudo, não podemos negar ou ignorar a atuação majoritária dos homens, especialmente quando conferimos o “Relatório da Sociedade Italiana Cruz Vermelha”, de 1913,¹¹⁵ ao citar a inscrição de sócios, sendo 2.716 oficiais e 3.793 soldados, desde o ano de 1911.

A aparente justificativa pode estar na migração de mulheres. Cabe lembrar que, no ano de 1900, de 3.245 estrangeiros que migraram ao Estado, apenas 822 eram mulheres.¹¹⁶ Contudo, se a migração era difícil, a inserção do gênero na sociedade era ainda mais dificultosa, sobretudo no que se refere ao direito à sociabilidade e ao lazer em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo. A imagem a seguir (Figura 3), que mostra um grupo de sócios da Liga Colonial Italiana com a bandeira da pátria na Cachoeira Grande, é representativa desse contexto. Contudo, não encontramos qualquer registro imagético de mulheres devido à limitação nas fontes de pesquisas em nossa pesquisa.

¹¹⁴ **Estatuto da Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira e Italiana**. Manaus, 1917.

¹¹⁵ **Jornal do Comércio**. Manaus, 05 de agosto de 1913.

¹¹⁶ Dados coletados no site do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** em 16/02/2016.

Figura 3 - Um grupo de sócios da Liga Colonial Italiana junto à queda d'água na Cachoeira Grande



Fonte: **Revista Cá e Lá**. Manaus, julho de 1917. Ano 2, Nº 13.

Aparentemente, todos os sócios pareciam cumprir os requisitos da Sociedade, já que, considerando os periódicos e as pesquisas que realizamos, não encontramos notícias que denunciassem a imagem e a representação desse corpo diretor.

O presidente da entidade, o italiano Michel de Stefano, se estabeleceu em Manaus como um forte investidor e empresário.¹¹⁷ Seus pontos comerciais ficavam localizados nos prédios 51 e 53 na Rua dos Remédios; e o mesmo possuía grande visibilidade na imprensa e na sociedade pelas atividades executadas. Por ser constantemente admirado, prestigiado e exposto entre o meio empresarial, as notícias sobre as suas relações fraternas e até mesmo conjugais não passaram despercebidas no meio social. Entre as honrarias, no dia 26 de maio de 1907, tornou-se público o anúncio de comemoração do aniversário nupcial entre o Sr. e a Sra. Stefano:

Aniversário nupcial

Ao despontar d'alva puríssima e sublime do alvissareiro dia de hoje, os formosos anjinhos sorridentes e alferes, reúnem-se e vão prazenteiramente anunciar ao Eterno, o auspiciosíssimo aniversário conjugal, que passa do ilustre capitalista Sr. Miguel de Stefano, prestigioso presidente da "Sociedade Italiana", neste estado e da Exma. Sra. D. Rosa Motta de Stefano, virtuosíssima e respeitável veneranda e possuidora de inúmeros predicados.

A este distinto casal e a toda a sua digníssima família, notadamente ao meu íntimo e a particular amigo, o inteligente Sr. Bacharelado de ciências e letras Miguel Cardinale, honrado funcionário público do Tesouro do

¹¹⁷ Desde 1899, o proprietário buscava revitalizar seu comércio, ao ponto de pedir orçamento para recalçamento na importância de 2:063\$446 e 1:983\$025 para a Secretária da Indústria e Obras Públicas. **A Federação**, 04 de outubro de 1899.

Amazonas, que com a mais elevada satisfação e merecimento, testemunho nestas linhas, as minhas mais sinceras e afetuosas saudações, almejando uma existência gloriosa e um futuro imorredouro.¹¹⁸

As “virtudes” e os “respeitos” propagados na imprensa em relação à Sra. Rosa Motta de Stefano, uma mulher ligada à elite, correspondiam aos ideais de uma sociedade conservadora e paternalista que tinha suas ações voltadas diretamente ao atendimento de homens e maridos. Nesse caso, o maior favorecido, o Sr. Miguel de Stefano, mas, de igual modo, a associação italiana, que desfrutou dos prestígios concedidos.

Assim, percebe-se que a Sociedade Italiana se tornou um local favorável para que a imagem étnica e empresarial fosse divulgada em seus aspectos simbólicos e personalistas na figura de seus associados, de modo que as exaltações e os interesses pessoais servissem como um elo ideal entre o público e o privado, o material e o simbólico. Podemos entender, de tal modo, que as relações não são únicas e individuais; ao contrário, são estabelecidas e propagadas em todos os níveis e setores; e mesmo a utilização de um matrimônio serviria para a manutenção de pertença e integração étnica na tentativa de assegurar ganhos e patrimônios.

Dessa maneira, mas voltado para as relações dos empresários teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul, concordamos que:

Observa-se, assim, as interligações entre os laços econômicos e os laços de amizade e parentesco que se entrecruzavam e se complementavam. Por seguinte, os mesmos nomes, os mesmos padrões são identificados em diversos espaços sociais: nos lares, nos clubes sociais e esportivos e, é claro, nos investimentos econômicos. Deste modo, tais “arranjos” familiares, além de formas de manutenção de um sentimento de pertença e de integração étnica, fazem do casamento uma forma de sobrevivência no sistema de relações sociais e econômicas, transformando tais práticas em estratégias de instauração e manutenção, com a finalidade de produzir e reproduzir relações duráveis capazes de assegurar ganhos materiais ou simbólicos.¹¹⁹

Nesses termos, os casamentos entre as elites tinham o seu valor estimado. Possuidoras de dotes financeiros, morais e sociais, poderiam também conceder e representar a ascensão de grupos sociais em sua nova terra. Visto de forma mais analítica, casar-se poderia significar uma estratégia importante de pertencimento e interação social, organização política e familiar nos termos de moralidade, honra e manutenção de bens pessoais e familiares. Um exemplo dessas estratégias e forma de recrutamento são expostas no *Jornal do Comércio*, em 1914,

¹¹⁸ *Jornal do Comércio*. Manaus, 26 de maio de 1907.

¹¹⁹ QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. Produzindo capital social: elites, sociabilidade e etnicidade em Porto Alegre durante a Primeira República. In: MORGA, Antônio Emílio (Org.). **História, sentimentos, cidades, encontros e desencontros**. Manaus: EDUA, 2016, p.183.

que prezava e enaltecia as vantagens do cortejo às mulheres e aos homens da alta sociedade italiana: “Fui bandido ontem, sou tenente hoje e preciso me impor por um feito brilhante, à sociedade italiana, a quem quero impor ao mesmo tempo aquela que vai ser minha mulher”.¹²⁰

Em Manaus, os italianos também expressaram a sua identidade por meio de suas festividades, seus jantares e da realização de sessões de cinema como estratégias para unir os conterrâneos e para promover ajudas mútuas, solidárias e filantrópicas entre as entidades étnicas. Apesar disso, salientamos que não podemos afirmar ao certo a existência de *italianidades*,¹²¹ como se deu em São Paulo e nas regiões do sul do país, pois, para tal, precisaríamos de pesquisas mais aprofundadas sobre essas associações e sobre a atuação dos imigrantes italianos em Manaus. Todavia, é certo que um dos meios de os imigrantes permanecerem conectados com suas famílias e seus países de origem se deu através das associações – beneficentes, recreativas ou esportivas –, promotoras de auxílio mútuo, assistencialismo ou festividades. Assim como em outros locais e como em outras nacionalidades, para os italianos, a cultura e identidade étnica se produziu e reproduziu em múltiplos dimensionamentos:

No campo organizativo-assistencial, jornalístico-ideológico, institucional (agências consulares), educacional e lúdico (língua italiana, bandas, corais, etc.), com um grande eixo do caráter étnico (sentimento pátrio, solidarístico e valorativo), buscando demarcar territórios na sociedade de destino, para ligar-se à pátria-mãe, cruzar tempos; presentificar passados recentes, selecionando-os, e fortalecer sentimentos de pertença territorial-étnica e transfronteiriça.¹²²

O empenho em formar um caráter étnico envolvia também a solidariedade entre as consideradas “associações irmãs”, que tinha como objetivo fortalecer a reciprocidade entre as organizações étnicas, ao ponto que, em caso de dissolução da Sociedade Italiana de Socorros Mútuos, dois terços dos bens financeiros fossem doados às instituições portuguesas, como a

¹²⁰ **Jornal do Comércio**. Manaus, 05 de abril de 1907.

¹²¹ Por italianidades, Tedesco entende: “As formas, as ações, os vínculos, as intencionalidades, as seletividades de sujeitos pertencentes; as correlações histórico-culturais e territoriais transfronteiriças; as temporalidades entrecruzadas; as repressões, as emergências e os temores atuais fazem parte do quadro caleidoscópico amplo, diversificado, não homogêneo e redimensionado temporalmente; por isso denominamos de italianidades “no plural)” TEDESCO, João Carlos. Associativismo, familismo e imigração: dinâmicas de reconstrução de italianidade Sul do Brasil. In: RODUNZ, Roberto; HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti (Orgs.) **Imigração e Sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil**. Caxias do Sul, RS: Edusc, 2015, p. 260.

¹²² TEDESCO, João Carlos. Imigração, identidade e italianidade. In: RODUNZ, Roberto; HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti (Orgs.) **Imigração e Sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil**. Caxias do Sul, RS: Edusc, 2015, p.263.

Santa Casa de Misericórdia, e à Sociedade Beneficente Portuguesa, e um terço à Federativa Irmã com sede no Rio de Janeiro.¹²³

As notícias nos jornais evidenciam o apoio que as entidades davam umas às outras, o que engloba desde parabenizações às instituições em alguma data comemorativa até a realização de campanhas, eventos e jantares beneficentes em prol de seus associados, imigrantes e de países que precisavam de algum recurso financeiro em momentos de crise, guerra e outras carestias.

Apesar de conflitos, rivalidades e preconceitos que se davam muitas vezes no cotidiano dos imigrantes trabalhadores, as associações parecem ter sido um dos elos de representatividade das vivências e experiências em comum com outros setores, especialmente entre as elites e seus respectivos representantes. Não queremos dizer, com isso, que as vivências e relações tecidas dentro desses espaços foram sempre pacíficas e que as sociedades, clubes sociais e esportivos e sócios não divergiam. No entanto, podemos considerar que o “mutualismo apresentava-se como um contraponto a esse tipo de inserção, saudando, em suas festividades e cerimônias, o conagraçamento entre povos de origem distinta.”¹²⁴

As cerimônias se apresentaram como uma excelente oportunidade para o enraizamento cultural e social. A Sociedade Italiana tinha a responsabilidade de celebrar três festas: 1ª) no dia 7 de janeiro – data de fundação da sociedade; 2ª) no dia 20 de setembro – Unificação da Itália; e 3ª) no dia 15 de novembro – Proclamação da República Brasileira. Nos jornais locais, muitas são as notícias sobre as animadas celebrações, como é o caso da celebração do dia 20 de setembro, dia de comemoração da data de unificação da Itália:

Festa Patriótica

Revestiram-se de máxima importância os festejos realizados, ontem no Parque Amazonense, pela colônia italiana, em comemoração à data de unificação da grande pátria de Dante.

As solenidades foram iniciadas às quinze horas com uma sessão cívica, bastante concorrida, sob a presidência do Cav. Dr. Eurico Bombieri, cônsul da Itália, nesta Capital.

[...]

O Snr. Giulio Cesare Roberti, ocupando a atenção do auditório, explicou os fins da festa, fazendo sentir a necessidade de se prestar o devido auxílio aos bravos soldados italiano tuberculosos que se sacrificando pela pátria, foram restituídos ao berço cálido dos seus afetos.

[...]

¹²³ **Diário Oficial.** Manaus, 06 de novembro de 1900.

¹²⁴ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O ethos mutualista: valores, costumes e festividades. In: BATALHA, Cláudio H. M.; CORD, Marcelo Cord. (Orgs). **Organizar e proteger:** trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX). Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2014, p.209.

O orador lembrou ao auditório que era descendente de italiano, tendo os seus pais abandonado o seu próprio lar, apossados pelas lavas comburentes do Vesúvio, para buscar asilo em outra terra, que fizera sua pátria – a pátria dos seus filhos. Mostrando assim a afinidade existente entre o Brasil e a Itália, **cujos ideais de liberdade e progresso, de amor e civismo se conçoam [grifo nosso].**

[...]

À noite no *Polytheama* teve lugar o espetáculo de gala promovido pela Cruz Vermelha Italiana, sendo extraordinária a concorrência de pessoas a essa festa de caridade.

O Jornal do Comércio, solidário com as manifestações de regozijo da colônia amiga, pela grande data, fez içar na fachada de seu edifício o pavilhão nacional.¹²⁵

As festividades cívicas eram abertas ao público em geral e demonstravam uma clara intenção de aproximar as culturas italianas e brasileiras. Por isso, “demonstravam o desejo de inserção numa nova cultura, estabelecendo uma relação simbólica de reciprocidade, ao compartilhar com os moradores locais seus valores, seus símbolos, sua arte, suas visões de mundo e suas memórias”.¹²⁶

O contexto de migração e adaptação em novas terras gerava o interesse em demonstrar as próprias características das elites locais e estrangeiras no engrandecimento da pátria, progresso, amor e civilidade. Tais valores soavam como uma dose de reforço aos sentimentos de pertencimento, engrandecimento da prosperidade cultural, arquitetônica e capitalista que Manaus estava vivenciando nesse período. Portanto, mesmo longe do solo europeu, os estrangeiros fortificavam a imagem de que o território brasileiro era uma nova casa, a própria pátria de seus filhos, que deveria ser valorizada e respeitada como amiga. Assim sendo, da mesma forma que o estrangeiro concedia respeito à terra brasileira, dela esperava o direito ao trabalho, ao lazer e ao bem-estar social.

Em um contexto marcado pelas disputas imperialistas que deflagraram em Guerras Mundiais, a propagação da benevolência, harmonia e irmandade poderia atenuar conflitos e/ou fortalecer os lados envolvidos.

Em vista disso, o contato estabelecido entre a Cruz Vermelha Italiana e os clubes esportivos se deu com as parcerias para a arrecadação de fundos para a entidade. As associações esportivas participavam das programações com o intuito de promover a união e a diversão, assim como o fortalecimento da caridade e benevolência entre os cidadãos manauaras com os soldados italianos em guerra:

¹²⁵ **Jornal do Comércio**. Manaus, 21 de setembro de 1918.

¹²⁶ VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. O ethos mutualista: valores, costumes e festividades. In: BATALHA, Claudio H. M.; CORD, Marcelo Cord. (Orgs). **Organizar e proteger: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2014, p.209.

Cruz Vermelha Italiana

Como já dissemos nos dias anteriores, realizar-se-á hoje, no *ground* do Bosque Municipal, a bela festa esportiva patrocinada em prol da Cruz Vermelha Italiana, patrocinada pelo Cav. Dr. Gualtiero Guiloletti, digno cônsul da Itália, conforme programa que vai a seguir.

A festa terá começo às 15 horas, com o encontro dos *teams* infantis que terão um prêmio uma linda medalhazinha de ouro.

A seguir jogarão os clubes Manáos, Luso, União e América para a disputa de outra belíssima medalha de ouro.

A música, gentilmente cedida pelo Exm. Comandante da Força Policial, Sr. Coronel Luiz Marinho, abrilhantarão o festival com o seu lindo repertório.

O simpático jornal humorístico “A nota”, aparecerá na festa, em especial de 20 páginas, com a capa ricamente ilustrada a cores, revertendo 50% do produto de sua venda, em favor da Cruz Vermelha Italiana.

Espera-se o maior concurso do povo amazonense e das colônias aliadas aqui residentes, que primarão em tornar mais brilhante este belo festival de caridade.¹²⁷

Apesar de o espírito esportivo ser o grande diferencial na atividade, o que chamou mesmo a atenção foi o “belo festival de caridade” que, ao que parece, não tinha sua autonomia ou não possuía sua própria dinâmica; longe disso, reforçava os vínculos de dependência. Por consequência, os grupos ligados à imprensa e às elites locais se articulavam e estabeleciam patrocínios e relações de interesses em que o capital simbólico era o maior ganho. Isto posto, aproveitavam-se das necessidades e dos apelos de um povo ou causa estrangeira em uma festa com fim “santos, puros e nobres”¹²⁸ para instituir “relações verticais e horizontais do donativo”.¹²⁹

Voltada aos estudos sobre a caridade das Sociedades Portuguesas de Beneficências, do poder e formação das elites em São Pedro do Rio Grande do Sul, Larissa Chaves afirma que a recompensa pela caridade na ordem vertical é garantida pelos céus, ou seja, o Deus cristão concederia graça a todo indivíduo que se realizasse no bem ao próximo, enquanto que, no mundo material, a benevolência seria recompensada por meio das relações de subordinação, dependências morais e retribuições financeiras – que não fogem dos domínios de poder:

A primeira mostra que fazer o bem a outrem é garantia de reconhecimento dos céus, e nesse sentido, conseguir sanar as dificuldades do próximo, sejam elas de ordem financeira como de ordem espiritual, significa fazer o bem e ter o retorno de Deus. Nessa relação, o bem retorna porque Deus é

¹²⁷ **A Capital**, 11 de novembro de 1917.

¹²⁸ O Atlético Rio Negro Club, por exemplo, enviou uma carta ao jornal “A capital” esclarecendo os boatos e evitar os juízos desfavoráveis a sua participação no “match de foot-ball” oferecido pela Cruz Vermelha Italiana, e reforça: “De maneira alguma o Atlético Rio Negro Club” poderia deixar de corresponder à minúscula gentileza dos representantes da Cruz Vermelha de uma nação amiga, hoje nossa aliada, a valorosa Itália, sobretudo, tratando-se de uma festa cujo fim é o mais santo, puro e nobre – A caridade.” **A Capital**, 8 de novembro de 1917.

¹²⁹

onipresente, e percebe o esforço de quem realiza a caridade, fazendo das ações do bem, como prega também a igreja católica, a moeda de troca. A segunda relação é mais visível. Isto porque é a partir da dádiva em nível horizontal que se percebem as relações de solidariedade enquanto contratos sociais, onde o emprestar ou assistir significa exhibir o poder para o outro enquanto se espera o retorno, que poderá ser acompanhado de uma gratidão simbólica ao longo da vida, de uma dependência ou mesmo retribuição financeira.¹³⁰

Um dos maiores patrocinadores dos eventos públicos e festividades italianas foi Júlio de Cesare Robertti, conselheiro e delegado da Cruz Vermelha Italiana em Manaus. No ramo empresarial, atuou nas lojas de ourivesaria, relojoaria e óticas.¹³¹ No que diz respeito ao seu empenho e associativismo, foi presidente da Associação Comercial dos Retalhistas (1913),¹³² segundo secretário do Ideal Club (1915)¹³³ e vice-cônsul da Itália até ser exonerado do cargo por discordar do governo de Benito Mussolini.¹³⁴

Por sua grande circularidade local e associativa, Júlio Robertti demonstrava o caráter pluriclassista das associações,¹³⁵ pois o aceite de sócios em associações que exerciam ao mesmo tempo o assistencialismo, o recreio, as festividades, o socorro mútuo e as artes não nos permite enquadrá-las em uma única denominação. Assim, as elites aproveitaram para exercer suas atividades, recreios e filantropias, mas beneficiavam-se dos acordos, relações e vínculos estabelecidos entre sócios ou visitantes, nacionais ou estrangeiros, elites ou trabalhadores.

Estritamente propício ao estabelecimento de novos laços, circularidade de ideias e constituição de interesses em uma vida além-mar, era nos clubes que capitais sociais se solidificavam. É possível perceber esse aspecto, pois não sem razões que Júlio Robertti foi o

¹³⁰ CHAVES, Larissa Patron. **Honremos a Pátria, senhores! As Sociedades Portuguesas de Beneficência:** caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro (1854-1910). Tese de Doutorado. Repositório Digital da Biblioteca de Unisinos, 2008, p. 231.

¹³¹ BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural.** 3ª Ed. Manaus: Editora Valer, 2009, p. 459.

¹³² **Jornal do Comércio**, 23 de setembro de 1913.

¹³³ **Jornal do Comércio**, 19 de janeiro de 1915.

¹³⁴ BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias:** vultos do passado. Rio de Janeiro, Conquista, 1973, p. 243.

¹³⁵ Concordamos com Jesus em sua análise sobre o “caráter pluriclassistas” das associações em dois sentidos: “A existência de associações exclusivamente beneficentes, filantrópicas, artísticas e comemorativas, convivendo com outras que exercem todas ou algumas dessas funções ao mesmo tempo, impõe a necessidade de se investir continuamente na construção de uma tipologia do fenômeno associativo, ainda que tal investimento não deva se apresentar como o objetivo final de qualquer pesquisa” e “embora os estudos de associações de socorro mútuos organizadas por categorias profissionais sejam, desde sempre, os mais numerosos, será preciso ampliar a análise, abrangendo cada vez mais os componentes do fenômeno associativo do século XIX que não se limita à participação exclusiva de trabalhadores.” JESUS, Ronaldo P. de. Associativismo entre imigrantes portugueses no Rio de Janeiro Imperial. In: BATALHA, Claudio H. M.; CORD, Marcelo Cord. (Orgs). **Organizar e proteger:** trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX). Campinas, SP: Editora unicamp, 2014, p. 129.

único imigrante a fincar-se Ideal Clube, aproveitando-se dos cargos, contatos políticos, relações intelectuais, financeiras e econômicas que a associação proporcionava.

Foi nesse solo que se intensificaram e multiplicaram os interesses pessoais e coletivos em uma dinâmica corrente e propagandística da *Belle Époque*, nos quais os clubes e as associações recreativas serviram como lugares preferidos para a afirmação do *status quo* das elites sedentas por diversão e legitimação.

1.3 – “NA MARÉ DOS CLUBES”¹³⁶: O CRESCIMENTO URBANO, A EXPANSÃO DAS PRÁTICAS SOCIAIS E A CONSOLIDAÇÃO DOS CLUBES DE ELITES EM MANAUS

Em 26 de setembro de 1900, o Jornal “*A Federação*” trazia, em suas páginas, a aclamação de um movimento vivenciado a nível nacional: “a maré dos clubes”.

A criação de clubes e associações recreativas em Manaus – como demonstraremos – faria com que o autor do texto conclamasse novos tempos. Ao se esperar por essa época, o autor ainda contrastava os tais momentos com a lembrança que os “antigos”, de tradições gloriosas, que provavelmente estavam fadigados, ressuscitassem os ânimos com entusiasmos, a fim de espalhar uma alegria comunicativa, arrancar inúmeras simpatias e conquistar outros adeptos à atividade esportiva ou recreativa. O segredo para esse despertar estava no bulício da juventude e na radiante alegria da mocidade.¹³⁷ Esperava-se que os novos sentimentos fossem encontrados nas novas agremiações que, sob uma nova atmosfera da cidade, finalmente poderia vislumbrar a modernidade e a civilização.

Em linhas subjetivas, podemos interpretar que as “velharias” não se atribuíam à idade dos anciãos e cidadãos de nossa sociedade. Na verdade, estavam mais em uma memória saudosista das tradições gloriosas que lembravam a antiga cidade imperial – Rio de Janeiro –, com suas crenças e costumes fundamentos, enraizados e cultuados nas lógicas da imagem do monarca que aqui eram reproduzidas.

Cabe lembrar que a origem das primeiras sociedades recreativas se “resumia” a esses atos de reprodução das tradições. Contudo, a queda do Imperador conduzida pelo golpe republicano das forças militares, em 1889, já mostrava que esses cultos e atividades eram antigos e ultrapassados, portanto, embora saudosos, precisavam ser superados para que os sentimentos joviais de uma nova república pudessem pairar sobre a vida cotidiana das elites.

¹³⁶ *A Federação*. Manaus, 26 de setembro de 1900.

¹³⁷ *Idem*.

No entanto, onde estariam os locais que permitiriam o impulsionamento desse movimento?

No início do Período Republicano, a cidade de Manaus já exibia sinais indeléveis que caracterizavam um novo tempo. A antiga cidade imperial se preparava para se transformar e ser reconhecida como a ilusória “Paris dos Trópicos” com os propalados costumes da “urbanização” europeia. Porém, a jornada em nome do “progresso” deixou peculiaridades, resistências e ambiguidades na formação da sociedade manauara que, diante da ilusória promessa do luxo e da prosperidade, privilegiaram os setores burocráticos, políticos e econômicos. Consequentemente, as elites locais se consolidaram e puderam enraizar seus ideais em uma cultura local alicerçada na distinção e em desigualdades.

As mudanças urbanísticas e sociais ocorreram de forma tão rápida que basta considerarmos a primeira metade do século XIX. Se qualificarmos que a Sociedade Recreação Amazonense (1854) foi uma das primeiras entidades a desenvolverem o recreio na cidade, podemos também perceber que, depois de sua criação, entre os anos de 1850 e 1870, apenas quatro outras sociedades foram criadas: a Sociedade Ipiranga (1861), a Recreação Marítima (1868), a Sociedade Dramática Particular (1868) e o Clube Familiar (1872). Essas agremiações, como representativas da sociedade e do tempo que foram fundadas, tinham seu caráter e suas programações restritos aos setores privados e ofereciam pequenos eventos em homenagem aos políticos nacionais e datas cívicas.

A partir da década de 1880-1890, esse plano começava a se reconfigurar e víamos surgir progressivamente mais dez novos clubes e associações recreativas, a saber: Clube Patriótico 15 de agosto (1881), Clube Amazonense (1882), Clube Recreativo Juvenil (1883), Clube Juventude Amazonense (1884), Clube Amazonia (1885), Clube dos Barés (1886), Clube Limitado (1890), Clube *Ebat* (1890), Clube Athenas (1890), Clube Thesoura (1890).

Sobre esses novos espaços, podemos verificar que as suas formações estavam diretamente alinhadas à abertura comercial, arquitetônica e social que a sociedade manauara começava a vivenciar em seu cotidiano. Novas atividades, programações, práticas e hábitos também estavam sendo incorporados e implementados em uma lógica frenética de consumo e ofertas em torno do comércio. Portanto, os clubes e as associações recreativas foram fundados nesse momento com o objetivo de mostrar um novo estilo de vida e de uma nova identidade, na qual ser “moderno” significava ser jovem, ativo, esperto e desportivo. Mais uma vez, os cidadãos amazonenses seguiam a dinâmica imposta a nível nacional em torno do capital:

Muitos desses hábitos e práticas já existiam e estavam em vigência desde o começo do século, pelo menos. Mas é nessa conjuntura que eles adquirem um efeito sinérgico, que os compõem como uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural: como a fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida. Seu público é composto maciçamente dos que estão passando a ser chamados, exatamente por serem adeptos dessas práticas e dessa mentalidade, os ‘jovens’, expressão que adquire uma conotação toda especial e uma carga prodigiosa de prestígio. Os ‘clubs’ que centralizam essas atividades surgem como modelos da elite, mas, na década de 20, já estão difundidos pelos bairros, periferias, várzea e se tornam um desdobramento natural das próprias uniões operárias. Por trás disso tudo a filosofia é: ser jovem, desportista, vestir-se e saber dançar os ritmos da moda é ser ‘moderno’, a consagração máxima. O resto é decrepitude, impotência, passadismo e tem os dias contados.¹³⁸

Para acompanhar as mudanças, esperava-se que os cidadãos da era contemporânea tivessem fôlegos para vivenciar as dinâmicas postas nos ritmos das máquinas, dos recursos monetários, das culturas cosmopolitas e europeias. Seguindo uma lógica construtivista, a partir de 1890, nota-se um investimento prioritariamente financeiro com o objetivo de construir uma cidade “moderna”, “limpa”, “à frente de seu tempo”, que pudesse atrair o mercado na dinâmica de investimento, compra e venda de bens e consumos.

Todo o capital disponível para investimentos tinha destino certo, contribuindo para as mais diversas construções, transformando a cidade em um grande “canteiro de obras”.¹³⁹ O trabalho de Jorge Franco Sá¹⁴⁰ indica a abundância de novos prédios e construções públicas, citando o primeiro Porto Flutuante do Brasil (1902), a Alfândega, o primeiro prédio pré-fabricado do mundo (1906), a Agência do Banco do Brasil (1908), o Palácio da Justiça (1900), a ponte de ferro sobre o igarapé de Educandos (1895), a rede de esgoto (1906), a Biblioteca Pública (1907), o Reservatório do Mocó (1899), o sistema de captação de água da ponta do Ismael (1908), a Penitenciária (1904), a iluminação pública, que utilizava, na época, três fontes energéticas: gás, querosene e eletricidade (1896), e o Teatro Amazonas (1896).

De modo concomitante, os clubes sofrem um salto numérico e significativo na cidade. Ao que conseguimos investigar, pelo menos vinte e quatro novos clubes recreativos foram fundados. Tratam-se dos grupos: Club Carnavalesco High-life Club (1892), Club União Typografico (1892), Club 5 de Setembro (1892), Club Carnavalesco Polyanthéa (1893), Club Sempre-Viva (1893), Reform Club (1893), Club Internacional (1894), Atheneu Comercial

¹³⁸ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. 1992, p.34.

¹³⁹ Termo utilizado por Otoni Mesquita em suas obras. (DE MESQUITA, Otoni Moreira. **La belle vitrine: Manaus entre dois tempos 1890-1900**. FAPEAM, 2009; DE MESQUITA, Otoni Moreira. **Manaus: história e arquitetura, 1852-1910**. Editora Valer, 2006.)

¹⁴⁰ DE SÁ, Jorge Franco. **Manaus: higiene, meio ambiente e segurança do trabalho na época áurea da borracha**. EDUA, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.

(1894), Club dos Abbades (1895), Club Pic-Nic (1897), Velo Club (1897), Club 28 de Julho (1897), Associação Dramática Recreativa e Beneficente (1897), Club Amazonas (1898), Sport Club (1898), Grupo Cyclista Amazonense (1898), Sociedade Recreativa New Club (1898), Grêmio Recreativo Familiar (1899), Club dos Vinte (1899), Club Recreativo da Mocidade (1900), Grêmio Dramático Taborda (1900), Club dos Turunas (1900), Turf Club (1900) e Club do Passo Branco (1900). Todos estes abriram o caminho para que a maré dos clubes, agremiações e sociedades inundasse a capital. Sendo assim, o desfrute dos espaços para recreação permitiu incentivar o uso do tempo livre.

Em um primeiro momento, as elites se utilizavam das noites e dos finais de semana para participar dos bailes, saraus, partidas dançantes, teatros, cafés, missas e outros eventos sociais e esportivos. Acompanhando essas atividades, podemos refletir os seus sentidos por duas matrizes: para quem era dado o direito da diversão e de que maneira as elites políticas, econômicas, administrativas, militares e jurídicas faziam uso desses arranjos para fazer circular na cidade suas ideologias e fazer uso delas.

A exemplo, trazemos a reunião do Club Internacional, fundado em 27 de janeiro de 1894, que oferecia às elites locais programações atrativas aos seus interesses e tinha a missão social de contribuir para o desenvolvimento e a educação da sociedade amazonense:

Club Internacional

Realizou-se sábado último, 27 do corrente, a instalação do Club Internacional, ultimamente organizado nesta capital.

A instalação teve lugar no sobrado a rua Municipal, canto da praça da República, para este fim adornado com luxo e arte pela incansável Diretoria do Club.

Às 10 horas da noite, reunidos uns 40 cavalheiros da elite social a volta de um esplendido banquete, o Sr. Mendonça Furtado, em nome da Diretoria declarou instalado o Club Internacional, trocando-se em seguida muitos outros brindes entre os convidados.

O Club Internacional, conforme o art. 1º dos seus Estatutos, é um estabelecimento próprio para passatempo e diversão dos seus sócios, à maneira dos congêneres da Europa. Debaixo desse ponto de vista aplaudimos muito a sua fundação, atendendo à estreiteza e acanhamento do nosso meio social, aonde seguramente instituições como esta, de alguma forma contribuirão para o desenvolvimento e educação da nossa sociedade.

O Diário de Manaus, agradecido pelo convite que lhe foi pessoalmente feito pela diretoria para a festa de sábado, fez-se representar pelo seu editor-gerente Manuel Mendonça, que trouxe, não só da festa, como das delicadezas particulares que lhe foram dispensadas, as mais gratas recordações.¹⁴¹

¹⁴¹ **Diário de Manáos**, 30 de janeiro de 1894.

Os quarenta sócios da elite social de certo foram alguns dos principais interessados nos congêneres europeus ou nas tradições herdadas da antiga corte nacional, no Rio de Janeiro, umas das primeiras sociedades a impulsionar a criação dos clubes recreativos. Na medida em que se criaram novos centros e polos esportivos, Manaus também conseguiu autonomia e identidade própria.¹⁴² Contudo, ao se referir a esses padrões, é necessário reafirmar que as orientações e definições se impuseram na Amazônia sob um pé de desigualdade pelo viés do direito, do poder e da organização.¹⁴³

Segundo o autor René Rémond, até 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, a europeização foi um fator universal que propagou a falaciosa ideia de que o homem branco civilizado teria a responsabilidade moral, política e cultural de cuidar tanto da sociedade quanto dos aspectos individuais que levariam ao progresso, à civilidade e à moralidade que nesse momento se apresentavam como palavras e ações de ordem para as vivências no século. Assim,

Tirando seu argumento principal de sua superioridade, de seu avanço técnico e cultural, a Europa julga-se com deveres em relação a outros continentes. Sua civilização é universal; ela tem o dever de elevar pouco a pouco os outros povos ao mesmo nível de civilização. Esse é o tema do ‘fardo do homem branco’, para quem a superioridade cria obrigações. É para se desincumbir dessas obrigações que os europeus tem de cuidar da administração e do ensino.¹⁴⁴

É claro que, para cumprir essas obrigações, as regras deveriam estar postas em todo o viver urbano. A intenção, com a criação do Clube Internacional, por exemplo, fazia parte de um conjunto de afirmações e ações em que as elites tomam para si o papel educacional, moralizador e evolutivo da sociedade. Esses encargos revestidos de civilidade, cientificidade, intelectualidade e progresso acabaram incorporando o positivismo, o darwinismo, o racismo e a eugenia como conceitos e práticas-chave para a formação da identidade nacional na qual as

¹⁴² Faz-se necessário assinalar que estudos recentes, como o de Cleber Dias em “O esporte e a cidade na historiografia brasileira: uma revisão crítica” já colocam que o papel do Rio de Janeiro ou de outros centros metropolitanos como relativos na disseminação dos esportes e da pujante diversidade cultural e deve-se levar em consideração os estudos, identidades e processos históricos em cada região. Assim, o estudo sinaliza que as cidades do interior do Amazonas, como Jutai, Amaturá, São Paulo de Olivença, Eirunepé, Carauari e Manacapuru, com população inferior a 10.000 habitantes, conheceram e desenvolveram a prática de esportes mesmo distanciadas do centro manauara. (DIAS, Cleber. O esporte e a cidade na historiografia brasileira: uma revisão crítica. **Tempo**, v. 19, n. 34, 2013, p. 40) Por conta do tempo e proposta desse trabalho, não foi possível abranger as investigações sobre o interior do Amazonas, mas é de nosso interesse avançar nas pesquisas além da cidade de Manaus.

¹⁴³ RÉMOND, René. **O século XIX 1815-1914**: introdução à história de nosso tempo, 2002, p.179.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 188.

tradições de grupos sociais negados e temidos (negros, indígenas, homossexuais e mulheres) reforçaram as demandas estatais e médico-legais de controle e de disciplinamento.¹⁴⁵

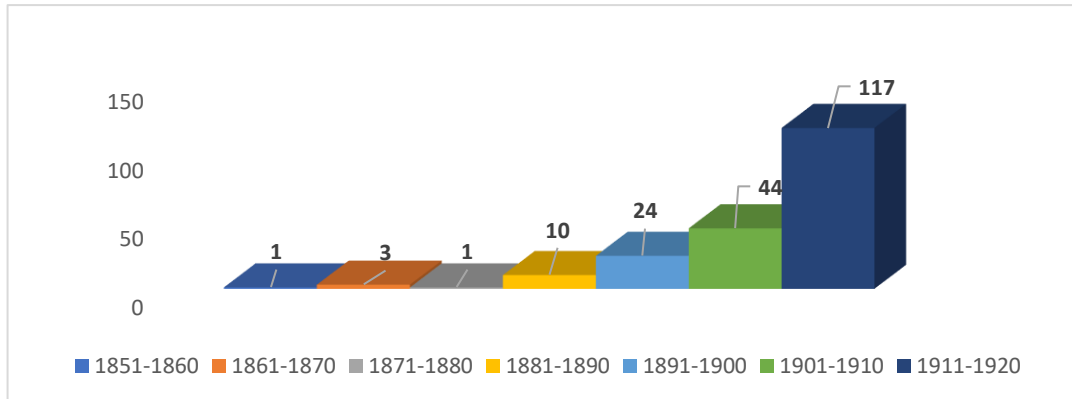
O campo dos esportes e diversões, nesse momento, revelaram que o uso do tempo livre e dos espaços como os teatros, clubes, associações e entidades recreativas apresentaram-se como lugares propícios para a execução pública e autônomas desses princípios. Portanto, o uso e desfrute desses espaços servia para incorporar na sociedade as ideologias das classes dominantes.

O incentivo à criação de mais agremiações foi usado estrategicamente para o fortalecimento das próprias elites, tendo em vista que o código de posturas não proibia a fundação desses espaços. Diferentemente dos lugares fiscalizados, como os bares, botequins, sindicatos e tabelas, onde a classe trabalhadora podia reunir-se, a polícia ou os jornais raríssimas vezes noticiavam algum crime, roubo ou prisão nos clubes recreativos. Por vezes, a vista grossa nos espaços populares impedia a fiscalização das atividades e do consumo, dos jogos ou da prostituição realizados nas agremiações. No entanto, também é incontestável que as elites utilizavam de seus contatos e de sua rede de proteção para evitar escândalos que corrompessem a sua imagem moral.

Assim, vemos que, entre os anos de 1901 e 1910, houve o surgimento de quarenta e quatro novos clubes. Enquanto que, entre os anos de 1911 e 1920, cento e dezessete novas agremiações foram fundadas. Comparando com momentos e cenários anteriores, o quadro desse crescimento fica assim posto:

¹⁴⁵ Sobre o assunto, Richard Miskolci aponta: “As elites temiam a violência e o perigo que projetavam nos negros e mulatos, questão “racial” que se associava diretamente a preocupações com uma vaidade de “desvios”. Os temores raciais, sexuais e de gênero se associavam e eram visíveis, por exemplo, nas analogias científicas entre raça e gênero baseados nas ideias de que “as raças inferiores representavam a ‘raça inferior’ de gênero” (Stepan, 1994, p. 79). Negros, mulheres e os recentemente denominados de homossexuais eram vistos como “ameaças” à ordem, daí começarem a ser associados à anormalidade, ao desvio e até mesmo à doença mental. Como seres “sob suspeita” justificavam demandas estatais, sobretudo médico-legais, de controle e disciplinamento”. (MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. Fapesp, 2012, p.39)

Gráfico 1 – Clubes, entidades e associações recreativas fundadas em Manaus (1854-1920)



Fonte: Gráfico elaborado pela autora com a investigação nos periódicos locais disponibilizados na Hemeroteca Nacional Digital.

Os números postos apontam que os principais clubes fundados na cidade tiveram o seu aparecimento e crescimento no período de desenvolvimento econômico e político da região, no qual a circulação de recursos financeiros, o processo de industrialização a nível nacional e a intensificação do comércio local promoveram a abertura e a possibilidade de uma recreação burguesa estritamente operacionalizada pelo avanço do capitalismo na região. A despeito disso, Cleber Gonçalves Dias encaminha que as concepções sobre a modernidade e o lazer não estão apenas relacionadas ao industrialismo, mas essencialmente foram conduzidas pelo capitalismo com uma nova disciplina e ritmo de trabalho que transformou a venda do lazer como mercadoria, fazendo surgir um novo significado:

Partindo dessa premissa, essas teorizações sobre o lazer argumentarão que o seu aparecimento está associado à instauração de uma nova disciplina do ritmo de trabalho. Desse modo, é quando o tempo dos homens passa a ser marcado e controlado a partir do ritmo da máquina e motivado pelos interesses do capital que vai se notar uma separação mais rígida e claramente definida entre os momentos de trabalho e de não-trabalho, caracterizando assim o lazer. ‘É justamente quando o trabalho começa a tornar-se mercadoria, começa a ser vendido que as questões de tempo e espaço adquirem novos significados’ (GEBARA, 1997, p. 66).¹⁴⁶

A procura por divertimentos fazia parte de uma nova atmosfera que rodeava o século da produção, consumo e exploração, convertendo as experiências cotidianas em dinâmicas de trocas, desigualdades e distinções em relação ao lazer. Os estudos de Eliza Souza também

¹⁴⁶ DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Teorias do lazer e modernidade: problemas e definições. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 12, n. 3, 2009, p.5.

apontam para esse sentido. Ao realizar o levantamento e panorama dos esportes na cidade entre os anos de 1897 e 1911, a autora salienta que a organização da vida esportiva local e nacional¹⁴⁷ se deu por meio do surgimento dos clubes esportivos e da construção de espaços específicos para as práticas esportivas (como esgrima, tiro, ciclismo, remo e futebol). Gradativamente, a idealização incorporou-se na materialidade e vemos surgir o cosmopolitismo recreativo de um novo século. Portanto,

Os campos de esportes funcionavam mesmo como a materialização prática de aspirações de cosmopolitismo e progresso que afetavam certos grupos na cidade, compondo parte do cenário que pretendia dramatizar uma sociedade pulsante e em vertiginoso progresso. Os esportes seriam, ou deveriam ser, de acordo com o sistema de crenças que parecia animar seus primeiros adeptos, mais uma demonstração inequívoca de que a modernidade, afinal, havia chegado em Manaus.¹⁴⁸

Essa agitação pode ser observada também na busca constante por adereços e produtos oferecidos nas oficinas e lojas que, em suas propagandas, utilizavam as modas parisienses e europeias e os clubes do Rio de Janeiro para a venda de vestidos, relógios, máscaras, lenços, perfumes e sapatos que deveriam vestir e trajar as elites para o desfrute de uma vida social entre seus amigos, parentes, vizinhos e comerciantes estrangeiros.¹⁴⁹ Geralmente, a compra desses produtos poderia ser feita na Av. Eduardo Ribeiro, onde se concentravam as principais lojas, livrarias, relojoarias, cafés e clubes sociais.

Apesar da significativa importância da Avenida e da percepção de centralidade em torno dos clubes mais tradicionais, fundados antes de 1910 – no Club Internacional, Atheneu Comercial, Velo Club, Sport Club, Grupo Cyclista Amazonense, Turf Club, Ideal Club –, o público pedia constantemente a implementação de novos espaços de recreação e, conseqüentemente, a ampliação dos segmentos, ruas e espaços onde eram oferecidos.

Dessa maneira, novos locais e ruas começaram a sediar essa movimentação, dentre as quais podemos destacar: a Rua Quintino Bocaiuva, a Praça da Constituição, a Rua Sete de

¹⁴⁷ No contexto paulistano, Edivaldo Gois Júnior enfatiza a influência dos esportes como representação da modernidade, popularização e profissionalização das atividades, e atração ao interesse do mercado e consumo: “A diversidade de serviços oferecida demonstra esta característica. Por exemplo, anúncios de tinturarias, instrumentos musicais, produtos dentários, cabelereiros, barbeiros, marmorarias, empórios, hotéis, perfumarias, produtos europeus importados, empresas de viagens de navio, fábricas, produtos naturais, comércios de roupas com estilo europeus, cafés, confeitarias, máquinas de costura, gráficas, serviços funerários, fotografia, atestam uma rede de serviços que via nos esportes um campo de interesse de seus clientes.” JÚNIOR, Edivaldo Gois. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 95-117, 2013, p. 111.

¹⁴⁸ DE SOUZA, Eliza Salgado. **Panorama do esporte em Manaus-1897 a 1911**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2017, p.17.

¹⁴⁹ DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Editora Zahah, 1999, edição Kindle, capítulo E a vida era social.

Dezembro, Rua Marcílio Dias, Rua Henrique Martins, Rua Epaminondas, Bosque Municipal, Av. Floriano Peixoto, Rua Saldanha Marinho, Rua dos Barés, Rua José Paranaguá, Rua Luiz Antony, Praça General Osório, Rua Guilherme Moreira, Prado Amazonense, Boulevard Amazonas, Rua Ferreira Penna, Av. Joaquim Nabuco, Rua Monsenhor Coutinho, Rua Barroso, Rua Marechal Deodoro, Rua Barcelos, Av. Treze de Maio, Rua Cearense, Vila Municipal, Rua Leonardo Malcher, Rua dos Andradas, Rua Dez de Julho, Rua Lima Bacury, Benjamin Constant, Rua 5 de Setembro, Bairro São Raimundo, Bairro do Educandos, Praça do Comércio, Praça dos Remédios, Rua São Vicente, Rua José Paranaguá, Parque Amazonense, Av. Tarumã e Parque 5 de outubro.¹⁵⁰

Figura 4 - Aspectos do Bosque Municipal onde eram realizadas as principais atividades esportivas, como o futebol, tiro e remo



Fonte: Álbum Manaus na administração do Dr. Jorge de Moraes [1911-1913].

Entre os clubes formados, podemos evidenciar algumas categorias de clubes: I) os de elite, destinados às reuniões dançantes, jantares e bailes, como o Club Limitado, Club Internacional, *High-life Club*, *Reform Club*, Ideal Club, entre outros; II) os clubes esportivos, como o Sport Club Amazonense, Velo Club, Turf Club, Manaós Sport Club, Derby Club, Tiro N° 10, que organizavam seções de esgrima, tiro, jogos atléticos e futebolísticos, ginásticas, bicicletas e corridas; III) os clubes formados por mulheres, como o Grêmio Familiar Amazonense, composto pelas senhoritas das elites locais – também considerado o primeiro grêmio feminista da cidade; e IV) os clubes e associações étnicas, como os que já analisamos.

¹⁵⁰ Verificar o Apêndice I – Sociedades, associações e clubes em Manaus (1854-1920). Nesse levantamento, mostramos os clubes e seus respectivos endereços.

Diferentemente do que se deu em outras localidades, onde temos um número significativo de trabalhadores e negros se organizando em agremiações,¹⁵¹ em Manaus, em nossa pesquisa, os números se apresentaram escassos se comparados aos clubes fundados pelas elites. Isto não significa, no entanto, que esses grupos não se organizassem em associações pluriclassistas ou que, diante da marginalização social, acabassem por preferir as diversões populares para exercerem as suas sociabilidades. Devido ao próprio ordenamento social, fiscal e capitalista, trabalhadores como os da zona portuária, comercial, doméstica e urbana, diante das extensas jornadas de trabalho e com os baixos salários,¹⁵² teriam sua vida recreativa nos botequins, tabernas e/ou nos clubes populares, de subúrbios ou os “freges”,¹⁵³ constantemente vigiados e fiscalizados devido à moralização existente nos consumos de álcool, prostituição e práticas de jogos de azar.

Ainda assim, associações como o Club União Typográfico (1892) e o Lusitano *Sporting* Operário (1914) nos possibilitam a reflexão sobre como a vida recreativa dos trabalhadores poderia estar organizada.

Algumas categorias, como os caixeiros e tipógrafos, conseguiram formar seus próprios espaços recreativos nos clubes ou tinham acesso às associações das elites por suas condições financeiras que os possibilitavam o pagamento das mensalidades ou joias de filiação. Mas, a diversão dos outros trabalhadores não ocorria apenas por não estarem vinculados a uma agremiação: essas diversões e formas de sociabilidades populares poderiam ocorrer nos sindicatos das categorias ou nas sociedades assistencialistas, benevolentes ou étnicas – como as italianas, espanholas e portuguesas –, que agregavam, organizavam e mobilizavam os trabalhadores nas lutas de classe em torno de melhores condições de vida, trabalho e direitos.

Pinheiro também corrobora que, além das “touradas, carroceis, cabarés de última categoria, arraiais, passeio de bondes aos domingos, circos e espetáculos teatrais em hotéis

¹⁵¹ Ver os trabalhos de: SIQUEIRA, Uassyr de et al. **Entre sindicatos, clubes e botequins: identidades, associações e lazer dos trabalhadores paulistanos (1890-1920)**. 2008; DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **A vida fora das fábricas. Cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)**. São Paulo: Paz e Terra. 1987; ARANTES, Erika Bastos. A estiva se diverte: organizações recreativas dos trabalhadores do porto carioca nas primeiras décadas do século XX. **Tempo**, v. 21, n. 37, p. 22-41, 2015; LONER, Beatriz Ana. Negros: organização e luta em Pelotas. **História em Revista**, v. 5, n. 5, 1999 e LONER, Beatriz Ana e GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-americanos (PUCRS)**. v. 35, n.1, p. 145-162, 2009.

¹⁵² Pinheiro especula que a renda mensal de um estivador por trinta dias de trabalho a 8\$000 réis diários poderia chegar a 240\$000 réis, chegando a gastar mais da metade dos seus soldos (78\$000) somente em alimentação (PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)**. 3ª ed. Manaus. FUA, 2015, p. 82)

¹⁵³ MELLO, Thiago de. **Manaus – amor e memória**. 4ª Ed. Rev. Manaus: Editora Valer, Prefeitura Municipal de Manaus, 2004, p.118.

pardieiros”,¹⁵⁴ os atores populares também tinham sua participação nas festividades, brincadeiras e recreios próprios:

Popular também eram as quermesses, as rinhas, os folguedos juninos, os banhos de igarapés, além do cinema e o futebol, sendo que esses últimos popularizaram-se ao longo das duas primeiras décadas do século XX. O cinema, em especial, atraía um grande público e oferecia nos mais variados espaços da cidade, sessões de entretenimento acessíveis, inclusive, a um público de baixa renda, muito embora os preços mais baratos gravitassem em torno de \$500 e 1\$000 réis.¹⁵⁵

De modo antagônico, a fundação do Derby Club (1909), uma das mais chiques e prestigiadas agremiações do *turf* da cidade, revela os orgulhos existentes por trás das atividades e práticas executadas. Os sócios do clube se vangloriavam de sua modalidade em ofertar o preenchimento de uma grande lacuna desportiva. De tal modo, orgulhavam-se da qualidade dos próprios cavalos vindos do baixo Amazonas em uma tentativa de resplandecer o seu capital financeiro.

O incentivo dessa atividade, que agradava especialmente as elites com seus recursos para a compra de cavalos, apostas e participação dos torneios, foi primordial para a compra do Prado Amazonense, onde puderam ser realizadas as constantes partidas e festas que uniam os homens públicos em favor dos recreios, esportes, corridas e encontros para propagação dos seus nomes, dos seus valores e dos seus prestígios.¹⁵⁶

Pela boa aceitação com que foi recebida a nova sociedade esportiva, por parte do povo que de há muito sentia a falta de uma casa de diversões como é o Derby Club, e pela grande animação que reina, a estreia promete ser concorridíssima, não só devido ao grande número de animais recentemente vindos do baixo Amazonas, como também pelos vigentes esforços que a digna diretoria do Derby tem empregado para ver coroado de maior êxito o seu tentame no levantamento do nosso *turf*, alias, decaindo, devido sucessivos tribofes que constantemente arranjava nas corridas, o Sr. Eduardo Simões, então diretor do Prado Amazonense.

Em todos os Estados do país, existem sociedades esportivas onde o povo se diverte nos dias de festas, e é justo, portanto, que aqui em Manaus que é uma cidade bastante adiantada, também se mantenha uma ao menos nas condições do Derby Club que vem de preencher uma grande lacuna.

Devemos, pois, concorrer para que o nosso Derby Club tenha uma existência real, tendo na sua diretoria homens que só **os nomes são a recomendação**

¹⁵⁴ COSTA, Selda Vale da. Eldorado das ilusões. **Cinema e Sociedade**, p. 1897-1935, 1996. Apud PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)**. 3ª ed. Manaus. FUA, 2015, pp. 76-77.

¹⁵⁵ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)**. 3ª ed. Manaus. FUA, 2015, pp. 76-77.

¹⁵⁶ Abordaremos com mais detalhes no 3º Capítulo.

segura [grifo nosso], para que o povo tenha bastante confiança e não esmoreça.¹⁵⁷

O local não servia apenas para a ostentação de cavalos em corrida de *turf*, mas, especialmente na constante troca de homenagens da elite em torno de si mesma.

Em 23 de julho de 1910, o Derby Club trouxe, nas suas páginas, o lançamento das corridas e do festival em homenagem ao benemérito Coronel Antônio Bittencourt. Segundo o jornal, o governante trouxe à cidade as novas perspectivas de futuro, honra e tranquilidade pública. Entretanto, o que precisa ser observado mais pontualmente são as relações que o Derby Club alegava ter com o Coronel Bittencourt:

Figura 5 - Coronel Antônio Bittencourt



Fonte: **Derby Club**. Manaus, 23 de julho de 1910.

[...] A confiança nos atos do governo restabelece-se dia a dia; a segurança interna afirma-se; as classes conversadoras adquirem a certeza da tranquilidade pública e o povo cuida, em sossego, da sua vida, sem temor do dia seguinte.

[...] O esporte hípico, sentindo-se renascer gradualmente, associa-se, por intermédio da sociedade DERBY CLUB, às festas desta data alvissareira, trazendo a S. Exc.^a. Os seus aplausos e as flores de sua gratidão pelo apoio moral que tem recebido com a presença continua do chefe do estado as suas diversões.¹⁵⁸

Não à toa, as homenagens feitas a sócios e governantes revelam as diversas estratégias para alcançar seus objetivos ao unirem o engrandecimento dos seus nomes alinhados ao exercício das práticas “civilizadas”, ditas esportivas ou recreativas. De outro modo, estava também em jogo uma forma de recrutamento de capitais e investimentos pessoais, políticos e econômicos realizado no âmbito recreativo e privado à esfera burocrática e pública, que

¹⁵⁷ **Jornal do Comércio**. Manaus, 02 de janeiro de 1910.

¹⁵⁸ **Derby Club**. Manaus, 23 de julho de 1910.

necessariamente não se separavam, ao contrário, estavam unidos para as diferentes formas de atuação e domínio das elites na capital, incluindo o uso da imprensa.

No âmbito letrado, segundo Eliza Salgado de Souza,¹⁵⁹ alguns jornais e periódicos foram fundados, como *O Sport*, em 1907, dirigido por alguns *sportmans*,¹⁶⁰ ligados ao *Racing Club Amazonense*, sendo um jornal de publicação quinzenal. Já o *Correio Sportivo*, criado em março de 1910, divulgava os acontecimentos desportivos dos clubes, homenageava os *sportmen* e trazia notícias do estrangeiro. Em nossa investigação, ainda encontramos os jornais *O Ideal*, de 1904; *O Grêmio*, de 1909; *Derby Club*, de 1910; e o *Jornal Sportivo*, de 1914.

O aparecimento desses jornais se deve à relação de mão-dupla entre o crescimento da prática esportiva e a sua popularidade pelas notícias da imprensa, pois “mesmo que o esporte em si não fosse determinante dos rumos políticos e econômicos do país, em torno dos clubes se organizava gente influente da sociedade, a quem à imprensa interessava relacionar-se”.¹⁶¹

A partir da criação desses jornais, verificamos a valorização das práticas corporais e individuais apologéticas à civilização e à educação física, mental, intelectual e moral dos cidadãos como “aperfeiçoamento” para a sociedade.

O *Correio Sportivo*, em 12 de março de 1911, trazia uma declaração a respeito da nova modalidade que destacava o poder da ciência e da educação física como participativas da civilização ocidental, da educação integral e do ideal de beleza corpórea e intelectual:

E a ciência veio dizer-nos que a concepção metafísica da felicidade é uma aberração sentimentalista; que essa volúpia espiritual, essa cinestesia física, esse indefinido conforto, que o homem sonha para si e a que chamou felicidade, se resume nas delícias da saúde.

E a saúde é o equilíbrio psicológico. Daí, a intensiva cultura física, com que nos tempos moderno, o homem civilizado se opõe á formidável sobrecarga cerebral, que lhe é imposta pela febre da vida de hoje.

A velha Grécia, a mão admirável da civilização ocidental, compreendera já a transcendente influência não somente estética, mas sobretudo moral e intelectual, da cultura física.

¹⁵⁹ SOUZA, Eliza Salgado de. **Panorama do esporte em Manaus, 1897-1911**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2017, p.41.

¹⁶⁰ Os *sportmens* seriam um perfil refinado de atleta. SOUZA, Eliza Salgado de. **Panorama do esporte em Manaus, 1897-1911**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2017, p.16. apud CAPRARO, A. M. **Foot-ball, uma prática elitista e civilizadora: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

¹⁶¹ MELO, Victor Andrade de. **Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX**. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v.1, p. 25.

A cultura física, que a ciência impõe como indispensável complemento da educação integral, é a expressão dessa tendência reivindicadora, que impele o homem moderno a fortalecer-se e a aperfeiçoar-se para reconquistar toda sua velha beleza, toda a sua florescente saúde, toda a sua força dominadora e, sobretudo, para criar uma raça mais forte e uma humanidade melhor. Porque fortalecer-se e aperfeiçoar-se é cumprir um grande dever de fraternidade para com os homens do futuro, aos quais nós, os de hoje, legaremos o patrimônio moral de todas as nossas aquisições intelectuais, assim como o patrimônio fisiológico de todas as nossas taras orgânicas.¹⁶²

A busca por tais estereótipos pretendia esconder ou marginalizar a sociedade indígena local e aquilo que era considerado retrogrado e atrasado, como: tomar banhos nos igarapés, não cumprir os códigos de posturas municipais e não corresponder às expectativas da cultura europeia. Portanto, o aperfeiçoamento da cultura física era essencial no desenvolvimento dos padrões e imposições modernas, uma vez que ser atleta, esportivo e “civilizado” representava o princípio de saúde, característica de um século que tem nas suas bases o caráter higienista.

Dessa maneira, ao recorrer à cultura grega, tomada como referência e classificada como berço e nascimento das atividades esportivas, buscava-se destacar a contemplação da beleza e da saúde como essenciais para o desenvolvimento de um valor histórico. Portanto, as sociedades que desejassem alcançar o seu “grau de civilização” deveriam ampliar a propagação de que o corpo e o intelecto são patrimônios morais e, como tais, deveriam ser preservados e conservados, pois representam o próprio valor em uma sociedade capitalista.

Esse discurso estava sustentado em ideias darwinistas e eugênicas que sustentavam dois lados semelhantes: um lado em que a disciplina corroborava os hábitos saudáveis; e o outro em que a referência científica e a legitimação das práticas médicas e sanitárias fincaram suas bases.¹⁶³ Assim, a mentalidade higienista, sustentada por médicos, intelectuais e políticos da época, elevava os cuidados com o corpo:

Associada aos discursos legitimadores da Ginástica, a ciência do século XVIII e XIX, com grande prestígio na época, organizava as bases da termodinâmica, da entropia, e por último da microbiologia. Com estas descobertas, hábitos corporais deviam ser reformados, pois a limpeza não estava mais na aparência. O cuidar do corpo se estabeleceu como uma norma moral. Desse modo, uma educação do corpo seria mais do que tudo uma educação moral, em que a Ginástica e higiene se estabeleciam como ferramentas privilegiadas dos corpos no século XIX.¹⁶⁴

¹⁶² **Correio Sportivo**, Manaus, 12 de março de 1911.

¹⁶³ JÚNIOR, Edivaldo Góis. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 19, n. 1, 2013, p.149.

¹⁶⁴ JÚNIOR, Edivaldo Góis. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 19, n. 1, 2013, p.155.

Conseqüentemente, as sociedades recreativas consagravam tantos as atividades moralizantes (como a prática de esportes e danças), bem como os grupos e as classes sociais que conduziam a sociedade de acordo com a moralidade europeia. Dessa maneira, é colocado tanto no aspecto físico quanto no aspecto simbólico o modelo a ser seguido pelos homens – os *sportmen*, protagonistas físicos dos esportes nos clubes.

Figura 6 - Homenagem ao sportman amazonense Cariolano Durang e a valorização pelos procedimentos físicos e exemplo moral



Legenda: "Cumprindo um dever sumamente honroso, estampamos hoje o retrato do distinto e férvido 'sportsman' amazonense Coriolane Durand. Esforçado propagandista do nosso progredimento psíquico, Coriolano Durand, o Petit Breton do nosso antigo velódromo, é um exemplar chefe de família, e estimado por todos aqueles que tem a felicidade de o conhecer".

Fonte: **Correio Sportivo**. Manaus, 10 de abril de 1910.

De acordo com a homenagem, Cariolano era o propagandista do progredimento físico e o exemplo de chefe familiar. Tal prática é explicada por Vitor Andrade Melo, que salienta a utilização dos esportes, dos clubes e das práticas recreativas na sociedade contemporânea para o "autocontrole corporal e a demonstração pública de desempenho, resultados de um processo de disciplina e de submissão à condição de privação, que se estabelece não só parâmetros de diferenças com as mulheres como também de identificação intrínsecos ao mundo dos machos",¹⁶⁵ em que os valores individuais são postos à prova como própria característica de masculinidade e virilidade, no qual o homem e chefe de família são validados como responsáveis, protetores e cuidadores.

Ser homem e partilhar desses preceitos significava compartilhar o tempo e outras formas de vida além do âmbito doméstico – espaço restrito ao lar em que as mulheres eram

¹⁶⁵ MELO, Vitor Andrade. Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p.129.

encarregadas como as principais zeladoras. Com o pertencimento dos homens a esse universo, oportunizava-se o estreitamento das relações privadas e sociais, mas que não deixam de ter uma representação social importante, pois acabava por acentuar o conservadorismo e o patriarcalismo, já que, na maioria das agremiações, os homens ocupavam os cargos de diretores e cuidavam desses espaços como se fossem a reprodução e o símbolo da sua própria dignidade, honra e prestígio. No entanto, no viver do cotidiano, as elites também mostram as suas ambiguidades e contradições.

Exemplar é o ocorrido em 1913, no qual o delegado de polícia do 1º Distrito da Capital, o Dr. Freitas Barros, puniu o clube “O Radiante” como afirmativa da campanha contra os jogos de bicho:

Há, de certo, nesse ato uma providência que se fazia necessária, e uma prova de que a polícia civil está com efeito empenhada em expurgar a sociedade manauense de todos esses hábitos prejudicialíssimos que a deslustram, sendo causa frequente de acontecimentos deploráveis e de fatos e cenas pouco edificantes.

Em verdade, já não é pouco o que tem feito em tal sentido. A brilhantíssima campanha contra o jogo de bicho, que deu azar a se registrarem efeitos profícuos, é uma afirmativa a tudo isso e um motivo para que possamos ainda esperar muito de seus esforçados e boa vontade.

Em vista disso, é perfeitamente condizente julgar que não atingirá somente o clube elegante da rua Barroso a mão normalizadora da polícia.

Por ali fora, atrás de cortinas, em outros clubes elegantes, em reservados de botequins, o jogo, segundo nos informam, impera sem peias, descomedidamente.¹⁶⁶

Apostar em jogos ilícitos estava contra a modernização e urbanização moral do novo momento. Mesmo os clubes recreativos de elites, por meio de suas normas e regras, eram monitorados e proibidos de tais práticas. Os donos desses clubes que também executavam os jogos ilegais e impróprios eram punidos por afetarem a valorosa moral pública e/ou familiar:

Tendo eu sabido que, à rua Dr. Leovegildo Coelho, nas proximidades do largo dos Remédio, havia, franqueado ao público, uma casa de jogos proibidos, pertencente ao Italiano Alfredo Grande, que já me consta ser o dono de um intitulado Club Internacional; penetrei nela ontem às 9 horas da noite, e auxiliado pelo 1º Prefeito e os Subprefeitos de Segurança pelo 1º e 2º distritos desta capital, surpreendi jogando roleta 24 indivíduos, aos quais assim como ao dono da casa de tavalagem foi imposta a devida multa, sendo incontinentemente apreendido a roleta e demais instrumentos do jogo, que conduzido para esta chefatura, foram inutilizado.

Ao dono da casa e jogadores, adverti que, sendo eles novamente encontrados no exercício de jogos de parada, seriam punidos com o máximo rigor da lei.

¹⁶⁶ **Jornal do Comércio**. Manaus, 9 de fevereiro de 1913.

Nessa diligência, além da moral pública e da felicidade das famílias, me coadjuvaram com perfeito zelo e lealdade as dignas autoridades de seguranças, acima mencionadas. Saúde e fraternidade.
O Chefe de segurança pública, Abel de Souza Garcia.¹⁶⁷

Em razão disso, especialmente os clubes pertencentes às elites locais deveriam cumprir todos os requisitos exigidos pelos códigos de posturas, pois, além de servirem para a reunião e sociabilidade dos governantes, administradores e investidores, passariam a ser um modelo de práticas e comportamentos que deveriam ser exemplos de moralidade para os frequentadores dos clubes dos subúrbios, bares, botequins, festas e bailes dos grupos marginalizados que tinham a sua recreação ameaçada e fiscalizada por alegações de bebedeiras, brigas, práticas de jogos ilícitos, prostituição e ociosidade.

Concordando com Foucault, no compartilhamento da vida pública e espaços comuns, “a burguesia, para sua segurança política e sanitária, que pretendia o controle da cidade, não podia ainda contradizer a legislação sobre a propriedade que ela reivindicava e pretendia se estabelecer”.¹⁶⁸ Para tanto, as práticas, os discursos, as instituições, as táticas e as subjetividades se colocavam no cotidiano como dispositivos de poder. Sendo assim, os espaços, como os clubes e as associações recreativas, por exemplo, eram utilizados tanto para reuniões entre seus pares como para troca, alteração ou compartilhamento de costumes que ordenavam o próprio poder na vida cotidiana das elites.

A partir disso, selecionava-se quem cumpria ou não as regras, separavam-se os indivíduos em seus espaços, em suas classes, em seus comportamentos, hábitos, gêneros e etnias para uma organização social que desse à cidade sempre o sentido disciplinado:

Uma sociedade seria composta de certas práticas exorbitadas, organizadas de suas instituições normativas, e de outras práticas, sem números, que ficavam como ‘menores’, sempre, no entanto presentes, embora não organizadoras de um discurso e conservando as primícias ou os restos de hipóteses (institucionais, científicas), diferentes para esta sociedade ou para outras. É nesta múltipla e silenciosa ‘reserva’ de procedimentos que as práticas ‘consumidoras’ deveriam ser procuradas, com a dupla característica, detectada por Foucault, de poder, segundo modos ora minúsculos, ora majoritários, organizar ao mesmo tempo espaços e linguagens.¹⁶⁹

Dessa maneira, os clubes recreativos passaram a ser os próprios signos das representações sociais que tanto as elites almejavam. O pertencimento a esses espaços definia

¹⁶⁷ **Diário Oficial**, 28 de abril de 1894.

¹⁶⁸ FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal. Paz e Terra, 2005, p.92.

¹⁶⁹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 115.

as fronteiras e as relações de classes, as interpelações entre dominantes e dominados. Isso se configurou no campo simbólico como estruturação de modelos, estilos de vidas e classificações.

Os duzentos clubes apresentados¹⁷⁰ podem representar o ilusório sucesso em torno da modernidade, mas, para nós, expressa muito mais: manifesta como as elites foram perspicazes em se organizar em torno do recreio para manutenção de seus *status*, poderes e prestígios. A organização evidencia a sua ideologia em tentar silenciar, apagar e marginalizar as populações locais na busca pelos seus fetiches culturais. Seu modo de vida, no entanto, expõe que a vida na cidade chegou para uns como pública, moderna e prestigiosa, como veremos com a fundação do Ideal Clube (1903); porém, para aqueles e aquelas colocados a margem, esse estilo de “vida ideal” era tão caro que não passou de uma maré conturbada pela quimera da distinção.

¹⁷⁰ A consulta pode ser realizada no Apêndice I: Sociedades, associações e clubes em Manaus (1854-1920).

CAPÍTULO 2. POR UMA VIDA ASSOCIATIVA: O IDEAL CLUBE (1903-1920)

A vida social das elites locais se diversificou bastante com a implementação e a consolidação de novos clubes na cidade. Diferentemente da primeira metade do século XIX, quando Manaus carecia de maiores opções, a sociabilidade desses grupos, no início do novo século, ocorria principalmente em teatros,¹⁷¹ clubes, igrejas e cafés, possibilitando a diversão por meio das prosas, espetáculos, danças e também dos esportes.

Contudo, embora a sociabilidade, a diversão e o uso do tempo livre sejam boas justificativas para o vínculo social, as motivações não se esgotam. Compreendendo tais espaços como campos autônomos, ou seja, que atuam com suas próprias regras e dinâmicas, cabe identificarmos os interesses que movem os associados para uma vida coletiva, partilhada e associativa. Se pensarmos que as associações sindicais, mutualistas, partidárias, operárias, de socorro mútuo são as formas evidentes de organizações e auxílios de/para classe, quais motivos nos impedem de observarmos os clubes e associações recreativas como outra forma de manifestação, interesse e organização da própria classe?

Para essa identificação, o conceito de capital simbólico de Pierre Bourdieu norteia a nossa análise com o propósito de observar as ações, as reproduções e os significados dos associados em um clube que, desde sua fundação, caracterizou-se como um local distintivo, designado às elites: o *Ideal Clube*. Para Bourdieu, além do capital simbólico ser um crédito, portanto, um mecanismo que atrai outros capitais, redes e aliados, assim os capitais que interessam às elites (econômico e simbólico) estão mesclados, pois garantem tanto riqueza de ordem econômica quanto confiança e prestígio de ordem imaterial:

Capital econômico e capital simbólico estão tão inextricavelmente mesclados que a exibição da força material e simbólica representada pelos

¹⁷¹ Especialmente o Teatro Amazonas, inaugurado em 31/12/1896, símbolo das elites manauaras e “testemunho mais conspicuo do esplendor que a borracha produziu”. Segundo Agnello Bittencourt, o mito da velha Manaus faz parte da sua geografia sentimental com poucas referências líricas – o Mercado, o cais flutuante, a Matriz, a fábrica de Cerveja, a Beneficente, o Ideal, a Vila Fanny, as pontes. Entretanto, as lembranças romantizadas remetem aos significados expostos na materialidade da cidade: “O Teatro faz parte do mito da velha Manaus. Os da minha geração terão passado de bonde mil vezes por aquela colina cintada de arenito – um jeito de pedra que os geólogos chamam precisamente de “arenito de Manaus”; terá girado nas quermesses da praça em frente, promovidos pelos capuchinhos da Igreja de S. Sebastião; terá namorado sob a proteção de suas sombras cúmplices; terá sido levado à sua arcada frontal para diluir um porre, ao abrigo das vistas do público. Inconcebível Teatro sem aquela cúpula. Inconcebível Manaus sem aquele Teatro, com Paris sem aquela Torre.” (BITTENCOURT, Agnello. **Manaus**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, Secretaria do Estado e de Cultura, 2012, p.155).

aliados prestigiosos é de natureza a trazer por si benefícios materiais, em uma economia da boa-fé na qual uma boa reputação constitui a melhor e talvez a única garantia econômica.¹⁷²

Isto posto, podemos imaginar a importância de um clube de elite para as elites. Fundado em 1903, o espaço foi frequentado majoritariamente pelas elites políticas, jurídicas e comerciais da cidade, contando com a participação de médicos, letrados e coronéis que prezavam por capitais sociais que legitimassem suas posições econômicas, políticas e comerciais. Nos salões do clube, as relações internas e externas não só se fortaleceram, como também se consolidaram, mas esses propósitos, apesar de falarem muito por si, pelos seus traços distintivos e relacionais, puderam atribuir outros aspectos e peculiaridades de quem dirigia tanto o clube quanto a cidade.

Nesse capítulo, temos como objetivo central examinar a organização do Ideal Clube e de suas elites, alinhando as trajetórias individuais de seus sócios com as regras estatutárias e os aspectos da tradição, do ritual, do recrutamento e da reconversão de capitais. Nosso desígnio nos três tópicos que se sucedem é apreender o sentido político e social das elites nos clubes como forma de organização, sociabilidade e identidade política centralizadas no associativismo; por isso, mapeamos e caracterizamos os segmentos, os perfis e as trocas de capitais na própria associação.

Em uma primeira reflexão, abordaremos sobre as primeiras reuniões, formas e critérios de associação e recepção do Ideal Clube pelas elites e sociedade manauara desde sua fundação. A consolidação desse clube, além de contar com o investimento financeiro, foi fortemente marcada pelos símbolos que a agremiação carregava, sendo em muitos momentos reconhecido como um local aristocrático, como traço de um passado de ilusão ou fausto.¹⁷³ Através da fundação do Ideal, perceberemos como as tradições fabulavam a vida de seus sócios e beneméritos por meio dos ritos praticados, como a união e as homenagens públicas a si e aos pertencentes aos seus grupos fraternos, familiares, econômicos ou políticos, com os quais mantinham relações. Sendo assim, a organização de uma vida associativa estava pautada em torno de ritos, significados e tradições que se materializaram em suas sedes, no

¹⁷² BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira; revisão e tradução, Odaci Luiz Coradini. 3. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013, p. 198.

¹⁷³ Referência ao livro “A Ilusão do Fausto”, de Edineia Mascarenhas Dias. Nessa obra, a autora destaca que a criação de obras arquitetônicas, saneamento básico e desenvolvimento da economia da borracha que fortaleceram o discurso do progresso, crescimento populacional e prosperidade econômica, ao ponto de caracterizar Manaus como a Paris dos Trópicos, é abarrotado de fraturas sociais e marginalização dos trabalhadores, operários, pobres e doentes que em seu cotidiano carregavam as agruras de viver em uma cidade forjada pelas elites e para os grupos do poder. (DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do fausto**: Manaus, 1890-1920. Manaus: Valer, 1999)

Jornal Ideal (1904) e na administração interna, permitindo que o clube existisse e se tornasse uma referência nos gostos e nas programações iniciadas na residência de Francisco Bittencourt.

Em segundo plano, com o estatuto de 1915, investigamos sobre os cargos associativos do clube. Ao versar sobre as formas de associativismo, abordaremos sobre os critérios para permanência e organização das diretorias (Assembleia Geral, Diretoria Geral e Conselho Fiscal) entre os anos de 1904 e 1920. Dessa forma, o corpo diretor do Ideal Clube tinha como responsabilidade dividir os trabalhos associativos, realizar as chamadas para as eleições, fazer as reuniões da associação e divulgar as atividades do clube para os seus sócios, diretores e novos membros.

Com o funcionamento da agremiação e de suas devidas funções e programações, observaremos como a associação passou a ser um símbolo institucional e autônomo de notoriedade, no qual os seus sócios e diretores partilhavam das suas agendas para a captação de valores que o Ideal Clube poderia fornecer. Não sem motivos, as fontes mostram que, mesmo tempos depois, a idealização construída pelo clube teve dimensões coletivas, pessoais, associativas e políticas.

O *Jornal do Comércio*, em 1946, por exemplo, retratou o grêmio como um espaço de cordialidade, alegria e igualdade dos seus sócios, que representavam as elites e transformaram o clube em uma vanguarda social no Amazonas:

Fundado em 1903 fazendo parte da sua diretoria o Sr. Augusto César Fernandes, o comandante Tribuzzi, o desembargador Stanislau Affonso e o Sr. Joaquim Nunes de Lima, o Ideal se transformou logo num ponto de reuniões para a sociedade amazonense, congregando um ambiente da maior cordialidade, num clima de alegria e de igualdade os nosso homens de negócios, os nossos médicos e advogados, engenheiros, etc., etc. bem como os nosso homens públicos, eles e suas famílias, para permitir-lhes horas do mais agradável e mais proveitoso convívio. Nessa marcha o Ideal se conduziu até os nossos dias, como centro inclusive de reuniões históricas. Confiado hoje a uma diretoria que tudo vem fazendo para honrar as tradições do clube e mais aumentar ainda as suas glórias, o Ideal continua numa posição de vanguarda nas lides sociais do Amazonas.¹⁷⁴

Por essa razão, em nossa última temática, versaremos sobre as relações estabelecidas por meio dos cargos e das funções administrativas da Assembleia Geral e da Diretoria. Seguindo um modelo e inspirações prosopográficas, levantaremos alguns elementos que podem colaborar para estudarmos como os diretores do Ideal Clube construíram a sua

¹⁷⁴ *Jornal do Comércio*. Manaus, 07 de junho de 1946.

trajetória dentro e fora da associação recreativa, evidenciando a organização no espaço social e na condução à formação de redes e vice-versa.

Por meio das incumbências dos diretores, averiguaremos uma rede associativa formada com o Ideal Clube, assim como a utilização de outros espaços para a consolidação de uma rede de sociabilidades que envolvia mutualismo, cosmopolitismo, filantropia, letramento, partidos políticos, religião, sociedades de recreio ou esportivas, étnicas e fraternais. Nesse tópico, além de identificarmos a circulação de vínculos e sociabilidades, notamos a trajetória coletiva dos diretores que ocupavam os cargos no Ideal Clube e na sociedade manauara. Foi graças ao mapeamento sobre as profissões, as naturalidades, as idades e os cargos ocupados pelos diretores em outras associações que pudemos formar um perfil associativo no Ideal Clube. Com isso, poderemos perceber que as relações sociais serviam como um jogo de xadrez em que cada peça ou posição social era utilizada estrategicamente para o ganho pessoal e coletivo.

2.1 – “ASSIM NASCEU O IDEAL”¹⁷⁵: O INÍCIO E A CONSOLIDAÇÃO DA TRADIÇÃO IDEALINA EM MANAUS

*Eu sou um templo, erguido no gozo,
Onde a alegria tem um trono!
Não me entra em casa o senhor sono
E nem conheço o Dom Repouso!
Nasci num dia, em que o Bom-gosto
Casou-se com a Distinção...
E essa Ideal, linda junção
Gerou-me a mim – era sal posto! –¹⁷⁶*

Um “templo” se erguia na rua Dr. Moreira, n. 11, no dia 6 de junho de 1903. Com esperanças de alegria, beleza, dança, prazer e gozo, o Ideal Clube foi criado com os apurados de bom gosto e distinção. Surgia, assim, um dos principais clubes sociais da cidade com a proposta de unir o recreio, a literatura e a dança em suas ofertas de diversão ao público e para a alta sociedade.

O clube, desde sua fundação, tinha como objetivo promover partidas e saraus dançantes ou literários. Também fazia parte de sua programação atender aos gostos dos grupos e famílias de políticos e comerciantes locais. Com isso, as ofertas das partidas e o

¹⁷⁵ Em referência ao livro de Genesino Braga (1980).

¹⁷⁶ **Jornal do Comércio**. Manaus, 23 de janeiro de 1904.

próprio espaço se consolidaram como um interessante e valoroso local das elites e de sua sociabilidade e, por esse mesmo motivo, foi reconhecido durante todo o século XX por sua relevância social.

Para apresentar o novo clube à sociedade, foi realizado um grande evento. Na sua organização, a Comissão de Sindicância organizou as reuniões para a inauguração nos dias 3, 4 e 7 de maio de 1903, na casa do Coronel José Gonçalves Dias.¹⁷⁷ Na oportunidade que se sucedia com aquele ato, os organizadores noticiavam os preparativos para a festa e a admissão de novos sócios:

IDEAL CLUB – Reuniu-se ontem, na Rua Dr. Moreira, n. 11, a comissão de sindicância deste Club, com a presença dos membros coronel José Gonçalves Dias, tenente coronel Pacheco de Azevedo, Dr. Lauro Pinheiro e Dr. Antero de Rezende, tendo sido admitidos diversos sócios.¹⁷⁸

Doravante, o grande baile de inauguração, organizado por esses senhores, marcaria o início da “vida *idealina*” em Manaus, no qual a *soirée* (ou sarau) resultaria em um acontecimento social extraordinário em que o grêmio mostraria a que vinha.¹⁷⁹ Como era de se esperar, o baile foi noticiado pelos jornais da época com grande estima e consideração ao novo clube. Em meio às exposições, destacam-se as palavras do periódico *Comércio do Amazonas*:

Com um baile esplendoroso, inaugura-se hoje o ‘Ideal Club’, grêmio seletto fundado por moços de nossa sociedade, com o fim de proporcionar aos seus associados ‘*soirées*’ mensais. Para o de hoje preparam-se com entusiasmo os simpáticos rapazes, de maneira que será uma noite encantadora esta que se anuncia por entre a alegria estonteante de uma mocidade educada e gentil.¹⁸⁰

¹⁷⁷ Segundo Genesino Braga, o Coronel José Gonçalves Dias “era tenente-coronel da Guarda-Nacional. Maranhense (não tinha nenhum parentesco, embora o sobrenome e a origem, com o consagrado poeta de “Os Timbiras”), alfaiate de profissão, era, ao tempo, estabelecido com bem montada alfaiataria (“uma das mais antigas do gênero, dispondo de pessoal habilitado e material de primeira ordem” – mencionava o anúncio da Casa) na Rua Henrique Martins, nº24, denominada “Alfaiataria Militar”. Em 1910, era ele, Deputado Estadual, e só se afastou com a revolução de 1930. (BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p.12). Ainda corroborando sobre a postura do tenente, era “membro da Maçonaria Amazonense desde 30 de novembro de 1890, homem criativo e idôneo, exemplo de pai de família e um educado cavalheiro da sociedade amazonense daquele tempo, o tenente-coronel José Gonçalves Dias era muito bem relacionado, possuindo razoável cultura e muito querido nos meios políticos. Em razão de sua conduta e tendo se tornado mais destacado com a fundação do Ideal Clube, candidatou-se ao cargo de deputado estadual pelo Amazonas, e saindo vitorioso, manteve o mandato por sucessivas reeleições, de 1910, até o ano de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu e dissolveu todas as Assembleias do país. Morreu em Manaus, a 3 de junho de 1940”. (ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo**. Manaus: Imprensa Oficial, 2003, p. 34).

¹⁷⁸ **Jornal Amazonas**. Manaus, 05 de maio de 1903.

¹⁷⁹ BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p.11.

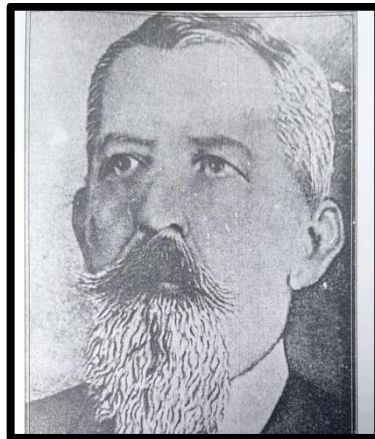
¹⁸⁰ **Comércio do Amazonas**. Manaus, 06 de junho de 1903.

O anúncio do periódico não era de mera propaganda; ao contrário, evidenciava que era o espírito esportivo, alegre e dançante o grande incentivador da criação dos clubes em Manaus, assim como aquele que promoveria o desenvolvimento físico e educador propagado como necessário ao homem para o seu progresso. Como símbolo desse vigor, a mocidade da nova agremiação, conhecida como “*jeunesse dorée*”¹⁸¹ e representada como alegre, educada e gentil, era utilizada para destacar as programações e vida do Ideal, o que nos faz acreditar que as lógicas de pertencimento, engrandecimento e importância da juventude no clube fossem constantemente apresentadas como essenciais para a vida da associação.

Foi nesse espírito que a celebração aconteceu no dia 6 de junho de 1903. O palacete e casa do Coronel Francisco Público Ribeiro Bittencourt serviu como local para que o clube inaugurasse suas festividades.

A escolha pela casa do Coronel Bittencourt, *persona* tão importante para a fundação do clube nesse momento (**Figura 7**), deu-se por dois motivos: primeiro, por ser um indivíduo público e administrador do Estado; segundo, por trazer em seu escopo valores dos grupos de elites, os quais a recém-fundada associação tinha interesse em representar, ao ponto de ser aclamado o primeiro presidente do Ideal Clube.

Figura 7 - Coronel Francisco Público Ribeiro Bittencourt



Fonte: ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo**. Manaus: Imprensa Oficial, 2003.

Francisco Público Ribeiro Bittencourt era irmão de Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt. Este último foi prefeito de Manaus, em 1891, três vezes deputado federal,

¹⁸¹ De acordo com Genesino Braga, a juventude de ouro. BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p. 21.

senador eleito (mas não empossado), em 1903, vice-governador, em 1904, e governador do Estado, em 1908. Diante dessa força e de sua atuação política, o sobrenome “Bittencourt” tornou-se um dos mais influentes entre as elites locais. No mesmo caminho, o Coronel Francisco Bittencourt foi um dos destaques no clube e na sociedade manauara.

O coronel foi

Destacado no magistério e nos mais diversos cargos públicos, exerceu as funções de secretário de negócios no governo do coronel José Cardoso Ramalho Júnior, no período de 1898 a 1900 e nos anos de 1908 a 1912 foi secretário geral no governo de seu irmão, coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt. No serviço militar, exerceu o posto de comandante superior da Guarda Nacional do Estado do Amazonas, e no magistério foi professor de Português e Francês. No meio político, foi eleito deputado estadual pelo Estado do Amazonas, tendo ainda ocupado o posto de redator-chefe do *Jornal do Amazonas*.¹⁸²

Tomando as dimensões públicas da festa, entendemos que a fama do baile de inauguração estava entrelaçada à importância dos fundadores do clube. A primeira reunião foi festejada com uma vasta programação que agradava ao público seleta, na qual incluíam valsas, polcas, quadrilhas e *schottish* ao título francês e ao som do maestro Raimundo Donizetti Gondim, alto compositor e músico cearense. Como era de se esperar pelo público, “com grande concorrência, a bela festa esteve bastante animada, até a madrugada, reinando sempre a mais íntima cordialidade entre os sócios e convidados”,¹⁸³ destacando-se uma festa com atrativos pessoais e ritualísticos. Nas palavras do *Jornal do Comércio*, foi

Uma festa cheia de atrativos a da inauguração, no sábado último, do ‘Ideal Club’.

A aprazível residência do coronel Bittencourt, escolhida para a esplêndida diversão, foi pequena para conter o grande seleta número de convidados, que devem guardar gratíssimas recordações daquela *soirée*, onde reinavam a maior alegria e a maior franca cordialidade.

O programa foi observado à risca.

Felicitemos a digna diretoria do ‘Ideal Club’ pela excelente festa que proporcionou aos seus convidados.¹⁸⁴

Por coincidência ou propositalmente, a festa de inauguração da entidade ocorreu no dia de aniversário de casamento do Coronel com a Dona Maria da Sena.¹⁸⁵ O dia 6 de junho

¹⁸² ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube** de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratism. Manaus: Imprensa Oficial, 2003, p. 37.

¹⁸³ *Jornal Amasonas*, 10 de junho de 1903.

¹⁸⁴ **Comércio do Amazonas**, 09 de junho de 1903.

unia, assim, as representações pessoais e públicas, tendo em vista que os aniversários de casamento mereciam uma maior atenção, pois os rituais da vida privada e pública eram comemorados como símbolos de fundação da própria família, sendo pretextos para representar a unidade familiar e expor os laços tecidos entre todos os seus membros.¹⁸⁶

Seguindo o modelo, a família Bittencourt, com a realização das festas e de outros eventos, colocava-se como uma das mais sofisticadas e cordiais anfitriãs, tornando-se referência dos dons que deveriam ser almejados e conquistados. Sendo assim, era homenageada pelos jornais locais pelas características que ostentava:

Brilhante e animador esteve o sarau dançante do novel e conceituado clube 'Ideal', em uma noite da 15 do corrente.

Todas as salas do confortável prédio de residência do Sr. Coronel Públio Bittencourt, à rua do Dr. Moreira, onde se realizavam danças, estiveram repletas do que Manaus tem de mais saliente na sua melhor sociedade.

A diretoria do Ideal, assim como as gentilíssimas senhoritas filhas do Sr. Coronel Bittencourt, foram de inexcedível gentileza, penhorando a todos os convivas pela afabilidade do trato e cumulando de atenções aos que à bela festa compareceram.

A orquestra executou o escolhido e primoroso programa com aplauso geral e a contento de todos os dançantes.¹⁸⁷

A referência que o jornal *Amasonas* faz ao baile do dia 15 de agosto de 1903, destacando as gentilezas e afabilidades, enreda a divulgação do modelo familiar e o trato íntimo entre os presentes.

Esses eventos surgiam como oportunidade para a exposição de interesses, carregando o caráter da sociabilidade entre a burguesia: a promoção de encontros para a celebração das uniões feitas entre as famílias e o cortejo (ou recrutamento) de novos membros, especialmente para as pessoas mais jovens que buscavam conhecer ou estreitar os vínculos políticos e pessoais por meio de novos arranjos familiares, fraternos ou governamentais dados nos bailes, casamentos e arranjos sociais que ocorriam nos clubes. Assim, a troca de capitais sociais que

¹⁸⁵ Os filhos do casal também participaram da reunião: “a senhorinha Adélia, que viria a casar-se com o Sr. Juliano José Pereira Guimarães, funcionário federal; a senhorita Joana, que se tornaria esposa do construtor Sr. Joaquim Rodrigues Teixeira; a senhorita Rosa, que contrairia matrimônio com o comerciante Sr. Raul Chã; a senhorita Hildebrandina, que uniria o seu destino, pelo sponsal, ao do despachante aduaneiro Sr. José de Jesus Cantanhede (pais das distintas professoras Magnólia, Camélia e Miosótis) e a senhorita Laura e os nobres moços Francisco Boaventura e Ageu.” BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p. 14.

¹⁸⁶ MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. **História da vida privada**, v. 4, p. 238, 2009.

¹⁸⁷ Jornal “*Amasonas*”, 18 de agosto de 1903 apud BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p. 27 e 28.

esses eventos proporcionavam era “o único modo de circulação dos bens que pode ser, se não praticados, pelo menos plenamente reconhecido nas sociedades”.¹⁸⁸

Outra importância que as elites dava as suas reuniões se expressava no valor das comemorações privadas, representando um aspecto íntimo das festividades, apresentando uma dupla face das circulações sociais, dentro e fora dos espaços privados. Segundo Elias, essa relevância se dá tanto pelos desejos pessoais quanto pelos objetivos profissionais, uma vez que as elites aproveitavam essas oportunidades como instrumento de carreira e autoafirmação:

Por um lado, equivale à nossa vida particular, proporcionando descanso, prazer e diversão; mas, simultaneamente, equivale à nossa vida profissional, sendo um instrumento imediato para a carreira e autoafirmação, um meio de ascensão e queda, um cumprimento de exigências sociais experimentadas como deveres.¹⁸⁹

Longe da residência ou de a festividade matrimonial representar apenas um caráter íntimo, esses espaços se configuravam em dimensões profissionais, políticas e burocráticas, tendo em vista a presença de representantes do governo do Estado gerido pela oligarquia Bittencourt. Não é de se estranhar que representantes das oligarquias locais, como Rego Monteiro, Cunha e Mello e Nery estivessem presentes no ato.

Segundo Braga, estiveram no baile de fundação personagens do meio político, literário e militar: o Sr. Desembargador Rego Monteiro¹⁹⁰ e Benício Tavares, Benjamin Rubim, Rodrigo Costa e família, Drs. José de Sá e família Cunha Mello,¹⁹¹ Rafael Benaion, Adriano

¹⁸⁸ BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira; revisão e tradução, Odaci Luiz Coradini. 3. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013, p. 188.

¹⁸⁹ ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Zahar, 2001, p. 75.

¹⁹⁰ Cezar do Rego Monteiro foi desembargador do Superior Tribunal de Justiça do Estado. Na esfera política, foi Senador Federal e Governador do Amazonas (1921-1924). O seu mandato foi enormemente criticado na biografia escrita por Agnello Bittencourt por sua ascensão rápida, improvida e nepotismo. Agnello ainda utiliza as palavras do Prof. Júlio Benevides Uchôa para descrevê-lo: “Rego Monteiro governou até 9 de junho de 1924, quando seguiu para a Europa, transferindo o poder ao Dr. Turiano Chaves Meira, Presidente da Assembleia Legislativa, portanto seu substituto nato. Lógico que Turiano seguiria a mesma orientação do sogro e isso ele afirmou ao assumir o governo do Estado. Mas, como diz o rifão: “Não há bem que sempre dure, nem mal que não se acabe”, veio a revolução de 23 de julho e deu por terra a oligarquia”. (BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias**. Editora Artenova, 1969, pp.432-433).

¹⁹¹ O Sr. Leopoldo Tavares da Cunha e Mello, foi um importante advogado e Senador do Amazonas. No intervalo entre a advocacia e o cargo público, foi nomeado pelo Coronel Antônio Bittencourt como membro do Ministério Público da Capital. Já no Senado, de acordo com Agnello Bittencourt, era “homem de talento e cultura, sua passagem pelo Senado da República, se assinalou como espírito de verdadeiro parlamentar pela bravura de ação e civismo”. No Estado Novo, foi encarregado pelo Ministério do Tribunal de Constas da União. Faleceu em 18 de janeiro de 1962. (BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias**. Editora Artenova, 1969, pp.181).

Jorge, Jacinto Estelita Jorge, Deputado Coronel Domingos Andrade,¹⁹² coronel Aureliano Cidrônio e família, tenente-coronel Ponce de Leão e família, Cesar da Silva, major Souza Melo e família, tenente-coronel José Gonçalves Dias e família, Gentil da Costa Ferreira, Mário Nery, Major Agnello Bittencourt,¹⁹³ Raimundo e Miguel Cruz.¹⁹⁴

Ao que nos parece, antes de os conflitos políticos eclodirem no meio, além de partilharem os espaços do clube, as relações sociais se intercruzavam nos mais variados níveis.

Reflexo dessa circularidade e diante das inúmeras funções na administração pública, no âmbito militar e no meio político, a família Bittencourt tinha os seus laços estendidos inclusive na maçonaria¹⁹⁵ – espaço em comum partilhado por um conjunto de sócios e diretores do recém-fundado Ideal Clube.

Entre os nomes de desembargadores, advogados, comerciantes e políticos que compunham ambos os quadros, estavam: Raimundo Perdigão, Gaspar Guimarães, Godofredo de Castro, Júlio de Cesari Roberti, Raimundo Gama e Silva.¹⁹⁶

A justificativa que explica o motivo para o clube e a ordem maçônica possuírem tantos membros em comum talvez seja encontrado nos convívios pré-estabelecidos no clube, ao invés de pensarmos o inverso. Afirmamos isso pois, ao que tudo indica, no Amazonas, a loja maçônica Grande Oriente, vinculada à Federação Maçônica do Brasil, foi fundada em 1906 na capital, período posterior à fundação do Ideal Clube.

¹⁹² Coronel Domingos José de Andrade foi deputado estadual, Diretor da Secretaria da Agência da Companhia de Navegação e Vapor do Alto Amazonas e funcionário da Recebedoria do Estado. (BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias**. Editora Artenova, 1969, pp.190)

¹⁹³ Nasceu em Manaus em 14 de dezembro de 1876. Era filho de Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt (governador do Estado do Amazonas, 1909 e 1912). Voltado para a educação, foi professor, diretor e inspetor de ensino no primário em Aiapuá (Rio Purus), Escola Complementar do Sexo Masculino e do Grupo Escolar Silvério Nery. Diretor do Ginásio Amazonense Pedro II e Escola de Comércio Sólon de Lucena. Em 1917, fundou o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, no qual foi presidente entre os anos de 1931 a 1946. Foi ainda membro: da Academia Amazonense de Letras, do Grande Oriente Maçônico do Amazonas, Acre e Territórios Limítrofes, da Sociedade Brasileira de Geografia, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Bahia e Alagoas. Em 1948, foi eleito sócio honorário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Nos anos de 1909 e 1910 foi prefeito de Manaus. Além disso, foi um importante autor e pesquisador publicando artigos, revistas e livros, dos quais utilizamos para essa pesquisa “*Dicionário Amazonense de Biografias - Vultos do passado*”. (SÓCIOS FALECIDOS BRASILEIROS – Agnello Bittencourt. **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 2020. Disponível em: < <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/ABittencourt.html>>. Acesso em: 24 de março de 2020)

¹⁹⁴ BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p. 22 e 23.

¹⁹⁵ ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo**. Manaus: Imprensa Oficial, 2003, p. 37.

¹⁹⁶ No Apêndice II – Dados dos diretores do Ideal Clube (1904-1920), o (a) leitor (a) pode conferir a organização de uma série com informações sobre as diretorias, vínculos e relações estabelecidas pelos diretores da agremiação.

Com o nome Esperança e Porvir, Francisco Bittencourt e Gaspar Guimarães, grão-mestres, participaram ou fundaram em Manaus cinco oficinas: “Amazonas”, “Aurora Luzitana”, “Rio Negro”, “Conciliação Amazonense” e a “Fraternidade Amazonense”. No interior do estado, ocorreu a criação de lojas em Porto Velho, Parintins, Tefé, Benjamin Constant e Canutama.¹⁹⁷

Os membros das lojas maçônicas defendiam os ideais de evolução, razão, esclarecimento, busca pela fraternidade e perfeição universal. Por mais que existissem três vertentes representativas da maçonaria, os atributos e as dicotomias da ordem perpassavam as discussões sobre nacional/universal, nacionalismo/eurocentrismo, segredo/difusão, fraternidade/hierarquias, revolução/evolução, político/apolítico, unificação/desunião, centralização/dispersão¹⁹⁸ – princípios formadores de opinião pública e do ordenamento político que se constituiu a nível nacional desde a segunda metade do século XIX.

Compartilhar dos mesmos valores e princípios que norteavam os projetos nacionais, naquele momento, representava a busca pela homogeneidade política, assim como servia para a consolidação de atributos e valores maçons, para o recrutamento de novos membros para as entidades, e, conseqüentemente, para a formação de relações de poder que se constituíram como parte predominante das relações políticas, fundamentada com os mesmos princípios morais, físicos e sociais.¹⁹⁹

A partir do momento em que o Ideal Clube foi fundado, a sua identidade foi alinhada à construção de um associativismo para as elites que se aproximava ou manifestava os ideais de superioridade coletiva: o clube deveria servir à sociedade ao promover a “elevação do espírito”. Seja com as práticas recreativas, seja pelo desenvolvimento das letras, ideologia e política desenvolvidas pelos sócios e diretores do clube, buscou-se intencionalmente a construção do *ethos* estamental que funcionasse como instrumento de afirmação.

A organização da vida associativa do Ideal servia para atender aos interesses profissionais e pessoais que estavam em jogo. Uma das pessoas que pôde organizar o processo foi o secretário da primeira diretoria, o Sr. Antero Coelho de Rezende (**Figura**).

Tendo iniciado a sua carreira em 1898 como amanuense substituto do Supremo Tribunal de Justiça, no ano de 1900, foi intitulado como amanuense definitivo e secretário do

¹⁹⁷ BITTENCOURT, Agnello. **Chorografia do Estado do Amazonas**. Tipografia Palácio Real. Manaus, 1925, p. 244.

¹⁹⁸ MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos**. Paco Editorial, 2016, p. 301.

¹⁹⁹ Não é nossa intenção aprofundar o assunto tendo em vista os objetivos desse trabalho, o espaço e tempo proposto, mas as relações existentes entre o clube e a maçonaria são evidenciadas pelo compartilhamento dos sócios e grão-mestres, valores, ideais e atributos partilhados por ambos os espaços e que as elites buscavam na época.

órgão até o ano de 1913. Em 1904, participou das reuniões, da fundação e da diretoria do Ideal Clube. Na diretoria do Ideal permaneceu até 1905, quando foi afastado para finalizar seu curso de direito em outro Estado.²⁰⁰

Figura 8 - Desembargador Antero Rezende, um dos fundadores do Ideal Club e Secretário da 1ª Diretoria



Fonte: BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p. 30.

Por meio do seu serviço, vemos a atuação dessa primeira diretoria com o objetivo de encaminhar os procedimentos dos estatutos do Ideal, entre os dias 4 e 13 de dezembro de 1903, dando os primeiros passos para a consolidação de uma tradição e de referência associativa. No dia 4 de dezembro, o Secretário Antero Rezende convocou a todos para a reunião que aconteceria no dia 6 de dezembro de 1903, às 14 horas. Entretanto, não se sabe o motivo para remarcar para o dia 13 de dezembro de 1903, dessa vez, convocada pelo secretário, José Nunes de Lima.

Nas duas ocasiões, os secretários se dirigiram ao jornal *Amasonas* para convocar a todos os interessados, associados ou não, com o intuito de discutir e aprovar os estatutos que regeriam a agremiação a partir daquele momento.

²⁰⁰ Entre os anos de 1913 a 1929, foi designado como Juiz de Direito, Desembargador, da cidade de Manacapuru. Em 1931, na diretoria do Supremo Tribunal de Justiça, compôs a gerência com Hamilton Mourão (Presidente), Gaspar Antônio Guimarães (vice-presidente) e outros desembargadores. É importante salientar que os vínculos e a história cruzada de Antero Coelho Rezende e Gaspar Guimarães não se limitavam ao âmbito jurídico, mas se inter cruzam na diretoria do *Ideal Club* quando Gaspar foi presidente nos anos de 1910, 1914 e 1916. Em 1934, foi Presidente do Tribunal de Justiça com o Sr. Desembargador Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro (vice-presidente). Sua carreira e trajetória terminam em 1949, quando achamos nas fontes as notícias dos gastos fúnebres (500,00 Cr\$ com luto e 10.000Cr\$ com pecúlio) disponibilizados pela Associação Benéfica dos funcionários públicos no Estado do Amazonas, da qual era sócio. (Diário Oficial -1898 e 1900-, Jornal do Comércio (1904, 1907, 1911, 1913, 1914, 19018, 1928, 1930, 1949, 1979), Relatórios e Mensagens do Governador do Amazonas (1901, 1929) e Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial, Rio de Janeiro, 1931).

As reuniões estavam marcadas para acontecer na sede da Associação Comercial do Amazonas (ACA), localizada na esquina da Rua de Guilherme Moreira com a Rua Quintino Bocaiuva. A Associação foi escolhida, pois o Ideal ainda não possuía sede própria e aproveitava-se da articulação dos sócios em comum: Joaquim Nunes de Lima, vice-presidente da ACA, e do seu filho, José Nunes de Lima, ocupante provisório do cargo de secretário da agremiação.²⁰¹

As fontes às quais tivemos acesso não nos possibilitaram saber se as reuniões de fato ocorreram, mas sabemos que os estatutos foram aprovados devido às referências existentes nos periódicos locais. A partir desse momento, verificamos que o Ideal começou a se organizar de forma associativa e estatutária, privilegiando a sua autonomia e independência.

Apesar de ter um espaço privilegiado nos periódicos locais que atuavam em favor da divulgação das programações do clube, em 1904, com a decisão de ampliar as atividades oferecidas, foi lançado o *Jornal Ideal*.²⁰² O jornal do clube foi bem recebido pela alta sociedade, sendo enaltecido pelo *Jornal do Comércio*:

Recebemos ontem o Ideal Club, mimoso jornalzinho, órgão da simpática associação desse nome.

A feitura material do hebdomático é excelente e o texto contém variada e bem atraente matéria literária.

O Ideal Club está feito com esmero e arte e denota o bom gosto dos rapazes da elegante sociedade.

Acompanhando esse jornalzinho, foi-nos enviado também um ingresso para a soirée do Ideal, a realizar-se a 31 do corrente na sede social, Avenida Silvério Nery, 46.²⁰³

Criado em 28 de fevereiro de 1904, o informativo servia para engrandecer a agremiação e estimular o associativismo, comunicando aos sócios sobre as atividades artísticas e culturais que eram realizadas nos salões do clube.

O periódico do Ideal teve duas fases: a primeira, quando começou a circular em 16 de abril de 1904 até 5 de agosto de 1905; e a segunda, de 17 de outubro de 1905 até 9 de junho de 1906.²⁰⁴ Posterior a essa fase, voltou a ter uma circulação na década de cinquenta, quando a revista do Ideal permaneceu homenageando publicamente festas, aniversariantes, debutantes e políticos locais, não fugindo de seus objetivos iniciais de transparecer “o bom gosto dos rapazes da elegante sociedade”.

²⁰¹ Isto pode ser lido e compreendido no Capítulo 3 – Entre prestígios, poderes e trocas de capitais: as elites do Ideal Clube.

²⁰² Ao longo da dissertação trabalharemos algumas passagens do *Jornal Ideal*.

²⁰³ **Jornal do Comércio**. Manaus, 23 de dezembro de 1904.

²⁰⁴ ANTONACCIO, 2003, p. 17.

Desde os anos de sua fundação, a divulgação sobre as orquestras, as danças e as músicas oferecidas no clube eram suficientes para que o número de sócios, dias e pautas das reuniões fossem elogiosamente registrados nos jornais. Ao que tudo indica, a boa recepção pelo *Jornal Ideal* reflete também a aceitação do clube pela alta sociedade local:

Ideal Club

Mais uma belíssima festa realizou-se sábado nos luxuosos salões da conceituada sociedade Ideal Club.

Havia nessa noite enorme concorrência de famílias que formam a elite amazonense, notando-se em todos os convivas, que eram avultado número, a maior alegria, a mais franca cordialidade, demonstrativas do bem estar que sentiam ali, naquele centro distinto.

Animadas estiveram as danças que se faziam ao som de saltitantes e bonitos trechos, executados por bem organizada orquestra.

Buffet de primeira ordem onde era primoroso o serviço.

O Jornal ali foi representado pelo distinto acadêmico de Direito Sr. Gentil Sampaio que se mostrou cativo por todas as atenções com que o cumpraram os membros da diretoria do Ideal Club ²⁰⁵.

Ao que nos parece, os convites, os elogios, as referências e os investimentos nas propagandas por meio dos periódicos, tanto o do clube quanto os da grande imprensa, foram bem-sucedidas, permitindo que o setor financeiro da agremiação se solidificasse e promovesse eventos com a finalidade de exibição social e de agregação de sócios nos primeiros anos de atuação.

Entretanto, se o clube ganhou novos sócios e contou com o apoio de diversos segmentos, é verdade também que perdera o nome de maior prestígio nesse momento.

A casa Coronel Francisco Bittencourt, que foi utilizada como porta de entrada aos prestígios oferecidos pelo Ideal Clube, no dia 10 de março de 1904, deixava de servir aos sócios idealinos e comunicava uma reunião do Club dos Janotas,²⁰⁶ entregando-se ao carnaval de outra agremiação. Ao que parece, o tempo de lançamento e os primeiros meses do Ideal serviram para que Bittencourt se desvinculasse da agremiação e deixasse de participar das atividades como diretor, sócio ou convidado.

Não sabemos os motivos que levaram à desfiliação do fundador, mas a vida do Ideal Clube parecia seguir seus próprios rumos em direção ao associativismo, cujos estatutos e

²⁰⁵ **Jornal do Comércio**. Manaus, 17 de setembro de 1907.

²⁰⁶ **Quo Vadis**, 21 de fevereiro de 1903; **Comércio do Amazonas**, 10 de março de 1904.

diretrizes manifestam que os clubes “participam de uma estruturação, instável, mas fecunda, da vida política”.²⁰⁷

2.2 – “OS CLUBES VIVEM PARA SERVIR A SOCIEDADE”²⁰⁸: ASPECTOS ESTRUTURAIS, ESTATUTÁRIOS E ASSOCIATIVOS DO IDEAL CLUBE

Seu prestígio e seu mérito estão no entendimento humano do progresso social e na compreensão de que os clubes vivem para servir à sociedade. O IDEAL realiza efetivamente esse papel, como demonstram os pontos luminosos que lhe bordam a trajetória.²⁰⁹

O dia 23 de dezembro de 1903 marcou o mais importante ato na história do Ideal Clube: o início de uma vida associativa. Graças à criação do estatuto do grêmio, as festividades deixariam de estar restritas às mansões dos sócios e passariam a enraizar-se no solo manauara através da organização coletiva de seus sócios.²¹⁰

Com as primeiras regras de funcionamento e vinculação, algumas outras funções precisavam ser estruturadas. Em 23 de fevereiro de 1904, por exemplo, as páginas do *Jornal do Comércio* amanheceram anunciando uma nova dinâmica. O periódico divulgava a convocação do jovem José Nunes de Lima, substituto do antigo secretário Dr. Antero Coelho Rezende, para a eleição do primeiro corpo dirigente do clube que se daria no dia 28 de fevereiro de 1904.

Não temos informações quanto ao desenvolvimento das atividades da associação após essa notícia, contudo, no dia 16 de abril do mesmo ano, o cumprimento do estatuto foi evidenciado pela posse dos seus primeiros diretores.

O primeiro corpo diretor pareceu criar o lema que seria a ordem da agremiação: “um clube se mantém vivo pela vida de seus associados”.²¹¹ Portanto, os novos dirigentes trataram de executar as pautas, as atividades e as festividades que consolidariam uma tradição em torno

²⁰⁷ RÍOUX, Jean-Pierre. A associação em política. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**, 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p.100-101.

²⁰⁸ ITUASSÚ, Oyma Cesar. A Glória de um clube. **Revista do Ideal**. 1958.

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ O prédio do Ideal Clube está sob a tutela do Estado e as suas funções enquanto entidade recreativa estão restritas as lembranças. Até meados de 2003, o clube funcionava regularmente, sendo homenageado na obra de Gaitano L. Pereira Antonaccio “**Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo**”, no qual, utilizo como fonte para esse trabalho.

²¹¹ **Jornal do Comércio**, 06/07 de junho de 1903.

dos ritos e das práticas sociais.²¹² Além disso, fazia-se fundamental garantir ao clube a sua autonomia e dinâmica própria com a organicidade dos seus sócios e frequentadores.

Assim, a partir do momento de criação do Ideal Clube, o espaço se tornou propício para a execução dos gostos e vontades do mundo social das elites, para a obtenção e a produção dos reconhecimentos e dos prestígios almejados. A importância desse espaço se explica pela compreensão de distinção dada pelo clube, seus diretores e associados que ofereciam a seletividade e a produção de regras próprias, válidas nesse mundo social, em que o objetivo, mesmo que indireto, era garantir a ordem social de um espaço célebre²¹³ e que tinha como principal função a caracterização dos seus frequentadores como classe dominante.

O entendimento dessa vida coletiva – portanto, do associativismo – está em analisarmos as ações e as articulações de um grupo dentro de um espaço com o objetivo de promover a organização de classe ou a defesa de direitos/privilégios/acordos em comum. Dessa maneira, torna-se explícito que a organização coletiva faz parte da formação de classe,²¹⁴ pois a criação de uma cultura associativa em diferentes eixos pode demonstrar a representação coletiva tanto de elites quanto de trabalhadores.

Sabendo que as elites – diferentemente dos trabalhadores – possuem as garantias de seus direitos, basta apreendermos sobre as suas estratégias em se organizarem em torno das associações recreativas, esportivas, literárias, dançantes, étnicas e partidárias como manutenção de acordos e vínculos em espaços alternativos que garantem a sua própria permanência dentro do Estado.

Sobre o associativismo, o historiador Claudio Henrique Batalha reflete que a cultura associativa se concretiza em duplo significado: o primeiro, o ato de se associar e conferir uma institucionalidade diversa com as programações e práticas; e o segundo, que se dá na reflexão de como essas práticas e rituais permitiam a compreensão de como os membros das

²¹² Isto será exposto em nosso Capítulo 4: “A vanguarda do entusiasmo, confiança e crença: convívios, práticas e relações sociais ideais”.

²¹³ BOURDIEU, Pierre. **Capital simbólico e classes sociais**. Novos estudos CEBRAP, n. 96, p.106-103, 2013; WACQUANT, Loïc. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos estudos CEBRAP**, n. 96, p. 87-103, 2013.

²¹⁴ A classe operária no Brasil se associou em diversas formas de sociabilidade, como as danças, carnaval, esporte, cultura, educação, sindicatos, políticas, etc, como alega Cláudio Batalha ao citar o exemplo do Rio de Janeiro no início do século XX. O autor ainda explana sobre o conceito de cultura que “se situa e se define com relação à luta de classe, tornando-se ela própria terreno da luta de classe”, assim, diante de uma cultura associativa, os valores não são partilhados apenas pelas camadas mais altas da sociedade, mas entre as relações e tensões contínuas entre a cultura popular e a cultura dominante que “as propostas e práticas culturais das organizações operárias, a visão do mundo expressa nos discursos, bem como nos rituais que regem a vida das associações” foram e são herdadas e compartilhadas. (BATALHA, Claudio H. M. **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Ed. Unicamp, 2004, p.99)

associações percebiam o mundo e a si mesmos.²¹⁵ Essa percepção confere a existência de universos ritualizados e simbólicos nas associações, portanto, as assembleias, as diretorias, as organizações estatutárias e financeiras, os símbolos, os rituais, as identidades e os objetos materiais corroboram a influência da organização de uma sociedade, cultura e política.²¹⁶

No Ideal Clube, percebemos que, para a construção de um grupo ser completa em torno da autenticação de sua identidade, a classificação dos agentes no grêmio foi dada em dois sentidos: um de propriedade material, com uso de bens e posições sociais; e outro, de propriedade simbólica, em uma lógica específica, cheia de significações e representações que transmitiam ou moldavam a realidade social.

A relevância da representação dos bens materiais e simbólicos está na exposição da “tradição idealina”, que servia como porta de entrada para o recrutamento de sócios que de imediato se identificavam com os padrões de distinção.

Nos principais símbolos do clube, como as suas cores e bandeiras, estavam o significado e os sentimentos ligados à esperança e à simplicidade. Não tivemos acesso ao primeiro estatuto do grêmio, mas, seguindo as pistas, no respectivo estatuto de 1903, as primeiras identidades visuais foram criadas com a adoção das cores verde e branca para representar o seu caráter distintivo.²¹⁷ De acordo com o *Jornal Ideal*, a cor verde (atributo da esperança) e branco (exibição da simplicidade) significavam “a esperança viva no futuro e a simplicidade e asseio esmerados em nossas ações”.²¹⁸ Vê-se, a seguir (**Figura**), a flâmula ofertada aos times desportivos nos jogos que o Ideal apoiava ou participava:

²¹⁵ BATALHA, Claudio HM. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 96.

²¹⁶ RIOUX, Jean Pierre. A associação em política. In: RÉMOND, Renné. **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p. 103.

²¹⁷ ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo**. Manaus: Imprensa Oficial, 2003, p.50.

²¹⁸ *Jornal Ideal Club*, 1904.

Figura 9 - Flâmula com o símbolo e cores verde e branca do Ideal Clube



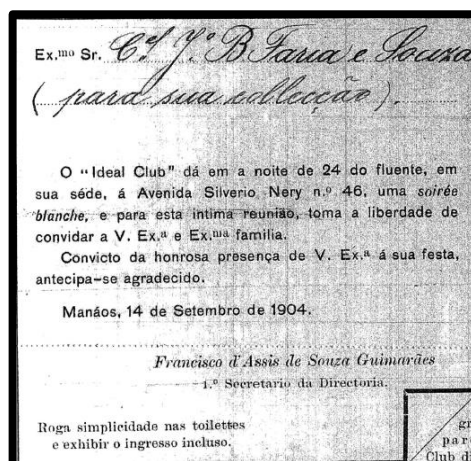
Fonte: Acervo pessoal.

As representações distintivas expostas nas bandeiras, nos símbolos, nas cores e nos estandartes são marcas das identidades associativas e causam o efeito de unidade, organização e referência²¹⁹ do elitismo dos sócios do Ideal. Exemplo disso é como a criação de um jornal e de objetos (a flâmula e os convites) era utilizada como atrativo para a transmissão dos ideais dos “*idealinos*” ao servir como modelo e chave para o universo material e imaterial de sua exclusividade.

Os bilhetes e convites para a participação nas festividades do Clube traziam esse ideal de privilégios e seletividade, pois os assentos preferenciais eram cedidos aos companheiros, familiares ou entidades que os diretores tinham apreço. Os convites para as festas não eram vendidos (**Figura**), dessa forma, os sócios ou convidados da diretoria poderiam participar dos saraus, jantares e festas privadas, seguido da exibição do seu cartão de ingresso particular ao clube, evitando a presença de um público geral.

²¹⁹ PERROT, Michelle; BOTTMANN, Denise; JOFFILY, Bernardo. História da vida privada. **Da Revolução Francesa à Primeira**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, pp. 174-175.

Figura 10 - Convite destinado à Família B. Faria e Souza



Fonte: Convite anexado no Jornal **Ideal Club**, 1904.

Além da participação nos saraus, nas partidas dançantes e nos torneios, os convites garantiam a primeira e mais comum forma de recrutamento de novos sócios para a agremiação. Por meio desses eventos, oferecidos exclusivamente às elites, tinha-se o convite para associar-se ao clube, que desde o início estabelecia a função social de cumprir um “padrão de glória conquistado para a história da esperançosa sociedade”.²²⁰

Parece-nos que as perguntas sobre os motivos que influenciavam as elites a se associarem ao clube não se limitam às questões mais aparentes pela busca da diversão ou o uso comum do tempo livre. Os motivos passam pelas relações e pelos valores dados aos ideais de notoriedade, de poder e de prestígios. Nada mais interessante do que observar a busca por esses capitais por meio da participação de um conjunto de sócios no Ideal que tinha seus critérios e valores bem definidos.

Para participar do quadro de sócios do clube, o interessado escolheria uma entre as quatro modalidades existentes: os efetivos, os adventícios, os beneméritos e os honorários. Para admissão, era exigido:

- I – Efetivos, os que tiveram atribuído com uma joia de admissão e mensalidade, podendo remirem-se com o pagamento de uma só vez daquela joia e mais da importância de um conto de réis.
- II – Adventícios, os que residindo fora desta cidade, pagarem a supra referida mensalidade, isentos, porém, do pagamento da joia de admissão.
- III – Beneméritos, que tiverem prestado ao *Club* serviços relevantes ou proposto mais de cem sócios, afinal aceitos, ou doados ao mesmo *Club* garantia superior a dois contos de réis, reunindo neste caso, as condições exigidas para sócio efetivo.

²²⁰ **Jornal do Comércio**. Manaus, 18 de novembro de 1904.

IV – Honorários, os que estranhos, embora ao *Club* lhe tiveram prestado aqueles serviços relevantes.²²¹

Comparados a outras associações de elites, como o *Sport Club*, que tinha como critério associativo o pagamento de 100:000 réis, não só pela joia de admissão, diploma, estatutos e regulamentos, mas a contribuição mensal de 10:000 réis,²²² a quantia de um conto de réis é consideravelmente cara aos sócios efetivos, uma vez que o valor é pago de forma integral junto com a contribuição mensal para a participação nas atividades. Em 1918, esse valor ficou ainda mais caro, pela quantia de duzentos mil réis,²²³ devido aos preparos e às dívidas com a inauguração da sede, em 1921.

Das vantagens, os sócios efetivos, além de gozarem dos direitos e deveres da associação prevista no estatuto, eram os que poderiam discutir, votar e ser eleitos, assim como os beneméritos. Já a categoria de sócios adventícios fazia referência a sócios estrangeiros ou de outras cidades e que estariam isentos do pagamento da joia, pagando apenas a contribuição mensal, durante o tempo que permanecessem na cidade.

As cobranças aos sócios beneméritos são ainda mais exigentes, pois tratava-se da prestação de serviços ao clube, indicação de novos sócios e doação de dois contos de réis, contando com algumas diferenciações. Nessa condição, além do valor monetário, os sócios deveriam ser submetidos a uma avaliação pelo corpo dirigente quanto a sua aceitação ou não, gerando uma forma de recrutamento por meio das amizades e indicações. Em certa medida, esse recrutamento parece ter dado certo, uma vez que observamos que as redes e vínculos prévios, forjados nos postos administrativos, jurídicos e comerciais, se repetirem no mesmo vínculo associativo do clube.

Estabeleceu-se com as mensalidades e as indicações o padrão distintivo entre aqueles que poderiam pagar e aqueles que não poderiam pertencer ao clube. Contudo, esse requisito não estava isolado, pois, para se associar, dever-se-ia cumprir a primeira condição essencial para admissão de sócios efetivos e adventícios: gozar de reconhecido conceito, exercer uma profissão lícita habitual e ser maior de 18 anos.²²⁴

Essa condição não fazia apenas parte do Ideal Clube, tendo em vista que outras agremiações²²⁵ utilizavam o mesmo critério para a seleção de seus sócios. Mas, o

²²¹ **Estatuto do Ideal Club**. Manaus, 26 de janeiro de 1915.

²²² **Diário Oficial**, 15 de maio de 1898.

²²³ **A Capital**. Manaus, 29 de março de 1918.

²²⁴ **Estatuto do Ideal Club**. Manaus, 26 de janeiro de 1915.

²²⁵ Como exemplo de outros clubes, temos mais uma vez, o *Sport Club* que salientava para admissão de novos sócios, os interessados também deveriam seguir as seguintes formalidades: “a) que o proposto goze bom

investimento no Ideal, ou em outros clubes com o mesmo padrão, seria capaz de assegurar “uma rede de sociabilidade abrangente que poderia gerar dividendos de várias ordens como relações de amizade, matrimoniais, políticas e econômicas para a conservação do *status quo* ou para a inserção e ascensão social dos grupos marginalizados”.²²⁶

Essa característica importa, uma vez que os seus frequentadores e diretores eram homens com a faixa etária de 20 a 50 anos, portanto, indivíduos que galgavam posições estatais ou comerciais em que as suas representações eram sustentadas através dos capitais financeiros, sociais e simbólicos.

O capital financeiro, conquistado via trajetória política, econômica e estatal, não estava completo se não contassem com o teor de prestígio e reconhecimento para legitimá-lo. A necessidade de ser reconhecido se sustentou no esbanjamento dos sócios do Ideal ao cumprirem os atos, as obrigações da agremiação e as práticas sociais que utilizavam das distinções, superações,²²⁷ controles ou disputas. Partindo da ideia de que cada espaço possui sua própria dinâmica e disputa, os agentes se organizavam para conquistar o valor almejado de suas ações e fundamentavam-se nas disputas em três arenas: os julgamentos, os campos, as esferas pública e privada. À vista disso, esse processo é compreendido como um jogo de disputas que:

[...] ancoradas pela localização de alguém no espaço social, definidas pelas três coordenadas dimensionais de volume de capital, composição de capital e trajetória, se desenrolam em três arenas principais, classificadas em ordem ascendente de especificidade e consequencialidade: os julgamentos convencionais e as atividades mundanas da vida cotidiana, incluindo os gostos rotineiros; os campos especializados de produção cultural, como arte, ciência, religião e a mídias, nos quais são produzidas e disseminadas representações autoritárias do mundo social; e a esfera pública, situada na interseção do campo político com o Estado burocrático, reorganizada de disputas sobre categorias e na certificação de identidades.²²⁸

conceito e cumpra posição social decente; b) que seja adepto reconhecido de qualquer um dos ramos de diversão compreendidas no programa do clube; c) que seu nome seja apresentado por um dos sócios em pleno gozo de seus direitos; d) que seja aprovado pela diretoria, a quem deve ser dirigida a proposta, sendo tal ato de sua exclusiva competência” (**Diário Oficial**, 15 de maio de 1898). Notemos que as diretrizes são dependentes uma das outras, formando assim regras específicas aos clubes de elites. Uma vez que o espaço é aberto apenas para “pessoas que gozem bom conceito e cumpra posição social decente”, estabelece-se as fronteiras de classe, grupos e comportamentos que podem usufruir do ambiente. Inconscientemente, os limites são estabelecidos para aqueles que são nomeados legalmente como bêbados, indolentes, vadios e desordeiros, excluindo-os e os apagando de uma história da agremiação.

²²⁶ TANNO, Janete Leiko. Clubes recreativos em cidades das regiões sudeste e sul: identidade, sociabilidade e lazer (1889-1945). **Patrimônio e Memória**, v. 7, n. 1, 2011, p. 346.

²²⁷ BOURDIEU, Pierre. **Capital simbólico e classes sociais**. Novos estudos CEBRAP, n. 96, 2013, p. 106.

²²⁸ WACQUANT, Loïc. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos estudos CEBRAP**, n. 96, 2013, p. 89.

Entrando em mais uma arena de disputa, o sócio do Ideal Clube, após o ato de filiação, garantiria o direito de frequentar o edifício social e de participar das atividades que o clube proporcionasse, assim como de tomar parte das reuniões da Assembleia Geral e nelas poder propor, discutir, votar e ser votado e obter licença ou isenção das mensalidades, por tempo determinado, em caso comprovado de moléstia, luto, desemprego ou ausência.²²⁹

Entre os critérios de participação no clube, cabia o cumprimento de alguns regulamentos do artigo 15, sobre as obrigações dos sócios, dentre os quais destacamos “Servir gratuitamente com dedicação e zelo os cargos e comissões para que forem eleitos ou nomeados, salvo o caso de impedimento comprovado”.²³⁰ Com essa diretriz, fica evidente a tentativa contínua de incentivar os sócios e diretores a uma efetiva participação na vida associativa da agremiação.

O *Jornal Ideal*, em suas páginas, destacava que o serviço e a organização eram elementos essenciais para que as sociedades recreativas não desfalessem facilmente. Por isso, a indispensável responsabilidade pessoal dos sócios para com o clube era um distintivo.

O zelo e a dedicação, tidos como caráter valoroso dos “moços idealinos”, eram interpretados como o bem que servia como uma espécie de diferenciação da agremiação e dos seus membros entre as demais entidades e outros indivíduos que, sem cuidado e compromisso, diminuam com suas paixões e desorientações à vida associativa, portanto, esse comportamento deveria ser combatido. De certo, uma mensagem aos sócios divulgada no *Jornal Ideal* servia como parâmetro para percebermos o temor dos diretores e a tentativa da agremiação de evitar que o desrespeito e a desvalorização se propagassem no clube:

Aqueles que ainda não militaram no ativo das agremiações, de certo não poderão imaginar quão espinhosa é a organização de um Club, por mais modesto e mais dignos que sejam os seus fins. No meio do torvelinho em que se debatem inúmeras opiniões, destaca-se sempre um grupo de moços desorientados que pesando grama a grama o pernicioso de suas pequeninas paixões, pequeninos produtos gerados em seus pequeninos cérebros, procuram inocula-lo na parte sã, que quando não representa propriamente a vida da sociedade, não deixa de ser um elemento a seu favor trabalhando para o bem e contra o mal.

Não temos, francamente a apontar no seio do nosso Club esta semente perigosa, que nos enche de um certo receio, mas que nunca nos fará recuar; até aqui temos visto a melhor boa vontade, o mais desinteressado entusiasmo reinante, ao menos na parte ativa do Club.²³¹

²²⁹ Idem.

²³⁰ **Estatuto do Ideal Club.** Manaus, 26 de janeiro de 1915.

²³¹ **Ideal Club.** Manaus, 24 de setembro de 1904.

A presente mensagem é elucidativa para representar uma luta simbólica do “bem contra o mal”. Dessa maneira, o comunicado do texto cumpria o seu papel educativo com os novos associados e com os membros: a instrução para não deturparem com seus comportamentos e desinteresses a vida da associação. O aviso não estava restrito aos salões do clube: ao contrário, no plano material, sabemos que essa luta era o reflexo da dinâmica do século XX, no qual a busca pelo progresso social e pela “evolução” moral era uma constante em toda a sociedade.

Dentro do clube, portanto, a preguiça e o desleixo não se encaixariam nas posturas individuais e grupais de uma sociedade preocupada em mostrar seu desempenho. Os atos que deveriam ser valorizados estavam relacionados ao trabalho, à disciplina e à responsabilidade com as atividades recreativas, pois faziam parte da formação cidadã para a garantia de bem-estar social. O caráter disciplinador dessas imposições fazia, portanto, parte de um projeto maior, planejado pelo Estado para a vida coletiva, em que a competição, a rapidez, a instrução e o desportismo seriam fundamentais no processo de disciplinarização da sociedade.²³²

Seu efeito fundamental era exatamente de natureza cultural e psicológica: criar nos indivíduos uma disposição instintiva à ação disciplinada, à coordenação coletiva de movimentos e propósitos e a se guiar por um conjunto fixo de regras, limites e alternativas. O desígnio do esporte está em incorporar o ‘espírito esportivo’, muito mais do que em vencer alguma prova ou competição.²³³

Esse caráter é um dos guias às associações e sociedades esportivas, literárias ou dançantes, ao ponto em que o *Ideal Club* era uma das agremiações que ressaltava o seu trabalho como “bálsamo vivificador”.²³⁴ O conforto de tais ações estava no estímulo em incentivar as competições esportivas e morais que perpassavam a vida agremiativa. De um lado, havia as elevações da bandeira do clube e dos seus associados nas vitórias esportivas; de outro, tinha-se o mesmo empenho em desprezar os pequenos caprichos que atrapalhavam a moral e o trabalho do clube, que tinham como objetivo o engrandecimento do caráter físico e mental dos seus associados.

Essas características não são exclusivas do Ideal Clube. Com as constantes ameaças imaginárias e simbólicas, muitas associações, inclusive os sindicatos, corporações, mutuais e beneficentes, incorporaram essas regras em seu corpo associativo e estabeleceram a

²³² SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. Companhia das Letras, 1992. p.34, 47.

²³³ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. Companhia das Letras, 1992. p. 48.

²³⁴ Jornal *Ideal Club*. Manaus, 24 de setembro de 1904.

empregabilidade em trabalhos e atividades honestas com o claro objetivo de afastamento dos vícios que faziam parte de um “problema social”.

Diante dessa situação, Sandra Pesavento²³⁵ observa a existência da estigmatização urbana da época, de tal modo que as ações dos sujeitos sociais estabeleceram as fronteiras da cidadania: aqueles que cumpriam as ordens sociais eram considerados “cidadãos”, enquanto aqueles que participavam de um ordenamento de exclusões eram tidos como meros “indivíduos” despossuídos de direitos e respeitabilidade na sociedade republicana.

Os cidadãos viam assim o seu mundo ordenado, disciplinado e elitizado, constantemente ameaçado pelas algazarras, cantorias e bebedeiras, em que tais ações poderiam acarretar crimes como morte, roubo ou turbulência.

Os casos e atos que desmoralizassem a conduta dos sócios e diretores deveriam, portanto, manter-se longe do clube, entidade que ressaltava em seus estatutos a máxima decência em todos os atos e reuniões, evitando discussões sobre qualquer assunto, especialmente os políticos. Porém, ocorrendo algum caso de desmoralização, cabia uma penalidade, entre as quais a perda do direito associativo nos seguintes casos, conforme o Capítulo V do regimento:

- II – Aquele que, por seu mal comportamento ou conduta irregular no Club, se tornar indigno de pertencer ao quadro social.
- III – Aquele que se recusar ao pagamento de quaisquer danos quem de propósito, causar aos móveis ou utensílios do Club.
- IV – O que desviar quaisquer bens do Club, ou for convencido de delapidação.
- V – O que for condenado por sentença judicial passada em julgado.
- VI – O que por qualquer forma tentar prejudicar ou desacreditar o Club.
- VII – O que direta ou indiretamente lesar ou tentar lesar o Club.
- VIII – O que injuriar dentro do recinto social qualquer consócio ou membro da diretoria.
- IX – O que pela imprensa, em discussões referentes ao Club, usar de qualquer termo em seu desabono.
- X – O que usar de vocábulos obscenos ou promover desordem no recinto social.²³⁶

Mesmo longe da participação popular e dos acusados “males sociais”, tivemos acesso a alguns processos que comprometeram a imagem do clube e que levariam ao encaminhamento de expulsão dos sócios e de membros do diretório. Dentro do próprio clube, ocorria algazarras que levavam aos furtos, perda de joias e outros objetos. A culpa

²³⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crime, violência e sociabilidades urbanas. As fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do séc. XIX. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nouveaux mondes mondes nouveaux-Novo Mundo Mundos Novos-New world New worlds**, 2005, p. 4.

²³⁶ **Estatuto do Ideal Club**. Manaus, 26 de janeiro de 1915.

provavelmente recaía aos funcionários, pois o estatuto ressaltava a necessidade de respeito, indenização aos trabalhadores e móveis do clube quando fossem lesados pelo sócio.²³⁷ Tais regras não nascem ao acaso, mas reforçam a valorização dos patrimônios do clube e dos seus pertences e, ao contrário do que se possa imaginar, os casos de perda de joias ou deteriorações são os menores problemas enfrentados pelo clube.

No dia 14 de janeiro de 1912, por exemplo, o *Jornal do Comércio* noticiava em sua primeira página a matéria com o título “Domingo Rubro Negro: mais pormenores sobre a cena de sangue da noite de anteontem”. A noite de sangue referia-se ao conflito dado entre o caixeiro despachante de nossa Alfândega, Sr. Francisco Portella de Carvalho, com o seu cunhado, o major Raimundo Batista de Britto Pereira, sócio e ex-secretário do Ideal Clube. O fato nos chama atenção pela grande repercussão e por se tratar de uma desavença familiar que culminou em conflito armado entre os dois.

O início do ocorrido se deu quando o major Britto Pereira, estando no Ideal Clube, recebeu uma carta de seu cunhado, o Sr. Francisco Portella. Segundo o jornal, a carta punha “sérias cogitações” ao major Britto. Por isso, ele decidiu se armar e, posteriormente, dirigiu-se à mercearia Pinheiro, na rua Ferreira Penna, quando encontrou o Sr. Portella de Carvalho. Nesse momento, ambos entraram em conflito e iniciaram o tiroteio:

Num momento, e sem mais troca de palavras, Portella saca um revólver e o dispara à queima roupa contra o seu cunhado que, num movimento de defesa, tenta puxar a pistola de que se achava armado; não o conseguindo no momento. A vista de tal emergência, o major Britto deu alguns passos para o centro da mercearia, saindo então para a rua por uma porta lateral, sempre seguido pelo seu contendor, que o procurava alvejar. Já fora do estabelecimento e ao terceiro tiro dado, o major Britto tinha sacado a sua arma, repelindo Portella à bala. Tornando-se renhido o tiroteio e acabada a munição de ambos, Portella declarou ir armar-se, enquanto o seu cunhado descia o primeiro trecho da rua Ferreira Penna, a 10 de julho e avenida Eduardo Ribeiro indo à casa de seu primo Dr. Britto Pereira, na rua Saldanha Marinho e depois à casa de um outro parente seu, onde soube que Portella estava gravemente ferido.²³⁸

Após a discussão, o major Britto Pereira se apresentou à autoridade de serviço na delegacia do 1º distrito da capital, enquanto o Sr. Portella internou-se na Santa Casa de Misericórdia. Ao que tudo indica, o Sr. Portella recuperou-se, enquanto o major Raimundo Britto Pereira prestava fiança no processo-crime submetido.²³⁹

²³⁷ Idem.

²³⁸ **Jornal do Comércio**. Manaus, 14 de janeiro de 1912.

²³⁹ **Jornal do Comércio**. Manaus, 21 de janeiro de 1912.

Tal ato nos indica que, por mais que o clube exigisse dos sócios uma postura ética e harmoniosa, visando a não comprometer a imagem da agremiação, ainda assim os associados ou diretores se envolviam em conflitos sociais, familiares e até mesmo assassinatos como foi o de Ária Ramos²⁴⁰. O fato é que, mesmo estando envolvido em conflito e tendo sido condenado por sentença judicial,²⁴¹ Raimundo Britto Pereira não foi expulso da agremiação, tornando-se vice-presidente em 1920.

Outra dificuldade recorrente e noticiada nos periódicos diários pela maioria das associações do período foi a falta de regularidade e pagamentos das taxas e mensalidades.

Como já pontuado, a entrada para as programações do clube deveria ser antecipada por ingressos e convites dos associados que estivessem com os pagamentos em dia das mensalidades²⁴² até o dia 10 de cada mês. Ocorrendo o atraso no pagamento, durante dois meses para os sócios adventícios e três meses para os demais associados, de taxas vencidas consecutivamente, a resolução seria de o sócio, no prazo de 15 dias, quitar o seu débito e de, no prazo de 8 dias, defender-se perante a Diretoria do Club. Caso não houvesse manifestação do sócio, ele seria expulso da agremiação. Mas, nos casos em que isso compromettesse diretamente o fundo de reserva, especialmente quando estavam em anos de compra da sede, ocorria a divulgação de abatimento de débitos com o clube em até 50%, como foi o dado em 1913:

Para os necessários fins e devidos efeitos, comunicamos aos srs. Sócios deste *Club*, em atraso de suas mensalidades, que a respectiva diretoria, procurando facilita-lhes a liquidação dos seus débitos, resolveu, na sua sessão de anteontem, conceder-lhes para tal fim um abatimento de 50%.
 Todo aquele que até o dia 20 do corrente não vier liquidar o seu débito com o senhor tesoureiro, será eliminado do quadro social.²⁴³

A organização financeira poderia significar a burocratização da instituição, que, diante de um estatuto, o número de sócios e os valores das partidas mensais estimulavam a continuidade das práticas recreativas que contemplavam a vida associativa.

²⁴⁰ O caso famoso em Manaus ocorreu no carnaval de 1915. Segundo Betsy Bell, Ária Ramos era filha do major Lourenço Ramos e foi assassinada no Ideal Clube enquanto tocava a valsa “Subindo ao céu”. No espetáculo a moça foi atingida por um tiro de Mário Travassos que ainda restam dúvidas sobre a sua intencionalidade e seus motivos, mas o certo é que Ária faleceu às 5 horas da manhã após a tentativa de resgate. (BELL, BETSY. *A Ária que subiu ao céu*. *A Crítica*. Manaus, 05 de março de 2000) Até os dias de hoje o caso causa enorme repercussão na cidade e gera debate por ter ocorrido no Ideal Clube. Infelizmente não encontramos materiais suficientes para explicar o caso nesse trabalho.

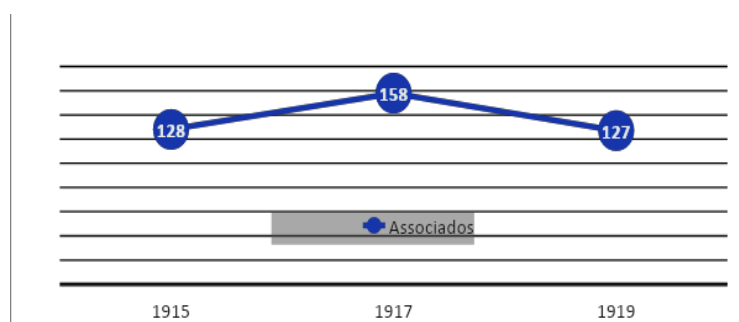
²⁴¹ Infelizmente não tivemos acesso ao processo-crime de Raimundo Britto Pereira, registrando nesse trabalho apenas a notícia no *Jornal do Comércio*.

²⁴² *Jornal do Comércio*. Manaus, 17 de setembro de 1904.

²⁴³ *Jornal do Comércio*. Manaus, 11 de dezembro de 1913.

Parece-nos que o estímulo tão propagado pela associação se uniu à burocratização do Ideal Clube. Entre os anos de 1915, 1917 e 1919, mesmo com o período de “crise” com a queda do preço da borracha, os grupos de sócios mantiveram seu número expressivo (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). Nesses anos, temos, ao menos, 128, 158 e 127 sócios, respectivamente.²⁴⁴ Isto é considerável, tendo em vista a conjuntura posta no período: a crise na cidade diante da queda do preço da borracha, os anos de Guerra Mundial e a mobilização dos trabalhadores que atingia a burguesia com suas reivindicações.

Gráfico 2 - Associados do Ideal Clube (1915, 1917, 1919)



Fonte: Gráfico organizado pela autora, por meio das informações contidas no livro: ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo.** Manaus: Imprensa Oficial, 2003.

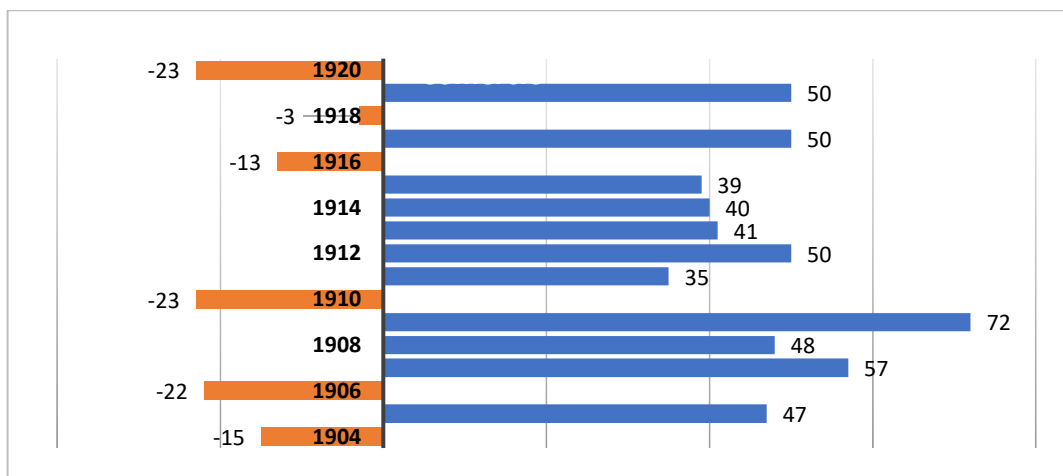
Comparando esses dados e as notícias veiculadas nos periódicos, notamos também que o ano de 1918 foi o momento em que menos foram divulgadas chamadas de reuniões, eventos e saudações ao *Ideal*. Assim, entendemos que este ano foi o período mais delicado da associação, pois apenas 3 matérias foram publicadas no *Jornal do Comércio*, refletindo a queda do número de associados e a escassa oferta de atividades. Em comparação com outros anos, o número de referências sobre as atividades do Ideal Clube variava de 15 a 72 notícias anuais.

Essas evidências puderam ser verificadas na pesquisa que realizamos ao mapear o número de menções ao Ideal Clube.²⁴⁵ Para chegarmos em uma média, utilizamos a soma total das notícias veiculadas (627) e dividimos pelos anos de análise deste estudo (1904-1920). Totalizamos, assim, 35 notícias anuais, sendo o gráfico (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**) representado da seguinte maneira:

²⁴⁴ ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo.** Manaus: Imprensa Oficial, 2003, pp. 103, 109, 113.

²⁴⁵ Utilizamos como palavra-chave “Ideal Club” para catalogação no site da Hemeroteca Nacional Digital.

Gráfico 3 - Notícias veiculadas no Jornal do Comércio (1904-1920)



Fonte: Gráfico elaborado com a pesquisa realizada pela palavra-chave “Ideal Clube” no *Jornal do Comércio* pela Hemeroteca Nacional Digital.²⁴⁶

Por meio desse levantamento, fica evidente que, além das quedas nas notícias, o ano de 1918²⁴⁷ não foi apenas de crise recreativa, mas, também, representou um momento atípico na cidade.

A explicação para o ocorrido se dá devido às inflações financeiras que atingiram os negócios e os comércios locais. O aumento dos preços de bens e serviços estava no olho do furacão daquilo que Sevcenko²⁴⁸ descreve como “cinco gês” para a cidade de São Paulo: a Geadá, os Gafanhotos, a Gripe Espanhola, a Guerra e as Greves. Para a cidade de Manaus, entretanto, ficaremos com os três últimos “gês” que não sem razões. A gripe espanhola e a falta de gerência pública, sanitária e empregatícia imobilizaram a alegria, a festa e a prática de esportes dos associados do Ideal, servindo como reflexo das crises econômicas enfrentadas pelos cofres públicos.

2.2.1 – A Sede

Uma agremiação ou clube são marcos legais e estatutários da vida em comunidade, representativa e identitária de grupos que decidem, por diferentes motivos e atribuições, se

²⁴⁶ Site: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

²⁴⁷ Ressaltamos que esses dados referem-se às notícias veiculadas no *Jornal do Comércio*. Ao longo da investigação, ao consultar outros periódicos, notamos que apesar do Ideal Clube não estar realizando muitas festividades em seus salões, outras agremiações utilizaram-se do espaço para realizar reuniões associativas ou concertos literários. Esses dados podem ser consultados no apêndice III: Festividades do Ideal Clube (1903-1920).

²⁴⁸ SEVCENKO, Nicolau; NA METRÓPOLE, Orfeu Estático. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. *São Paulo: Companhia das Letras*, 1992.

organizar em coletivo e na defesa de interesses em comum. Para que sua importância seja efetivada no cotidiano da vida associativa, é necessário que as sociedades atinjam um maior grau de estabilidade em sua organização financeira e material. A trajetória da sede do Ideal Clube faz esse indicativo.

Como discutido, as primeiras atividades foram iniciadas na casa da família Bittencourt que se utilizou dos interesses privados e públicos para sua autopromoção. Contudo, ao galgar uma maior visibilidade e investimento, foi transferida para Avenida Silvério Nery – nº 46,²⁴⁹ em março de 1904, com o novo diretor Raimundo Alves Tribuzzi. No endereço, ficou durante dois anos, espaço onde puderam fundar seu jornal e revista “*Ideal*”, assim como manter suas partidas dançantes e literárias, carnavais e *réveillons*.

Já em 4 de agosto de 1906, ainda com a mesma direção de Raimundo Tribuzzi, mudou-se para a Rua Simão Bolívar, nº 215, esquina com a Rua Ferreira Pena.²⁵⁰ O acordo efetuado pelo Dr. Augusto César Lopes Gonçalves previa o valor mensal de 550\$000 mil réis e a duração de três anos, terminando em 31 de julho de 1909.²⁵¹

Em 1912, sob a direção de Augusto César Fernandes, a sede foi transferida para a rua Henrique Martins, nº 23 (**Figura**), esquina com a Avenida Eduardo Ribeiro,²⁵² antigo endereço do *Club Internacional*, de propriedade dos Nunes de Lima, importante família que esteve na direção dos clubes e da Associação Comercial do Amazonas (ACA).

²⁴⁹ O prédio localizava-se na atual Avenida Joaquim Nabuco com esquina da Avenida Sete de Setembro. BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p.44.

²⁵⁰ **Jornal do Comércio**. Manaus, 06 e 07 de julho de 1993.

²⁵¹ ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismos**. Manaus: Imprensa Oficial, 2003, p. 65.

²⁵² **Jornal do Comércio**. Manaus, 06 e 07 de julho de 1993.

Figura 11 - Terceira sede do Ideal Clube– situada à esquina da Rua Henrique Martins com a Av. Eduardo Ribeiro, n. 23



Fonte: BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa oficial, 1979. p. 97.

Porém, a busca por sua sede própria era um sonho a ser alcançado e que demoraria alguns anos até ser realizado. A partir de 1915, iniciaram-se os trâmites para a aquisição do terreno. No dia 17 de janeiro de 1915, na assembleia geral da associação, foi realizada a autorização para a liberação da verba no valor de 25.000\$000 (vinte cinco contos de réis) para a compra do terreno para a construção da sede²⁵³ na avenida Eduardo Ribeiro, nº 937. Nesse mesmo ano, ocorreu a reformulação de algumas diretrizes do estatuto, resultante da aprovação das retificações feitas na Assembleia Geral em 22 de dezembro de 1914. O novo regimento colocava em desuso o último estatuto, de 1908, ao qual não tivemos acesso.

Contudo, o regulamento de 26 de janeiro de 1915, reconhecido pelo *Diário Oficial*, traria no Art. 1, parágrafo IV, que o clube tinha como fim “adquirir um prédio próprio, tendo salões apropriados para reuniões de qualquer natureza e bastante terreno para o estabelecimento de jogos de bola e outros”.²⁵⁴ Para isso, deveria utilizar das verbas necessárias para investimento destinado ao fundo de reserva para a aquisição do prédio e/ou títulos da dívida pública, desde que o fosse autorizado em Assembleia. De acordo com as

²⁵³ Segundo Gaitano Antonaccio, “na ocasião da negociação do imóvel, o Ideal Club se fez representar pelos diretores Epaminondas de Albuquerque e José Lourenço Barroco, membros do Conselho Fiscal e Dr. Raimundo Gama e Silva, secretário. O pagamento foi efetuado mediante a permuta de outro imóvel localizado na rua 10 de julho, medindo 4,80 metros de frente, por 40,3 metros de fundos, mais a quantia de 15.000\$000 (quinze conto de réis)”. ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismos**. Manaus: Imprensa Oficial, 2003, p.103.

²⁵⁴ **Estatuto do Ideal Club**. Manaus, 26 de Janeiro de 1915.

fontes, o investimento deu certo, uma vez que o terreno foi comprado no dia 30 de maio de 1917 e registrado em cartório com os diretores Manoel Joaquim Gonçalves, Augusto César Fernandes e Joaquim Soares de Amorim.²⁵⁵

A partir desse momento, os esforços da direção se deram para a conquista de recurso para a construção da sede (**Figura**). Contudo, não foi um trabalho sem conflitos, pois houveram desentendimentos da diretoria com o renomado arquiteto Alberto Armano Ricci, que, por causa de assuntos financeiros, moveu um processo de rescisão do seu contrato e juízo contra a diretoria no valor de 3.500\$000, dando a justiça vitória ao arquiteto no acordo de 2.500\$000. Essas ações atingiram diretamente a vida e as programações da associação. Somados, os custos com a sede atingiram o valor de 201.906\$090, gerando dívidas e empréstimos financeiros em um momento de crise na cidade, mas que foram sanados com a concessão de recursos dos bancos existentes.

Figura 12 - Sede do Ideal Clube na Avenida Eduardo Ribeiro, atrás do Teatro Amazonas e ao lado do Palácio da Justiça



Fonte: Imagem do Portal “Manaus Sorriso”.

As obras parciais da sede do Ideal foram entregues entre os dias 8 e 25 de janeiro de 1921, mas se estenderam até 1923. As dívidas do clube, nesse momento, atingiram o valor de 9.734\$700, sendo reduzidas na gestão do Dr. Albertino Dias de Souza por 1.923\$500. Ainda em 27 de outubro de 1921, com a lei nº1.104, a associação conseguiu a isenção do Imposto Predial (IPTU). A obra se mantém de pé até os dias de hoje (2023, ano de escrita deste texto), mas, no que se refere aos detalhes burocráticos, ficamos restritos a essas informações, considerando que não tivemos acesso aos documentos associativos do grêmio.

²⁵⁵ Sobre essa diretoria iremos comentar no próximo tópico que se refere a vida associativa do clube.

Ademais, é na vida em comunhão que existem revelações sobre as intencionalidades e incorporações dos campos particular, social, político e econômico às práticas recreativas. De outra maneira, a explicação de que apenas os gostos estéticos por esportes, danças, literaturas e saraus sejam capazes para explicar a união dos indivíduos em um único espaço não são suficientes. É nítido que a vida nos clubes indica a identidade de quem as consome e pratica, portanto, parte-se de sua atribuição social para a legitimação das diferenças das classes sociais.²⁵⁶ Dessa forma, é válido estudarmos também os indivíduos, sócios e diretores, pois um grupo estruturado em suas próprias regras cria rituais importantes para consolidar histórias e tradições em torno de sua própria visão de mundo.

2.3 – “NÃO ERA MAIS UM GRUPO DE MOÇOS QUE REPRESENTAVA A VIDA DESTA AGREMIÇÃO”: CARGOS, FUNÇÕES E REDES ASSOCIATIVAS

No dia 28 de fevereiro de 1904, na Associação Comercial, realizou-se a primeira eleição dos corpos dirigentes do *Ideal Club*. Ao contrário da primeira diretoria, dada por indicação, a escolha do novo corpo diretório se apresentou mais numerosa,²⁵⁷ fazendo crer que

Não era mais um grupo de moços que representava a vida desta agremiação, porque a ela ligaram-se muitos e muitos outros, e dentre eles pessoas cujos nomes nos merecem o mais devoto acatamento, mais justo respeito; Era já o Club constituído, representando por assim dizer uma parcela do progresso, no seio das sociedades modernas.²⁵⁸

Apesar de não ser mais um grupo de moços que administrava o Ideal, o jornal da agremiação alega a importância desse grupo ter conduzido uma “revolta contra a prepotência da época avassaladora e morna”.²⁵⁹ O termo faz referência à relevância da criação da agremiação com claros objetivos de superar as poucas programações oferecidas na época, mas trouxe uma enorme busca de alcance da maturidade dos corpos administrativos para a concretização do seu principal lema: o progresso.

Além de ressaltar a peculiaridade perante as demais agremiações, ao afirmar que não era mais um pequeno grupo de moços que representava o clube, legitimou-se o compromisso

²⁵⁶ BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007, p. 13.

²⁵⁷ **Jornal do Comércio**. Manaus, 19 de abril de 1904.

²⁵⁸ **Jornal Ideal Club**. Manaus, 24 de Setembro de 1904.

²⁵⁹ *Idem*.

de uma vida organizada, legalizada pelas normas do estatuto, pois isso representava “a base de todas as sociedades bem constituídas”²⁶⁰ na busca por agregar confiança e credibilidade, a fim de atrair novos sócios e influência local.

Ao observarmos a organização do clube, notamos que as funções administrativas estavam divididas em dois segmentos: Assembleia Geral (com Presidente, Vice-presidente, 1º e 2º secretários) e Diretoria Geral (Presidente, Vice-Presidente, 1º e 2º secretários). A composição entre os anos de 1904 e 1920 dispôs de 52 diretores gerais.²⁶¹ Desse número, não conseguimos os dados apenas de 6 diretores, totalizando assim um estudo sobre 46 dirigentes que iremos debater ao longo da seção.

2.3.1 – A Assembleia Geral

A Assembleia Geral era a principal responsável pelas atividades burocráticas dentro do clube. De acordo com o estatuto, competia ao conselho promover reuniões ordinárias ou extraordinárias com ao menos um quinto do corpo associativo, representando 20% dos sócios no pleno gozo dos direitos e quites com suas anuidades. Os anúncios sobre a realização das assembleias deveriam ser realizados nos periódicos por três dias consecutivos com designação da hora, dia, lugar e motivo da reunião.

As sessões ordinárias eram realizadas no mês de julho de cada ano para deliberar sobre o relatório de contas da diretoria. Nas sessões, as eleições ocorriam anualmente para a composição do corpo dirigente. Até 1915, as eleições ocorriam nos meses que antecediam o carnaval, porém, com o novo estatuto, as disputas passaram a ocorrer no mês de junho, antes do aniversário da agremiação.

Parece-nos que, até o ano de 1920, as eleições ocorreram normalmente para os cargos da Assembleia Geral. Contudo, apesar de apenas os cargos de presidente serem todos ocupados, os demais cargos da diretoria ficaram comprometidos em alguns anos. Nesses casos, o estatuto previa que as substituições deveriam ser realizadas após os 30 dias que as funções não fossem efetivamente ocupadas, tanto para as Assembleias quanto para as Diretorias.²⁶²

Outro dado é que, apenas em 1908, houve disputa com duas chapas aos cargos da Assembleia, sendo que a chapa formada pelo Coronel Joaquim Nunes Lima (Presidente),

²⁶⁰ Idem.

²⁶¹ A documentação completa pode ser conferida nos apêndices ao final desse trabalho.

²⁶² Artigo 82 do Estatuto do Ideal *Club* (1915).

Coronel Antônio Emigdio Pinheiro (Vice-Presidente), Adriano Jorge (Orador), Francisco d'Assis de Souza Guimarães (1º Secretário) e José Nunes de Lima (2º Secretário) saiu vencedora na disputa contra a chapa concorrente. A chapa de oposição era formada por Antônio de Miranda Corrêa, Francisco Salles Vieira, Artarxerxes Campos, Domingos de Queiroz e Rodolpho Vasconcelos.²⁶³

No que se refere às sessões extraordinárias, estas eram convocadas em três casos: I – a requerimento da Diretoria, do Conselho Fiscal ou de vinte sócios efetivos ou beneméritos no gozo de seus direitos; II – por 20 sócios no gozo de seus direitos, se depois de a terem requerido aos presidentes da Assembleia Geral e da diretoria, estes tenham recusado a convocá-la; e III – quando a convocação requerida não tenha sido feita no prazo de oito dias contando da entrega do requerimento realizado pelos sócios. Em poucos momentos, a Assembleia Geral foi convocada extraordinariamente e, quando era, tratava-se para a resolução dos estatutos, para a substituição de algum membro da diretoria ou para providências financeiras, fazendo cumprir o artigo que, nesses casos, o fórum precisava se constituir da representação de dois terços dos sócios.

Como apresentado anteriormente, os anos que essas deliberações ocorreram com maior frequência foram entre 1915 a 1921, quando a associação passou a recorrer aos associados para a participação efetiva na resolução dos problemas oriundos da compra da sede, das dívidas públicas e dos problemas jurídicos.

No que se refere às competências das representações da Assembleia, entre os anos de 1904 e 1920, a Assembleia Geral foi dirigida por 7 presidentes, 2 vice-presidentes e 7 Secretários Gerais. O quadro a seguir (**Quadro 2**) apresenta como ficou definida.

Quadro 2 - Presidentes da Assembleia Geral – Ideal Clube – (1904-1920)

| Ano | Presidentes²⁶⁴ |
|------------------|--|
| 1904-1905 | Desemb. Raimundo da Silva Perdigão |
| 1906-1908 | C. Joaquim Nunes de Lima |
| 1909 | C. Antônio Emídigio Pinheiro |
| 1910 | Desemb. Gaspar Antônio Vieira Guimarães |
| 1911 | Antônio Carlos Miranda Corrêa |
| 1912 | Desemb. Manoel Agapito Pereira |

²⁶³ **Jornal do Comércio**. Manaus, 12 de abril de 1908.

²⁶⁴ De antemão, cabe pontuar que embora nosso intuito fosse analisar a trajetória desses diretores, não encontramos fontes sobre a vida de Antônio Coelho Miranda Côrrea, ficando limitada a informação de que formou-se em engenharia civil e pertencia a renomada família comerciante de juta, os irmãos “Miranda Correa”.

| | |
|------------------|---|
| 1913-1914 | Desemb. Franklin Washington de Sá e Almeida |
| 1915-1916 | Desemb. Gaspar Antônio Vieira Guimarães |
| 1917-1920 | Desemb. Franklin Washington de Sá e Almeida |

Fonte: Adaptação das informações contidas em Antonaccio (2003).

Como podemos observar, alguns cargos respondem as nossas indagações sobre quem eram os diretores que ocupavam as cadeiras no Ideal. Através de suas titulações, os diretores ocupavam variados cargos no campo jurídico, como desembargadores e diretores do Tribunal de Justiça do Amazonas, como é o caso de Raimundo Perdigão, Gaspar Antônio Guimarães, Manoel Agapito Pereira e Franklin Washington Almeida. Além do mais, outros dirigentes se estabeleceram no âmbito comercial, vinculados inclusive à Associação do Comércio do Amazonas, como é o caso do Coronel Joaquim Nunes de Lima e do comerciante Antônio Carlos de Miranda Corrêa.

Dos capitais que a diretoria pudesse agregar, ela tinha suas responsabilidades. Entre as competências do presidente, estava: presidir as sessões, despachar o expediente e assinar com os secretários os respectivos estatutos; fazer as convocações das Assembleias ordinárias nos prazos determinados nos estatutos, e das extraordinárias, quando lhe fossem requeridas; e dirigir as sessões e manter a ordem, não permitindo que os sócios falassem mais de três vezes sobre o mesmo assunto.

Nos jornais locais, não foram expostos conflitos ou resoluções realizados pela Assembleia, mas fica evidente que os diretores ressaltaram a importância da ordem nos debates ao definirem os dias de terças, quintas, sábados e domingos como exclusivos para o atendimento aos sócios, evitando ou resolvendo os confrontos públicos antes das reuniões, mantendo assim a fachada de bom funcionamento do clube.

No que diz respeito aos cargos de vice-presidência, é interessante constatar que foi ocupada apenas por 3 diretores na Assembleia Geral: Joaquim Nunes de Lima (1904 e 1905), Antônio Emílio Pinheiro (1906 e 1907) e Prudêncio Bogéa de Sá (1909). Entre as hipóteses sobre os motivos que tenham levado a diretoria a abdicar com o modelo de vice-presidência nos anos posteriores, existe a possibilidade de que os documentos associativos, que asseguram as decisões e os registros internos na divisão dos trabalhos, tenham se perdido com o tempo ou, ainda, uma falta ou falha nos registros e que possivelmente tenham sido deixadas de lado. Entretanto, o cargo de vice-presidência tinha a sua presença suprida pelos secretários da Assembleia Geral, como se vê no quadro a seguir (**Quadro 3**):

Quadro 3 - Secretários da Assembleia Geral – Ideal Clube – (1904-1920)

| Ano | Secretários-Gerais |
|------------------|--------------------------------------|
| 1904 | Dr. Adriano Augusto de Araújo Jorge. |
| 1905 | Raimundo B. de Britto Pereira. |
| 1906 | Dr. Achilles Beviláqua. |
| 1908,1910 | José Ramos Pinheiro |
| 1909 | Godofredo de Castro |
| 1911 | Raimundo Thomé Bezerra |
| 1912,1913 | Raimundo R. das Neves |
| 1914 | J. J. R. Martins. |
| 1915-1917 | Dr. Júlio de Casari Roberti. |
| 1918-1919 | Dr. Telesphoro de Almeida |
| 1920 | Dr. Raimundo Gomes Nogueira. |

Fonte: Adaptação das informações contidas em Antonaccio (2003).

Os cargos na secretaria da Assembleia Geral foram ocupados por diferentes grupos de elites. Existiam aqueles que realizavam atividades liberais, como os médicos, os advogados e os contadores; e aqueles que participavam das elites comerciais e empresariais, como é o caso do Dr. Júlio de Casari Roberti, empresário italiano e único imigrante estrangeiro a ocupar cargo na diretoria do clube, ao qual nos referimos no capítulo anterior. Sendo a composição dos Secretários da Diretoria assim posta (**Quadro 4**):

Quadro 4 - Secretários da Diretoria do Ideal Clube – (1904-1920)

| Anos | Secretários da Diretoria |
|------------------|--------------------------------------|
| 1904-1907 | Francisco d'Assis de Souza Guimarães |
| 1908 | Carlos Nogueira Fleury. |
| 1909 | Rodolpho Vasconcellos |
| 1910 | Godofredo Castro |
| 1911 | Arnaldo Guimarães Maia |
| 1912 | Oscar Braum |
| 1913-1914 | Não encontramos registro |
| 1915-1916 | Raimundo Alves Tribuzzi |
| 1917-1918 | Raimundo Gama e Silva |

Fonte: Adaptação das informações contidas em Antonaccio (2003).

Competia aos responsáveis do secretariado fazer as correspondências do clube, assinar as atas das sessões da Diretoria e os diplomas de sócios efetivos e adventícios, assistir à verificação dos escrutínios secretos e fazer todas as convocações e comunicações nos jornais

locais que lhe fossem recomendadas pelo presidente. Cabia também guardar os papéis, documentos e livros da secretaria, pelos quais era o único responsável, e responsabilizar-se pelos gabinetes de leitura.²⁶⁵

A organização em associações e clubes tinha uma justificativa que fugia dos padrões políticos postos nos âmbitos administrativos que esses mesmos sócios participavam. Porém, é necessário afirmar que, diante de uma exigência burocrática burguesa, a organização da Assembleia deu ao clube um caráter legal e associativo.

Essa preocupação das elites em seguir suas próprias regras e exigências tinha por finalidade perpetuar sua visão de mundo e estilo de vida com a função de legitimação das estruturas de poder que participavam e que pudessem garantir a troca de bens materiais e imateriais.²⁶⁶ Bourdieu assim nos evidencia que os esportes e até mesmo as atividades recreativas comprovaram um dos desafios da luta política: “pois produtos da ação da pequena burguesia que encontra aí uma oportunidade para impor seus serviços políticos e gestão e para acumular ou manter um capital de notoriedade e honorabilidade sempre suscetível de ser reconvertido em poder político”.²⁶⁷

A Assembleia Geral pareceu gerir uma parte significativa da atuação e mobilização do clube, contudo, não era autônoma, pois necessitava da convocação da Diretoria. Sendo assim, evidenciando o projeto coletivo da agremiação os cargos da Diretoria do *Ideal Club*, assim como em outros espaços, deveriam ser escolhidos e votados pelos sócios. Assim, fortalecendo as bases e relações de interesses para que o nome escolhido garantisse o conjunto de valores individuais ou coletivos em disputa.

2.3.2 – A Diretoria

Era na diretoria que estava em vigor a disputa pelas gerências monetárias. Os diretores eram os responsáveis pela arrecadação das cotas mensais, joias e receitas eventuais. Deveriam aplicá-las nos termos das disposições do estatuto, dando prioridade para a construção da sede e da biblioteca. No que diz respeito à associação, era de responsabilidade da Diretoria nomear, suspender, multar e demitir os funcionários do *Ideal*, assim como advertir os sócios e excluir aqueles que tivessem incorrido nas penalidades dispostas no estatuto.

²⁶⁵ Artigo 63º do Estatuto do *Ideal Clube*. Manaus, 26 de janeiro de 1915.

²⁶⁶ KLÜGER, Elisa. Espaço social e redes: contribuições metodológicas à sociologia das elites. *Tempo Social*, v. 29, n. 3, p. 83-110, 2017.

²⁶⁷ BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. *Questões de sociologia*, p. 136-153, 1983.

Com essas responsabilidades, o nome dos diretores era resultado da escolha em julgamento dos filiados e dos simpatizantes da agremiação, com referencial distintivo das elites, sendo oportunizadas algumas discussões sobre eleições e divulgação das mesas diretoras nos periódicos locais. Frente a esse processo, um dos nomes que mais agregava comprometimento e credibilidade perante o corpo associativo e a sociedade seria o nome do presidente que dirigiria a associação em cada ano.

Encontramos 5 presidentes em nosso recorte temporal, faltando o registro de 1908 e 1913.²⁶⁸ Os dados simbolizam a centralidade em torno de nomes muito específicos, como pode ser observado no **Quadro 5**:

Quadro 5 - Diretoria do Ideal Clube (1904-1920)

| Ano | Presidentes |
|------------------|--------------------------------------|
| 1904-1907 | Raimundo Alves Tribuzzi. |
| 1908 | Não há registros de presidente. |
| 1910 | Raimundo Alves Tribuzzi. |
| 1911-1912 | Augusto César Fernandes. |
| 1913 | - |
| 1914 | Manoel Dias Oliveira. |
| 1915-1916 | Franklin Washington de Sá e Almeida. |
| 1917-1920 | Augusto César Fernandes. |

Fonte: Adaptação das informações contidas em Antonaccio (2003).

A centralidade em torno desses nomes acabava por representar uma certa limitação na articulação dentro da própria dinâmica eleitoral e associativa do clube. Isso, na verdade, nos revela que os nomes que estavam em disputa marcaram uma tradição política pautada em si mesmos, evitando, portanto, o desgaste político ou limitando a discussão associativa. Se, de um lado, essa centralidade em torno de nomes específicos reforçava as ideias de credibilidade a fim de garantir tradições e engrandecimentos ao coletivo, de outro, evitava que o corpo diretor ou a agremiação desfrutasse de novos projetos. Assim, o que vemos é a hegemonia de nomes e projetos específicos, com interesses próprios que pareciam muito com o modelo de conchaves políticos até mesmo na esfera recreativa. A exemplo disso, a valorização desse

²⁶⁸ No que se refere aos vice-presidentes, competia-lhes substituir o presidente em todos os seus impedimentos. Fez-se o registro de C. Cosme Alves Ferreira (1904-1905), C. Domingos Alves Pereira de Queiróz (1906-1907), Carlos Montenegro (1909), Dr. Epaminondas de Albuquerque (1917), José Lourenço Barroco (1918), Dr. Albertino Dias de Souza (1919) e Dr. Raimundo B. de Britto (1920).

apadrinhamento é realizada por Luiz Ribeiro da Costa, sócio do *Ideal*, que, na ocasião de posse da diretoria de 1905, tomou a palavra e explanou que

[...] desejava que fosse lançado na ata da presente sessão um voto de congratulação para com a sociedade, por ver que os nomes distinguidos para os corpos do Club asseguravam perfeitamente a sua vida, jamais desmentindo as honrosas tradições daqueles que sempre se esforçaram pelo engrandecimento da agremiação a que pertencia.²⁶⁹

Ao abordar esses significados, demonstramos sob que circunstâncias e a quem essas estimas eram creditadas. Certamente, os elogios e as confianças destinadas às instâncias administrativas partem de um reconhecimento e da legitimação de quem poderia governar o Ideal Club. Tanto a Diretoria quanto a Assembleia Geral foram estritamente dirigidas por homens, ocupantes na burocracia estatal de algum cargo jurídico, comercial ou político. Isto caracteriza que o tempo do homem é o da vida pública. Mesmo em uma esfera recreativa com a diversão seleta e restrita, caracterizando um espaço privado, o sentido da administração deveria ser comandada por homens públicos, significando assim um ideal dominante, no qual o seu posicionamento diante do grupo é fundamental para o seu reconhecimento e dominação nos espaços sociais, e vice-versa:

O posicionamento desses agentes em espaços de poder do e no grupo que cultua determinados valores só servirá para legitimar e reforçar esses mesmos valores, fechando um circuito em que agentes buscam se associar a crenças e padrões de classificação dominantes e assim reforçam a dominação daquilo que já os domina.²⁷⁰

Nos estatutos, não existem exigências nas atividades e ocupações de homens e mulheres e, por mais que não fossem definidas formalmente as proibições de acesso a postos de liderança às mulheres, é notório que a própria composição do grupo encaminha e fortalece masculinidades e burocratização social. Ou seja, válida o alinhamento da política e administração em torno do homem, dos negócios e dos bens. Nesse sentido, os elogios à gerência do clube sempre afirmam a notoriedade pública dos homens que o administravam:

Sabemos do grande empenho em que estão os associados de tão futura agremiação no sentido de escolher entre si os mais dedicados e competentes

²⁶⁹ **Jornal do Comércio**. Manaus, 14 de fevereiro de 1905.

²⁷⁰ DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Editora UFMG, 2004, p. 246.

para levar de vencida a grande tarefa de uma administração proveitosa. Desejamos bom resultado aos moços do Ideal Clube.²⁷¹

Representados como “dedicados, competentes, letrados, cultos e burgueses”, os moços do *Ideal* deveriam cumprir com a administração do clube à característica de uma sociedade governada por homens e de reforçar seu heroísmo. No âmbito simbólico, também acentuava o oferecimento de programações, práticas recreativas e esportivas para esses homens. O objetivo era o mais direto possível: forjar valores e atributos que contribuíssem para o seu posicionamento social.

A confirmação da masculinidade também estava no *status* do serviço prestado por suas esposas.²⁷² Vemos as mulheres na organização das festas, saraus e encontros nas partidas esportivas e dançantes, revelando que o espaço do salão é paradoxal, pois, se ao homem é garantida a gerência entre o público e o privado, ao recreativo e ao burocrático, à mulher é garantido apenas o espaço privado, onde seriam “donas” dos lares, de organizações, sociabilidades, visitas, recepções e jantares.

Assim, como vemos na foto a seguir (**Figura**), da administração de 1905, até mesmo suas vestimentas (ternos, gravatas e coletes), exposições em saraus e cafés, aquisição e venda de produtos reforçam o entrelaçamento do indivíduo com sua representação social para definir posição perante os outros e a si mesmo.²⁷³

Figura 13 - Diretoria eleita em 12 de fevereiro de 1905



Legenda: Sentados: no centro, o presidente Raimundo Alves Tribuzi, tendo à sua direita o vice-presidente Cosme Alves Ferreira, e à esquerda, o 1º Secretário Francisco d’Assis de Souza Guimarães. Em pé, da direita para a esquerda: José Nunes de Lima, 2º secretário; Raimundo Xavier de Souza, vogal; Emiliano Estanislau Affonso B. de Brito Pereira, vogal; e Antero de Rezende, tesoureiro.

Fonte: BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa oficial, 1979. p. 56.

²⁷¹ **Correio do Norte**. Manaus, 04 de fevereiro de 1906.

²⁷² SANT’ANNA, Denize Bertuzzi. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 248.

²⁷³ RASPANTI, Márcia Pinna. O que “eles” vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013, p. 212.

Em torno da figura do presidente, essa centralidade ganhava mais sentido e valor, uma vez que ele era o encarregado de executar todas as deliberações e de fiscalizar todos os serviços do clube. Além de dirigir conforme o estatuto e representá-lo em todos os seus atos, ainda poderia suspender qualquer discussão contrária ao estatuto.

O espaço recreativo, apesar de possuir seus próprios valores, dinâmicas, autonomias e singularidades, não pode atuar sozinho. Para que os eventos, diretores e sócios pudessem desfrutar do recreio e adquirir vantagens em torno do associativismo, a agremiação deveria estabelecer vínculos e redes que pudessem atestar os seus valores e estender o senso de coletividade. Essa construção, feita ao longo do tempo, não nasce de um dia para o outro, ao contrário, é resultante de um processo de sociabilidade, levando em consideração as trajetórias individuais e coletivas compostas em outros espaços: no trabalho, na maçonaria, na política, na associação etc. Por isso, achamos importante entender e avaliar essas construções.

2.3.3 – Sociabilidades, redes e vínculos associativos

Nossa discussão sobre redes parte do entendimento de que as relações sociais e as trajetórias dos agentes, ao mesmo tempo em que formam sociabilidades, também são formadas por elas. Partindo desse ponto de encontro, compreende-se que vínculos sociais duráveis, em graus de profissionalismo e amizades, assumiram estruturas dentro do clube e operaram para a troca de bens materiais e simbólicos, como recursos financeiros, patrocínios, homenagens e prestígios.²⁷⁴

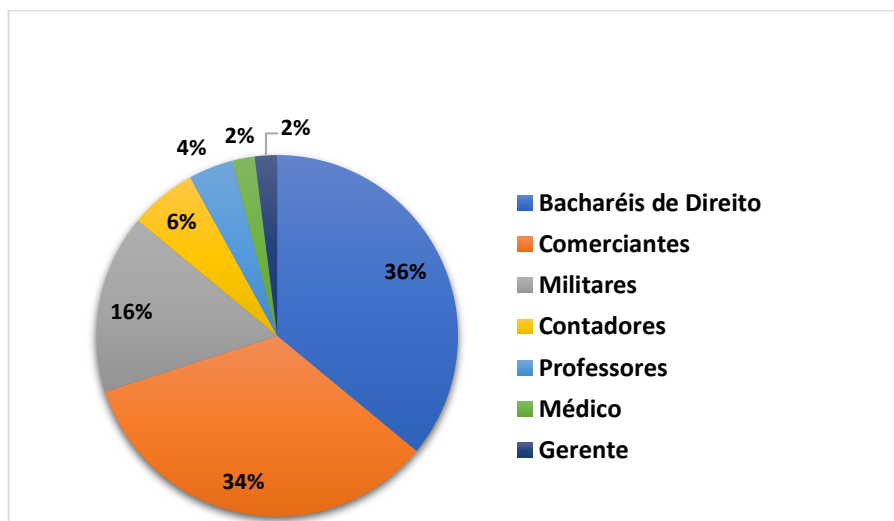
Ao longo da pesquisa, realizamos o levantamento acerca da trajetória dos 46 diretores do Ideal Clube. Em posse dos dados, pudemos verificar que todos cumpriam a principal regra da agremiação: o gozo pelo reconhecimento social e do exercício de uma profissão lícita habitual.

As profissões exercidas por esses diretores estavam assim divididas: 18 bacharéis em direito, 17 comerciantes, 8 militares (sendo 5 comerciantes, 1 comerciante e magistrado e apenas 2 com exclusividade nas patentes do âmbito militar), 3 contadores, 2 professores, 1 médico, 1 gerente.²⁷⁵ O gráfico a seguir (Gráfico 4) representa suas devidas porcentagens.

²⁷⁴ KLÜGER, Elisa. Espaço social e redes: contribuições metodológicas à sociologia das elites. **Tempo Social**, v. 29, n. 3, 2017, p.85.

²⁷⁵ É importante destacar que alguns sócios exerciam mais de uma profissão, mas os dados e o levantamento completo pode ser conferido no Apêndice II: Dados dos diretores do Ideal Clube (1904 – 1920).

Gráfico 4 - Profissões dos diretores do Ideal Club (1904-1920)



Fonte: Gráfico organizado pela autora com base em pesquisa na Hemeroteca Nacional Digital sobre os diretores do Ideal Clube.

Segundo o gráfico, notamos que os grupos que mais atuaram diretamente no Ideal Clube eram formados com bacharelado em direito, seguidos pela elite de atuação comercial e, por fim, uma elite formada no âmbito militar, que também poderia circular em outros espaços como o comércio e cargos do funcionalismo público.

A presença do magistrado e dos atores do comércio é praticamente similar, representando-se pela média de 34% a 36%. Dessa maneira, caminhamos para averiguar a formação e representação dessas elites dentro da associação recreativa e como esses segmentos utilizavam desse espaço para atuarem e agirem em busca de seus interesses enquanto classe, fazendo do clube um importante espaço para o reforço dos seus vínculos políticos e econômicos.

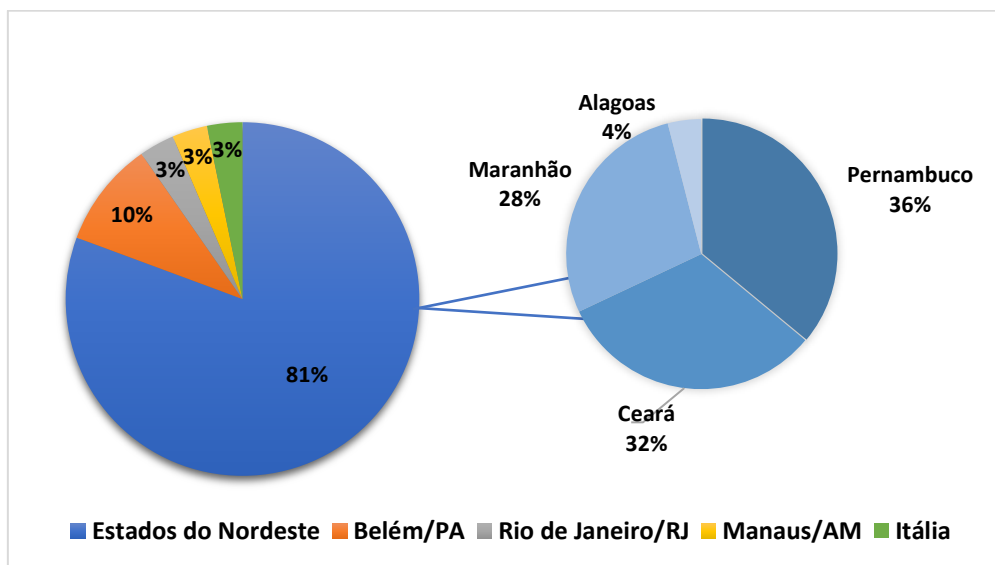
Na verificação de como isso se aplica, temos ciência de que os acordos não eram realizados unicamente no clube, pois pode-se supor que, utilizando-se das amizades e dos vínculos fraternos, familiares ou associativos proporcionou que 29 diretores ocupassem cargos públicos, como nos Tribunais de Justiça, Ministérios Públicos, Secretarias da Prefeitura, Junta Comercial e Batalhões militares. Ainda é necessário observar que 10 diretores, ocupantes de cargos no legislativo (vereadores, deputados estaduais ou federais e senadores), utilizaram-se de suas redes para a captação e manutenção de seu poder político, de administração e de estabilidade nos postos ocupados.

Esses dados informam que 43% dos dirigentes da agremiação demandavam funções e representações políticas e estatais explícitas. Portanto, por mais que o clube não permitisse

“discussões políticas” em seus estatutos, querendo parecer um grupo “apolítico”, via de regra, acabavam por formar um grupo homogêneo e articulador dos interesses do Estado em variadas esferas. Contudo, esses vínculos não iniciavam quando esses homens ocupavam os cargos públicos ou quando se encontravam nos salões da associação. Fruto de outra ordem, essas relações intensificavam a sua origem tendo em vista a possibilidade de esses vínculos haverem nascido nas escolas de direito ou nos âmbitos militares, espaços onde tiveram a formação profissional. Conseqüentemente, há mais relações do que estritamente burocráticas que precisam ser observadas, como os índices migratórios das elites recrutadas de outros estados/países para o estado do Amazonas.

Se olharmos mais atentamente para a origem desses homens, verificaremos que 81% são naturais dos estados nordestinos, o que caracteriza o recrutamento de uma elite procedente dos estados de Pernambuco, Ceará e Maranhão, que representavam o berço do magistrado (como a cidade de Recife) e o berço do comércio (como a cidade de Fortaleza). A distribuição da naturalidade desses diretores demonstra que 25 diretores vieram do Nordeste, 3 de Belém (PA), 1 do Rio de Janeiro, 1 da Itália e apenas 1 de Manaus. O gráfico de origem fica assim representado (Gráfico 5 **Erro! Fonte de referência não encontrada.**):

Gráfico 5 - Naturalidade dos diretores do Ideal Club (1904-1920)



Fonte: Gráfico feito pela autora com a pesquisa em periódicos da Hemeroteca Nacional Digital sobre os diretores do Ideal Club.

Formados em outras cidades, ao migrarem para Manaus, buscavam forjar experiências, articulações políticas e capitais financeiros que os caracterizassem como elites a

partir de sua formação e atuação. Mediante disso, ao adentrarem o âmbito público, comercial ou militar, precisavam de vínculos que permitissem que os projetos e os interesses circulassem seus nomes e as ideologias que estavam em vigor. Para isso, os espaços associativos ofereciam sociabilidades e debates de ideias.

Além do clube, notamos que os diretores estavam vinculados (direta ou indiretamente) a outras associações em Manaus. Para analisarmos as redes formadas, áreas de atuação e vínculos de interesses, por meio das notícias dos jornais, constatamos que os diretores estavam associados a 8 eixos de atuação, além do Ideal Clube: (1) nas Associações Mutuais e Cosmopolitas, (2) nas Associações Comerciais, (3) nas Associações filantrópicas, (4) nos espaços educacionais e de letramento, (5) nos partidos políticos, (6) nas esferas religiosas, (7) nas sociedades recreativas ou esportivas e, por fim, (8) nas sociedades étnicas. Dessa maneira, os dados comprovam que a agremiação não ficava fechada em si mesma, ao contrário, ela estendia os seus círculos de influência e ação.

No **Quadro 6**, podemos conferir 37 entidades classistas, comerciais, políticas, letradas, religiosas, recreativas e étnicas com as quais o Ideal Clube possuía vínculos diretos e indiretos com o compartilhamento de sócios e diretores em seus quadros.

Quadro 6 - Associações e vínculos dos diretores do Ideal Clube

| SEGMENTOS | ENTIDADES |
|---|--|
| Associações, Sociedades e Mutuais | Associação Beneficente dos Funcionários Públicos Associação dos Panificadores Instituto dos advogados do Amazonas Sociedade Mutua de Pecúlio e Garantia do Capital Sociedade Socorros Mútuos dos Marítimos Sociedade Cosmopolita de B. M. Previdente Amazonense |
| Associações comerciais | Associação Comercial dos Retalhistas Associação do Comércio do Amazonas (ACA) Associações dos Empregados do Comércio Companhia de seguros marítimos e terrestres <i>Lloud amazonense</i> |
| Associações filantrópicas | Cruz Vermelha Italiana Santa Casa de Misericórdia |
| Educação e Letramento | Academia Amazonense das Letras Escola prática de instrução militar no Amazonas Escola Universitária Livre de Manaus Grêmio Literário Amazonense |
| Partidos Políticos | Partido Republicano Amazonense Partido Revisionista |
| Religião | Federação Espírita Amazonense |
| Sociedades recreativas ou esportivas | Terpsychore Club Club Internacional Sociedade Brasileira de Tiro Nº10 Atlético Rio Negro Club Sport Club Club Mão Negra Racing Club |

| SEGMENTOS | ENTIDADES |
|-------------------------------|--|
| | Manáos Sport Nacional Sport Club Rotary Club Parintins Foot-ball Club Derby Club |
| Sociedades Étnicas | Centro Pernambucano Grêmio Maranhense Sociedade Italiana de Socorro Mútuos Grêmio Paraense Sociedade Espanhola |
| Sociedades Fraternalis | Lojas Maçônicas |

Fonte: Quadro organizada pela autora com as pesquisas nos Jornais da Hemeroteca Nacional Digital sobre a vida dos diretores e suas relações com outras diretorias e sociedades.

Com características que somente o ideal associativo poderia promover, unindo os aspectos identitários e das sociabilidades como marco para a atuação social e política, a manutenção dos poderes e formação de laços pessoais em variados espaços era realizada por meio da vida de dirigentes do clube. Esse movimento indica que as redes e os vínculos associativos intensificaram as formas de recrutamento em diversas frentes para que as elites permanecessem no poder tanto na ordem material quanto na perspectiva simbólica, assim como favorecessem os prestígios pessoais de seus respectivos representantes em favor de projetos coletivos.

Por meio dos vínculos entre o Ideal Clube e as diferentes sociedades apontadas, podemos verificar a consolidação de uma rede orgânica, solidária e ideológica entre as elites. A manifestação disso está tanto na realização de programações, festas e atividades em conjunto, quanto no compartilhamento de sócios e diretores em várias entidades. Isto garantia legitimações, circularidades e credibilidades entre as relações e redes formadas. Adicionalmente, a partir dessa observação, é possível compreendermos a agilidade das elites em seus projetos e os motivos que as consolidaram como grupo de poder.

Esses diretores, intencionalmente ou não, transformavam o Ideal Clube em um espaço local diversificado, onde o recreio era apenas uma faceta daquilo que se entendia como sociabilidade. Do mesmo modo, é válido destacar que, graças a isso, o clube cresceu. Se em 1903 a associação limitava-se ao seio familiar aristocrático, a partir da gradual expansão de suas atividades, o grêmio agregou sócios e repercutiu os seus valores, recursos financeiros e simbólicos. Essas ações fazem crer que a vida associativa das elites no Ideal Clube também representava um importante centro de investimento tanto de serviços quanto de capitais e significados que elites conseguiram entranhar na sociedade manauara com o sonho da *belle époque*.

A seguir, veremos como isso foi dado. Parece-nos que a trajetória individual dos diretores é um importante caminho para nomearmos e identificarmos os projetos dessas representações das elites. Por esse motivo, achamos importante analisar as elites jurídica e comercial, pois, diante de um enorme salão social, esses grupos incorporavam e fortaleciam suas visões de mundo em favor da dominação, troca, exploração e produção de bens materiais e simbólicos.

CAPÍTULO 3. ENTRE PRESTÍGIOS, PODERES E A TROCA DE CAPITAIS: AS ELITES DO IDEAL CLUBE

Participar da vida recreativa do Ideal Clube poderia, à primeira vista, significar apenas usufruir das atividades ofertadas como danças de salão ou exercícios desportivos. Mas se olharmos para o conjunto de associados, notaremos que essas práticas desnudam em privilégios e distinções que esses grupos possuíam na vida cotidiana habitual, representadas na vida associativa.

Essa forma de representação e afirmação social ficam evidentes nas palavras de Gaitano Laertes Pereira Antonaccio²⁷⁶, ao se referir sobre a preferência da elite pelo Ideal Clube, pois este estabeleceria o elo da pirâmide configurada pelo homem, seus valores e projeções na busca explícita pelo reconhecimento por parte da sociedade a qual pertence. Este conjunto de aspirações seriam, assim, marcos distintivos dos associados, das suas identidades e lógicas de pertencimento ao clube:

E todo homem bem sucedido financeiramente deseja ser reconhecido pela sociedade, porque começa a perceber que existem diferenças fundamentais entre riqueza, poder e prestígio. A riqueza, o homem conquista dignamente pelo trabalho, pela herança da família, ou por meio de outras formas convencionais aceitas pelos princípios éticos e morais; o poder, já diz a lei – emana do povo e a sua forma tradicional de conquista, quando não vem da monarquia ou por outras formas de sucessão sem a participação direta do povo, vem por escrutínio, pela nomeação de cargos públicos ou pela liderança do indivíduo habilidoso, ao assumir alguma atividade; o prestígio – maior conquista pessoal do ser humano é mais difícil de alcançar. **O prestígio depende da atuação do homem em sociedade, de seu carisma como pessoa humana, de muita simpatia física e espiritual, de suas virtudes universais emanadas da dedicação aplicada a uma ou várias atividades. Tem tudo a ver com o caráter e a personalidade** [grifo nosso].²⁷⁷

Com relação à afirmação de Antonaccio faz-se necessário realizar algumas ressalvas, dentre as quais o apontamento para processo capitalista no qual o próprio Ideal Clube estava inserido. Isto implica apontar que a riqueza dos grupos econômicos e comerciais naquele momento foram conquistadas mediante uma lógica excludente, disciplinar e desigual do trabalho, quando não, pela ascensão social proporcionada por títulos, riquezas ou heranças

²⁷⁶ Antonaccio nasceu em 28 de janeiro de 1940. É formado em contabilidade e direito, mas destaca-se por suas obras, entre elas, utilizamos o livro em que o autor descreve o Ideal Clube como uma associação aristocrática.

²⁷⁷ ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo**. Manaus: Imprensa Oficial, 2003, p. 31.

familiares. Já na esfera do poder, as elites administrativas e políticas conseguiram os seus postos no Estado ou na administração do bem comum graças aos acordos, manobras e manipulações políticas, oriundas do coronelismo, exploração da mão de obra mal assalariada e recém-livre.

A partir da afirmação de Antonaccio, também podemos compreender o interesse estratégico por pertencer a um clube como o Ideal para conquistar distinções, reconhecimentos e notoriedades.

O prestígio, como sinal de carisma, dependia dos discursos e práticas que buscavam valorizar os empenhos, os talentos, os valores e as virtudes individuais daqueles que ocupavam os espaços econômicos, políticos, administrativos, financeiros e/ou comerciais. Tais recursos acabavam por definir pertencimento às elites, portanto, tornava-se um item indispensável nas relações sociais. Ainda mais, tinham um claro objetivo de promoção social por meio do luxo, vigor e influência assim como implicava na obtenção de aceitação em determinado espaço. Esse último aspecto deve ser melhor analisado ao considerarmos a trajetória e os fins da conquista de prestígio.

Como salienta o texto, o prestígio – “maior conquista pessoal do ser humano” – não é conquistado por heranças ou por trabalho, mas é obtido por simpatias “físicas ou espirituais”, em virtude de seu caráter e sua personalidade. Assim, o clube tornou-se o local não apenas de diversão, mas especialmente o espaço de encontro do homem com sua carga de valor.

Para compreendermos as dimensões desses valores, precisamos analisar quem eram os atores que os partilhavam. Como observado, das porcentagens do clube, esses diretores participavam das elites jurídicas (36%), do comércio (34%) e do militarismo (16%). Analisando esses dados, podemos verificar que todos eles possuíam relativa riqueza material, certo poder em suas esferas de influência e algum prestígio em virtude das posições que ocupavam. No entanto, podemos compreender que o pertencimento ao Ideal Clube poderia significar uma estratégia de manutenção e reprodução do capital social com o intuito de obtenção de maior reconhecimento e vantagens materiais e/ou imateriais. Dessa forma, estudaremos nesse capítulo sobre os grupos com maior expressividade numérica na direção do Ideal Clube, os desembargadores e os comerciantes de Manaus, e suas estratégias para manutenção de seus estilos de vida, cargos públicos, graus financeiros e suas respectivas influências.

De acordo com o levantamento que realizamos sobre a diretoria do Ideal Clube, encontramos ao menos seis desembargadores do Tribunal de Justiça do Amazonas e dois bacharéis em Direito que exerceram alguns outros cargos públicos. Entre os desembargadores,

podemos nomear: Raimundo da Silva Perdigão, Gaspar Antônio Vieira Guimarães, Manoel Agapito Pereira, Franklin Washington de Sá e Almeida, Emiliano Estanislau Afonso e Antero Coelho de Rezende. Ainda, haviam aqueles que ocuparam outros cargos, como João Barreto de Menezes (secretário do Estado em 1903) e Carlos Costa Ferreira (juiz distrital). Em uma esfera maior, apesar dessas pequenas diferenças de ocupação e distribuição²⁷⁸, esse corpo compunham o judiciário do Estado com o objetivo de defender o interesse da ordem, o treinamento e acumulação de poderes e atuação política no exercício da jurisdição pública, como elucidada José Murilo de Carvalho:

Partimos da suposição de que o emprego público era a ocupação que mais favorecia uma orientação estatista e que mais treinava para as tarefas de construção do Estado na fase inicial de acumulação de poder. A suposição era particularmente válida em se tratando dos magistrados que apresentam a mais perfeita combinação de elementos intelectuais, ideológicos e práticos favoráveis ao estatismo. [...] Além das características da educação, eles tinham a experiência da aplicação cotidiana da lei e sua carreira lhes fornecia elementos adicionais de treinamento para o exercício do poder público.²⁷⁹

Compreendendo o jurídico como um corpo que legisla e debate sobre o ordenamento na cidade, em *A cidade das letras*, Ángel Rama evidencia a necessidade de buscarmos as explicações para a dominação incorporada ao entendimento de que as leis são manifestas na sociedade, no elenco intelectual dirigente, nas significações e significantes²⁸⁰. Isso sugere discutirmos como as elites – sejam elas burocratas, financeiras, comerciais – se organizam em diferentes espaços e atuam ideologicamente em seus agrupamentos institucionais, atribuições autônomas e instituições de poder, audiências, capítulos, seminários, colégios, universidades²⁸¹ e associações com intenções concretas e subjetivas de manutenção dos seus vínculos de interesses ativos e compartilháveis.

Longe de o clube ser isento dessas responsabilidades, pois também é um local onde o estado e a burocracia atuam, sendo representadas no direcionamento das normas de funcionamento, práticas recreativas, corpo e administração associativa. Dessa forma, vivendo coletivamente, os atores e sócios formavam as redes e as conexões necessárias com seus pares

²⁷⁸ Segundo José Murilo de Carvalho, a ocupação exerce uma importantíssima unidade e recrutamento das elites políticas nacionais. Uma vez que a educação superior já estabelece um grau de distinção e já estabelece o segmento entre as elites letradas, a ocupação (como os advogados e desembargadores) organizaria e indicaria a classe, transmissão de valores, treinamento e interesses materiais e homogeneidade ideológica. CARVALHO, José Murilo. **A construção da ordem e Teatro de sombras**. Rio de Janeiro: Editorial da UFRJ/Relume Dumará, 1996, p. 83.

²⁷⁹ CARVALHO, José Murilo. **A construção da ordem e Teatro de sombras**. Rio de Janeiro: Editorial da UFRJ/Relume Dumará, 1996, p. 87.

²⁸⁰ RAMA, Angel. **A cidade das letras**. Boitempo Editorial, 2015, p. 46.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 42.

que são reflexos das relações previamente estabelecidas e oriundas das vinculações pessoais e de outros espaços sociais. Essas relações formaram uma certa homogeneidade entre as elites que afim de ser reconhecida pelo seu prestígio delimitava e estabelecia fronteiras de ingresso em “seu mundo”.

A exemplo das redes formadas e acesso a esse espaço, tomamos a trajetória de Gaspar Vieira Guimarães, diretor da Assembleia Geral do Ideal Clube nos anos de 1910, 1915 e 1916. O intuito é perceber a evidente circularidade e fortalecimento de capitais em torno de seu nome como exemplo das amarrações entre os setores políticos, administrativos, governamentais e civis.

Sua atuação no âmbito recreativo, assim como nas instituições religiosas, acadêmicas e étnicas das quais fazia parte, tinha por objetivo o fortalecimento das redes, das notoriedades e dos prestígios que o nome e o seu grupo representavam. Além de dar notoriedade ao agente, esses vínculos permitiram que suas ações fossem consideradas e fortalecidas a tal ponto que se tornaram um referencial de engajamento e recrutamento político que teve por consequência diferentes resultados, dentre os quais podemos notar o indivíduo como agente ativo na esfera pública, mesmo que seu nome não tivesse sido projetado no âmbito legislativo²⁸².

No segundo tópico, por fim, abordaremos sobre as táticas utilizadas para as vinculações do Ideal Clube e da Associação Comercial do Amazonas (ACA). Tal como demonstrado no capítulo anterior, o segmento comercial era o segundo grupo que mais ocupava as cadeiras de direção do Ideal Clube. Diferente de Gaspar Guimarães, notamos que alguns aproveitaram-se dos capitais e graus de influências acumulados para projetarem-se no âmbito legislativo. Dos 14 nomes dispostos como dirigentes do Ideal Clube, temos um quadro bastante instigante para analisar, pois Joaquim Nunes de Lima, Raimundo Gomes Nogueira, Augusto César Fernandes e José Nunes de Lima foram presidentes ou diretores da Associação Comercial do Amazonas e, em anos posteriores, lançaram-se como senadores (1912; 1942), vereadores (1935) e deputados (1935), respectivamente. Mas, havia aqueles que já possuíam bases e articulações sólidas na arena política, como Cosme Alves Ferreira, vereador em Maranguape (CE), em 1888, antes de migrar para o Amazonas.

²⁸² Dos desembargadores, apenas Manoel Agapito Pereira concorreu em 1912 para deputado à Assembleia Legislativa do Amazonas e exerceu a presidência da casa de 1913 a 1914. No ano seguinte foi eleito deputado federal por esse estado. Assumiu em maio de 1915 sua cadeira na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e exerceu seu mandato até dezembro de 1917, quando se encerrou a legislatura. (PEREIRA, Manuel Agapito. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**, FGV. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PEREIRA,%20Manuel%20Agapito.pdf>. Acesso em: 20 de jun. de 2020)

Haviam também os diretores que por mais “afastados” das vinculações legais, ainda ocuparam cargos de articulação e representação burocrática do governo, como o caso de Manoel Dias Oliveira (corretor geral da Junta Comercial), Prudêncio Bogéa de Sá (presidente da Junta Comercial em 1913 e intendente municipal em Porto Velho, em 1919-1920), Júlio de Cesari Roberti (vice-cônsul da Itália no Amazonas) e Américo Lages Rebello (diretor da Junta Comercial em 1914).

Nesse sentido, abordaremos a trajetória de Joaquim e José Nunes de Lima que, além dos vínculos institucionais estabelecidos pelas programações e recreios, utilizaram-se desses espaços para o recrutamento de ações e projetos de vinculação entre o poder patronal, legislativo e social. Essa estratégia possibilitou a projeção de seus nomes e consolidação de bases eleitorais, tendo estruturas o capital financeiro e valores morais, como o trabalho, o progresso e a persistência propagados no momento em que o comércio nutria-se pela circularidade financeira e trabalho urbano para enriquecer-se monetariamente. De igual modo, podemos observar que graças as vinculações com o comércio, os seus campos e interesses eram defendidos e nutridos por esferas e ações subjetivas que nos fazem ter dimensões que

É impossível compreender a valorização de certas competências no espaço político sem mensurar tudo o que essa valorização deve previamente a atores externos ao campo político que procuram através disso consolidar sua própria posição, não tanto no espaço social em geral, mas em seu próprio setor de atividade.²⁸³

Galgando representações políticas nos espaços sindicais, esportivos, beneficentes, étnicos e identitários, percebemos que esses espaços acabavam por proporcionar ocasiões em que tais agentes podiam reconverter suas ações em capitais políticos para o uso de negociações, afirmações de classe, aprovações de projetos e estabelecimento de perfis de lideranças que se articulavam até mesmo com os dirigentes operários.

Assim sendo, em defesa dos seus próprios setores, competências e valores, a pergunta que buscaremos responder nesse capítulo é: “Quem eram essas elites?” e “como elas configuravam seus espaços de atuação em sentidos articuladamente estratégicos e políticos?”. Portanto, é do nosso propósito refletir e analisar suas ações e posições fora da agremiação, ou seja, estudar o conjunto de cargos e capitais (financeiros, políticos ou sociais) formados em diferentes espaços e postos, para que assim possamos entender a formação de redes de

²⁸³ DULONG, Delphine. Quando a economia se torna política. A conversão da competência econômica em competência política na Quinta República. **Politix. Jornal de Ciências Sociais da Política**, v. 9, n. 35, pág. 109-130, 1996. apud CORADINI, Odacir Luiz. **Em nome de quem?: recursos sociais no recrutamento de elites políticas**. Relume Dumará, 2001, p.22.

influências e contatos, recrutamento de sócios, circularidade dos valores, projetos e ideais desfrutados em esferas associativas gerada para o prestígio e distinção dessas próprias elites.

3.1 – EM BUSCA DE MORAL E CIVILIDADE: A ELITE JURÍDICA NA TRAJETÓRIA DE GASPAS VIEIRA GUIMARÃES

Gaspar Antônio Vieira Guimarães era um homem da elite jurídica. Nascido na cidade de Recife, em 20 de setembro de 1874, era filho de um casal pertencente a nobreza portuguesa (do comandante Gaspar Antônio Vieira Guimarães e da Sra. Maria Brígida de Abreu Vilar²⁸⁴) que pouco sabemos a respeito.

Antes de migrar para o Amazonas, inicialmente o futuro desembargador residiria em Belém, mas nos parece que houveram mudanças nos planos que o levaram a passar pela cidade apenas para realizar o seu casamento com a senhorita Maria Amethysta Rodrigues de Campos – também oriunda de uma elite paraense²⁸⁵ –, em 25 de maio de 1895. O casal teve um único filho, o Dr. Ivan de Campos Guimarães²⁸⁶.

Sobre sua vida pessoal e familiar o que nos resta são essas informações, porém já percebemos que Gaspar não precisou de muitas realizações para galgar seus espaços sociais e políticos, incluindo a manutenção de seus privilégios através das heranças familiares. A sua origem familiar burguesa e o matrimônio de Gaspar Guimarães e Maria Campos poderia mostrar como esses modelos indicavam o comportamento das famílias aristocráticas ao realizarem a perpetuação das suas lógicas de pertencimento por meio da idealização dos casamentos e da construção de novas famílias que tinham o mesmo viés ideológico. Na verdade, os matrimônios mostravam-se como marcos históricos na manutenção de privilégios e de interesses patrimoniais, econômicos e pessoais, pois ensinavam, de geração em geração, como o comportamento social, a reprodução de um conjunto de valores e os seus respectivos papéis e atuações²⁸⁷ lhes garantiriam vínculos e proteções.

²⁸⁴ **Revista da Academia Amazonense de Letras**. Ano 92, n. 29, Dez. 2010. Manaus: Editora Valer e Academia Amazonense de Letras, p. 15.

²⁸⁵ BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado**. Rio de Janeiro, Conquista, 1973, p. 236-238.

²⁸⁶ BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado**. Rio de Janeiro, Conquista, 1973, p. 236-238.

²⁸⁷ REIS, José Roberto Tozoni. **Família, emoção e ideologia**. Psicologia social: o homem em movimento, v.8, p.99-124, 184.

Contudo, nem tudo se resume ao indicativo de herança familiar de Gaspar Guimarães, aliás, existem poucas dúvidas sobre os seus interesses: a busca por experiências administrativas na Amazônia que lhe garantiriam seus próprios patrimônios.

Com 19 anos, recém-formado na Faculdade de Direito de Recife, chegou em Manaus em 31 de dezembro de 1892, e, situado na cidade, foi nomeado como promotor público da capital, em 14 de janeiro de 1893, pelo governador Eduardo Ribeiro. Não sabemos ao certo em que momento suas trajetórias se cruzaram, mas Eduardo Ribeiro, desde 1887, já estava na região. Esse, por sua vez, galgou de 2º tenente do Exército a governador provisório em 2 de junho de 1900 e a governador no período de 23 de julho de 1892 a 23 de julho de 1896²⁸⁸, momento em que “cercou-se de uma equipe de infatigáveis homens de talento, engenheiros, burocratas que o ajudavam a manter o ritmo dos negócios administrativos”²⁸⁹. Talvez, por esse motivo, o interesse e a promoção para Gaspar lhes fossem válidas, a ponto de promovê-lo à promotoria pública. Assim, o perfil burocrata e político era almejado, de um lado tinha-se o governo de Eduardo Ribeiro incrementando o aterramento de Igarapés, planificação de avenidas, construção de reservatórios de águas, elevação do Teatro Amazonas e Palácio da Justiça em seu plano de embelezamento, de outro, esperava-se que o magistrado exercesse o seu papel moralista e idealista: “o branco ideal, de educação perfeita, o dever de ocupar os cargos administrativos para evitar a degradação moral, fato que traria prejuízos incalculáveis para a região.”²⁹⁰

Figura 14 - Desembargador Gaspar Guimarães, Presidente da Assembleia Geral (1910, 1915, 1916)



Fonte: **O Acadêmico**. Manaus, 28 de setembro de 1927.

²⁸⁸ BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro, Conquista, 1973, p. 196.

²⁸⁹ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **O Jornal**. Caderno comemorativa aos 300 anos de Manaus, em 24 de outubro de 1969 apud UGART, Auxiliomar Silva (org.). Trajetórias políticas na Amazônia Republicana. – Organizado por Auxiliomar Silva Ugarte; César Augusto Bulbolz Queirós. Manaus, Editora Valer, 2019, p.43

²⁹⁰ COSTA, Hideraldo. **Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia**: discurso dos viajantes – século 19. Manaus, Editora Valer e FAPEAM, 2013, p.117.

Claro que essas ofertas não se deram instantaneamente, geralmente as propostas eram frutos e consequências de longínquos acordos em que a homogeneidade em um mesmo campo ideológico, a defesa do progresso e cientificidade para a formação moral e cidadã se sobressaíam. Essas características faziam parte da própria formação de Gaspar Guimarães que encontrou na Faculdade de Direito de Recife a sua própria missão: a formação do intelectual que pensasse os rumos do país em nome da “civilização” e do “progresso” alinhados com a biologia evolutiva, as ciências naturais e a antropologia física e determinista²⁹¹.

Gaspar então migrou ao Amazonas, mas trouxe em sua bagagem a mesma ideologia nacional no qual não poderia se desvincular. Não apenas formado sob a ótica da legislação, tecnicismo e profissionalização, o conjunto de magistrados que se formavam naquele momento eram designados para a tarefa de encontrar ideias, adaptar teorias e pensar os destinos da nação, tornando-se “intelectuais missionários eleitos” que tinham um papel central na guarda do “caminho certo”. De acordo Schwarcz, esse caminho configurava as ações profissionais e eruditas do papel do magistrado:

A figura do jurista permanecia, em meio a toda essa batalha, como que intocada. Confiantes em sua posição de “missionários”, buscavam os juristas brasileiros cunhar para si próprios uma representação que os distinguisse dos demais cientistas nacionais. Eram eles os “eleitos” para dirigir os destinos da nação e lidar com os dados levantados pelos demais profissionais de ciência. Na sua visão, encontravam-se distanciados do trabalho empírico dos médicos, das pesquisas teóricas dos naturalistas dos museus, da visão eclética e oficial dos intelectuais dos institutos históricos e geográficos. Entendiam-se como mestres nesse processo de civilização, guardiões do caminho certo.²⁹²

Esse papel missionário tem suas controvérsias, mas buscaram cumprir e consolidar a “civilização” na atuação e gerência dos cargos públicos. Gaspar Guimarães enquanto gestor, em 1907 e 1913, assumiu a Prefeitura de Segurança a convite de Antônio Constantino Nery²⁹³

²⁹¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo, Companhia das letras, 1993, p. 196.

²⁹² SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo, Companhia das letras, 1993, p. 245.

²⁹³ O governo de Constantino foi agraciado com a valorização comercial da borracha e, diante dos projetos de urbanização e expansão da cidade, as rendas públicas permitiram que Constantino Nery realizasse obras públicas notáveis, como a Biblioteca Pública, a nova penitenciária e o Leprosário de Paricatuba. Apesar das rendas e contas públicas serem constantemente registradas no Congresso Legislativo, o governador não deixou de se envolver em polêmicas ao deixar os cofres públicos em dívidas para o seu sucessor, o coronel Bittencourt. Como citamos, as ambiguidades e disputas políticas no seio da sociedade manauara fizeram a cidade ser bombardeada em 1910. Entretanto, os ex-governadores da família Nery contribuíram para a dilapidação do patrimônio público ao deixarem os cofres públicos esvaziados em razão de gastos pessoais, desvios de verbas e empréstimos financeiros de 50.000.000\$000 ouros com juros de 5%. Ainda assim, a imagem de Antônio Constantino Nery, segundo Agnello Bittencourt, era emblemática, a ponto de ser assim descrita: “O General era um homem de

e como chefe de polícia no governo de Jonathas Pedrosa²⁹⁴, respectivamente. Nas palavras de Agnelo Bittencourt, sua atuação deu uma “corrida aos vagabundos e malfeitores e uma ‘limpeza’ na cidade, onde as mundanas campeavam”²⁹⁵, representando assim o caráter sanitário, a marginalização dos sujeitos sociais, a repressão aos costumes locais e a imposição de uma lógica do trabalho à população, características da ambígua civilidade que, em busca do luxo e do referencial europeu, menosprezava tudo que lhe era contrário, humano e real.

Sendo assim a sua atuação não passou despercebida pela população e no cotidiano da cidade. Encontramos no trabalho de Paula Dantas, “Desordem em progresso”, evidências de que, entre os anos de 1913/14, foram registradas 1.112 prisões e queixas no mapa da Delegacia do 1º Distrito e 1.846 registradas no mapa da Delegacia do 2º Distrito²⁹⁶, totalizando 2.958 prisões e reclamações. Segundo a pesquisa, o maior número de prisões e registros deu-se por “ameaças, desordem, embriaguez, ofensas à moral, ofensas físicas, vagabundagem e pequenos furtos”²⁹⁷. O alvo das tais prisões, em sua grande maioria, era a

grande bondade, face ao sofrimento alheio, um amazonense de bela formação acadêmica, mas não passava de um boêmio a seu modo, não se preocupando com as grandes responsabilidades que pesaram sobre seus ombros, na sua terra natal”. (NERY, Antonio Constantino. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**, FGV. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/NERY,%20Antonio%20Constantino.pdf>>.

Acesso em: 20 de jun. de 2020; BITTENCOURT, Agnelo. **Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado**. Rio de Janeiro, Conquista, 1973, p.170-172; FEITOSA, Orange Matos. **À sombra dos seringais: militares e civis na construção da ordem republicana no Amazonas (1910-1924)**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-27082015-104735/en.php>; Acesso em: 20 de jun. de 2020).

²⁹⁴ Jonathas de Freitas Pedrosa nasceu em 8 de abril de 1848 na Bahia. Residiu em Manaus para atuar como segundo-tenente-cirurgião do Corpo de Saúde do Exército, em 1876. Foi nomeado médico da Guarda Policial, inspetor de Saúde Pública, comissário vacinador e 1º suplente de juiz municipal do Termo da Capital. Na década de 80, foi diretor-geral da Instrução Pública, inspetor de Saúde Pública e médico do Instituto Amazonense e da Câmara Municipal da capital. Em janeiro de 1889, fundou na cidade, o Ateneu Amazonense, considerado um símbolo da educação no Norte do Brasil. Mas é em meados de 1890 que ingressa efetivamente na carreira política ao fundar o Partido Republicano, sendo candidato ao cargo de senador federal. Mas somente em 1907 se elege à bancada, quando em 1913, renuncia diante da eleição ao cargo de governador do Amazonas. A política de Pedrosa era acompanhada em território nacional. A revista “O Malho”, por exemplo, anuncia a moralização que o recém governador tentava revigorar na tentativa de “extinguir o micróbio da ladroeira, que ataca toda a gente que por aqui passa...” (Revista **O Malho**, 11 de janeiro de 1913), certamente referindo-se aos escândalos dos governos anteriores, as contas dos cofres públicos desde os governos dos irmãos Nery e a acentuada crise da borracha que se iniciava na região com o desenvolvimento da Primeira Guerra Mundial Não apenas no âmbito econômico que o governador tinha os seus desafios, na política regional era opositor ao coronel Antônio Guerreiro Antony e no âmbito nacional, ainda enquanto senador, tinha Rui Barbosa contra o seu governo. Entre os amigos, estava Gaspar Guimarães, que além de compor o seu governo, participava dos mesmos vínculos maçons. Aliás, foi o Boletim da Loja Grande Oriente do Estado que noticiou sua morte, em agosto de 1922. (BITTENCOURT, Agnelo. **Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado**. Rio de Janeiro, Conquista, 1973, p. 291)

²⁹⁵ BITTENCOURT, Agnelo. **Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado**. Rio de Janeiro, Conquista, 1973, p.170-172

²⁹⁶ DANTAS, Paula. **Desordem em progresso: crime e criminalidade em Manaus (1905-1915)**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, 2014, p.71.

²⁹⁷ Idem.

população mais pobre e pela classe trabalhadora, acusadas de delinquentes e criminosos nos jornais locais e pelo senso comum.

Os números e tipificações de crimes e delitos evidenciam que, embora o exercício de Gaspar Guimarães corroborasse com o ordenamento social almejado pelos governantes e as elites locais, a imposição das leis e normas não se mostravam efetivas para banir e corrigir os “maus comportamentos”. De modo que seria necessário algumas ações: refletir sobre as maneiras de fortalecer os mecanismos de punição para a regeneração dos infratores.

Revestido dos aparatos científicos, Gaspar Guimarães ainda foi um dos nomes a pensar o sistema penitenciário como espaço de “regeneração social”²⁹⁸, fazendo cumprir sob a forma da lei os diagnósticos médicos e sanitários que apontavam a raça, o indivíduo e a população de cor como responsáveis pela degeneração social.

Uma das poucas mensagens que temos sobre nosso biografado encontra-se na revista *O Acadêmico: órgão dos estudantes da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Manaus*, com o título “O Instituto do Perdão”, em que Gaspar Guimarães emite a sua opinião ao grupo de intelectuais e estudantes de direito sobre o indulto da Justiça Federal e o seu processo de julgamento, o *habeas corpus*, e a reabilitação do indivíduo contidos nos artigos 59²⁹⁹ e 81³⁰⁰ da Constituição Brasileira.

O intelectual começa o seu discurso dissertando que o comportamento do condenado na prisão é essencial para que ele alcance a sua regeneração. Contudo, não é suficiente, pois, segundo o autor, as normas de boas condutas e a aplicação ao trabalho, embora constituíssem excelentes indícios do caminho do sentenciado para a regeneração, não sustentavam a

²⁹⁸ Segundo Dias, o orgulho do caráter disciplinador assumido pela polícia na construção de uma nova penitenciária funcional, em 1907, se explica pelas necessidades de acompanhar as mudanças ocorridas no sistema carcerário dos centros mais adiantados e para “entregar sua administração a pessoas com amplos conhecimentos da ciência penal e da técnica penitenciária”. (DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920**. 2ª Edição. Manaus, 2007, p. 73).

²⁹⁹ “Art. 81: Os processos findos, em matéria crime, poderão ser revistos a qualquer tempo, em benefício dos condenados, pelo Supremo Tribunal Federal, para reformar ou confirmar a sentença.

§ 1º - A lei marcará os casos e a forma da revisão, que poderá ser requerida pelo sentenciado, por qualquer do povo, ou ex-ofício pelo procurador geral da República.

§ 2º - Na revisão não podem ser agravadas as penas da sentença revista.

§ 3º - As disposições do presente artigo são extensivas aos processos militares.” (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. **Planalto do Governo**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm>. Acesso em: 13 de jun. de 2020)

³⁰⁰ “Art. 81: Os processos findos, em matéria crime, poderão ser revistos a qualquer tempo, em benefício dos condenados, pelo Supremo Tribunal Federal, para reformar ou confirmar a sentença.

§ 1º - A lei marcará os casos e a forma da revisão, que poderá ser requerida pelo sentenciado, por qualquer do povo, ou ex-ofício pelo Procurador-Geral da República.

§ 2º - Na revisão não podem ser agravadas as penas da sentença revista.

§ 3º - As disposições do presente artigo são extensivas aos processos militares.” (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. **Planalto do Governo**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm>. Acesso em: 13 de jun. de 2020)

justificativa do indulto. O “perdão” deveria ser acompanhado do bom comportamento do sentenciado na prisão, do lapso de tempo decorrido depois do julgamento e do estudo sobre o grau de temibilidade do agente criminoso na prática do crime. Sem esses termos, existia a possibilidade de abertura das portas da prisão a “indivíduos perigosos” que aproveitar-se-iam da compreensão disciplinar das cadeias, mas que, soltos, voltariam a delinquir, por isso,

A inteira cura moral de um criminoso bem precisa de outras provas mais robustas e de outros elementos mais fortes de convicção, afora essas demonstrações de docilidade sob o regime da penitenciária. Tais são, por exemplo, os atos de benemerência, os rasgos de abnegação, a recusa de cometer novos delitos, tendo oportunidade para isso, e outros fatos que induzem evidentemente a reabilitação moral do condenado.

[...]

O lapso de tempo decorrido depois da prisão é preciso que seja suficiente para se aquilatar da adaptabilidade do sentenciado ao meio social, de onde fora afastado temporariamente por ser pernicioso ou perigoso ao mesmo.

Somente, na verdade, depois de cumprida uma parte razoável da pena, é que poderão ter valor atestado de **bom comportamento e aplicação ao trabalho (grifos nossos)**, exibidos pelo paciente, concluindo-se com prudência e segurança que o seu grau de temeridade é inferior aquele de que se convenceram os que proferiram o “veredito” de condenação.

Para avaliar esse grau de temibilidade é necessário **também apreciar o fundo do caráter do agente criminoso e a gênese da ação criminosa (grifos nossos)**³⁰¹.

O que está em jogo no discurso é o caráter do indivíduo, pois tais entendimentos faziam parte das influências da escola moderna de criminologia italiana que fundamentaram as leis e conhecimentos da Escola de Direito de Recife, onde Gaspar Guimarães se formou. Os estudos sobre a índole do indivíduo e sobre o seu comportamento faziam parte de um conjunto de leis que “auxiliavam” de forma preconceituosa na identificação e punição dos “delinquentes” produzindo uma “teoria sobre a delinquência” em que os presos/as não são ouvidos, mas julgados por tipificações previamente constituídas por juízes, intelectuais e teóricos que faziam parte do próprio sistema de poder ao reproduzir “a ideia de que eles são agentes da ‘consciência’ e do discurso que também faz parte desse sistema”³⁰². Logo, os mesmos mantinham a forma mais manifesta e pueril de seu próprio exercício, de acordo com Michel de Foucault as prisões eram

o único lugar onde o poder pode se manifestar em estado puro em suas dimensões mais excessivas e se justificar como o poder moral. “Tenho razão em punir vocês sabem que é desonesto roubar, matar...”. O que é fascinante

³⁰¹ O Instituto do Perdão. **O Acadêmico**: órgão dos estudantes da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Manaus, 28 de setembro de 1928.

³⁰² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Livro em formato pdf.

nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara cinicamente, se mostra como tirania aos mais íntimos detalhes, e, ao mesmo tempo, é puro, é inteiramente “justificado”, visto que pode inteiramente se formular no interior de uma moral que serve de adorno a seu exercício: sua tirania brutal aparece então como dominação serena do bem sobre o mal, da ordem sobre a desordem³⁰³.

Na justificava pelo poder moral e na dominação do bem sobre o mal, a crítica de Gaspar Guimarães tratava-se sobre os “criminosos” que, diferentemente do crime, em alguns casos não poderiam ser tratados e corrigidos, mesmo com punição, pois faziam parte de sua origem. A avaliação faz parte também de um propósito das elites que desejavam colocar em averiguação os motivos e as circunstâncias que impulsionavam os delitos, pois, sem isso, a sociedade e o “progresso moral e social” estariam constantemente em risco, sem a efetiva amostra da regeneração do indivíduo. Esse desencadeamento de ideias extrapolavam os debates científicos e afetavam diretamente o comportamento e o cotidiano social em que o “ser” e o “indivíduo” fazem parte da lógica de controle.

Ao pensar além das normas e leis do direito, Foucault refletiu sobre o desenvolvimento da biopolítica como estratégia para descrever, ordenar e quantificar os indivíduos, sendo assim, o autor propõe a compreensão sobre a utilização do controle da vida para a formatação do indivíduo e a administração da população³⁰⁴. A sua compreensão propõe que o poder não está unicamente centralizado no Estado e estabelece um deslocamento das teorias jurídico-políticas para o atravessamento de todo o corpo social. Sobre esse mecanismo, Ricardo Schmachtenberg salienta que

A biopolítica vai lidar com a população, com o coletivo e vai implantar mecanismos e funções diferentes das desempenhadas pelos mecanismos disciplinares. Nos mecanismos implantados pela biopolítica serão tratadas questões como estimativas, estatísticas e vai tratar não de modificar tal fenômeno, mas sim de intervir naquilo que são as determinações destes fenômenos. (...) Assim não se trata de individualizar o corpo, de ficar preso a um corpo individual como faz a disciplina, mas pelo contrário, agir sobre estados globais de equilíbrio, de levar em conta a vida, os processos biológicos do homem-espécie e de assegurar sobre eles não uma disciplina, mas uma regulamentação³⁰⁵.

A regulamentação da vida seria entendida como a mudança central no caráter e no comportamento do indivíduo e do seu grupo social. Na busca por esse “equilíbrio” coletivo

³⁰³ Idem.

³⁰⁴ DANER, Fernando. O sentido da biopolítica em Michel Foucault. **Revista Estudos Filosóficos UFSJ**, n. 4, 2017.

³⁰⁵ SCHMACHTENBERG, Ricardo. Código de posturas e regulamentos: vigiar, controlar e punir. **Vestígios do passado: a história e suas fontes**, p. 1-13, 2008, p. 04.

outras medidas também precisavam ser executadas. Notadamente, os clubes sociais e recreativos serviram para a sociabilidade dos indivíduos, contudo, cabe a reflexão que se eram implementados na sociedade mecanismos regulamentação de diversas naturezas, o recreio e o lazer também eram vigiados com o objetivo de ensinar aos cidadãos sobre a realização de práticas recreativas aceitas e reconhecidas pelas elites. O sentido disso seria também ensinar aos indivíduos que todas as dinâmicas de sua vida deveriam ser revestidas de boa moralidade, sinônimos de decência, honestidade e pudor, portanto, um ser centralizado e equilibrado de acordo com as ordens sociais.

Pensando e agindo em favor da moralidade, o jornal do Ideal Clube, no artigo intitulado “A mocidade”, aponta a sua preocupação sobre a manutenção das características que os moços, descritos como “as esperanças da Pátria”, necessitavam possuir. Segundo o autor, não identificado, no seio das sociedades cultas e inclinadas para o bem e para o belo, a mocidade seria aquela que caminharia na marcha evolutiva do progresso. Ainda assim, embora o autor não possuísse um termômetro que indicasse o empenho de seus esforços para mostrar a evolução das ideias, dos aperfeiçoamentos das invenções e dos desdobramentos dos fatores que representavam as forças e os controles do Estado, a juventude “*idealina*” garantia que o trabalho realizado deveria ter essa finalidade:

Assim, pois, trabalham os moços do Ideal Clube, porque o trabalho é a condição da vida, é o exemplo mais salutar que podeis dar aos ociosos da atualidade.

Somos simpáticos à vossa modesta, mas valorosa associação, pelo que aceita as nossas asseguradas felicitações³⁰⁶.

O trabalho como condição de vida não aparecia apenas nas perspectivas das fábricas e trabalhos urbanos. A sua função como força do capitalismo estava alinhada com o valor desportivo e com a educação burguesa para incentivar a mocidade a desenvolver o estilo de vida capitalista pautado no labor que, segundo uma moral cristã, dignificava o homem e transformava seus corpos em uteis, saudáveis, viris e ativos.

Como diretor e fundador do Derby *Club* (1910)³⁰⁷, associação com sede no Rio de Janeiro e criada para o exercício do turfe em Manaus, Gaspar foi um dos responsáveis por investir na infraestrutura e legado da agremiação na cidade ao arrendar o Prado Amazonense (1910). A funcionalidade do grêmio era voltada a servir como parque de corridas a cavalo,

³⁰⁶ **Jornal Ideal Clube**. Manaus, 24 de setembro de 1904.

³⁰⁷ Diretoria do Derby Club. Presidente: dr. Gaspar Guimarães; Vice-Presidente: dr. J.M. Correia d’Araújo; Secretário: Cursino Gama; Orador: Aristides Guimarães; Tesoureiro: Manoel Vicente de Lima. (**Derby Club**. Manaus, 23 de julho de 1910)

partidas futebolísticas e práticas de tiro ao alvo pela Sociedade Brasileira de Tiro N° 10 ³⁰⁸ que possuía sócios e diretores em comum com o Ideal Clube, dentre os quais, o próprio Gaspar Guimarães (1), Dr. Adriano Jorge (2)³⁰⁹, Gentil Bittencourt (3)³¹⁰, Joaquim Nunes de Lima e Raimundo B. de Britto Pereira, conforme indica a imagem:

Figura 15 - Oficiais e inferiores do 1º Batalhão da Sociedade de Tiro Brasileiro no Amazonas



Legenda: Estão presentes na fotografia 2º tenente Raymundo Pantoja, instrutor; 2º tenente Alberto de Mendonça, instrutor; major-fiscal Gentil Bittencourt (1); capitão da 2ª. Gaspar Guimarães (2); capitão da 3ª Raymundo Pinheiro; 1º tenente José de Medeiros; 1º tenente Raul Braga; 1º tenente Milton de Almeida; capitão-ajudante Bruno Batista; 2º tenente Gentil-Ferreira; 2º tenente Adalberto Pedreira; 2º tenente Francisco Valente; 2º tenente Adriano Jorge (3); 2º tenente Manuel da Silva e 2º tenente Antonio de Medeiros.

Fonte: **Revista O Malho** (RJ), 1912.

³⁰⁸ O espaço foi criado em setembro de 1900 e contava com os fundadores: Annibal Mascarenhas, João Barreto, Rocha dos Santos, Silva Ferraz, Jonas da Silva, Ludovico Lins e José Maria. As indicações de sócios eram noticiadas no jornal **A Federação**, sendo Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, Euclides Nazareth, João Cabral Osório Anjos, Porfírio Nogucira, Gaspar Guimarães, João Cabral, Carlos Marcellino da Silva (Deputado Federal) e Amaro Bezerra admitidos em 09 de outubro de 1900 (**A Federação**, 10 de outubro de 1900). Em 1910 a sociedade dispunha da seguinte diretoria: desembargador José Lucas Raposo da Camara, 31 votos; vice-presidente, tenente-coronel Gentil A. Bittencourt, 27; tesoureiro, capitão José de Faria Gesta, 27 votos; vogais capitão Antonio Ignacio de Medeiros, 27; Adalberto Pedreira, 25; Carlos da Gama Rodrigues, 34; Gaspar Antonio Vieira Guimarães, 27, Bernardino A. de Paiva; conselho de compras, Henrique Taborda de Miranda, 26; Marcílio Fernandes Bastos, 27; João Rodrigues Coelho 26, e outros membros votados. (**Correio do Norte**, Manaus, 29 de dezembro de 1909.)

³⁰⁹ Era um conceituado médico e intelectual. Na composição de diretores, foi orador do clube e dissertaremos sobre ele no Capítulo 4º.

³¹⁰ Gentil Augusto Bittencourt nasceu em 10 de março de 1870. Em 1912 se formou em odontologia, na Escola Universitária Livre de Manaus e, em 1917, bacharelou-se em Direito. Foi casado com Ercília Sarmiento Bittencourt, filha do coronel Joaquim Sarmiento (ex-senador e presidente da Província do Amazonas). Como tenente-coronel da Guarda Nacional, foi secretário do Comando Superior da Corporação, contando como chefe os coronéis Emílio Moreira, Sá Peixoto, Porfírio Nogueira, etc. Também foi secretário da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia e da diretoria geral da Instrução Pública. Segundo Agnello Bittencourt, por ser um “homem de ideias liberais, banhadas nas luzes do século”, também compunha a ordem maçônica em 10 de junho de 1893, na Loja “Esperança e Porvir”. (AGNELLO, 1973, p. 239-240)

No que se refere às estratégias para aproximação e afirmação de capital político, os clubes – em particular, Ideal Clube e Derby Club – realizavam movimentos de aproximação junto aos diversos segmentos da sociedade manauara através de programações voltadas especialmente à imprensa³¹¹, passando pelos trabalhadores³¹² - que também dispunham, em particular, de representação pela presença em seu quadro dirigente de um importante líder sindical, Cursino Gama³¹³ - até as estreitas relações estabelecidas com governadores³¹⁴.

Com os governadores, a proximidade e homenagens feitas por Gaspar Guimarães tinha seus motivos justificados, pois o mesmo sempre manteve viva a sua atuação em favor dos interesses do Estado. Cabe lembrar que Gaspar Guimarães também participou do Governo de Antônio Bittencourt, como exposto anteriormente no início desse capítulo. Além do compartilhamento e tutela das cadeiras públicas, as homenagens para Antônio Bittencourt não se resumiam a corridas e prêmios, mas externavam-se em longos discursos no jornal esportivo do Derby, com as vantagens e elogios aos talentos de um governante:

Promete ser brilhantíssima, como tem sido as corridas de hoje no belo Prado Amazonense, enchendo, por completo, as suas vastas tribunas de espectadores.

O incansável *Derby Club*, aproveitando a data de hoje, resolveu dedicar a sua belíssima festa em homenagem ao digno e honrado primeiro magistrado do Estado, o Exmo. Sr. Coronel Antônio C. Ribeiro Bittencourt.

Alegrias, flores, risos e prêmios, todo este conjunto de prazeres explodirá no recinto do vistoso Prado e pegando na chaleira do digno presidente do Derby, Dr. Gaspar Guimarães, nem do incansável e popular capitão José Lopes as mais fortes colunas da simpática associação, desde já profetizo que

³¹¹ A exemplo, “Hoje, se o tempo permitir, haverá no Prado Amazonense, das 3 às 6 horas da tarde, cortejo dos animais que vão disputar a primeira corrida que se realizará no dia 02 de janeiro vindouro. O Prado estará à disposição do público que, de certo, não deixará de comparecer, afim de animar nosso *turf*. A diretoria do Derby Club, pelo seu presidente, dirigiu-nos um delicado convite” (**Jornal do Comércio**, 19 de dezembro de 1909)

³¹² Em 02 de abril de 1910 encontramos notícias sobre a homenagem em forma de corrida aos empregados do Comércio do Amazonas. Lembramos que a Associação de empregados do Comércio do Amazonas era dirigida por Joaquim Nunes de Lima, também sócio-diretor de nosso clube. (**Jornal do Comércio**, 02 de abril de 1910).

³¹³ Os entrelaçamentos entre Cursino Gama e Gaspar Guimarães reforçam-se pelos laços étnicos, pois o primeiro também era pernambucano e fundador do Centro Pernambucano em Manaus. Provavelmente, antes de administrarem o Derby Club, conheceram-se no funcionalismo público, tendo em vista que Cursino trabalhou na diretoria das Obras Públicas, espaço ocupado também por Gaspar Guimarães enquanto secretário. Cursino, por seu posicionamento em defesa dos trabalhadores, especialmente os da viação, destacou-se como um importante articulador do trabalhismo no Amazonas, sendo eleito na década de 30 em defesa dos mesmos ideais. (TELES, Luciano Everton Costa. João Cursino da Gama: a trajetória de uma liderança operária socialista no Amazonas (1902-1935). **Canoa do Tempo**, v. 9, n. 1, p. 138-154, 2017.) Com isso, apesar da seletividade, os clubes e associações frequentados pelas elites locais também agregavam lideranças sindicais em seu meio. Contudo, essa prática não é frequente, sendo poucos clubes e associações formados por trabalhadores, como o dos caixeiros e tipógrafos, ou que agregam suas lideranças em suas diretorias.

³¹⁴ Como exemplo das homenagens concedidas a inúmeros governadores em outros momentos, no dia 13 de fevereiro de 1910, o **Jornal do Comércio** noticiava: “Hoje às 2 horas da tarde realizar-se-á no Prado Amazonense uma grande corrida promovida pelo Derby Club, em homenagem ao querido amazonense Dr. A. Monteiro de Souza. O coronel governado do Estado comparecerá em companhia daquele deputado federal, em bom especial. Reina grande animação para esta corrida.” (**Jornal do Comércio**. Manaus, 13 de fevereiro de 1913).

serão vítimas de calorosas saudações por parte do respeitável público, pelo muito que tem feito a bem da referida sociedade.

Em conclusão: A festa de hoje, do DERBY CLUB, será verdadeiramente encantadora, como tem sido todas as realizadas pela querida sociedade esportiva, e certamente ficará lembrada na mente de todos os assistentes.

Jota Seven³¹⁵

O gozo de desfrutar das honras expostas nas “alegrias, flores, risos e prêmios” abria as portas para que a aristocracia da família Bittencourt, em companhia dos seus beneméritos, permanecesse no cenário político local com honras públicas. De outra maneira, o encanto provocado por tal estímulo a esse tipo de tributo, fazia com que Gaspar Guimarães se utilizasse dessas estratégias para engajar o seu nome nos ambientes sociais e desportivos, fazendo circular capitais simbólicos com as homenagens e ritos prestados aos governadores, conformando uma via de mão dupla.

Posto isso, esses protocolos poderiam aparentar o apreço ou compromisso de lealdade entre Gaspar e Bittencourt. Contudo, a condecoração também veio na tentativa de apaziguar as disputas e rivalidades dadas no cenário local e nacional, tendo em vista que no mesmo momento, o avanço da impopularidade e oposição política provocadas por parte do senador gaúcho Pinheiro Machado (Partido Republicano Conservador) e de Silvério Nery, manifestavam-se como principais armas para derrubar o monopólio da família no estado. Ademais, a conjuntura se agravava com o apoio de Antônio Bittencourt à Campanha Civilista, de Rui Barbosa, em oposição ao marechal Hermes da Fonseca, a quem Pinheiro Machado apoiara, em 1910. O próprio jornal do Derby Club foi utilizado, mais de uma vez, para defender um governo e personalidade pacíficos, sem ódios, de forma comovente, sobressaltando a honestidade como diferencial, fazendo menção indireta ao governo Nery

Há dois anos que uma brilhante aurora surgiu para o Estado do Amazonas, augurando prolongada era de paz, honestidade critério administrativo. (...) Do Coronel Antônio Bittencourt, pode se dizer que nos governa patriarcalmente sem ódios nem parcialidades, sem participações nem exames; por isso, a população em unanimidade, sente-se satisfeita com o seu primeiro magistrado e abençoado os dias de seu governo³¹⁶.

Como já mencionado, os irmãos Nery deixaram enormes dívidas públicas para o governo de Bittencourt, causando a necessidade de Bittencourt em se defender ou se articular politicamente para não fosse deposto. Porém, o embate não se dava apenas por questões dos cofres e rendas, mas principalmente por posições ideológicas e políticas, uma vez que os

³¹⁵ **Derby Club**. Manaus, 23 de julho de 1910.

³¹⁶ **Derby Club**. Manaus, 23 de julho de 1910.

jornais alegavam que Pinheiro Machado justificava sua oposição a Antônio Bittencourt em defesa de Silvério Nery³¹⁷, a ponto de encarregar Antônio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto (vice-presidente do governo Bittencourt) a tarefa de bombardear e depô-lo em outubro de 1910.

Em entrevista, Antônio Bittencourt alegava que contava com 450 praças e com a ajuda de diversos rapazes da Sociedade de Tiro Amazonense³¹⁸, incluindo os mesmos sócios do Ideal Clube, como Gentil Bittencourt e o médico Adriano Jorge, que se vangloriavam da defesa ao governo, fazendo crer que tanto para a diversão quanto no envolvimento e defesa política, as atividades e relações desportivas cumpriam naquela momento a funcionalidade de defesa dos seus pares e do reestabelecimento de uma possível ordem.

A resistência, propagação de boas políticas e popularidade do nome, não impediram que Antônio Bittencourt fosse atacado e, em 08 de outubro de 1910, tropas federais bombardearam a cidade com o objetivo de derrubar o governador, consolidando o vice-governador, Sá Peixoto, como governante até o dia 31 de outubro do mesmo ano, quando Bittencourt retomou ao poder com o apoio de Nilo Peçanha³¹⁹.

Além desse episódio, Gaspar Guimarães e Antônio Ribeiro Bittencourt, participavam da ordem maçônica. Entre os anos de 1904 e 1913, existiam no Amazonas 13 lojas maçônicas. Gaspar Guimarães foi o último Grão-Mestre até a cisão em 1927³²⁰, sendo

³¹⁷ Segundo o Correio do Norte, Silvério Nery na cidade já não era mais bem quisto: “Um dos mais perniciosos filhos de sua terra, odiado por toda a população, tendo acumulado uma fortuna maravilhosa arrecadada do povo a quem sempre menosprezou, o Sr. Silvério divorciou-se da opinião pública e ficou completamente isolado do Estado, outrora rico e prospero, por ele reduzido às mais precárias condições.” (*Correio do Norte*. Manaus, 04 de janeiro de 1911)

³¹⁸ **Jornal do Comércio**. Manaus, 13 de outubro de 1910.

³¹⁹ Entretanto a durabilidade do governo não durou muito. Em 22 de dezembro de 1912, com a forte oposição política, foi deposto novamente com um golpe militar e no dia seguinte, Antônio Sá Peixoto volta ao governo do estado e permanece no cargo até 1º de janeiro de 1913, quando Jonathas de Freitas Pedrosa assume o governo. (BITTENCOURT, Antônio Clemente Ribeiro. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**, FGV. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BITTENCOURT,%20Ant%C3%B4nio%20Clemente%20Ribeiro.pdf>. Acesso em: 20 de jun. de 2020)

³²⁰ Com a cisão dada entre as lojas Grande Oriente do Brasil, à qual o Amazonas era submetido, e o Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito, em 1927, votou-se pela autonomia e representação máxima da instituição do Grande Oriente do Amazonas e Acre, no qual Gaspar Guimarães foi eleito como o 5º Grão Mestre com o objetivo de organizar e legitimar a entidade como uma Potência Maçônica do Universo entre os anos de 1927 e 1935. Para entender que a maçonaria tem um funcionamento plural, prezando pela diversidade e divisão de pensamentos, práticas e representações no âmbito burocrático, a historiadora Célia Marinho explica: “Em 1835, a maçonaria no Brasil dividia-se em quatro Supremos Conselhos e dois Grandes Orientes, a saber: O Grande Oriente do Brasil, criado em 1822 e depois reconstituídos em 1831 sob a direção do grão-mestre José Bonifácio de Andrada e Silva; o Grande Oriente Brasileiro, instituído também em 1831, de obediência ao rito francês moderno; o Supremo Conselho Brasileiro, fundado em 1832 por Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, visconde de Jequitinhonha, sob a autoridade do Supremo Conselho da Bélgica e mediante a introdução dos Altos Graus do rito escocês; em reação a esse último, cada um dos dois Grandes Orientes mencionados constituíram os seus Supremos Conselhos; e, por fim, um quarto Supremo Conselho surge de uma cisão de um dos Grandes Orientes”. (DE AZEVEDO, CELIA M. MARINHO. Maçonaria: história e historiografia. **Revista USP**, n. 32, p. 182, 1996.)

antecedido por Raimundo da Silva Perdigão (1904-1908)³²¹, Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt (1908-1914) e Silvério José Nery (1917-1923)³²². Somente Silvério Nery não participou das atividades recreativas do Ideal e de sua diretoria, talvez por ser um forte opositor de Antônio Bittencourt, uma das principais famílias fundadoras da agremiação, com quem diretores e sócios possuíam enormes vínculos políticos e fraternos. Entretanto, apesar disso, há o indicativo de que as ideias e pensamentos maçônicos no uso da razão, no exercício da fraternidade e na busca pela liberdade, pelo progresso e pela constituição da identidade brasileira circulavam no clube através de seus membros e irmãos, o que nos leva a reflexão que mesmo participando de círculos tão fechados, as divergências governamentais poderiam atingir esses espaços associativos, a ponto de separar e segregar os nomes em outros e diferentes espaços.

Podemos observar o quanto a trajetória de Gaspar alinhou-se ao estilo de vida conduzido pelo lema da maçonaria: “se não encontro o caminho, abro-o, custe o que custar”³²³. Dentre as audácias, determinações e disciplinas ao ter a maçonaria como “a única associação que reunia, na ordem física, a expressão do equilíbrio universal; na ordem intelectual, a suprema inteligência que a tudo rege e prevê; e na ordem moral, a justiça

³²¹ Ao que nos parece, a vida de Gaspar e a de Raimundo Perdigão se inter cruzam para além da maçonaria. Cabe ressaltar que além dos títulos em torno da notoriedade, os dois foram diretores do Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas e provavelmente conheceram-se na Escola de Direito de Recife, onde partilharam o mesmo curso e iniciaram os passos na carreira jurídica. Raimundo da Silva Perdigão era um homem de notória influência, prestigiado no âmbito jurídico e foi o primeiro presidente estatutário do Ideal entre os anos de 1904 e 1905, possuindo 38 anos quando foi eleito ao cargo de presidente da Assembleia. Nasceu em 14 de outubro de 1866, em São Luís (MA). Em Recife, formou-se na Faculdade de Direito em Ciências Jurídicas (1890), onde já desfrutava dos elogios locais, na estima de “esperar um futuro lisonjeiro na vida prática, que agora vai encetar” (**Jornal de Recife**, 14 de dezembro de 1890). As afeições se concretizaram. Tanto que, de imediato, atuou no campo jurídico como promotor público de moção (1890) na cidade de Salvador (BH). Em 1891 já estava no Amazonas, trabalhando como Juiz de Direito em vários municípios do estado. Porém, em agosto de 1897, foi substituído por ser acusado de executar o cargo de procurador geral na cidade de Parintins sem ter acumulado o cargo de magistratura e, assim, retorna para sua cidade natal. Sua estadia no Maranhão durou poucos meses e, em janeiro de 1898, regressa definitivamente com sua família a Manaus para trabalhar como juiz de paz do 1º Distrito e, posteriormente, cumpriu a nomeação de procurador geral interino da capital, concedida pelo vice-governador José Cardoso Ramalho Júnior. Dessa maneira, ficam evidenciados os entrelaçamentos existentes entre os âmbitos políticos, jurídicos e público, a ponto de, em 1900, Raimundo Perdigão ter sido o orador oficial juntamente com Gaspar Guimarães para prestar homenagens em memória ao ex-governador Eduardo Ribeiro. Em 1901, alcançou o cargo de desembargador e exerceu a presidência do Tribunal de Justiça do Amazonas nos anos de 1904, 1912 e 1913. Foi casado com Eliza Frazão Perdigão e pai das senhoritas Ethel e Ersila. Pela imagem a seguir, nota-se que ainda participou do quadro maçônico, assim como o antigo presidente do Ideal, o Francisco Ribeiro Bittencourt. No ano de 1921, recebeu sua aposentadoria como desembargador e mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro no mesmo ano, onde viveu o final de seus dias. A última notícia que temos do antigo presidente do Ideal Club, refere-se ao seu falecimento, em 1928. (**Diário Oficial**. Manaus, 19 de março de 1898; **Jornal de Recife** (PE), 01 de dezembro de 1900; **Jornal do Comércio**, 05 de julho de 1912, 14 de agosto de 1921, 15 de setembro de 1921, 27 de abril de 1928).

³²² VALLE, Rodolpho. **Centenários Maçônicos**. Manaus, Editora Sérgio Cardoso, 1972; VERÇOSA, Mário. **Registros Maçônicos**. Manaus, Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1895.

³²³ **Revista da Academia Amazonense de Letras**, 2010, p.21.

imane”³²⁴, assim como os esportes, símbolos da civilização no nascer do século, configurasse todo um aparato para o cumprimento dos objetivos fraternos, tendo em vista que a maçonaria tinha como objetivo expressar, no Amazonas, “a bondade de sentimentos dos seus homens, a porfia pelo desenvolvimento de uma terra, que aspira manter um lugar ao sol da civilização contemporânea”³²⁵. Suas grandezas pessoais se consolidaram concomitantemente aos projetos dos quais participava: na defesa pública da guerra, nas ordens secretas (maçonaria), na defesa do Estado e seus representantes e, por fim, no pertencimento do clube, espaço em que direta ou indiretamente circulavam ou iniciavam essas questões.

Aliados com os interesses da pátria, a defesa nacional foi sustentada por Gaspar Guimarães quando, na proteção da civilização, na esfera pública dos assuntos políticos e internacionais, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), agiu em prol da Tríplice Aliança (Inglaterra, França, Rússia e da Itália que aderiu ao movimento), defendendo as estratégias, ações e posicionamentos em adesão à guerra nos periódicos locais.

Como apoiador e estrategista, recebeu condecorações dos governos italiano, belga, francês e inglês. A guerra ainda não tinha finalizado quando, em 1916, a revista *Polyanthéia* dedicou um número exclusivamente em homenagem ao seu aniversário. Entre as palavras e estimas, destacavam-se os redatores Tancredi Tremonesi (Itália), E. Riel e Roaux (França), Arthur Peel (Inglaterra), Júlio de César Robertti³²⁶ e Viega Simões (Amazonas). Nas palavras de Roaux, Gaspar, o apóstolo da justiça e da humanidade, deveria ser reconhecido por cumprir sua tarefa em defesa do progresso:

Saúdo a vocês, tanto a minha equipe como a francesa que reside na Amazônia, o Apóstolo convencido da causa da justiça e da humanidade e tenho o prazer de apresentar hoje a expressão de nossa admiração e nosso reconhecimento.

Nunca saberemos como lhe mostrar nossa gratidão, não apenas pelo conforto que você nos deu, mas principalmente pelo seu ardor de lutar pela causa da França e de seus aliados.

Quando finalmente o povo se erguer, o início de uma nova era da fraternidade, você poderá orgulhosamente olhar para trás e participará da tarefa gloriosa cumprida, adquirida nobremente.

Embora limpas de todas as restrições, as nações poderão trabalhar na paz com total liberdade, e você poderá continuar o seu trabalho, dignamente

³²⁴ Idem.

³²⁵ BITTENCOURT, Agnello. **Chorografia do Estado do Amazonas**. Tipografia Palácio Real. Manaus, 1925, p. 244.

³²⁶ Como já comentado no Capítulo 1.2: A fundação dos clubes e sociedades de imigrantes: A Sociedade e Cruz Vermelha Italiana, o sr. Júlio Robertti era um imigrante e comerciante italiano na cidade. Exerceu a função de secretário da Assembleia Geral do Ideal Clube entre os anos de 1915 e 1917, trabalhando nos dois primeiros anos com Gaspar Guimarães na diretoria do clube.

iniciado, conduzindo nossos irmãos em direção ao progresso e a idealidade com sua fé ardente³²⁷.

Os seus atributos como apóstolo da justiça, da civilização, do progresso e da humanidade o consagraram na política, na erudição e na cultura local. A sua maneira de agir e representar (seja pela sua posição social, cargos, vestimentas e oratória) funcionou para o recrutamento de pessoas, ideias, *status*, atenção ao grupo ao qual pertencia com o objetivo de dar estabilidade, notoriedade e esplendor às tarefas que foram realizadas e/ou apresentadas nominalmente ou intencionalmente por si³²⁸.

Com os investimentos financeiros e garantia de infraestrutura, público participante e objetivos certos, a união das práticas esportivas com suas funcionalidades direcionadas pelas elites conseguiam se estruturar de forma diferenciada, o que encontra consonância com os objetivos das elites no uso das dinâmicas esportivas ao encontrarem “oportunidade para impor seus serviços políticos de incentivo e gestão e para acumular ou manter um capital de notoriedade e honorabilidade sempre suscetível de ser reconvertido em poder político”³²⁹.

Essas práticas esportivas não significavam apenas o desfrute do tempo livre ou afirmação da virilidade. A prática do turfe e tiro ao alvo representavam também os “ganhos da distinção”³³⁰ em que os talentos individuais eram os mais valorados por colocar no centro do espetáculo e das aparições públicas o homem vencedor, em que o seu corpo e o esporte praticado apresentam o *ethos* de sua classe, expostos através dos treinamentos pessoais ou exposições dos tributos financeiros dos sócios e diretores que dispunham de seus próprios cavalos, armas ou equipamentos.

Diferente dos corpos dos trabalhadores que serviam como uma matéria para a exploração dentro de uma lógica capitalista, o corpo dos membros das elites eram

³²⁷ Texto original: “*Je salue en vous, en mon personnel ainsi qu'en celui des Français résidant dans l'Amazonie, l'Apôtre convaincu de la cause de la Justice et de l'Humanité et suis heureux de vous présenter en ce jour, l'expression de notre admiration et de notre reconnaissance. Vous êtes un de ceux qui dans les jours les plus sombres, ont su maintenir la confiance et prévoir clairement les événements, qui toujours, sont venus confirmer vos prévisions. Votre foi inébranlable en la Victoire du Droit, est venue bien des fois raffermir la nôtre. Nous ne saurons jamais assez vous témoigner notre gratitude, non seulement pour le réconfort que vous nous avez apporté, mais principalement pour votre ardeur à combattre pour la cause de la France et de ses Alliés. Quand pour le Peuples se lèvera enfin, l'aube d'une ère nouvelle de Fraternité, vous pourrez avec nous regarder fièrement en arrière et prendre votre part, noblement acquise, de la glorieuse tâche accomplie. Pendant que dégagés toute contrainte les nations pourront en toute liberté travailler en paix, vous pourrez avec continuer l'œuvre si dignement commencée, en conduisant avec votre foi ardente les neutres nos frères vers le progrès et l'Idéalité.*” (Polyanthéa. Manaus, 20 de setembro de 1916)

³²⁸ GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20ª Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014, p. 19, p. 39.

³²⁹ BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2019, p. 178.

³³⁰ BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2019, p. 173.

incentivados para a cumprir o que conceituamos como “filosofia política do esporte”³³¹ e bem estar pessoal. Para Bourdieu, essa filosofia indicava que o corpo esportivo participava de uma escola de coragem e ideal moral, “capaz de formar caráter e de inculcar a vontade de vencer, que é a marca dos verdadeiros líderes”³³². Não somente isso, de acordo com Alain Corbin, a participação desses jovens nas reuniões recreativas e atividades esportivas davam-se a partir do entendimento acerca de suas posições privilegiadas em que o desenvolvimento dos traços de “homem viril” simbolizavam grandeza, caráter, energia e dominação, como atributos valorosos para afastar os temores das degenerescências e males das regressões pessoais, sociais e nacionais:

Nessa perspectiva, a virilidade se identifica com a grandeza – noção essencial –, com a superioridade, a honra, a força – enquanto virtude–, com o autodomínio, no sentido do sacrifício, com o saber-morrer por seus valores. A virilidade se realiza na exploração e na conquista de territórios, na colonização, em tudo aquilo que demonstra domínio sobre a natureza, na expansão econômica. Tudo isso constitui a grandeza³³³.

Dentro dessa lógica do espetáculo, mais uma vez, os vencedores eram representados como exemplos de regulamentação do corpo, do tempo e da sociedade. Tendo em vista que nesse momento os valores individuais burgueses eram engrandecidos para o bem e para a defesa da vida coletiva, o treinamento e a virilidade de tais homens eram destacados como um patrimônio nacional na valorização e honra do homem na sociedade.

A hombridade masculina era a grandeza da nação. A defesa do regime deveria ser protegida por àqueles “homens vitoriosos” que utilizavam de suas habilidades de tiro, serviços militares e corridas a cavalo a serviço do bem comum. Em uma mescla entre o público e os valores privados, os homens, retratados como guardiões e heróis tanto do núcleo familiar como do âmbito público e nacional, deveriam prezar pelo respeito, disciplina e autocontrole como defesa do próprio Estado.

O exemplo mais vivo dessa ordem ocorreu na praça da Saudade, em frente à sede do Ideal Clube, no dia quatro de março de 1909. Em celebração ao ato de incorporação da Sociedade n.10 na Confederação do Tiro Brasileiro, cerca de seis mil pessoas reuniram-se para a cerimônia de entrega da bandeira nacional ao batalhão de caçadores. Para o ato, ainda estava marcada a homenagem do Ideal Clube à Sociedade de Tiro que, através do discurso de

³³¹ BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2019, p.170.

³³² Idem.

³³³ CORDIN, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello; tradução de João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. **História da virilidade**. Petrópolis, Vozes, 2013, p. 9.

Gaspar Guimarães, celebrava os valores nacionais com champagne, salva de palmas e um sarau dançante que se estendeu até às três horas da madrugada. A entrega do pavilhão foi realizada em um vibrante discurso proferido pela senhorita Maria Luiza de Saboya ao general Ricardo Fernandes da Silva. No ato da praça pública, o coronel Gentil Augusto Bittencourt leu o bilhete da ordem do dia, que enaltecia a república e a pátria como símbolos da moral brasileira:

A Pátria é vossa mãe; e, como mãe, deveis servi-la cegamente [Grifo nosso]. Sois moços, briosos e educados, dotados dessa boa vontade e desse ardente entusiasmo que fazem heróis; eu, portanto, vosso, presidente, vosso camarada e amigo, tenho certeza de que haveis de, um dia, se for preciso, no posto que vos couber, fazer respeitar a honra desse pavilhão, ainda mesmo que seja contra o povo mais numeroso do mundo.

Desde 15 de novembro de 1889 que somos um povo adulto, e a obra realizada atesta o vigor da nossa jovem nacionalidade, que já é ouvida com respeito nas assembleias mundiais; mas é preciso termos um exército respectivamente forte e apto para defender este bloco imenso, homogêneo, mas indefeso até hoje, que se chama Brasil.

Salve, portanto o símbolo da Pátria, a bandeira da Ordem e Progresso, o general do Pavilhão, cujo lema deve ser o ideal de todas as sociedades cultas e a aspiração de todos os povos, pois encerra tudo que almejamos no presente e futuro e quiçá a própria harmonia da criação³³⁴.

O discurso explana os ideais positivistas através do lema “ordem e progresso”, mas também representam as questões sobre o lugar social da mulher alinhado aos plano para a construção da nação. A mãe-pátria, a “criatura recém-nascida do triste obscurantismo colonial”³³⁵ representava a função e o reconhecimento de que a pátria desempenhara o papel acolhedor de honra moral e cívica como uma mãe, na figura feminina, pois, segundo as crenças nas leis naturais, simbolizariam o “afeto e a virtude que manteria coesa a família – e a organização social em consequência – e zelaria pela integridade moral dos filhos”³³⁶. Deste modo, a sociedade brasileira deveriam encaminhar a unidade, como uma família, e prezar pela “harmonia da criação”. Mas, se temos uma perspectiva acolhedora na figura feminina para definirmos o compromisso da pátria, de outra forma, esperava-se que os “homens da nação” controlassem seus impulsos para a consolidação do Estado e da República. Desta maneira, Richard Miskolci aponta que

³³⁴ **Jornal do Comércio**. Manaus, 09 de maio de 1909.

³³⁵ FRANCO, Jean. Sentido e sensualidade: notas sobre a formação nacional. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 99.

³³⁶ LAZZARI, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)**. Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 2001, 206-207.

Na época, a masculinidade ‘requeria controle das paixões, autodisciplina em relação às pulsões sem regra e a educação do sentimento e do desejo também’ (Stoler, 1995, p.130). Portanto, em um movimento ambíguo e articulado, a consolidação do regime republicano é marcada por uma associação entre Estado e masculinidade que coloca à prova a capacidade de autodomínio de nossos homens de elite. Apenas aqueles que provassem seu autocontrole – uma vida regrada pelo casamento e a criação de uma família – poderiam ter reconhecido seu status de verdadeiro cidadão nacional³³⁷.

Com esses valores vivos e constantemente afirmados, não é de se estranhar que estivéssemos diante de uma formação nacional pautada no controle e docilidade social. O projeto em vigor impulsionava tanto o controle individual em que as elites utilizavam dos esportes para a moralização, ocupação do tempo e higienização, assim como o domínio da sociedade em que os “vícios”, as “desordens” e “incivilidades” deveriam ser punidas e intoleradas, afim da garantia do bem-estar nacional (sem guerras, revoltas e revoluções) e tranquilidade do poder das elites.

A bonança dessa conformidade pôde ser garantido graças ao que o Ideal Clube representava. Seus diretores, faziam com que este espaço de sociabilidade exercesse muitas funções, especialmente a política, tendo em vista que o alinhamento das dimensões da vida coletiva estavam amparadas também nas relações individuais de cada sócio.

Gaspar Guimarães foi apenas um entre tantos que representaram a troca de favores, o recrutamento de sócios, as ações políticas, os capitais financeiros e sociais, provando assim que as relações não estavam dadas ou acabadas, ao contrário, uma das funções das elites era recrutar pessoas para a conservação de seus *status quo*. Isto comprova que as intencionalidades e os favores por si só não bastavam e partiam de um princípio de aliança de projetos coletivos, logo, os objetivos do clube fundamentavam-se em uma mobilidade exponencial da prática social³³⁸, como uma “casa mais aberta”³³⁹, disposta a ser um espaço ideal para unir projetos, agentes e valores.

³³⁷ MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX. Prefácio de Margareth Rago. São Paulo. Annablume, 2012, p. 53.

³³⁸ RÉMOND, 2003, p.36.

³³⁹ BAZIN, François. **La Croix**. 1985 apud RIOUX, 2003, p.123.

3.2 – ENTRE A RECREAÇÃO, O COMÉRCIO E O TRABALHO: A RECONVERSÃO DE CAPITAIS ATRAVÉS DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS

O autor Odaci Coradini, no estudo “*Em nome de quem?*”, nos encaminha uma pergunta norteadora: “que qualidades ou recursos sociais têm chances de ser utilizados para tanto e para que concepções de sociedade e de política apontam?”³⁴⁰.

A indagação certamente aponta para a utilização de recursos sociais pelas elites para atestar a legitimação dos capitais e agentes em prol da garantia de seus interesses e da adesão de novos membros, eleitores ou dispositivos³⁴¹. Esses recursos envolvem competências profissionais, exercício de cargos públicos, valores morais e recortes territoriais, assim como a utilização de outras esferas, como os sindicatos, as associações religiosas, as entidades políticas ou beneficentes, as redes pessoais, as relações de vizinhança ou de identidades. Nesse sentido, fazer parte de um clube já estava enquadrado em um diferencial social na época, pois era um espaço autônomo das elites, dotado de seus próprios valores e significados distintivos. Assim, cabe destacar que

os clubes existem como demonstração eloquente **de pensamento social de uma coletividade, examinada em seu todo através da visão ampla dos agrupamentos que a compõem** [grifo nosso]. No conjunto, todos atestam o grau de progresso social da cidade, mas há sempre um que se destaca sobranceiro aos demais, tornando-se o alvo de todos quantos lhe buscam ambiente. Em qualquer cidade, o fenômeno é observado com frequência e o fato vem positivar que em tudo na vida **há sempre um senso de ajustamento maior entre o homem e o meio que o acolhe** [grifo nosso]³⁴².

Se o prestígio do clube parte de uma relação interna e externa, na qual as programações e acolhimentos são importantes para manutenção da referência coletiva, o ajustamento do homem e de seus outros agrupamentos sociais, políticos e econômicos, são esforços necessários para a sociabilização política existentes em diversos ambientes:

É importante ter em mente que as elites não aparecem espontaneamente no universo político, mas são produzidas pelo processo de socialização política dentro do sistema. Esses esforços de socialização política são amplamente caracterizados pelo crescimento de instituições políticas manifestas e

³⁴⁰ CORADINI, Odacir Luiz. **Em nome de quem?:** recursos sociais no recrutamento de elites políticas. Relume Dumará, 2001, p. 07.

³⁴¹ CORADINI, Odacir Luiz. **Em nome de quem?:** recursos sociais no recrutamento de elites políticas. Relume Dumará, 2001, p. 07.

³⁴² ITUASSÚ, Oyma Cesar. A Glória de um clube. **Revista do Ideal**. 1958.

especializadas que desempenham funções de orientação política que provavelmente afetam o ambiente e as atitudes da elite política³⁴³.

Partindo desse ponto de vista, os valores considerados enquanto qualidades pessoais e que se manifestavam nos perfis de lideranças, sócios ou diretores são também utilizados como forma de recrutamento, reconversão e legitimação das práticas e das políticas das elites dentro das agremiações e de outros segmentos. Contudo, essa reconversão não é manifesta de forma unicamente material, ao contrário, ela é validada por perspectivas e valores simbólicos.

Nas páginas da revista do Ideal Clube pudemos verificar que propagação de valores como perseverança e trabalho eram um atrativo para a associação. Na escrita dos artigos, as normatividades da agremiação, antes de serem restritas ao seu conjunto de sócios, partiam de um reflexo das crenças partilhadas pela sociedade e suas elites como forma de representação das suas distinções perante as demais. Essa distinção tinha o sentido de evidenciar os princípios morais tanto de quem os formulava, quanto de grupos que os praticavam e daqueles interessados em sua implementação.

O artigo intitulado *Perseverança e trabalho* evidencia que os jovens *idealinos*, como já discutido, representavam “a esperança da pátria”, em virtude de defenderem a perseverança e o trabalho como suportes e modelos para as associações:

PERSEVERANÇA E TRABALHO: São estes dois esteios fortíssimos em que devemos nos firmar; acentuadamente nesta boa terra, onde as sociedades têm tido fins bem funestos, morrendo quase todas ao nascer, os elementos com que epigrafamos estas linhas serão muitíssimo essenciais³⁴⁴.

O trabalho apresentava-se, assim, como uma falsa justificativa capitalista de explicar as desigualdades e diferenças. O labor, portanto, é consagrado como a condição essencial para o enriquecimento da esfera burguesa, ou, no pior dos casos, como o incentivo para a promoção da dinâmica de produtividade, permanência e durabilidade do mundo em que as relações, trocas e/ou explorações são os resultados essenciais da força produtiva do trabalho representado e materializado na vida humana³⁴⁵.

³⁴³ FERNÁNDEZ, Julio A. **The Political Elite in Argentina**. New York, New York University Press, 1970. Apud PERISSINOTTO, 2003, p.10.

³⁴⁴ **Jornal Ideal Clube**. Manaus, 24 de setembro de 1904.

³⁴⁵ ARAVANIS, Evangelia. **O corpo em evidência nas lutas dos operários gaúchos (1890-1917)**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, pp. 11, 15.

Partindo dessa compreensão errônea e exploratória, além da operação do trabalho, o corpo de quem o executa consagrava-se em um contínuo progresso de caráter e do espírito em defesa das causas das elites dentro do clube:

Paira em nosso espírito o que nos serve de epígrafe a estas linhas, embora atrofiadas pela esterilidade, da carteira que ocupamos no comércio, e pela insociabilidade que também sentimos; esta dúvida que às vezes nos parece entibiar a boa vontade com que sempre trabalhamos, embora com sacrifícios das boas causas, dessas em que se traduzem os princípios sagrados da independência do nosso caráter e da elevação do nosso espírito³⁴⁶.

Essas medidas e ações não atuam de forma independente ou desvinculada, justamente porque compreendemos que o pensamento social daquele momento era norteado pelo desejo de uma almejada “civilização” e “modernidade” e também atuava no discurso de que as práticas esportivas, dançantes e intelectuais poderiam elevar o espírito do indivíduo. Todavia, essa leitura do real não é suficiente para explicar o enraizamento e circularidade dessas concepções no clube, mas cabe constatar qual o sentido, as pautas lógicas sociais subjacentes, concepções e estratégias políticas que os sócios e diretores utilizavam dentro e fora da agremiação³⁴⁷, especialmente no comércio, órgão de principal significado e justificativa para o desempenho do trabalho.

Como já demonstramos, o segundo segmento que mais compôs a diretoria do Ideal Clube é aquele que move o capital econômico na cidade: os comerciantes (35%), os principais preocupados com a lógica capitalista que envolvia a força de produção. Não obstante, as relações sociais desse setor não se restringem ao comércio ou às mesas de negócio, muito pelo contrário, incorporavam e apontavam para outras esferas políticas e sociais.

A Associação Comercial do Amazonas (ACA), como espaço importante do patronato amazonense, cedeu em vários momentos os seus salões para os diretores, fundadores e sócios da agremiação discutirem e formularem a fundação do Ideal Clube, assim como concedeu o espaço para a continuidade das atividades enquanto ainda não possuíam o edifício de sua sede. Podemos imaginar que as articulações entre as duas associações se davam por esse motivo, contudo mesmo com a entrega da sede do Ideal Clube, em 1921, os vínculos se mantiveram, tendo em vista que os membros de ambas associações tinham os mesmos interesses e princípios.

³⁴⁶ **Jornal Ideal Clube**. Manaus, 24 de setembro de 1904.

³⁴⁷ CORADINI, Odacir Luiz. **Em nome de quem?:** recursos sociais no recrutamento de elites políticas. Relume Dumará, 2001, p. 11.

O convívio com a Associação Comercial tem sua explicação. Verificamos que ao menos 12 (doze) diretores do Ideal Clube estavam inseridos, direta ou indiretamente, na Associação Comercial, são eles: Joaquim Nunes de Lima, Augusto César Fernandes, Raimundo Alves Tribuzzi, Manoel Dias Oliveira, Cosme Alves Ferreira, Prudêncio Bogéa de Sá, Carlos Augusto Montenegro, Júlio de Cesari Roberti, Raimundo R. das Neves, Rodolpho Vasconcellos, José Nunes de Lima e Gil José de Araújo. A importância desses homens no clube se dá pelo reconhecimento e reafirmação de que a agremiação executaria uma posição de vanguarda frente às labutas sociais do Amazonas, propriedade de interesse em comum:

Fundado em 1903, fazendo parte da sua diretoria o sr. Augusto César Fernandes, o comandante Tribuzi, o desembargador Stanislau Afonso e o sr. Joaquim Nunes de Lima, o Ideal se transformou logo num ponto de reuniões para a sociedade amazonense, consagrando num ambiente da maior cordialidade, num clima de alegria e de igualdade os nossos homens médicos e advogados, engenheiros, bem como os nossos homens públicos, eles e suas famílias, para permitir-lhes horas do mais agradável e mais proveitoso convívio. Nessa marcha, o Ideal se conduziu até os nossos dias, como centro inclusive de reuniões históricas. Confiado hoje a uma diretoria que tudo vem fazendo para honrar as tradições do clube e mais aumentar ainda as suas glórias, o Ideal continua numa posição de vanguarda nas lides sociais do Amazonas³⁴⁸.

Como indicativo dessa missão e no alinhamento das relações e trajetórias, programações e vínculos associativos, a ACA tinha seus estreitamentos e laços de solidariedade com seus pares bastante manifesto dentro do Ideal Clube. O quadro abaixo indica a lista de ex-presidentes da Associação Comercial. Dentre os presidentes da ACA, encontramos três diretores (Joaquim Nunes de Lima, Augusto César Fernandes e José Nunes de Lima) que partilharam em algum momento a diretoria em ambas entidades:

Quadro 7 - Ex-presidentes da Associação Comercial (1871 – 1942)

| Ano | Presidentes | Ano | Presidentes |
|------------------|---------------------------------|------------------|--------------------------------|
| 1871-1873 | José Coelho de Miranda Leão. | 1909-1911 | Waldemar Scholz |
| 1874 | João José de Freitas Guimarães. | 1912-1913 | Emílio Zarges |
| 1875-1880 | Guilherme José Moreira. | 1914 | Raphael Benoliel |
| 1881-1884 | Adolpho Gotteschal. | 1915 | Luís Eduardo Rodrigues |
| 1885-1887 | James Baird. | 1916 | Augusto César Fernandes |
| 1888 | H. Grieff de La Beaume | 1917-1920 | Luís Eduardo Rodrigues |
| 1889-1890 | Arthur Johnston | 1921-1926 | Joaquim Carneiro da Mota |
| 1891 | H. Grieff de La Beaume | 1927-1928 | José Mendes Filho |

³⁴⁸ **Jornal do Comércio**. Manaus, 07 de junho de 1946

| | | | |
|------------------|------------------------------|------------------|--------------------------------|
| 1892-1896 | João Affonso do Nascimento | 1929-1931 | Dr. Aluysio de Araújo |
| 1897 | Armindo Rodrigues da Fonseca | 1932 | Augusto César Fernandes |
| 1898 | Caetano Monteiro da Silva | 1933 | Dr. Aluysio de Araújo |
| 1899-1900 | José Cláudio de Mesquita | 1934-1935 | Joaquim Carneiro da Motta |
| 1901 | Maximino José da Mota | 1936-1937 | Augusto César Fernandes |
| 1902-1904 | Haníbal Porto | 1938-1942 | José Nunes de Lima |
| 1905-1908 | Joaquim Nunes de Lima | | |

Fonte: **Jornal do Comércio**, Manaus, 1971.

A Associação Comercial do Amazonas foi fundada em 1871 e até 1920 se consolidou como local de “homens de muito cabedal e prestígio”³⁴⁹. Mesmo no período de dura crise econômica na cidade, a associação manteve as suas atividades e foi a principal responsável por pensar os rumos do comércio e a sua rápida recuperação diante da concorrência dos preços e mercado da borracha asiática.

Sendo um local das elites econômicas, para Alexandre Avelino, em *O patronato amazonense e o mundo do trabalho (1908-1919)*, a Associação Comercial tinha por finalidade atuar em defesa do patronato amazonense, atuando junto ao poder público para harmonizar os conflitos existentes entre a classe no que se referia aos assuntos econômicos, trabalhistas e exploração de mercado urbano e rural. Desta maneira, os associados além de possuírem interesses de representação e união da classe em torno da sua identidade, corporativismo e legitimação que lhe garantiam a hegemonia enquanto grupo dominante, buscavam estreitar os seus vínculos com o Estado e toda a rede relacional constituída dentro e fora dele:

Em nenhum momento a Associação deixou de ostentar seu caráter classista, de forma que seu corpo dirigente foi constituído por elementos oriundos do alto setor comercial do Estado. Estes homens, sendo membros da elite econômica e detentores de canais privilegiados de poder, atuavam na ACA com o intuito de transformá-la numa agremiação representativa dos interesses políticos e econômicos do estamento comercial e principal veículo para o estreitamento dos laços de solidariedade entre seus pares no Estado do Amazonas ou mesmo com o estabelecimento comerciais estabelecidos fora dele³⁵⁰.

Os associados sabiam cumprir essa função. A exemplo de Joaquim Nunes de Lima que ocupou a direção da Assembleia Geral do Ideal Clube por duas ocasiões: em 1904 -1905,

³⁴⁹ AVELINO, Alexandre Nogueira. **O patronato amazonense e o mundo do trabalho (1908-1919)**. 1ª edição. Curitiba. CRV, 2018, p. 25.

³⁵⁰ AVELINO, Alexandre Nogueira. **O patronato amazonense e o mundo do trabalho (1908-1919)**. 1ª edição. Curitiba. CRV, 2018, p. 26.

como vice-presidente, e entre 1906 – 1908, na condição de presidente, ocupando a mesma cadeira na ACA.

Foi na direção da Associação Comercial que Joaquim Nunes de Lima consolidou o seu nome, sendo um articulador do setor comercial em Manaus. Paralelo à trajetória de Joaquim Nunes de Lima, estava em jogo a dinâmica, circulação, interação social do Ideal Clube com segmentos diferenciados, como os setores comerciais e políticos. Uma vez que os diretores tinham uma vida econômica e politicamente referenciada, poderiam agregar ao clube os valores que se buscava manter na direção do Ideal Clube: homens “distintos” que representassem riqueza, poder e prestígio.

Desde 1892, Lima formava uma rede de relações comerciais que se estendia de Manaus a Belém como sócio da firma sob a razão de “Tavares, Irmão & C^a”³⁵¹, destinado ao comércio de goma elástica e estiva, localizada à margem esquerda do Rio Purus, em Canutama³⁵², Juruá, e posteriormente se estendendo à cidade de Manacapuru, local ocupado pela firma com a compra de terras devolutas, segundo notícias do Diário Oficial³⁵³.

Como espécie do acúmulo de capital financeiro, a firma produzia e exportava para Belém em uma embarcação, por exemplo, 2.275 quilos de borracha, ficando atrás apenas da firma J.H. Andresen, com 4.674 quilos; 730 quilos de seringa crua, atrás das firmas Antônio J. da Silva & C^a (1005 quilos) e Silva e Gomes (900 quilos)³⁵⁴. O vínculo estabelecido entre Joaquim e os irmãos Abdon e Antônio Tavares Miranda, sócios da firma Tavares, estendeu-se até maio de 1907, quando o Jornal de Comércio³⁵⁵ noticiou o fim da firma em Guajaratuba (Rio Purus), sendo Lima reembolsado em seus capitais e lucros.

³⁵¹ **Diário de Manaus.** Manaus, 22 de dezembro de 1892.

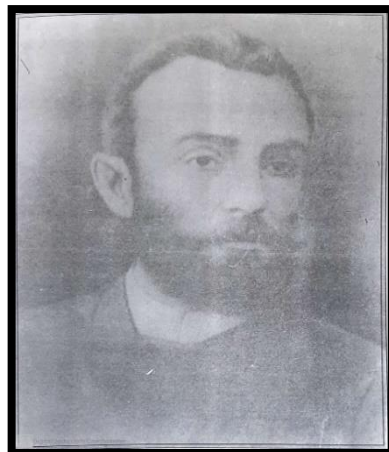
³⁵² **Diário Oficial.** Manaus, 07 de dezembro de 1895.

³⁵³ Segundo o Diário Oficial, os anos de maiores compras, ocupações e processos ou reclamações de invasões de terras foram nos anos de 1895 e 1899.

³⁵⁴ **Diário de Manaus.** Manaus, 12 de abril de 1891.

³⁵⁵ **Jornal do Comércio.** Manaus, 28 de maio de 1907.

Figura 16 - Coronel Joaquim Nunes de Lima, Fundador do Ideal Clube, Presidente da Assembleia Geral (1906-1908)



Fonte: ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo**. Manaus: Imprensa Oficial, 2003. p. 66.

Os cargos na Associação Comercial, na diretoria do Ideal Clube e até mesmo em postos legislativos também foram desfrutados por seu filho, José Nunes de Lima, simbolizando o poder de influências e o nepotismo existente nessas esferas. A chegada e manutenção dessa família nos postos de gerência de cargos que simbolizavam a organização da classe patronal e laboral, promoveram e simbolizaram uma estratégia de manobra política para o estabelecimento de lideranças que galgassem postos no legislativo.

O coronel José Nunes de Lima nasceu em Fortaleza (CE), em 10 de dezembro de 1884. Casou-se com Raimunda de Araújo Nunes de Lima³⁵⁶. Ingressou no curso de Humanidades, mas se engajou na área comercial, de forma que pôde viajar para Manaus e empregar-se como guarda-livros na firma Lima, Gomes e Companhia.

Ainda enquanto negociante retalhista e dono da padaria Mimi, fundou a Associação Comercial dos Retalhistas de Manaus, a Sociedade Cosmopolita de Benefícios Mútuos Previdentes Amazonense e a Associação dos Panificadores. Além disso, seguiu a mesma trajetória do pai e esteve na direção do Ideal Clube durante muitos anos como secretário da diretoria (1904), tesoureiro (1906-1907) e conselheiro fiscal (1920) até que, em 1937, fundou o Rotary Club. No âmbito legislativo, foi deputado na Assembleia Constituinte do Estado, em 1935. Na década de quarenta, mudou-se para Minas Gerais, onde fundou a Cooperativa

³⁵⁶ NOBRE, F. Silva. **1001 cearenses notáveis**. Casa do Ceará Editora, 1996.

Banco Popular Mineiro. Em 7 de fevereiro de 1949, veio a falecer, constituindo-se como benemérito de várias associações recreativas, sociais e comerciais³⁵⁷.

Figura 17 - Coronel José Nunes de Lima, um dos fundadores do Ideal Clube e Diretor em muitas composições da Agremiação



Fonte: BRAGA, Genesino. *Assim nasceu o Ideal*. Manaus, Imprensa Oficial, 1979. p. 34.

Os senhores Nunes de Lima estavam envolvidos também na fundação do Clube Internacional³⁵⁸ e com a Associação dos Empregados do Comércio. Essas duas instituições foram importantes na interação com o Ideal Clube.

No que se refere ao Clube Internacional, reconhecido também pelo grupo “seleto” e “distinto” entre as elites, as notícias nos periódicos locais indicavam que não apenas os fundadores e sócios eram compartilhados, mas a participação ativa nas cerimônias de comemoração, em homenagem à alguma data social ou política, eram realizadas nos salões com jantares, saraus e músicas para a diversão e interação entre os sócios³⁵⁹.

³⁵⁷ Cabe citar que casou-se em 17 de fevereiro de 1916, com a srta. Raimunda de Araújo Nunes de Lima e teve nove filhos: Cleomar, Roberto, José Jorge, Raimundo, Carlos, Fernando, Giselda, Helenise, Maria Esther Nunes de Lima. Todas as informações foram retiradas de: BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias**. Editora Artenova, 1969, pp. 374-375.

³⁵⁸ O clube foi fundado em 1894. Em 1903 tinha sua sede na Rua Henrique Martins, nº 23 (sobrado), esquina com a avenida Eduardo Ribeiro, que em 1913 será sede do Ideal ((BRAGA, 1980, p.15). O clube também era considerado como pertencente à alta sociedade manauara e contava com a presença de governadores, como Silvério Nery, e tinha vínculos com outras sociedades, dentre as quais destaca-se Racing Club (fundada por seu filho Joaquim Nunes de Lima), Club da Guarda Nacional do Amazonas, Tiro Nº 10 (contando com a família Bittencourt, Dr. Gaspar Guimarães como sócios e diretores), Grêmio Familiar Amazonense, Euterpe Club e Derby Club. **Correio do Norte**, 1906 e 1910.

³⁵⁹ O Jornal Ideal, em 24 de setembro de 1904, fez referência nas suas próprias páginas ao compartilhamento de atividades: “‘*Club Internacional*’ no dia 26 de agosto realizou-se nesta sociedade uma bela *souiterie-rose*. Agradecemos a gentileza do convite e maneira lhana como foi recebido o nosso representante”.

No que concerne a Associação dos Empregados do Comércio, os sócios *idealianos*, Raimundo Alves Tribuzzi³⁶⁰, Joaquim e José Nunes de Lima participaram ativamente de sua fundação e direção.

A Associação foi fundada 1906, evidenciando que os representantes da classe patronal do Amazonas não estavam desconectados das bandeiras de seus grupos classistas, uma vez que utilizavam-se da criação de novas associações como estratégia para a execução do paternalismo.

A tutela esteve presente na criação de associações que deveriam ter a gerência e mobilização dos trabalhadores, mas foram fundadas e conduzidas por patrões interessados em subordinar ou controlar a classe aos seus acordos e contratos, como é o caso da associação dos retalhistas, dos panificadores e até dos previdenciários. Contudo, não podemos reduzir a classe trabalhadora como meros subservientes aos desejos dos patrões. Não temos dúvidas que os trabalhadores sempre reagiram e buscaram ações para a garantia de seus interesses, especialmente se levarmos em consideração que os direitos trabalhistas ainda não tinha se consolidado como uma ação do Estado, por isso, defendia-se que fosse garantido aos sócios os benefícios necessários para a família em casos de morte, sorteio de prédios, serviços médicos e farmacêuticos, manutenção de escolas, instrução primária e profissional³⁶¹.

Cabe constatar que o sentido dessas representações configuram as ações de reconversões de capitais, por vias indiretas, de agentes que utilizavam-se de variadas bases, como as associações, clubes e sindicatos, para se estabelecerem como perfis de lideranças prévias e representantes de grupos e segmentos como suporte eleitoral.

Ao pensarmos como essas articulações são importantes para a construção de seus capitais políticos, ressaltamos que o projeto dos senhores Nunes de Lima concretizou-se em suas bases de articulações, pois se tornaram agentes e idealizadores de projetos de leis. Imbuídos de uma pretensa proteção ao trabalhador e ao povo, como candidatos aos postos legislativos, Joaquim Nunes de Lima foi senador, em 1912, e José Nunes de Lima, vereador, sendo posteriormente deputado estadual, em 1935.

Isso fica perceptível quando observamos os pontos de encontro e contatos realizados para a feição de bases eleitorais. Além da Associação Comercial ou do Ideal Clube, é no Velódromo Amazonense, por exemplo, o mesmo espaço patenteado por Gaspar Guimarães, que os comerciantes e desembargadores também conviviam.

³⁶⁰ Raimundo Tribuzzi também se destacará no Ideal como um importante diretor, ocupando tal cargo durante os anos de 1904 a 1907. Entre os anos de 1910, 1915, 1916 ocupou o cargo de secretário geral da agremiação.

³⁶¹ **Estatuto da Sociedade Cosmopolita de Benefícios Mútuos Previdente Amazonense**. Manaus, 1º de outubro de 1913.

Aparentemente, longe do comércio e do júri, José e Joaquim Nunes de Lima, Antônio Emygdio Pinheiro, Raimundo R. Neves, Godofredo Castro, Raimundo Alves Tribuzzi e Francisco d'Assis de Souza se encontravam para prática de corrida de bicicleta, a cavalo ou tiro ao alvo. Na ocasião das corridas no Prado Amazonense, em que se reuniram os representantes da imprensa e os segmentos das elites, em 21 de dezembro de 1908, a diretoria do Ideal Clube ao mesmo passo em que foi homenageada também pode premiar os vencedores com brindes bastante requintados:

Foram belíssimas e bem animadas as corridas que tiveram lugar ontem nas raia do hipódromo, em homenagem ao Ideal Clube.

No intervalo dos 4º e 5º páreos, a convite da diretoria do Prado Amazonense, reuniram-se na secretaria do mesmo estabelecimento, os representantes da imprensa que então se achavam presentes e a diretoria do simpático Ideal Clube ao qual o coronel João Leandro Hermes de Araújo levantou um brinde a champagne, havendo-se erguido em seguida entusiásticos vivas ao Prado Amazonense, ao Ideal Clube e à imprensa local.

No sorteio, que se efetuou de um tenteia oferecida pelo belo sexo, saiu premiado o n.64, pertencente à interessante criança Alzira Fran, constando o brinde de um cordão de ouro, com uma medalha, também de ouro.

Os prêmios oferecidos pela diretoria do Ideal Clube aos proprietários dos animais vencedores dos 3 últimos páreos, constaram do seguinte: uma carteira de couro da Rússia, com incrustações de prata e que foi ganha no páreo – 6 de junho – pelo animal Rio Pardo – do Stud Amazonense, de propriedade de José Lopes da Silva; um porta-bilhetes de prata, tendo gravada em relevo uma belíssima paisagem onde se via Diana caçadora, ganho no páreo – Ideal Clube – pelo Destroyer – também do Stud Amazonense, pertencente a José Lopes da Silva; e um estojo com todos os pertences para fumantes, de prata e âmbar, que coube ao vencedor do páreo – diretoria do Ideal Clube – Macuxi – da coudelaria Rio Negro, de propriedade de Oscar Dias.

Encarregam-se da entrega dos prêmios supracitados, Hermes de Araújo e Pereira da Silva.

Enfim, foi bem agradável a festa de ontem do Prado Amazonense, dedicada ao Ideal Clube³⁶².

A oferta de produtos, brindes e presentes para o público vencedor ou àqueles que prestaram homenagens ao clube representavam a ostentação de o *status* e riqueza dos diretores que buscavam destacar-se por seus talentos, posições sociais e riquezas, mas também tinha o objetivo de conquistar carisma, através de acenos, aplausos, realização de boas ações sociais nas distribuições de brindes às senhoras e brinquedos às crianças³⁶³. O resultado dessa ação carismática promovia devoções, heroísmos e admirações aos provedores da festa que transvertiam essas ações em poder e prestígios, já que agraciavam e atraíam até

³⁶² **Jornal do Comércio**. Manaus, 21 de dezembro de 1908.

³⁶³ **Jornal do Comércio**. Manaus, 27 de janeiro de 1907.

mesmo os “grupos opositores”, àqueles que não estavam na mesma posição de classe, como as lideranças sindicais. Contudo, por mais que atrativas, as façanhas realizadas não foram suficientes. Mais uma vez trazemos à tona a figura de Gaspar Guimarães e do Derby Club em razão da utilização de estratégias para a concretização de acordos políticos com os grupos sociais.

No que se refere à classe laboral, no dia 03 de maio foi oferecido um festival em comemoração à data que homenageava a luta dos trabalhadores/as. Segundo o Jornal do Comércio o espaço do Derby Clube foi utilizado por uma multidão de operários que uniram-se com importantes lideranças para o festejo da data do dia do trabalhador. Na ocasião estavam Anacleto Reis, Camilo Tavares Filho e Juvenal Barbosa, quadros políticos e líderes sindicais que projetaram-se na região pela defesa dos direitos aos trabalhadores e à população manauara, mas também estavam os patrões e elites que em seu cotidiano oprimiam da classe ou discordavam de suas mobilizações.

Gaspar Guimarães que recebia os operários com champagne e serviços públicos, ao reservar uma linha de bonde somente para o evento, também foi homenageado ao receber flores da comissão de operários. Já para os trabalhadores presentes, as lideranças operárias ofereceram dinheiro, páreos, abotoaduras e moedas de ouro:

Os operários, em massa, tendo à frente o seu orador, Anacleto Reis, ofereceram ao presidente do Derby Club, dr. Gaspar Guimarães, um delicado ramalhete de finíssimas flores naturais, respondendo-lhes esse cavalheiro com um eloquente discurso de elogios à obra do operariado em todos os tempos.

O orador foi muito aclamado, assim como a imprensa, representada pelo JORNAL DO COMÉRCIO.

Os operários ofereceram mais, em dinheiro, o 1º prêmio, na importância de 80\$000, e o 2º, no total de 300\$000, do páreo denominado – Operário – bem, como dois pares de abotoaduras, feitas com moedas de ouro, para os jockeys vencedores dos páreos 1º de Maio e Operários.

O dr. Gaspar Guimarães, em nome da diretoria, recebeu os manifestantes à champagne, no recinto das arquibancadas, reservado à diretoria e autoridades, sendo, ao terminarem as corridas, conduzido, entre aclamações, em bonde reservado, acompanhado por uma grande comissão de operários, até sua residência.

[...]

Foi uma festa ardente e memorável a de domingo, representando a classe dos operários os cidadãos Anacleto Reis, Camillo Tavares Filho e Juvenal Barbosa, que chefiaram a multidão de operários estrangeiros e nacionais presentes³⁶⁴.

³⁶⁴ **Jornal do Comércio**. Manaus, 03 de maio de 1910.

Sem dúvidas, a festividade foi memorável, e nos remete à algumas reflexões sobre as táticas utilizadas por seus participantes, especialmente porque marcaram uma das primeiras comemorações da data em torno das lutas dos trabalhadores.

O 1º de maio, como um marco de luta, de reivindicação e de mobilização da classe operária em memória dos protestos ocorridos nos Estados Unidos em 1886, pela regularização da jornada de oito horas diárias, tornou-se um movimento global e estendeu-se à França e ao Brasil ao longo da década de 90 do século XIX, cristalizando o mês de maio como símbolo da “consciência ou do inconsciente coletivo”³⁶⁵.

As primeiras ações, passeatas e protestos consolidaram-se ao ponto de chamar a atenção do Estado e dos patrões, pois evidenciavam a organização, mobilização e estratégias para denunciar os abusos cometidos pelos empregadores no cotidiano. Assim a falta de garantias e proteção estatal diante da exploração da jornada de trabalho, acidentes ocorridos tanto nas fábricas quanto no espaço urbano e o direito de organização dos operários eram pautas constantes nas greves e reivindicações que marcaram o final do século XIX e início do século XX.

Em Manaus a data passou a ser defendida pela classe trabalhadora em jornais de grande circulação como forma de protesto, porém, nesses mesmos espaços começou-se a divulgação de uma nova dinâmica: a comemoração e a festividade pelo dia em vez das queixas contra os patrões e empresas. Conforme Richard Kennedy Candido, ao mostrar a notícia do *Jornal do Comércio*, de 1905, o tom dos operários era de comemoração a data, mas acompanhado de um ato de indignação:

Intensa comoção sacode e perturba no dia de hoje, todas as classes laboriosas: é a festa do Trabalho, imponente, luminosa e, neste momento, realizada, em toda parte onde vivem e frutificam as associações operárias. O discurso cedente e estrondosos ecos, no dia de hoje, pelos âmbitos sonoros dos salões onde funcionam solenemente as magnas sessões comitativas, vivas e urras do fundo d’alma arrancadas repercutem bem longe a alegria, a indignação sinceras e profundas que reinam na alma do trabalhador industrial...³⁶⁶

Segundo Candido, ao contrário dos jornais da grande imprensa, os jornais operários, como o *Gutemberg*, discorriam “que o Primeiro de Maio seria o início de uma grande revolução social e o prelúdio de uma consciência popular, antes esquecida pelo próprio

³⁶⁵ PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**: operários, mulheres, prisioneiros. 2º Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992, p. 128.

³⁶⁶ **Jornal do Comércio**. Manaus, 1º de maio de 1905. Apud: CANDIDO, Richard Kennedy Nascimento. Trabalho & Imprensa. **Revista Hydra**: Revista Discente de História da UNIFESP, v. 1, n. 1, p. 226-236, 2016.

povo”³⁶⁷. Contudo, apesar dos intensos protestos e movimentações dos trabalhadores em jornais operários, haviam também críticas àqueles que decidiam festejar ao invés de protestar, como no caso dos trabalhadores que, conduzidos por um líder sindical, reuniram-se no Derby Club e comemoraram aquele 1º de maio de 1910 junto com seus patrões.

Nesse intuito, a atenção de Perrot, diante do próprio percurso e particularidade da classe operária, torna-se pertinente elucidarmos sobre a condução da consciência coletiva³⁶⁸, antes de demonizarmos ou apontarmos a “falta de consciência” dos trabalhadores por partilharem do mesmo espaço que os seus patrões. Cabe lembrar que Ângela de Castro Gomes corroborou com a tese ao nos confrontar com pergunta: “Se os escravos faziam o diabo, por que não os trabalhadores?”. Dessa maneira, a autora aponta as nuances e o próprio sentido da classe ao explicar o conceito thompsoniano de agência em que a ação humana e as articulações políticas e sociais, inclusive de aliança e não apenas de enfrentamento, possibilitam que os valores e as estratégias dos trabalhadores são capazes de colocarem-se em cena diante da negociação com os “de cima”³⁶⁹.

O tom de comemoração, de festa e homenagens em alguns momentos nos levam a questionar como as relações entre as elites e operariado davam sentido, confronto e se estabeleciam no cotidiano do trabalho, no lazer e nas tomadas de decisão. Longe de apresentar as classes como caixas, fechadas em si mesmas, que atuavam em apenas um espaço ou de uma determinada maneira (por vezes com a perspectiva do confronto e de embates), essas ocasiões desnudam outros contatos existentes entre si, como as alianças e acordo pré-estabelecidos. Ou seja, se os trabalhadores realizavam seus acordos com os segmentos que pudessem somar com a causa operária, a mesma pergunta feita por Luciano Everton Teles é utilizada por nós: “Como explicar essa relação?”³⁷⁰

Segundo Teles, a explicação para essas aproximações entre as classes justificam-se pelo fato da ocorrência de transformações socioeconômicas que ampliaram os segmentos dos trabalhadores urbanos em áreas como o direito, docência, funcionalismo público e operariado, desse modo, a classe trabalhadora também começou a partilhar os mesmos espaços que os grupos de poder. Esse surgimento fez com que o cenário republicano e sua arena política fosse criticado, reivindicado e requerido por um projeto de participação popular nos fóruns de decisão:

³⁶⁷ Ibidem, p. 230.

³⁶⁸ PERROT, 1992, p. 182.

³⁶⁹ NEGRO, Antonio Luigi. Paternalismo, populismo e história social. *Cadernos AEL*, 2004.

³⁷⁰ TELES, Luciano Everton Costa et al. *A vida operária em Manaus: imprensa e mundos do trabalho (1920)*. 2015, p. 59.

Para responder a esta pergunta é preciso destacar dois elementos fundamentais. O primeiro são as transformações socioeconômicas ocorridas em algumas das principais cidades brasileiras dentre as quais Manaus se inclui. Estas transformações fizeram surgir e ampliar categorias de trabalhadores – advogados, professores, funcionários públicos, operários e outros – que passaram a exigir participação nos espaços de decisão política. O segundo elemento se refere à exclusão social e política presente na Primeira República Brasileira. Tanto os operários quanto os segmentos médios eram excluídos politicamente e, desta forma, criticavam o sistema político da Primeira República. Talvez esta exclusão seja o elemento de atração e aproximação entre eles fazendo brotar daí projeto de participação política³⁷¹.

Assim como a primeira década do século XX foi caracterizada pelas riquezas da borracha na região, a ampliação dos segmentos dos trabalhadores nos setores urbanos para atender a economia permitiu que muitas categorias (como os advogados, professores, médicos, funcionários públicos e operários) galgassem salários maiores e, conseqüentemente, certa ascensão social que lhes garantiram a presença em espaços de decisão nos acordos com os patrões, comerciantes e representantes legislativos, como feito por Anacleto Reis e Cursino Gama.

Esses dois líderes operários sempre participavam das disputas das corridas de cavalo, quando não, estavam como juizes ou diretores do Derby Club, o que evidencia algum talento para o patrocínio dos diretores em seus nomes ou contribuição pecuniária para o investimento em corridas tão caras que chegavam ao valor de 3\$000 réis para quem fosse assistir das arquibancadas.

³⁷¹ Idem.

Figura 18 - Programa de Corridas do Derby Club em homenagem a Tiradentes



Fonte: **Jornal do Comércio**. Manaus, 21 de abril de 1912.

Dessa maneira, podemos perceber que a inserção de Anacleto e Cursino Gama nas partidas e nas direções de espaços elitistas, era, em parte, proporcionadas pelos seus capitais sociais e políticos conquistados nas mobilizações e greves dos trabalhadores, mas não deixava de ser também uma estratégia bem direcionada de capitação pelas elites que aceitavam essa inserção em seu meio devido a sociabilidade por eles construída.

Anacleto Reis, um dos dirigentes dos estivadores de Manaus, conduziu a categoria em busca de reajustes salariais, regulamentação do tempo normal da jornada em 10 horas dividida em dois turnos e garantia de auxílio patronal em caso de acidentes, mortes ou problemas de trabalho³⁷², em 1911. Isto revela o potencial dessas lideranças na defesa de seus direitos. Ainda, as informações do *Jornal do Comércio* asseguravam que uma reunião realizada pela Sociedade Beneficente dos Estivadores e Carroceiros tinha a presença de dois mil trabalhadores³⁷³, conduzida por Manuel Rufino Corrêa da Silva, comerciante local e presidente da associação³⁷⁴, na qual Anacleto pode discursar.

³⁷² Para consultar o desenrolar da trama e da ação paredista, consultar: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus, 1899-1925**. Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, 2003, p.182.

³⁷³ **Jornal do Comércio**. Manaus, 02 de janeiro de 1911.

³⁷⁴ De acordo com Pinheiro, a ação e envolvimento dos comerciantes estendeu-se às solidariedades e apoios logísticos, inclusive em momentos de greve: “Muitos comerciantes de Manaus ajudaram as campanhas grevistas contribuindo com dinheiro para a montagem de um fundo de greve, instrumento fundamental para a sobrevivência de um movimento paredista feito, grosso modo, por trabalhadores ocasionais. Sem ele, bastariam três ou quatro dias seguidos sem trabalho para que os trabalhadores cujas reservas já se houvessem exaurido fossem impelidos à aceitação de propostas patronais para ‘furar’ a greve”. *Idibem*, p. 171.

O seu capital político só consolidou-se ao longo do tempo. Em 14 de novembro de 1917, conforme disserta Moisés Araújo, foi criada a União Operária no Amazonas, sob a diretoria de: Marçal Martins (presidente), Anacleto Reis (vice-presidente), Levy Santiago (secretário), Santos Filho (segundo-secretário) e Jorge Benedicto Ferreira (orador). Guilherme Oliveira, Joaquim Santiago, Anacleto Reis e Santos Filho ainda participaram da organização dos estatutos da associação³⁷⁵, sendo este um marco para a fundação da União Operária Nacional em 16 de junho de 1918³⁷⁶.

Consoante a ideologia da União Operária, Araújo e Teles apontam para o sindicalismo reformista³⁷⁷ numa tentativa de aliança pluriclassista com flertes com o positivismo³⁷⁸. Essa posição fica evidente nos artigos do jornal Vida Operária, em que Anacleto foi colaborador em 1920, pois o líder sindical defendia os direitos políticos e sociais, participação parlamentar e na colaboração entre classes.

Pinheiro ainda nos indica que, em 1920, também foi criado o Comitê de Operários Amazonenses, responsável pela frente de regulamentação da jornada de oito horas, com a atuação paredista dos padeiros, lixeiros, sapateiros, carroceiros, choferes, boleiros e estivadores das principais firmas estrangeiras em Manaus. Anacleto era membro do Comitê, mas foi diante do desenrolar agressivo da greve geral de 1919, que o líder tornou-se um dos principais nomes para representar o grupo. Tal escolha se deu pelo reconhecimento das significativas ações da categoria dos estivadores frente às greves do final do século XIX e início do século XX, mas também pela liderança de Anacleto, sabendo que era

uma figura constante no movimento dos estivadores, tendo tomado parte na greve de 1911, como orador assíduo nas assembleias. Seus discursos sempre enfatizavam a moderação, a calma e o recurso à negociação com o patronato, mas destacava-se também por defender a continuidade da greve em momentos onde a pressão patronal sugeria sua finalização³⁷⁹.

A calma e moderação alinhados com a condução e negociações com os patrões, ao invés dos confrontos, garantiram uma inclusão e aceite dos líderes entre as elites de forma

³⁷⁵ ARAÚJO, Moisés Dias de et al. **O grito dos trabalhadores: movimento operário, reivindicações e greves na Manaus da Grande Guerra (1914-1918)**. 2018, p.87.

³⁷⁶ Ibidem, p.88.

³⁷⁷ Ibidem, p.90.

³⁷⁸ Teles ainda aponta que a corrente positivista não era de interesse apenas das elites política e intelectual, que alinhada a teorias científicas (darwinismo social, evolucionismo e positivismo) caracterizavam o século XIX e início do século XX. Ainda cita Benito Schmith no que concerne a difusão dessas teorias para o movimento operário gaúcho e as suas etapas: “Em primeiro lugar, ambas as correntes buscam uma sustentação racional e científica para a forma como interpretam a realidade e para suas propostas de transformação social. Em segundo lugar, a perspectiva evolucionista (das formas inferiores às formas superiores de organização da sociedade). Por último, a crítica ao individualismo burguês”. TELES, 2015, p. 155.

³⁷⁹ Pinheiro, 2015, p.191.

mais moderada, assim como, diante do ideal reformista, facilitou o acesso aos direitos à classe trabalhadora. De outro modo, não podemos afirmar que somente os trabalhadores utilizaram-se dessa estratégia, a Família Nunes de Lima enquanto diretores da ACA, fundadores da Associação de Empregados do Comércio, sócios do Ideal e Derby Clube nos apontam que as elites também não estavam fechadas em si mesmas, mas, utilizavam-se também de estratégias para formar base de negociação com os trabalhadores.

Essas aberturas e negociações certamente converteram-se em voto ou apoio de ambos os grupos.

No aspecto legislativo, Joaquim Nunes de Lima, por exemplo, em 1912, elegeu-se como senador e José Nunes de Lima como deputado estadual no ano de 1935. Isso chega a representar que as imagens e apoios consolidados nas partidas e associações fortaleceram a construção de suas bases eleitorais, embora não possamos afirmar que fossem da mesma matriz ideológica. De outro modo, as vantagens aos trabalhadores e lideranças deu-se na circularidade de suas reivindicações nos grupos de patrões, empregadores e comerciantes, por isso, os acordos políticos firmados poderiam garantir, mesmo que temporariamente, a criação de redes de contatos e engajamentos de seus nomes para a conquista de direitos coletivos sem desprezar ou ignorar a própria organização e mobilização de classe.

Certamente não podemos ter a concretude de quando e onde essas aproximações nasceram, contudo, há o indicativo que a sociabilidade dada entre elites e trabalhadores em espaços como o comércio, os clubes, as associações forjaram relações sociais além do confronto. No entanto, o que fica evidente é que apesar dos diferentes grupos possuírem seus próprios interesses, as pautas de trabalho e recreio apresentaram-se como uma alternativa de negociação e também de consolidação dos valores burgueses para a classe trabalhadora. Não sem motivos que a comemoração em torno do dia do trabalhador é utilizado como uma estratégia de aproximação das elites com o proletariado. As relações sociais forjadas fora do espaço do trabalho também permitiram a circularidade de projetos, ideologias e mobilizações de direitos que garantiram tanto aos trabalhadores como aos patrões o ganho de capitais sociais e notoriedades que se reconverteram em bases políticas.

Dentre as diferentes vantagens ou danos, o que veremos a seguir é como a sociabilidade entre as elites evidenciavam valores simbólicos em todas as suas funções sociais.

CAPÍTULO 4. “A VANGUARDA DO ENTUSIASMO, CONFIANÇA E CRENÇA ”: CONVÍVIOS, PRÁTICAS E RELAÇÕES SOCIAIS IDEALINAS

Assim, ao lado desta vanguarda poderosa, de onde o nosso futuro muito espera, ele, repleto de entusiasmo, confiança e crença, sente que o Ideal Clube progride, pois com a segurança do amor devoto pela juventude e a afeição carinhosa, dedicada e magnânima do belo sexo, levantou a instrutiva pilastra às simpatias sociais em que assenta a base de sua crescente prosperidade.³⁸⁰

Um artigo, intitulado “*Uma dúvida*”, iniciava o Jornal Ideal Clube, em setembro de 1904. De acordo com Ettedo (pseudônimo), e conforme demonstramos ao longo das discussões anteriores, pelo pouco que se tinha feito e pelo muito que faltava fazer, haveria um diferencial no clube: o estímulo, tributo tão precioso que buscava legitimar a existência das agremiações. Esse estímulo impulsionava o Ideal Clube a abrir os seus salões para que as tradições burguesas, as relações privadas e as representações públicas fossem executadas com as danças, as músicas, as ginásticas e outros esportes, tornando essas práticas como expressões vivas do estilo de vida, das posições sociais e até mesmo dos privilégios previamente garantidos. Isto posto, esses grupos protegiam os seus espaços e reforçavam os seus valores com as suas festividades e as suas sociabilidades, imprimindo suas marcas e expressões nos ritos, nas arquiteturas, modos e estilos de vida para construir uma tradição³⁸¹ em torno de si e para si.

Os gostos, os ideais, as programações, as roupas, as festas, os comportamentos e os espectadores pareciam seguir os compassos de uma valsa que estimulava a diversão, o prazer, a alegria e o contentamento em um ritmo desenfreado causado pelo “transe lúdico do fetiche-mercadoria”³⁸² da burguesia, como a principal marca das relações sociais, assim como tudo que se forjava nos modos de vida de então. Se pensarmos de forma mais ampla, seja nos salões do clube ou em espaços empregatícios e coletivos da cidade, onde isso ocorria, as

³⁸⁰ **Jornal do Ideal Club**. Manaus, 24 de setembro de 1904.

³⁸¹ Em nosso 2º capítulo, “Por uma vida associativa”, analisamos como essa tradição se fortificou em torno do Ideal Clube e na vida dos seus associados na construção de uma agremiação que conduzisse ao caráter distintivo que incluísse os espaços para reunião de tais grupos, o oferecimento de práticas e programações, regras e normas que regimentassem o seu estilo de vida nas dinâmicas e estratégias de reprodução de seus capitais e até mesmo opressão simbólica.

³⁸² FOOT, Francisco. **Trem fantasma**: a modernidade na selva. Companhia das Letras, 1988, p. 50.

relações privadas e públicas evidenciam que nada mais satisfatório às elites que participar de um teatro para sua exibição e ostentação.

Partindo disso, faz-se necessário pensar sobre algumas instâncias importantes no cotidiano das elites, como a recreação e lazer. Para tanto, entendemos a recreação³⁸³ como “um artefato cultural que oferece elementos para, através de suas manifestações lúdicas, compreendermos um grupo social em um determinado período, suas formas e relações sociais”³⁸⁴. Sendo assim, as atividades recreativas ou os esportes acabam por ser fenômenos autônomos e normalizados, mas que têm suas raízes e mudanças decorrentes das dimensões da vida cotidiana, como o trabalho, a educação, a economia e a política³⁸⁵, por possuírem a capacidade de moldar e agir sobre os diferentes campos, assim como classificar e “a se tornarem um lucro e expressão simbólica da condição de classe.”³⁸⁶

O interesse pelo domínio ou inserção nas atividades recreativas ou esportivas acabavam por ser catalisadores e eixos de manifestações e transformações sociais e individuais, centralizando significados bem alinhados para a afirmação de controle, poder, prestígio e notoriedade. Marcos Ruiz da Silva, por exemplo, descreve a recreação e sua representação social em quatro níveis relativos a diferentes áreas que unem os ideais de saúde, legislação, discurso de produtividade, trabalho e civilidade para o refinamento das pessoas:

a recreação e as práticas libidinosas, o consumo de álcool, fumo e outros tipos de drogas tem uma associação mais perceptível com a temática saúde; a recreação e as práticas de jogos ilícitos, jogos de azar, tem uma relação mais íntima com tônica de legislação; a recreação e a vadiagem, malandragem e a ideia de ociosidade está caracterizada com o discurso associado à concepção de produtividade, progresso, trabalho; e a recreação civilizadora que está ligada a jogos e atividades morais dizem respeito à etiqueta, à moderação das emoções, ao refinamento nos modos das pessoas, à morigeração.³⁸⁷

Esse último aspecto é o que mais sustenta a nossa investigação, sobretudo, porque dentro do estabelecimento desses núcleos há a sustentação de talentos, ideologias, estilização de vida, ostentação de *status*, obtenção de códigos de distinções sociais e cultos à beleza,

³⁸³ Adotaremos o termo recreação ao invés de lazer por compreendermos que o segundo termo refere-se às análises contemporâneas, enquanto que o termo recreação era recorrentemente empregado para as atividades do século XIX e início do XX.

³⁸⁴ GOMES, Luciane Luce. Reflexões sobre os significados de recreação e de lazer no Brasil e emergência de estudos sobre o assunto (1926-1964). *Conexões*, v. 1, n. 2, p. 131-144, 2003, p. 137.

³⁸⁵ *Ibidem*, p. 135.

³⁸⁶ DE SOUZA, Juliano; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, v. 16, n. 1, 2010, p.308.

³⁸⁷ SILVA, Marcos Ruiz da. *A elite curitibana se diverte: a recreação nos clubes sociorrecreativos no fim do século XIX*. Maringá, 2017, p.25

higiene e sociabilidade para formar e reproduzir as relações entre os indivíduos que se dispõem intencionalmente, materialmente e simbolicamente a buscar os reconhecimentos culturais que comprovavam as relações imperialistas europeias para a Amazônia e sua alta classe social.

Com as vinculações que ocorriam especialmente no campo simbólico, algo que buscamos demonstrar desde o início desse trabalho, fica evidente que os espaços e a vida associativa no Ideal Clube serviram para que as elites partilhassem e encontrassem o seu valor material alinhado com os dons e capitais dispostos nas partidas dançantes, nos festejos públicos como o carnaval e nos concertos científicos ou literários. Mas, essa explicação não está finalizada em si. As perguntas que norteiam essa seção desnudam as manifestações e significados da recreação às elites e como esses grupos utilizaram das estruturas da agremiação para fincar suas políticas, ideologias e práticas, apresentando seus valores morais, individuais e grupais como partes de um só corpo.

O Ideal buscava proporcionar aos sócios o máximo convívio e relações por meio de saraus dançantes, reuniões íntimas e particulares, carnavais, conferências literárias e científicas, festas patrióticas e aniversários do clube. Em seu estatuto, ainda prometia os torneios de qualquer natureza (jogos de bilhar, *lawn tenia*, futebol), mas sabemos que isso não foi possível, pois à época, as sedes do clube não garantiram espaços suficientes para a realização de tais atividades. Mas, o clube também aproveitava-se de suas parcerias para a realização de quaisquer outras atividades esportivas – incluindo o ensino de dança, regatas, música, ginástica, natação, tiro ao alvo, velocipédica, patinação, jogos malabares, esgrima e qualquer outro esporte³⁸⁸ fora do grêmio. Com essa informação, pudemos fazer um levantamento e catalogação das atividades realizadas no clube e veiculadas nos periódicos locais³⁸⁹, em que pudemos perceber que as programações ofertadas ventilavam algumas ideias atreladas a modelos sociais em vigor, dentre as quais a eugenia, darwinismo e positivismo.

O entendimento dessa lógica parte do princípio de que o valor do clube significava também o valor moral, político, social, econômico do indivíduo e da sua própria natureza. Nesse sentido, ao discutir sobre alguns segmentos das elites (jurídicas ou comerciais), as suas práticas e realizações, estamos falando não apenas dos seus postos econômicos e sociais, mas essencialmente, buscando compreender os valores, bens e dons para que as trocas de capitais instaurassem relações duráveis e reconhecidas no campo da reciprocidade ou mesmo da dominação. Bourdieu, em *A distinção*, afirma que esse sentido se estabelece porque

³⁸⁸ **Estatuto do Ideal Clube.** Manaus, 26 de janeiro de 1915.

³⁸⁹ As atividades podem ser conferidas no anexo dessa dissertação.

As nobrezas são essencialistas: ao julgarem a existência como uma emanção da essência, deixam de considerar por eles mesmos os atos, fatos ou más ações repertoriados nos atestados de serviço e nas folhas corridas da memória burocrática; elas atribuem-lhe valor apenas na medida em que manifestam claramente, nos matizes de maneiras de ser, que seu único princípio é a perpetuação e a ilustração da essência em virtude da qual eles são realizados. Esse mesmo essencialismo leva-as a impor a si mesmas o que lhes impõe sua essência – *noblesse oblige* (quem é nobre deve proceder como tal) –, a exigir de si mesmas o que ninguém poderia exigir delas, a provar a si mesmas que estão à altura de si mesmas, ou seja, de sua essência³⁹⁰.

Para que esse valor seja comprovado, as práticas tanto coletivas quanto aquelas que desempenham os talentos individuais eram acompanhadas de estratégias que pudessem gerar e agregar bens e títulos que representassem a classe ou sociedade em que faziam parte.

Em *A sociedade da Corte*, Nobert Elias ponderava que a vida aristocrática – seus bens arquitetônicos, as mobílias, as estruturas do palácio, as vestimentas, os horários do rei, as festas sociais, os trajes e modos de comportamento – representava a existência pública sob o monopólio e dominação do rei. Diante disso, os participantes da corte dependiam de estratégias tanto individuais como coletivas da sociedade francesa para a legitimação do que eram, ou seja, tanto os praticantes como os receptores sabiam e conheciam bem o poder que as representações sociais e individuais tinham, pois estas garantiam o crédito ou recusa de uma vida aristocrática ou burguesa.

As vivências dos sócios e convidados do Ideal Clube não estavam distantes dessas intenções e estruturas. Sabendo disso, os prestígios pessoais ganham inúmeras dimensões com o *status* que os atores sociais ocupam na sociedade, ou seja, nas representações que fazem de si mesmos³⁹¹, por isso, as suas festas, fizeram-se tão importantes. Adotando essa perspectiva em nossas análises, a vida dos associados do Ideal Clube só manteve o seu prestígio graças as estratégias sociais e individuais que concretizavam os objetivos e os ganho das suas dimensões pessoais e públicas:

Pela estrutura de sua posição, o meio de alcance da atuação desses ocupantes ganha limites rigorosos, que, exatamente como a elasticidade de uma mola de aço, se fazem tanto mais sensíveis quanto mais distendem a flexibilidade de sua posição social, testando-a por meio de tendências individuais de

³⁹⁰ BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern. 2ª ed. Revisada. 4ª reimpressão. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Zouk, 2017, p. 28.

³⁹¹ Nobert Elias em “A sociedade da corte” evidencia que o indivíduo é totalmente identificado com a representação que lhe é dada por ele e pelos outros. Assim sendo, as etiquetas e exigências das ocupações configuram uma luta por atributos e vantagens de poder social que pode mudar os hábitos daqueles que estão submetidos em estruturas políticas e simbólicas.

comportamento. Assim, se por um lado o desenvolvimento pessoal do detentor do poder passa a exercer influência, dentro de limites determinados, sobre o de sua posição, por outro lado o desenvolvimento da posição influencia o desenvolvimento pessoal de seu ocupante, como representante direto do desenvolvimento geral da sociedade de que faz parte³⁹².

Mas, ainda nos cabe a pergunta: como abordar sobre as representações sociais sem ao menos sabermos sobre o poder e valor que tinham as danças, as festividades, as conferências patrióticas ou científicas? O que queremos apresentar aqui é a análise sobre como as elites utilizaram-se das recreações para consolidar suas sociabilidades e visões de mundo.

No primeiro tópico deste capítulo, discutiremos como festas asseguravam o domínio e espaço íntimo das programações. Com os seus convidados especiais, as elites garantiam a sua diversão, contentamento e sociabilização com a promessa de um ambiente familiar, privado e exclusivo aos sócios, deixando evidentes as fronteiras do tempo, espaço e organização existentes e programadas em torno de si. As músicas, as danças, as etiquetas e infraestruturas guardavam assim o significado dos rituais da civilização e de dominação cultural sobre a Amazônia com a permissão e aparato dos seus administradores, os mesmos que aproveitavam-se dessas ocasiões para colocarem-se em evidência e destaque. Ana Daou nos contempla nas suas colocações, ao certificar que

Os banquetes e bailes eram, como eles, “rituais de civilização” das sociedades amazonense e paraense – visando também à manutenção ou ao reforço do prestígio da sua elite, que se colocava à altura de seus parceiros nos grandes negócios da borracha. Eram rituais de reconhecimento da elite, de estabelecimento de compromissos políticos, de reafirmação de relações sociais e de demonstração “entre iguais” do refinamento e, no caso dos banquetes, da polidez a mesa.³⁹³

Porém as elites não se davam por contentes com as portas fechadas. Ao contrário, como já afirmamos, elas realizavam o seu contentamento ao notar que a sua presença era alvo de homenagens e honras. De maneira que, em busca de sempre afirmar a importância das festividades é que iremos discorrer no segundo tópico sobre os carnavais que ocorreram dentro e fora do Ideal Clube com os temas de bailes de máscaras e festas à fantasia. Tais festejos, com teor e preparo acentuaram a “obediência estrita à ordem”³⁹⁴ e reforçaram o *status* do clube como um centro de distinção com suas regras monetárias e cerimonialistas.

³⁹² ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Tradução de Pedro Süsskind; prefácio Roger Chartier. Rio de Janeiro. Zahar, 2001, p. 45.

³⁹³ DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Editora Zahar, 1999, edição Kindle, capítulo Banquetes e Bailes.

³⁹⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. A ordem carnavalesca. **Tempo social**, v. 6, n. 1-2, p. 27-45, 1994, p.28.

Desse ponto, parte a nossa reflexão sobre a quem era dado o direito de festejar, como eram realizados os cortejos e como as famílias tradicionais e grupos aristocráticos aproveitavam-se das ocasiões para promoção dos seus próprios engrandecimentos.

Tanto no primeiro quanto no segundo tópicos, buscamos desenvolver uma abordagem que se sustenta na ideia de que os festejos e cerimônias tinham como objetivos diretos a formalização e a ritualização da vida *idealina* por meio das práticas dançantes, das músicas e aparatos cerimonialistas. Esses propósitos possuem ao menos três classificações, conforme apontou Hobsbawm: a) no estabelecimento e simbolismo na coesão social ou na condição de admissão de um grupo; b) no estabelecimento ou na legitimação das instituições, *status* e padrões de autoridade; c) na socialização e inculcação de ideias, sistema de valores e padrões de comportamento³⁹⁵.

O terceiro tópico está sustentado na discussão sobre a circulação de ideais e valores disseminados entre o campo intelectual. A realização de conferências literárias, artísticas e técnicas que ocorreram nos salões da agremiação registram o processo de divulgação da ciência e a confiabilidade dada aos diretores para o recebimento e posicionamento crítico em torno dos projetos sobre a “evolução social” que deveria ser alcançada por meio do que era chamado de “desenvolvimento das faculdades físicas e mentais”. Por certo, o incentivo para que o progresso social fosse alcançado partia da crença de que esses homens eram tanto o futuro da nação como os escolhidos para contribuir com o progresso nacional que tinha raízes fincadas no darwinismo social e no nacionalismo. Nesse sentido, o empenho para responder às inquietações sobre o futuro do país, sobre as populações e hábitos locais, fizeram do Ideal Clube um palco para a exposição de experimentos intelectuais, aprovação de projetos de valores racistas e eugênicos que tinham como ideal a manutenção e civilização da Amazônia sob o agrado dos grupos dominantes.

³⁹⁵ HOBBSAWM, E. A invenção das tradições. **A invenção das tradições**. Trad. Celina C. Cavalcante. [título original: *The invention of traditions*, 1983.] São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008, p.17.

4.1 – “EXPANSÕES DE ALEGRIA”³⁹⁶: BAILES, SARAUS, PARTIDAS DANÇANTES E FAMILIARES

*Nossa inimiga, a vil Tristeza,
Nós combatemos, sem cessar!
E dando vivas à Beleza,
Sempre vivemos a dançar!
Em mim tenho a magia
Que o gozo faz nascer!
Nutro-me de alegria,
De gozo e de prazer*³⁹⁷.

Nossa história começa em 1830 em uma residência australiana. O cenário apresentava o momento de transição para a industrialização, urbanização e modernização. É no interior de uma casa que se dá o nascimento de uma das danças que compõe o grupo de bailados preferido pelas elites. Esse lugar deu origem a uma lenda sobre a criação da polca. Nessa habitação havia uma criada aborrecida de estar na cozinha e que se pusera a dançar ao acaso, cantando para se acompanhar uma modinha de sua terra. Os patrões, tendo-a surpreendido nesse exercício, gostaram da performance e mandaram que ela fosse à sala para repetir o canto e a sua dança diante do músico José Neruda. Este, por sua vez, interessado, tomou as notas e pouco tempo depois a nova dança foi exibida em um baile de burguesia, estendendo-se até Praga, Viena e, finalmente, chegando a Paris, tornando-se moda mundial para que as diversas sociedades³⁹⁸.

Longe de ser apenas um conto, essa narrativa revela alguns pontos interessantes a se discutir. Primeiramente, imaginando-se que essa dança é iniciada em uma pequena residência e por uma criada de servir, cumpre apontar para o fato de que nem sempre as elites são condutoras, detentoras ou criadoras dos movimentos sociais e culturais para que os grupos populares precisem reformular ou ressignificar em suas apropriações. Por vezes, as elites também ressignificavam as tendências, as formas, os valores e as possibilidades circulantes para que estivessem de acordo com suas perspectivas e visões de mundo, até o momento em

³⁹⁶ Em referência à notícia: “No dia 31 do corrente, o Ideal Club, que, como bem diz a sua diretoria, no convite que nos dirigiu – continua a ser o centro de toda a graça a irradiar suavemente as mais doces expansões de alegria- realiza um Sarau Flora, para solenizar a vinda do ano de 1910 e significar o seu adeus de despedida ao 1909 que se extingue”. – **Jornal do Comércio**. Manaus, 19 de dezembro de 1909.

³⁹⁷ **Jornal do Comércio**. Manaus, 23 de janeiro de 1904.

³⁹⁸ Esse conto foi adaptado de uma coluna do *Jornal Quo Vadis*, publicada em 23 de dezembro de 1903, mas Chasteen confirma que a música tocada nos bailes, a polca, era uma verdadeira febre internacional e podia-se ser facilmente encontrada nos bailes cariocas, que iniciaram suas festividades ainda no período imperial. CHASTEEN, John Charles. The prehistory of samba: carnival dancing in Rio de Janeiro, 1840-1917. **Journal of Latin American Studies**, p. 29-47, 1996. apud FERREIRA, Luiz Felipe. Rio de Janeiro, 1850-1930: A Cidade e seu Carnaval. **Espaço e Cultura**, n. 9-10, 2000, p.18.

que elas se tornassem referências e guardiãs de tais práticas. E nos parece que foi isso que ocorreu.

Segundo a narrativa da polca, as práticas dançantes começaram em um espaço íntimo e posteriormente ganharam dimensões públicas como os salões de Praga, região da Boemia e o restante da Europa. Cabe lembrar dos referenciais teóricos de Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg que utilizam o termo “circularidades” como processo analítico para compreender em que medida a cultura das classes dominantes ou das classes subalternas ao invés de estarem subjugadas uma à outra, tem, na verdade, uma influência cultural recíproca entre as duas classes como um relacionamento circular “que se movia de baixo para cima e bem como de cima para baixo.”³⁹⁹

As músicas e as danças expressam a vivacidade de divulgação e circulação das artes entre as esferas eruditas e as classes populares em que se pode interligar e reapropriar as culturas por meio de adaptações, interpretações e combinações de ritmos de acordo com seus músicos e/ou receptores. De acordo com Leonardo Silva, esse processo possibilitou a emergência de novas práticas culturais que abarcavam espaços socioculturais de ambos os grupos:

O som dos grupos musicais dos chorões nas ruas, nos palcos, nos coretos e nos salões das elites brasileiras transformou-os em ambientes de ampla circulação cultural entre as classes sociais, permitindo assim, guardada as devidas proporções, uma mínima convivência harmoniosa, ou pelo menos, a aceitação e reconhecimento sociocultural de uma classe mais abastada, que tinha em seu favor a produção musical que era tocada nas rodas de choro⁴⁰⁰.

Não sabemos ao certo quando esse estilo de dança chegou em Manaus, mas independentemente das fronteiras geográficas ou recorte temporal, o conto também suscita a reflexão sobre alguns processos, especialmente porque a polca, a valsa, a *schottisch* e a quadrilha foram muito executadas nos salões do Ideal Clube. Cabe ressaltar que paralelo a esse movimento do consumo das elites por esses elementos musicais, em que as sonoridades e danças faziam parte das recepções e proporcionavam um melhor convívio às classes dominantes que buscavam se distrair e exhibir seus talentos sob a luz das inspirações culturais europeias, se fazia cada vez mais presente na América outras interpretações e melodias. Por vezes, as canções e bailados misturavam-se com as culturas locais, recebendo tons e

³⁹⁹ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.15.

⁴⁰⁰ DA SILVA, Leonardo Santana. Carlo Ginzburg: o conceito de circularidade cultural e sua aplicação nos estudos sobre a música popular brasileira. **Revista Augustus**, v. 22, n. 43, 2018, p.82

expressões “exóticas”⁴⁰¹, incentivando movimentos na cultura erudita em que se combinavam os produtos europeus com os americanos, africanos e dos países baixos como uma das formas de enraizar conexões culturais profundas no imperialismo⁴⁰².

De outro modo, aportando em nossa realidade manauara, a dança quando chegou aos salões das agremiações, teatros e sociedades recreativas não deixou de significar uma aliança entre o âmbito íntimo e privado da alta classe social, acompanhada de uma ideologia marcante: a afirmação da civilização pelos costumes, indivíduos e espaços.

Desde 1903, quando o Ideal Clube foi fundado, a agremiação não deixou de participar e/ou promover os bailes, tornando-se um dos principais núcleos de diversões da cidade. As portas da agremiação eram abertas aos sócios nas terças, quintas, sábados ou domingos⁴⁰³, quando se oportunizava o convívio social e onde ocorriam mensalmente as partidas dançantes em datas comemorativas marcadas pelo calendário do clube ou seguindo as datas oficiais.

Os jornais da época, dentre os quais se destacam o *Jornal do Comércio*, *Quo Vadis* e *Correio do Norte*, nos quais haviam sócios redatores, como Gaspar Guimarães, eram os principais divulgadores dos acontecimentos daquela vida social. A partir das informações veiculadas nos periódicos locais sobre as festividades ocorridas no clube, foi possível chegar ao seguinte quadro que permite a identificação dos principais tipos de festividades e de encontros promovidos pela agremiação entre os anos de 1903 e 1920:

Quadro 8 - Principais encontros e festividades que ocorreram no Ideal Clube (1903-1920)

| Tipo de encontros | Números |
|--|---------|
| Partidas dançantes (sarau, soirée, festas íntimas ou familiares) | 61 |
| Encontros com fins associativos | 54 |
| Conferências Literárias | 24 |
| Aniversários do Clube | 17 |
| Bailes à fantasia no Carnaval | 16 |
| Festas Patrióticas | 10 |

⁴⁰¹ O termo, por vezes preconceituoso, foi exporto por G.B (pseudônimo), no *Jornal do Comércio*, que relata um caso colombiano em que, ao se referir as danças europeias como atributos sutis e cultos da galantaria, evidencia que os atributos musicais não são exclusivos da Europa. Na Colômbia, a mistura do fino encanto e requintada gracialidade tomaram uma delicadeza mais penetrante, mais avassalante, mais chique pelo exótico, pelo inédito, pelo bizarro, pelo extravagante. *Jornal do Comércio*. Manaus, 21 de maio de 1911). Karla Carloni analisa isso em seu artigo e confirma que “a combinação entre a dança de par originária da Europa, como a valsa, a polca e masurka; as melodias e letras que igualmente remetem à Europa; e os ritmos e movimentos corporais resultantes da cultura diaspórica – africana – deram origem às experiências das danças latinas”. CARLONI, Karla. Dança e identidade nacional na imprensa carioca do início do século XX: diálogos culturais e relações étnicas e de gênero. *Estudos ibero-americanos*, v. 44, n. 2, 2018, p. 367.

⁴⁰² HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. Editora Paz e Terra, 2015, texto online, capítulo 9, “As artes transformadas”.

⁴⁰³ *Jornal do Comércio*. Manaus, 20 de agosto de 1905.

| | |
|------------------------------|----|
| Teatros e Concertos Musicais | 10 |
| Encontros esportivos | 9 |

Fonte: Quadro organizado pela autora com as informações catalogadas nos periódicos locais⁴⁰⁴.

Pelo quadro, podemos observar que os tipos de festividades mais promovidas pela agremiação eram as partidas dançantes: os saraus, que se caracterizavam por reuniões maiores e abertas, ou *soirée*, partidas mais íntimas⁴⁰⁵. Ainda é importante destacar que foram realizadas ao menos cinquenta e quatro reuniões e atividades associativas, sem fins recreativos, pelo Ideal Clube e por entidades parceiras como a Associação dos Empregados do Comércio do Amazonas, a Associação dos Proprietários de Prédio, a Associação Comercial, a Sociedade de Tiro nº10, o Grêmio Paraense, o Hispano Amazonense, o Clube Naval, a Associação de Pilotos, o Instituto de Proteção à Infância, o Comitê de aviação do Amazonas, o Funcionários Públicos do Amazonas, a Assembleia Literária, o Grêmio Literário-Cívico Rui Barbosa, a Sociedade Cruz Vermelha Italiana que utilizavam os salões do clube por não possuírem suas sedes físicas. Mas, a outra justificativa está pelos sócios que mantinham vínculos próximos com os diretores que participavam do quadro associativo outras entidades⁴⁰⁶, o que permitia uma abertura maior e garantia a realização de eventos sem a cobranças de taxas ou exigências para o uso do espaço. No geral, as atividades tinham a finalidade de discussões e resoluções sobre os estatutos, a realização de assembleias gerais, as eleições anuais de diretorias, os debates sobre o funcionamento das agremiações e/ou reuniões organizativas para o preparo de alguma atividade beneficente ou patriótica.

No período em levantamento foram realizadas cerca de sessenta partidas dançantes em que se pode somar ou incluir os aniversários da associação. Esses, por sua vez, geralmente eram celebrados anualmente nos dias 06 de junho e tinham como objetivo marcar e simbolizar a data em torno daquilo que os sócios e simpatizantes chamavam de “tradição idealina”. As comemoração e atos, na verdade, revelam a eficácia que as práticas dançantes tiveram ao

⁴⁰⁴ No anexo, pode-se ter acesso à catalogação completa das atividades, festividades ou reuniões que ocorreram no Ideal Clube.

⁴⁰⁵ Uma colocação interessante sobre a *soirée* foi exposta por J. I. Roquette: “uma divisão do tempo em que a maior parte da gente, tendo preenchido suas ocupações e deveres, busca desafogo e desenfado na conversação e trato de pessoas estimáveis”. DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira**: Império-Volume 2. Leya, 2016, p.252.

⁴⁰⁶ No capítulo 2, em “Sociabilidades, redes e vínculos associativos”, escrevemos sobre as entidades parceiras e que dispunham de sócios em comum com o Ideal Clube. No Apêndice II – “Dados dos diretores do Ideal Clube” isto pode ser verificado com maior precisão, pois trata-se de apresentação dos dados feitos nessa pesquisa.

“inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado”⁴⁰⁷.

Diferentemente de outros clubes e agremiações que tinham os eventos esportivos como carro-chefe, as diversões no Ideal Clube tinham sua identidade forjada nos seus salões. Os bailes a fantasia ou máscaras nas épocas de carnaval, as homenagens de outras agremiações ao clube, as conferências literárias e as festas patrióticas sempre traziam em suas programações as danças de salão como parte das cerimônias e rituais dentro da sede. Geralmente, as programações traziam as músicas e partidas dançantes como oferta principal e, por esse motivo, tinham o seu lugar de destaque nos jornais, nas divulgações e nas propagandas em torno das cerimônias:

Realiza-se hoje a *sauterie* para a qual está simpática associação abre os seus salões aos seus convidados.

Certo, não só em vista do programa, de que abaixo damos o extrato, convidativo e atraente, como pelos entusiasmos que anima os seus sócios e convidados, a festa será enormemente concorrida.

Eis o programa:

1ª Valsa – “Deusa de Vênus”; 3ª polca – Sassariqueira; 1ª Schottisch – Bebé; 2ª Valsa – Horas amadas; 2ª polca – indiana; 3ª valsa – Le Balxer; 1º Lanceiros; 4ª Valsa – Chanttisly; 3ª polca – Papa e Mama; 2ª Schottisch – Terpsichoriana; 5ª Valsa – Je t’aime; 4ª polca – Cassino Paraense; 2ª Lanceiro; 6ª valsa – Fremito d’amor; 5ª polca – Cerejas; 3ª Schottisch – Imenso dolor; 2ª valsa – Laços de amor; 6ª polca – Posso esperar; 8ª valsa – Brisa Argentina⁴⁰⁸.

Os salões representavam um dos núcleos essenciais da vida e da sociabilidade das elites vinculadas à agremiação. As danças, músicas e outras performances eram vistas pelas elites locais como um patrimônio intimamente valorizado, pois despertavam sentimentos como o ânimo, gozo e alegria. Além dessas sensações, promovia a educação do corpo, dos seus sentidos e das suas sensibilidades com os outros e consigo mesmo⁴⁰⁹.

A reflexão sobre o significado das danças nos salões dos grandes clubes pode ser apontada pela valorização dada a elas por um dos redatores do jornal “Correio do Norte”, em 22 de abril de 1906, em uma de suas crônicas. A dança para o escritor era nobre, sagrada e fazia parte de uma civilização. E mais, a dança era o novo esporte e tinha por consequência o

⁴⁰⁷ HOBBSAWM, E. A invenção das tradições. **A invenção das tradições**. Trad. Celina C. Cavalcante. [título original: *The invention of traditions*, 1983.] São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008, p. 09.

⁴⁰⁸ **Jornal do Comércio**. Manaus, 17 de outubro de 1908.

⁴⁰⁹ George Vigarello, em “A história e os modelos do corpo”, ressalta a importância de analisar os indivíduos e as sociedades através dos estudos sobre o corpo, pois “dentro deste quadro preciso de um intercâmbio específico e relacional, tornou-se, assim, um objeto suscetível de esclarecer um mundo” (IGARELLO, Georges. *A história e os modelos do corpo*. **Pró-posições**, v. 14, n. 2, 2003, p.23)

seu domínio assegurado⁴¹⁰. A garantia na modalidade talvez se assentasse na união daquilo que ela representava em conjunto com as diferenciações que traria aos seus praticantes que “dançavam, dançavam sempre, esquecidos do mundo talvez em mar de ilusões”⁴¹¹.

Os delírios e fantasias misturavam-se com os sentidos lúdicos, característicos das danças, exercícios, esportes e encenações nessa época. As artes, encontradas nos teatros, nos bailes e nas músicas que agradavam às elites, cumpriam a função educativa de hábitos e comportamentos sociais. Por trás dessa função, aparentemente nobre, os valores e práticas simbólicas se colocaram de formas diferenciadas aos grupos sociais: as elites tinham a função de compartilhamento do tempo livre e lazer, em contraponto, para as classes subalternas, tinham inicialmente a função educativa e civilizatória aos moldes burgueses, antes mesmo até que os trabalhadores e a população adequassem a diversão ao seu estilo, modo e cultura, configurando suas interpretações e resistências ao modelo imposto.

A historiadora Simone Villanova salienta que, em Manaus, pouco a pouco instauravam-se na cidade bailes e salões que fortaleciam os valores materiais e simbólicos de seus participantes que ostentavam o seu nível e valor cultural tanto pessoal quanto social:

Os bailes e salões também possuíam uma forte importância simbólica nessa época. Eram nos bailes que se tomava conhecimento da moda atual, que se “treinava” a cordialidade e os modos de se preparar um ambiente. Era um local onde era possível “expressar seu nível cultural”, os convivas poderiam demonstrar que se estavam sintonizados como um lazer letrado e erudito expresso, no declame de um verso, ao realizar recitais, ou danças entre os convivas como a valsa. Era um modo mundano de lazer, ao evidenciar que a sociabilidade não estava mais fechada ao convívio dos amigos de casa⁴¹².

Apesar do convívio não estar mais restrito aos amigos e à casa, tendo em vista que das residências passou-se para os clubes e agremiações, as confraternizações das elites locais ainda eram realizadas dentro do seu mundo íntimo e familiar. Cabe salientar que este modelo de comunhão burguês é aberto apenas para estratos e grupos de poder que utilizavam das práticas sociais para as suas próprias comparações, distinções, harmonias e proximidades.

A mediação e controle das elites sobre os espaços foram feitos para a garantia de seus interesses em se fazer notórias suas condutas e façanhas. Por definir os seus espaços e áreas de atuação, as elites da cidade garantiram o seu prestígio de forma majoritariamente distintiva. Não apenas por possuírem recursos financeiros ou posições nas administrações públicas do

⁴¹⁰ **Correio do Norte**. Manaus, 22 de abril de 1906.

⁴¹¹ **Quo Vadis?**. Manaus, 25 de novembro de 1902.

⁴¹² VILLANOVA, Simone. **Sociabilidade e cultura**: a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus (1859-1900). Manaus: EDUA, 2015, p.62.

Estado e do comércio, mas ao se apropriarem de danças, musicalidades, modas e costumes europeus ao incorporar essas artes à Amazônia, ao expropriar espaços e ao estabelecer limites entre o povo e até mesmo entre si. Tais grupos certificaram-se que suas arenas e modos fossem orquestrados para o seu serviço e para o seu lazer de forma habilidosa, sutil, porém sólida na construção de um imaginário utópico, de uma *belle époque* sem conflitos ou sem relações desiguais. Assim, os hábitos da cultura local foram denegados em prol de um caminho fértil que atingiu seu apogeu sob os lemas de ordem, progresso e civilidade.

Por ora, as danças prestigiavam os associados. As instituições ofereciam diretamente o exercício corporal, as proximidades físicas, a oportunidade de se ouvir boas músicas com os “melhores” artistas da época e o prazer de se deliciar nos banquetes e nos bons jantares. Indiretamente, as novas possibilidades de convívio social exigiam o cumprimento das etiquetas de comportamento em público, boas vestimentas e conhecimento sobre dança e música. Já no sentido político, os encontros que tinham como justificativa principal a prática do lazer, das partidas dançantes ou esportivas contavam com a presença dos administradores, comerciantes, magistrados e coronéis, garantindo os debates sobre os rumos do país e da sociedade, definindo os parâmetros de educação social e corporal, assim como gerando bons matrimônios e assegurando elos políticos, filantrópicos e fraternos⁴¹³. De todo modo, as exposições dos gostos, normas e requintes contribuía para que os capitais materiais e simbólicos reafirmassem o conjunto de identidades, sofisticações e sociabilidades que às portas fechadas que ganhavam dimensões públicas.

Esses rituais de civilização puderam estar concentrados no grande Teatro Amazonas (1896) que de longe é visto como “catedral” devido ao investimento financeiro para se tornasse o grande símbolo de riqueza em plena selva. Fruto desse capital, o Teatro tornou-se o local onde a burguesia utilizava para se auto admirar e transformar os hábitos da população local para a promoção e participação em eventos com maiores atrações, como disserta Otoni Mesquita:

A construção deste monumento é um marco não somente arquitetônico na história da cidade, mas também social, pois o seu uso pela sociedade local provocou consideráveis mudanças de hábitos na população. Deve-se notar que, naquele momento, mesmo os grupos mais tradicionais e mais abastados, preservavam os costumes provinciais e mantinha um limitado nível de informação. Suas atividades sociais restringiam-se ao âmbito familiar e as

⁴¹³ Esses processos são debatidos por: MELO, Victor Andrade de. Educação do corpo-bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 3, p. 751-766, 2014.

missas domésticas, com reduzidíssimas possibilidades para usufruir de uma experiência artística ou erudita.⁴¹⁴

Em duas ocasiões, o Ideal Clube foi homenageado no Teatro Amazonas. Em 1905⁴¹⁵, foi ofertado aos sócios e simpatizantes o grande Espetáculo Cinematográfico Super Lumière. Já em 1907⁴¹⁶, a atração ficou a encargo da Grande Companhia Dramática Portuguesa do Teatro Águia de Ouro (Porto/PT) e a empresa Jucá de Carvalho que dedicaram a recitação do ator Olímpio Mesquita ao clube.

Dessas duas ocasiões não temos nenhuma nota que possa descrever o encontro, mas podemos constatar a expectativa pela venda dos ingressos que anunciavam o espetáculo, a promoção do cinema, a companhia de teatro portuguesa e a presença de artistas internacionais. Esses vestígios encaminham a função das apresentações públicas para a burguesia: a presença das elites nesses espaços garantiam a sua missão na garantia da “civilização”⁴¹⁷ em que os temas das peças são valorizados como atos pedagógicos no que refere a família, infância e educação infantil:

O teatro moderno, ao contrário, era o teatro burguês por excelência que tinha como objetivo retratar o cotidiano das classes médias e suas convenções morais através dos dramas. O objetivo era educar a população através dos temas que valorizassem a família, o trabalho e a educação infantil. Para isso, era necessário que os figurinos, os enredos, os cenários e a interpretação dos atores retratassem com fidedignidade esses elementos do dia-a-dia burguês. Era a busca pelo real e pela verossimilhança. Sem esse realismo nos palcos, o objetivo do teatro moderno, que era o de educar, não seria atingido⁴¹⁸.

Ana Daou notabiliza que o teatro em sua visão estética serviu para imprimir as marcas e visões de mundo da elite urbana. Ao ocupar o recinto com os jantares, bailes e espetáculos, esses grupos demonstravam seus hábitos e gostos distintivos, contudo, o importante é evidenciar que as atitudes propalavam as identidades das elites que ao serem observadas mostram o seu sinal de “civilização”⁴¹⁹.

À vista disso, a autora assinala que, mais do que ser instrumento que conduzisse à civilização, nesses momentos, os edifícios e seus frequentadores se afirmavam como atores

⁴¹⁴ MESQUITA, Otoni. **La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos** (1890-1900). Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009, p. 204.

⁴¹⁵ **Jornal do Comércio**. Manaus, 16 de novembro de 1905.

⁴¹⁶ **Jornal do Comércio**. Manaus, 26 de fevereiro de 1907.

⁴¹⁷ VILLANOVA, Simone. **Sociabilidade e cultura: a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus** (1859-1900). Manaus: EDUA, 2015, p.269.

⁴¹⁸ VILLANOVA, Simone. **Sociabilidade e cultura: a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus** (1859-1900). Manaus: EDUA, 2015, p. 17.

⁴¹⁹ DAOU, Ana M. L. **A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014, p. 253.

com traços notáveis do refinamento e erudição na selva que reverteriam a imagem que se tinha da sociedade amazonense. Em contraponto, no que tange à imagem “selvagem” que Manaus poderia ter no imaginário estrangeiro, as pinturas naturalistas presentes no Teatro expunham como os indígenas, a fauna e flora amazônica, renegadas pelo avanço do “progresso urbano e capitalista”, foram incorporadas nos quadros, colunas e tetos em uma tentativa de relegar o conceito de aldeia ao passado e de distanciar os indígenas do “centro da civilização” para progredir rumo à difusa modernidade⁴²⁰ através de um conceito naturalista.

Ao ocupar os espaços públicos com as exposições de suas danças e comemorações, as elites esperavam estar bem protegidas, garantindo que a separação e marginalização de outros grupos sociais não atrapalhasse o seu teatro público. Eram nesses encontros que as elites indiretamente aliavam *status* com o seu direito legítimo de festejar, dançar e se alegrar com seus gostos, requintes, roupagens, joias e modos que poderiam ser apresentados em “pequenas cortes”⁴²¹ ou em “pequenos” templos, tendo em vista que era dessa maneira que o Ideal Clube se nomeava.

As portas e endereço do Ideal Clube, com o passar do tempo, iam sendo mais divulgados e conhecidos como o principal centro e núcleo das diversões das elites.

Em 1906, por exemplo, Genesino Braga informa que a festa de passagem de ano, de tão luxuosa, não ficava atrás das viradas de ano que ocorriam no célebre Teatro Amazonas, com a atração do ilusionista italiano Comendador Carisi, na presença do governador Constantino Nery e seu irmão, Silvério Nery, que acabara de voltar de uma viagem da Europa, enquanto isso, no teatro Politeama, o empresário E. Hervet exibia o cinematógrafo. Já a Assembleia Comercial se divertia no Café dos Terríveis, ponto de encontro cotidiano dos homens que se encontravam para tomar café, cervejas ou sorvetes, mas na ocasião, os seringueiros endinheirados pagavam pela atração das polacas trazidas de Lodz⁴²².

Na contramão desses lugares, o Ideal Clube precisava reforçar alguns atributos que pudessem fazer com que a alta classe manauara escolhesse a agremiação para frequentar e festejar além das belas programações ofertadas com as danças e músicas.

⁴²⁰ BRAGA, Bruno Miranda. A cidade, os índios e a belle époque: Manaus no final do Século XIX (Amazonas–Brasil). *Revista de História da UEG* (ISSN 2316-4379), v. 5, n. 1, p. 103-123, 2016.

⁴²¹ Expressão utilizada por Nibert Elias em “A sociedade da Corte” (ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Zahar, 2001, p.97)

⁴²² As expressões utilizadas pelo memorialista Genesino Braga acabaram por desqualificar as ações das mulheres estrangeiras que vinham para a cidade fugindo da pobreza e miséria dos países europeus e por vezes, acabavam participando como dançarinas ou prostitutas em uma Manaus que era atraente àqueles seringueiros e comerciantes que com as riquezas monetárias exploravam essas mulheres. BRAGA, Genesino. *Assim nasceu o Ideal*. Manaus, Imprensa oficial, 1979, p. 96.

Os convites eram destinados aos prestigiosos convidados ou sócios que estivessem em pleno gozo dos seus direitos e que quisessem partilhar um momento de celebração que minimamente seria diferente da rotina que estava posta, pois faria pulsar os instintos com uma dose de sentimentos que despertavam o prazer de estar com os seus pares.

Eram nos bailes que as danças, músicas e todo o repertório que compunha a cerimônia acentuavam e reafirmavam os rituais em torno de consolidar a tão famosa tradição ou vida idealina tal como uma propaganda. Habitualmente, as festas menores eram coordenadas pelos diretores do mês, mas as festas com datas oficiais, como o carnaval, passagens de ano, aniversários do clube ou datas cívicas exigiam a organização de diversos diretores e comissões que atenderiam à imprensa, recepção, buffet e aos salões⁴²³:

Ora, a festa promove precisamente os deslocamentos destas atividades dos seus, digamos “espaços normais”. Isso, então, permite a sensação de um tempo louco, notavelmente lento ou, como ocorre com o nosso Carnaval, uma temporalidade de acelerada, vibrante e invertida⁴²⁴.

Os sócios, convidados e frequentadores designavam um espaço e tempo específico em suas agendas para estarem juntos na missão do prazer, da satisfação e das alegrias que pudessem “causar aos corações recompensas pelos esforços feitos e exigidos constantemente em favor da agremiação”⁴²⁵, tal ato geraria o sentimento de uma vida mais orgânica e participativa em favor do Ideal Clube. Contudo, o mais interessante é observar como as cerimônias despertavam e mantinham vivas as sensações de zelo e cuidado propagados pela administração. O interesse deveria incorporar ou transparecer o empenho de todos os sócios e frequentadores nas festividades, por isso, as festas divulgadas exibiam os sucessos e a dedicação dos associados em manter o *status* agremiativo:

Abre hoje os seus salões, esta simpática associação, para uma grande festa comemorativa do 4 aniversário de sua fundação. A *soirée* de hoje será mais um triunfo para o Ideal Club.

É sem dúvida, o motivo de regozijo entre as gentis frequentadoras do fidalgo Club, a quem esse deve o seu grande progresso, festejar-se mais um ano de vida, e, assim sendo é natural regurgitem hoje as suas salas do que Manaus

⁴²³ É o caso em 1908: “Esta sociedade abre no sábado próximo os seus salões para comemorar o 5º aniversário de sua fundação. O programa é iniciado com uma sessão solene, às 8 horas, à qual concorrerão as famílias e demais convidados para maior brilhantismo. Para melhor ordem, a diretoria nomeou as seguintes comissões: Imprensa: Flippe de M. Pinto Marques, Paulo de Araújo Lima. Recepção: Além da diretoria, os srs. Raimundo A. Tribuzzi, Dr. Antonio de M. Correia, José Nunes de Lima, Francisco de Assis Souza Guimarães, Prudêncio Bogéa de Sá, Paulino P. Ibiapina, Marcílio, T. Bastos e Ascanio Saraiva”. **Jornal do Comércio**. Manaus, 04 de junho de 1908.

⁴²⁴ DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, v. 5, 1997, pp. 38 e 39.

⁴²⁵ **Jornal Ideal Clube**. Manaus, 24 de setembro de 1904.

tem de mais fino, levando assim, ali, o grande incentivo para aqueles engrandecimentos de seu nome e pela sua conservação.⁴²⁶

O preparo com as festas, a organização em torno das estruturas e programações, além do empenho individual em se preparar para os rituais, deveriam causar enormes experiências. Podemos verificar essa onda de sensações quando o redator do jornal *Correio do Norte* descreve as preparações e comoções com o sarau de ano novo ao qual participou em 1909/1910:

Os vastos e belos salões da conceituada e rica sociedade recreativa regozijavam do que há de mais fino em Manaus.

A iluminação estava admiravelmente bem feita; havia dentro daqueles salões uma alegria comunicativa, tonificante, traduzindo bem ao claro o delicioso prazer que tudo sentiu numa festa em que ao lado da alta gentileza dos diretores abrilhantavam, refulgiam mesmo a graça cativante, o sorriso encantador, o perfume estonteante e a elegância das gentis senhoras e formosas senhoritas.

Nós não sabemos mesmo como descrever essa magnífica festa do Ideal Club, que tantos eram os seus encantos e tão bela e superior foi a sua impressão que dele trouxemos.⁴²⁷

Nesses eventos, com o clima de transição ou esbanjamento, o incentivo para que os estímulos e sentimentos como alegria, prazer e gozo fossem intensificados aumentava ainda mais o valor do evento⁴²⁸, pois era em torno dele que se criou uma memória. E, relacionado à memória e poder político, essas ocasiões são oportunas para engajar e formar heróis, modelos e padrões sociais de sociabilidade, moral e diversão, apagar ou apaziguar conflitos⁴²⁹. As festas, carnavais, comemorações de aniversários, as viradas de ano ou *réveillons* pareceram evidenciar esses “lugares de pertencimento.

No que diz respeito as festas de ano novo, desde 1906 realizava os saraus, bailes e encontros de *réveillon* em suas imediações.

⁴²⁶ **Jornal do Comércio**. Manaus, 06 de junho de 1907.

⁴²⁷ **Correio do Norte**. Manaus, 02 de janeiro de 1910.

⁴²⁸ Já diria Simmel: “O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais – todas essas formas de impressões gastam, por assim dizer, menos consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista dos olhos e o inesperado de impressões súbitas”. (SIMMEL, Georg et al. *A metrópole e a vida mental*. In: **O fenômeno urbano**. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. VELHO, Otávio Guilherme de (Org.). Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 12).

⁴²⁹ Apesar de se tratar de recortes temporais e espaciais diferentes, o texto “Festa e poder político” de José Lacerda Alves Felipe aborda sobre as relações entre as festividades, as famílias e seus usos políticos e sociais na cidade de Mossoró ao enfatizar que “por meio das festas cívicas, solenidades e outros rituais, esse grupo político mantém o culto aos heróis do passado, revitaliza velhos mitos e, ainda, busca trazer seus concidadãos para a luta do tempo presente”. (FELIPE, José Lacerda Alves. *Festa e poder político*. **Espaço e cultura**, n. 23, 2008, p. 44)

O Ano Novo poderia renovar e conduzir uma onda de sentimentos ao dar vivas ao ano que chega, sem demora, já que lhe era “dada a chave para um novo ano, logo, uma nova oportunidade”⁴³⁰. A entrada para um novo ano era acompanhada de votos, motivações e esperanças, pois a passagem para o ano vindouro significava a dose de ânimo para o restante dos dias.

Na sede da Praça da Saudade, o encontro fez memória. Naquele ano, o Sarau Flora, como ficou conhecido, foi organizado por Rodolpho Vasconcelos e Francisco de Lima Valente, ambos diretores da agremiação. O baile prometia ser uma das mais belas, elegantes, chiques e distintas festas que a sociedade manauara poderia comportar, porém, como toda a comemoração, deveria seguir rigorosamente uma organização:

Realiza-se hoje uma das mais belas festas de nossa culta e adiantada capital. O Ideal Club, a associação fidalga que sob impor-se **a família manauense como um centro de requintada elegância abre hoje os seus aristocráticos salões para acolher em seu seio encantador o que de mais chique, de mais distinto comporta a nossa sociedade.**

Para que seja perfeitamente inconfundível a nota de soberano desta que é de superior delicadeza, que a diretoria do Ideal Clube pretende imprimir ao sarau de hoje, os diretores encarregados da festa, os srs. Rodolpho Vasconcellos e Francisco de Lima Valente, cada qual mais ativo e dedicado; organizaram um Sarau Flora, cujo deslumbrador realce há de perdurar por largo tempo as mais gratas recordações daqueles que tem aventura de frequentar os salões da elegante agremiação. Pelo triunfo seguro da festa de hoje, endereçamos antecipadamente ao Ideal Clube os nossos parabéns.

Damos a seguir o programa das danças:

PROGRAMA PARA O SARAU FLORA.

OUVERTURE – A filha do Tambor Mor; 1ª valsa, Viúva Alegre; 1ª schottisch *Terpsichoreana*; 2ª valsa, Adore; 1ª polca, Manuella; 3ª valsa, *Sovivens átoi*; quadrilha, Barão Cigano; 4ª Valsa *Entre-nous*; 2ª Schottisch, Viúva Alegre; 5ª Valsa, *Revivons l’amour*; 2ª polca, Diplomata; 6ª valsa, Vision

Lanceiros: 7ª valsa, solitude; 3ª schottisch, *A toi*; 3ª Polca, Escovado; 8ª Valsa, *Bien Aimê*.⁴³¹

O Sarau Flora, como era conhecido esse encontro, investiu na decoração luxuosa do tema, inspirada na vida vegetal amazônica, com lianas enlaçadas, flores exóticas e palmeiras delicadas⁴³². A moda da partida dançante importada de Paris contou com a orquestra do maestro Armando Lameira⁴³³ constituída de nove professores, e teve a função de congregar

⁴³⁰ Charge disposta no **Jornal do Comércio**. Manaus, 31 de dezembro de 1911.

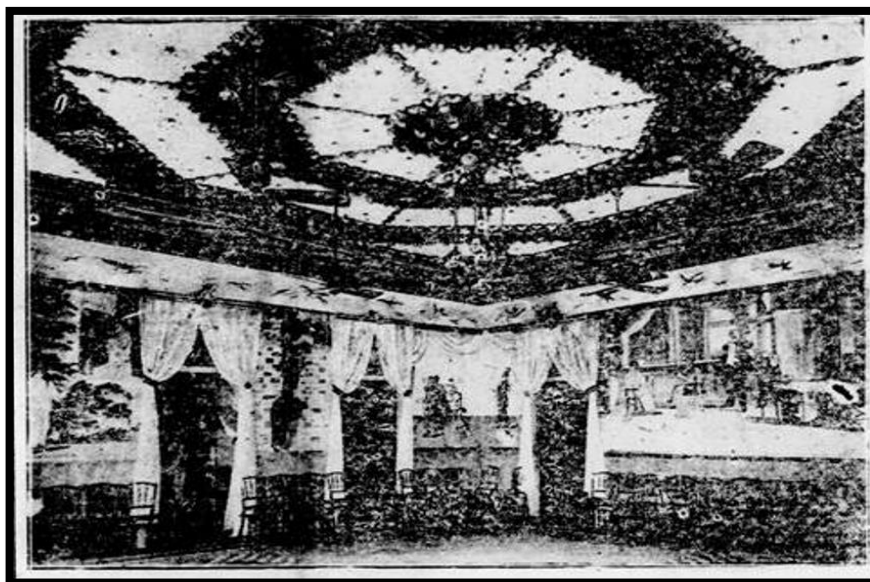
⁴³¹ **Correio do Norte**. Manaus, 31 de dezembro de 1909.

⁴³² ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003**: Um século de aristocratismo. Manaus, Imprensa Oficial, p. 87.

⁴³³ Em 1931, o maestro Armando Lameira foi um dos responsáveis por converter o poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, em música cantada por Gilca Loreti.

convidados, vestidos conforme o último estilo⁴³⁴, prontos para se divertir em noites com grandes espetáculos. A baixo, uma imagem de como as festas eram produzidas:

Figura 19 - Interior do Ideal Clube nas festas e bailes



Fonte: **Jornal do Comércio**. Manaus, 1917.

Apesar dessas colocações, a passagem para o ano de 1909 pareceu significar uma circunstância diferenciada, pois foi um dos anos em que a agremiação mais esbanjou os louros de uma vida favorável às elites, tendo em vista posteriormente os sinais da crise econômica devido à comercialização da borracha asiática deram suas primeiras evidências. Embora tenha demorado a afetar aos grupos econômicos e ao clube que possuiu sua maior crise em 1918, decorrente da gripe espanhola, o cotidiano dos grupos de poder manteve-se em festa.

Os aniversários do clube eram uma das ocasiões em que se manifestavam as raízes do associativismo e a conservação do bom nome e confiança que a agremiação almejava representar em suas festas. O *Jornal do Comércio*, em 1946, tempos depois em que o clube foi fundado, testemunhava que a sua história era composta pelo empenho dos homens que transformaram o grêmio em um ambiente de cordialidade e proveitoso convívio:

O grêmio é um dos mais vivos e expressivos reflexos do espírito associativo e do sentido de fraternidade do nosso povo, se revistam da maior ordem e da

⁴³⁴ Genesino Braga chegou a relatar que “graciosas senhorinhas ostentavam espécimes diversos de flores amazônicas, notando-se a graça e a originalidade da exibição, em adorno com a formosura das gentis portadoras.” ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo**. Manaus, Imprensa Oficial, p. 87.

maior alegria, num clima em que todos se nivelam e se identificam pelo mesmo prazer de sentir as alegrias da vida num culto à família e à terra que nos serviu de berço⁴³⁵.

As comemorações de datas de aniversário de instituições, em qualquer tempo e espaço, visam elogiar e congratular um passado construído em torno de propagandas e “vanglórias” que, por vezes, representam de maneira exagerada a estima do clube, o orgulho e honra em torno da sua história⁴³⁶.

Não podemos perder a dimensão que mesmo o grêmio representando a aristocracia amazonense, essa imagem enraizada tende a colocar no “esquecimento” os conflitos políticos e sociais ou as polêmicas que pudessem ter surgido no clube, por isso, o reforço em favor da “família, união e povo” se fazem necessários para reafirmação de laços associativos. De maneira mais contundente, essa imagem também representava que o fausto almejado pelas elites se apresentava como um projeto único sem espaço para as diferenças ou hábitos das populações locais e que, tal qual como uma família, tinha como objetivo fortalecer o pequeno grupo envolvido no clube e na implementação do projeto civilizador na Amazônia.

A agremiação quando trazia suas comemorações a público com os convites ou com as notícias nos jornais, continuamente notabilizava o festejo realizado para as famílias presentes, ressaltando a honra de realizar uma celebração em torno dos grupos aristocráticos existentes em Manaus. No mesmo sentido, ao divulgar a presença dessas famílias dentro do espaço recreativo, o grêmio procurava se distinguir de outros locais na valorização de atributos morais que somente o grupo constituído como “uma das mais bonitas tradições da família ‘idealina’”⁴³⁷ carregava:

O “Ideal Club”, a associação fidalga que soube impor-se à família manauense como um centro de requintada elegância [grifo nosso] abre hoje os seus aristocráticos salões para acolher em seu seio encantador o que de mais chique e de mais distinto comporta a nossa sociedade⁴³⁸.

Conforme foi apresentado nos capítulos anteriores, as elites às quais nos referimos eram os homens do âmbito jurídico, comercial e militar que administravam o clube e faziam dele o lugar para o estabelecimento de seu *status*, elegância e distinção, coisas que muito provavelmente apenas o valor financeiro não era imbuído de valor. Não obstante, isso não era

⁴³⁵ **Jornal do Comércio**. Manaus, 07 de junho de 1946.

⁴³⁶ HOBBSAWM, E. **A invenção das tradições**. Trad. Celina C. Cavalcante. [título original: The invention of traditions, 1983.] São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008, p. 09 e 10.

⁴³⁷ BRAGA. Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa oficial, 1979, p. 97.

⁴³⁸ **Correio do Norte**. Manaus, 31 de dezembro de 1909.

suficiente. Ao estar presente no clube para comemorar as festividades apresentadas, os diretores e sócios que administravam a agremiação de forma viril e fechada durante o ano todo, abriam os salões para que suas esposas, filhas, filhos e outros parentes pudessem compartilhar da mesma carga de prestígio e valor.

O valor compartilhado pela família nesses momentos passa assim a representar a mesma autoridade, crédito e importância que seus diretores do clube possuíam diante da sociedade manauara em seu cotidiano. O Ideal, ao se referenciar, colocava-se como um centro de “refinamento” da família manauara, apresentando assim, um dos seus diferenciais ao defender as comemorações em torno da família burguesa como um dos eixos principais de notoriedade. No que diz respeito aos motivos que levaram os diretores a compartilharem seus valores com suas respectivas famílias, cabe analisarmos a importância da mesma no contexto em questão.

Eram nos vastos salões que ocorriam uma série de encontros que iam desde a paquera entre os jovens até a saudação entre os grupos políticos, por essa razão, as ocasiões deviam ser preservadas. Sendo a família, em particular a moderna e burguesa, um grupo social mais restrito, sua valorização deu-se no mesmo sentido de respeito e estabelecimento de laços através da linhagem que desde o período medieval era entendida como “a célula social, a base dos Estados, o fundamento do poder”⁴³⁹ e, ao mesmo tempo, era considerada patrimônio por cujo nome de honra devia-se ter zelo⁴⁴⁰, portanto, a família burguesa mais do que representar os laços fraternos, simbolizava a própria ordem social.

Conforme o historiador Philippe Ariès, ao retratar a sociedade francesa, “os progressos do sentimento da família seguem os progressos da vida privada, da intimidade doméstica. O sentimento da família não se desenvolve na rua ou quando a casa está muito aberta para o exterior: ela exige um mínimo de segredo”⁴⁴¹, pois eram nesses ambientes que se construíam relações de lealdade, fidelidade, matrimônio e compensação profissional, portanto, talvez não muito distante do que simbolizava os convívios dentro do clube. Tratando do assunto, Roberto da Matta compara esse espaço íntimo e familiar com a sociedade brasileira:

Metáforas e símbolos onde a casa é contrastada com a rua são, pois, abundantes numa sociedade onde a casa é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais (como é o caso da família norte-americana) e está sujeita às normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde

⁴³⁹ ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Ltc, 1981, p. 214.

⁴⁴⁰ Ler também: “A honra nacional, a família e a construção da cidade maravilhosa” in CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, Centro de Pesquisa em História Social. 1ª Reimpressão, 2005.

⁴⁴¹ ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Ltc, 1981, p. 238.

não existe indivíduos e todos são pessoas, isto é, todos que habitam uma casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia que permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade brasileira.⁴⁴²

Ao defender os laços de sangue e gênero, resguardava-se seus membros, dentre os quais, as mulheres das elites eram as mais preservadas, em razão do conservadorismo que as representavam pela suposta honestidade e cobrança pela honra familiar. Assim, enraizados em um modelo patriarcal em que os homens do clube deveriam governar e administrar o espaço, são nesses momentos em que a concepção da agremiação como uma família privada misturava-se com as relações públicas, ganhando maior vigor.

Geralmente as festas iniciavam às 20 e adentravam até às duas horas da madrugada, mas para as mulheres solteiras e jovens terminavam mais cedo. No segundo aniversário do clube, por exemplo, como escreveu Genesino Braga, o coronel Cosme Alves Ferreira e sua família aproveitaram para divertir-se até tarde, mas ao chegar em determinado horário, o genitor foi deixar suas filhas em casa. De modo que, ao invés de se despedir dos amigos e famílias presentes, voltou ao clube:

- Como assim, coronel, já vai?... tão cedo! Não está gostando da festa?
 - Oh, sim! A festa está muito boa, muito bonita!
 - Então, fique mais um pouco, coronel. Fazemos questão da sua presença. Dê-nos esta honra.
 O coronel olhou de relance as filhas e as filhas baixaram a vista, respeitosas. Voltou-se depois, para os rapazes:
 - Por isso, não, meus amigos; vou até a casa deixar as meninas e voltarei. Até já!⁴⁴³

Mesmo que fosse permitida a presença das mulheres nas diversões sociais do clube, ainda é possível notar que a mentalidade masculina amalgamada pelas tradições e conservadorismo controlavam a “honra feminina”.

O controle para assegurar que as senhoras e senhoritas mantivessem um estilo de vida íntimo e familiar era mantido pela suposta proteção moral à qual as mulheres das elites estavam submetidas. Os “chefes” e “diretores do clube” em seu espaço familiar ditavam, por exemplo, que as mulheres não poderiam ficar até tarde nos bailes ou frequentar os botequins, pois estes espaços, considerados perigosos, representavam o alto índices de prostituição, criminalidade e vadiagem, o que deturparia a honra feminina, e consequentemente, a integridade e ética particular das famílias às quais pertenciam.

⁴⁴² DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, v. 5, 1997, p. 49.

⁴⁴³ BRAGA, Genesino. *Assim nasceu o Ideal*. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, pp. 62, 63.

Assim, os distintos espaços eram reservados aos homens para o estabelecimento das suas relações tanto públicas e quanto privadas. Às mulheres era destinado o espaço privado de cuidados com o lar, com os filhos e com os maridos. Reproduzindo o âmbito familiar, as mulheres tinham sua ocupação direcionada aos cuidados e preparativos das festas, na exposição de suas figuras, na execução das danças, na demonstração de erudição através da leitura e declamação de poesias. As mulheres burguesas, portanto, desfrutavam de espaços de lazer e diversão, justamente porque esses espaços eram ambíguos e simbolizavam as suas próprias realidades íntimas e familiares, para as quais foram criadas em um modelo conservador⁴⁴⁴.

Por mais que fosse um modelo de diversão, a autoimagem das elites sustentava que suas referências aristocráticas, conservadoras, fechadas em si mesmas, que precisavam de espelhos para “se ver” e se representar dispusesse de organização e controle na feitura das festas e bailes. As sensações e tempos em ocorriam giravam em torno de símbolos e da lógica de pertencimento, independência do caráter e elevação do espírito individual⁴⁴⁵.

Os membros do clube deveriam estar no mesmo ritmo e seguindo os mesmos objetivos para que pudessem participar de um teatro público de luxo, vangloria e exibicionismo mais íntimo, contudo, a abertura dos salões para a sociedade manauara também soava como essencial. Eram nos bailes e festejos de carnaval que a agremiação se mostrava e apresentava uma faceta pública de exibição, contudo, é necessário ressaltar que as hierarquias, lutas simbólicas e defesas políticas também se mantiveram mesmo nas machinhas de carnaval.

4.2 – “NUM ABRE ALAS QUE EU QUERO PASSAR DE ENSURDECER”⁴⁴⁶: A IDENTIDADE E A DISTINÇÃO DAS ELITES NOS CARNAVAIS DO CLUBE

*Dou-te o Entrudo passa-porte,
Escapaste desta vez;
Mas eu sou remisso e forte,
Espero o outro ano... Talvez*

⁴⁴⁴ Além dos cuidados com a casa, com a integridade e com a valorização dos filhos, maridos e matrimônios, as mulheres burguesas tinham acesso à educação que permitia que pudesse desempenhar o trabalho doméstico, costura, aprendesse música e dança, dentre outras habilidades artísticas. Elas também tinham acesso à escrita e leitura, porém, nesse aspecto deveriam ser tuteladas para não terem contato com influências que pudessem transgredir a moralidade de então, como o feminismo. Logo, por estarem mais tempo em casa, deveriam ler os romances da época que pudessem aprimorar seus dotes e cuidados familiares, domésticos e maternos. (CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. **Trabalho e Emancipação: Um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940)**. Dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal do Amazonas, 2010, p.67.)

⁴⁴⁵ **Jornal Ideal Clube**. Manaus, 24 de setembro de 1904.

⁴⁴⁶ **Jornal do Comércio**. Manaus, 03 de março de 1908.

*Nele não tenhas tal sorte!
Mas... nada mais... eu me calo...
Ano novo não tem
O dia que te falo?
Espera o ano que vem:
Não perdes por espera-lo!⁴⁴⁷*

No dia três de fevereiro de 1903, poucos meses antes de surgir a sociedade idealina, um cronista com o pseudônimo Apíus Cladius, no jornal *Quo Vadis*, relatou como a vida na capital tentava fugir do marasmo domingueiro frequente até mesmo nos dias de carnaval, em tempos que já se esperava uma grande e deslumbrante agitação ou minimamente uma mudança nas práticas sociais para que ecoasse uma vida alegre e festiva.

O relato iniciava com a constatação que a falta de entusiasmo nos dias de carnaval era de chamar à atenção, diante daquilo que a realidade cotidiana impunha. O autor comparava a sua existência a uma prisão e à vida animal, em que as únicas ocupações eram as refeições e andanças pelas ruas, sem muitas expectativas, a não ser o olhar dos transeuntes que transluziam puro aborrecimento. Nem mesmo as ocupações aos domingos, tempo em que as famílias utilizavam para ir às missas, às praças ou até mesmo tomar sorvetes, fazer piqueniques e realizar visitas aos seus amigos e compadres causavam satisfação. Essas últimas, por exemplo, são relatadas com pesar e cansaço porque davam a impressão de ser uma tarefa custosa tanto fazer quanto receber visitas, revelando que o espaço familiar tinha lá suas limitações e acabava tornando-se rotina sem muita graça. Diante disso, poder-se-ia alegar que era o momento oportuno para participar das atividades e festividades nos clubes e associações que a essa altura estavam em progressivo aumento. Ainda assim, as dinâmicas asseguravam que os bailes, partidas dançantes e outras recreações passavam por um ritual de preparação, exigindo programações, convites e realizações com dia e hora marcada, também causando limitação na oferta e consumo das atividades.

No entanto, a narrativa pouco alegre não se encerrava por ali. Ao lembrar que a cidade estava em dias de carnaval, o escritor teceu o seguinte comentário:

O último domingo teve a sensaboria de uns mascarados a percorrer as ruas, ermos dos mais rudimentares espíritos, e o barulho de um entrudo de pó de arroz, confetes, etc. Era de ver homens polvilhados, sem ser com o polvilho antisséptico do Silva Ferraz, com as roupas dos tais discozinhos de papéis multicores, a andarem apressados como quem feriu um grande combate e leva em si o atestado de que se não excursou da luta; era de ver umas senhoras e senhoritas, meninos e meninas com os cabelos ordenados dos

⁴⁴⁷ *Quo Vadis?* Manaus, 27 de fevereiro de 1903.

mesmos papezinhos e as faces empoadas, com uma graça que os homens nunca são capazes de ter, porque manda a verdade se o diga, só crianças e mulheres são interessantes quando brincam.⁴⁴⁸

Por mais que os participantes estivessem mascarados, vestidos com roupas decorativas e multicores, ainda realizavam rituais que remetiam aos dos primeiros carnavais, quando o entrudo⁴⁴⁹ predominava e que nesse momento deveriam estar “superados” se compararmos com os das regiões centro-sul⁴⁵⁰. Aproveitando a oportunidade, uma das primeiras ponderações que temos a realizar é que, diferentemente da realidade de outras cidades brasileiras, como é o caso do Rio de Janeiro, em que desde o final da década de 1870⁴⁵¹ já passava por uma significativa reinvenção dos termos e formatos, em Manaus, mesmo no ápice das expansões urbanas e diversificações culturais iniciadas na última década do século XIX, as festividades – com o enfoque no carnaval – ainda davam os seus primeiros passos rumo à ocupação espacial da cidade.

Naquele momento, poucos clubes e salões executavam os bailes carnavalescos e tinham ocupado as ruas com todo o vigor. Àqueles que se punham a brincar nas vias da cidade, ainda praticavam o entrudo e faziam com que a festividade ao deus Momo fosse desfrutada sob polvilho e pó de arroz. Mas um novo modelo começava a se manifestar, pois os participantes já estavam “bem vestidos”, caricaturados e algumas poucas sociedades recreativas saíam em cordões carnavalescos em visita às famílias que compravam seus cartões

⁴⁴⁸ **Quo Vadis**. Manaus, 03 de fevereiro de 1903.

⁴⁴⁹ O entrudo era o hábito de se divertir jogando água natural, com limões ou outras substâncias nas pessoas nas ruas e período de carnaval. Havia também o “tempo do entrudo”: No período imperial eram os mesmos dias de carnaval em que um conjunto de brincadeiras se realizavam antes da páscoa. Maria Clementina Pereira Cunha explica que “apenas no final do século a palavra passou a ser utilizada por autoridades, políticos, jornalistas e literatos para nomear exclusivamente a “molhaçada”, e com sentido oposto ao carnaval, que designava sobretudo préstitos, bailes, batalhas de confete e outras práticas mais recentes, às quais se atribuía superioridade em face dos folguedos rudes e incultos do entrudo”. (CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. Companhia das Letras, 2001, p.25)

⁴⁵⁰ Essa realidade evidencia que cada cidade ou região passam pelos seus próprios processos e tem suas próprias características superando assim os recortes temporais bem marcados ou generalizados. Ao estudar o desenvolvimento do carnaval na cidade carioca, Maria Isaura Pereira de Queiroz fez um quadro histórico que divide as temporalidades e suas fases principais, sendo a primeira fase até o final do Império com a execução do entrudo, a segunda fase – superando o entrudo – com os carnavais mais elegantes e elaborados inspirados em Paris tendo predomínio até 1920, e a terceira fase com o desenvolvimento de um carnaval popular e com escolas de samba. (PEREIRA, Leonardo Affonso. **O carnaval das letras**: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. 2ª ed. ver. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2004, pp.27-28).

⁴⁵¹ Leonardo Affonso de Miranda Pereira discorre sobre os anos e as mudanças nos termos e nas características do carnaval contra o entrudo na cidade do Rio de Janeiro: “o da reinvenção, por parte desses literatos, da definição do carnaval – que deixava de ser entendido de forma geral como ‘os dias de Momo’ para representar somente um tipo de brincadeira que se diferenciava do entrudo. A palavra entrudo, que antes designava uma série de brincadeiras carnavalescas – como mascaradas, alusões e xingamentos – passou a designar somente a guerra de limões-de-cheiro e bisnagas, perdendo seu caráter geral.” (PEREIRA, Leonardo Affonso. **O carnaval das letras**: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. 2ª ed. ver. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2004, p.90)

e convites⁴⁵² aos bailes restritos. Assim, a festividade foi dando seus primeiros sinais de ousadia ao combinar o velho entrudo com os cordões, blocos e clubes de ruas bem elaborados, com grandes investimentos e fantasias.

Para finalizar o seu desabafo, o autor parece se contentar com as lembranças das brincadeiras das crianças e mulheres que se alegravam naquele domingo de carnaval. Porém, esse acalanto não foi suficiente para desfazer as impressões causadas pelo marasmo de uma segunda-feira que se aproximava e parecia cumprir a missão das atuais “quartas-feiras de cinzas”, acompanhada do medo frequente da modernidade burguesa em ver sua vida paralisada pelo tédio e rotina que mais combinavam com a dormência de um inverno amazônico. Por outro lado, é de se compreender ainda mais a falta de gracejo nos dias de folia. Nesses tempos, o código de posturas municipais proibia sob pena de 20\$000 réis de multa ou 1 dia de prisão⁴⁵³ àqueles que realizavam celebrações ao som de batuques, apitos ou divertimentos que perturbassem o sossego público. E, por mais que a quietude fosse questionada, o autor indagava: “O que fazer a partir de então? Ler, escrever, dormir ou esperar o próximo traço de entusiasmo?”⁴⁵⁴.

É verdade que a partir de 1900 as notícias sobre o carnaval começaram a aparecer de forma mais audaciosa. A realidade é que poucos clubes tinham suas atividades voltadas para o preparo da festa, como no caso do New Club (1898) e do Club dos Terríveis (1899), e ainda faltava o que chamamos de “espírito” em referência ao ânimo de se comemorar com confetes, serpentinas e polvilhos⁴⁵⁵. Esse espírito, de certo, não está limitado aos acessórios, mas apresentava-se como uma esperança constante aos desejosos por modernidade, luxo, progresso e civilização que aguardavam por algo que pudesse resplandecer as suas grandezas aristocráticas nas celebrações e solenidades locais.

Não demorou muito para que a celebração se consolidasse. O momento apresentava-se propício tendo em vista o desenvolvimento e alcance das demandas comerciais que incentivaram o espírito festivo entre as elites.

Em 1905, quando o Ideal Clube se lançou para disputar a cena, já se tinha na praça o famoso Club dos Terríveis (1904), que se vangloriava por reunir a chamada “fina flor da

⁴⁵² PONTES, Karinny Lima. **Dos bailes nos clubes aos blocos de rua**: A representação da festa carnavalesca em Manaus (1890-1920). Monografia do Curso de História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, AM, 2019, p.34.

⁴⁵³ Código de Posturas Municipais (1901), Art. 36. SAMPAIO, Patrícia Melo. **Posturas municipais**, Amazonas (1838-1967). Manaus: EDUA, 2016, p. 155.

⁴⁵⁴ **Quo Vadis**. Manaus, 03 de fevereiro de 1903.

⁴⁵⁵ PONTES, Karinny Lima. **Dos bailes nos clubes aos blocos de rua**: A representação da festa carnavalesca em Manaus (1890-1920). Monografia do Curso de História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, AM, 2019, p.32.

sociedade manauara”, cavalheiros “distintos”, com “espíritos superiores” que deveriam deixar por alguns dias a severidade habitual das suas ocupações, para se entregar de corpo e alma, de matéria e espírito ao diabólico carnaval ou ao rei da folia⁴⁵⁶. O tom parecia animar a cidade que almejava afastar os invejosos maldizentes, difamadores ou de espíritos baixos – como o cronista Apius Cladius – para abrir caminho às alas e para os clubes que desejavam lançar seus confetes nas ruas.

Nesse conjunto, o Ideal estava incluso e reforçava na sua festa as distinções, classificações e tentativas de “camuflar” as desigualdades sociais e cotidianas ao se apresentar nos grandes cortejos junto aos diferentes segmentos das elites que estavam fora do clube. Isso posto, a oportunidade, o poder e o direito de se celebrar foram efetivados no Ideal Clube, que no conjunto das agremiações fundadas com essa finalidade, como o *High Life*, o Clube dos Janotas, o Clube Internacional, o Clube Democrata, o Clube dos Chineses, o Clube União da Mocidade, o Clube Cacaó, a Sociedade Carnavalesca dos Catraeiros, o Clube do Caiadores, o Clube dos Chineses, o Clube Internacional, o Clube Oriente Cachoeirinha, o White Clube, o Clube dos Fenianos, o Clube dos Frouxos, o Clube Cearense⁴⁵⁷, o Bicho Clube, Carnaval Clube, City Clube, Clube das Tesouras⁴⁵⁸ lançam-se na mesma atmosfera e começaram a ocupar as ruas da cidade, mostrando ao que vieram.

Esses clubes e agremiações carnavalescas oportunizaram às elites ocupar os espaços que no seu cotidiano lhes eram distantes. É necessário observar que essa tomada das ruas exigia ordem e limite, por isso, se reforçava que o direito de participar das festas deveriam ser sócios, maiores de 18 anos⁴⁵⁹ ou convidados que realizassem a compra dos ingressos, circunscrevendo uma lógica política, social e econômica bem firmes e contundentes para o afastamento de personagens não quistos ou da população que utilizava desses espaços para a realização de suas atividades laborais e cotidianas. Por essa ordem, as sociedades recreativas abriam as suas regras e estratégias para vínculos associativos a quem pudesse comprar os ingressos e participar da festividade, mas, de todo modo, ainda mantinham suas políticas de exclusão e distinção ao fazer sobressair as regras monetárias, indumentárias e cerimonialistas.

Diferentemente do que se possa acreditar, de que o carnaval seria uma festa popular em que “a ordem comum deixaria de existir” ou que seria a ocasião propícia para que as lutas

⁴⁵⁶ **Jornal do Comércio**. Manaus, 11 de fevereiro de 1904.

⁴⁵⁷ Clubes carnavalescos catalogados por PONTES, Karinny Lima. **Dos bailes nos clubes aos blocos de rua: A representação da festa carnavalesca em Manaus (1890-1920)**. Monografia do Curso de História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, AM, 2019, p.32-42.

⁴⁵⁸ **Jornal do Comércio**. Manaus, 03 de março de 1908.

⁴⁵⁹ Havia também os bailes infantis e juvenis para as crianças e adolescentes realizados durante a tarde nos sábados. O Ideal Clube não promoveu nenhum baile infantil, mas os pais e sócios da agremiação receberam os convites e participaram do bailado promovido pelo Club Internacional em 1908.

de classes, hierarquias e desentendimentos políticos dessem uma trégua, o que fica evidente nos discursos e propagandas é o medo de que a desordem oriunda da folia dominasse a cidade. Sobre isso, Pereira de Queirós salienta que

A alegria e a excitação não se espalhavam por toda a parte da cidade, e além disso, as escolas de samba, no seu desfile rigorosamente organizado que compõe o símbolo mesmo da festa de Momo, seguem uma “obediência estrita à ordem”, indispensável para que o cortejo se desenrole com toda a sua magnificência⁴⁶⁰.

A ordem imposta pela manutenção do *status* e poderes socioeconômicos são evidentes quando notamos que o desenvolvimento dos primeiros carnavais se deram nas casas dos barões da borracha, nas residências dos comerciantes e políticos, e nas agremiações fechadas, demarcando as fronteiras e limites espaciais.

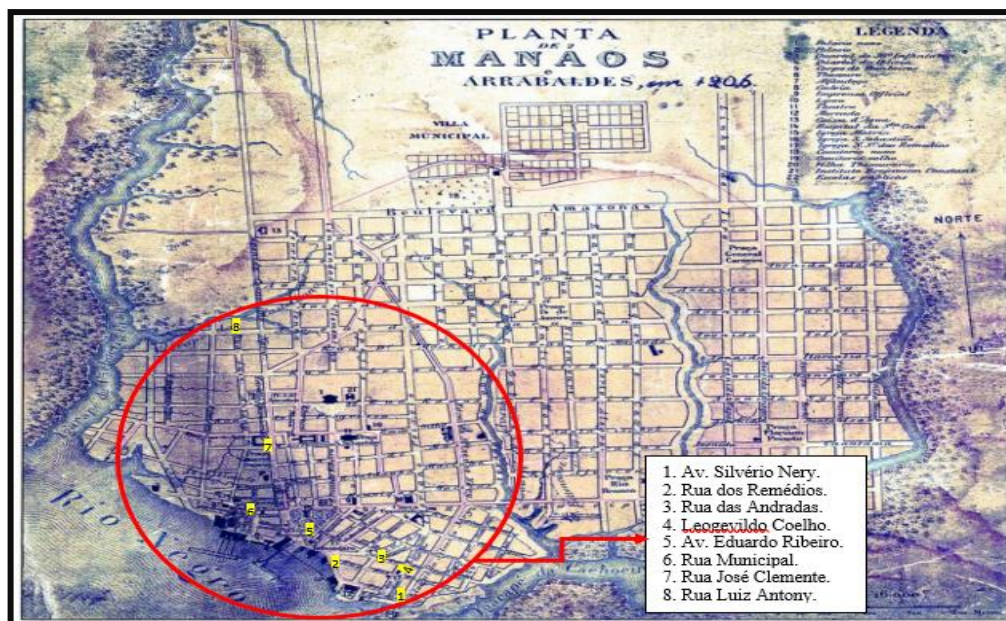
Quando as ruas começaram a ser ocupadas pela folia, observamos que as elites trataram de garantir o estabelecimento de uma ordem social e festiva mesmo no espaço público. As principais avenidas dos cortejos estavam localizadas no centro da cidade e conquistaram sua importância em razão do seu grau de circulação e produção de riqueza econômica advindas do comércio local. Eram nessas avenidas que estavam os símbolos da modernidade (Teatro Amazonas, Palácio da Justiça e Instituto de Educação do Amazonas), os melhores pavimentos públicos, as melhores lojas, as cafeterias e as residências dos comerciantes e de outros setores das elites.

As ruas e avenidas como (1) Av. Silvério Nery, (2) Rua dos Remédios, (3) Rua das Andradas, (4) Leogevildo Coelho, (5) Av. Eduardo Ribeiro, (6) Rua Municipal, (7) Rua José Clemente, (8) Rua Luiz Antony e Rua Marquês de Santa Cruz (não identificada)⁴⁶¹ eram as principais avenidas em que passavam o cortejo de carnaval.

⁴⁶⁰ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. A ordem carnavalesca. **Tempo social**, v. 6, n. 1-2, p. 27-45, 1994, p.28.

⁴⁶¹ PONTES, Karinny Lima. **Dos bailes nos clubes aos blocos de rua**: A representação da festa carnavalesca em Manaus (1890-1920). Monografia do Curso de História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, AM, 2019, p.41.

Figura 20 - Planta de Manaus com as principais vias por onde passava o Carnaval – 1906



Fonte: DUARTE, Durango. **Manaus**: entre o passado e o presente. Mídia Ponto Comm, 2009.

No cotidiano habitual essas zonas também eram ocupadas pela oferta de serviços dos catraieiros, cocheiros, lavadeiras, artesãos, estivadores e outros trabalhadores urbanos que, por vezes, fiscalizados, entregues à própria sorte ou ocupando-se das agruras do cotidiano, nos dias de carnaval tinham sua lógica invertida, para que a burguesia manauara aproveitasse as ruas nos dias de folia, não dando a esses laboriosos a oportunidade de dividir os mesmos espaços de diversão. A exceção ocorria quando tratava-se em manter os serviços habituais, como o serviço dos carroceiros e cocheiros, que “fora da aura da emoção” garantiam a mordomia dos seus patrões e senhoras que compartilham e comungam de um tempo e espaço privilegiado⁴⁶².

O Ideal, como já pontuamos, dependendo do ano, contava com suas sedes bem localizadas na cidade. Saindo da casa da tradicional Família Bittencourt, transferindo-se para a Av. Silvério Nery, posteriormente para a Rua Simão Bolívar, até finalmente inaugurar sua sede na Av. Eduardo Ribeiro, estava em pontos bem estratégicos para vislumbrar os dias de folia, ser visualizado, observar e ocupar as ruas.

⁴⁶² Nas suas reflexões, Queiroz apresenta uma lógica ordenada do carnaval entre os que olham, os que dançam e os que trabalham, sendo que os primeiros poderiam representar os atores e espectadores que poderiam estar reunidos em comunhão da festa, enquanto os servidores públicos que conservavam suas atividades habituais, pois estavam “presos a uma labuta que é idêntica à do cotidiano, fora da aura da emoção” no mesmo espaço e tempo dos primeiros grupos. (QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. A ordem carnavalesca. **Tempo social**, v. 6, n. 1-2, p. 27-45, 1994, p.31)

Na década de 1910, por exemplo, quando a população certamente já tinha os seus próprios meios de diversão, tendo em vista a propagação de bares e botequins pela cidade, notamos a tentativa de afastar o povo do carnaval das elites, quando os códigos de postura também instauravam proibições para as danças de cordões e mais divertimentos de igual gênero fora dos dias de carnaval.

Estavam proibidos sob a punição de 100\$000⁴⁶³ o entrudo nas ruas da cidade, o uso de bisnagas e polvilhos, as andanças com máscaras e com trajés indecorosos ou alusivos às corporações civis, militares ou religiosas pelas ruas da cidade depois das seis e meia da tarde, críticas às instituições e ridicularização dos poderes públicos, trânsito de pessoas pela quadra carnavalesca, a realização de batuques, sambas ou outras diversões que perturbassem o sossego público.

No ano de 1911, todas essas proibições estavam expostas na crônica do autor de pseudônimo Frivolet. Em seu texto no jornal *Correio do Norte* o autor chegou a alegar que nessa época feliz “em que a massa anônima do povo se divertia com familiaridade e grande contentamento, em meio a certa homogeneidade de gente, apareciam indivíduos de uma falta de educação a toda prova manifesta que mereciam umas boas, umas corretivas cacetadas”⁴⁶⁴. O motivo das correções seriam as bisnagas que atingiam os olhos das pessoas, por isso eram “merecedores” de uma boa represália, de tal modo que “pega-se numa boa bisnaga de massaranduba e esfria-se-lhe as costas”⁴⁶⁵.

A provocação evidencia a falta de trato com a festa do povo que aos olhos da burguesia precisava civilizar-se com correções culturais, físicas e fiscais diante da transgressão às ordens da festividade. Contudo, o mais agravante está na sugestão e exaltação dos castigos físicos aplicados aos escravos açoitados no período da escravidão. Nesse tempo, os homens e mulheres livres vivenciavam as suas dores expostas no carnaval em tom de deboches, símbolo de que mesmo diante do carnaval ainda viam sua dor exposta com tom de deboches e com gestos simbólicos de uma sociedade escravocrata.

Se os leitores da crônica podiam compartilhar da repreensão como remédio eficaz ao prazer do “povo”, através do texto, também precisavam se regozijar nos prazeres da folia das elites.

Quanto às notícias sobre esses dias, o *Jornal do Comércio* era um dos principais entusiastas do baile à fantasia e os seus redatores eram os primeiros a serem convidados para

⁴⁶³ Código de Posturas Municipais (1901), Art. 36. SAMPAIO, Patrícia Melo. **Posturas municipais**, Amazonas (1838-1967). Manaus: EDUA, 2016, p. 182.

⁴⁶⁴ **Correio do Norte**. Manaus, 19 de fevereiro de 1911.

⁴⁶⁵ **Correio do Norte**. Manaus, 19 de fevereiro de 1911.

participar deles e tecer suas primeiras críticas. Desse modo, o periódico anunciou que a noite do dia 04 de março de 1905 não deveria desmentir o já reconhecido nome do Ideal Clube, que contaria com uma ornamentação inteiramente carnavalesca, preparação de fantasias, convites impressos pela livraria Palais Royal e uma programação empolgante ao som de uma orquestra conduzida por César Vasco⁴⁶⁶ ou do Prof. João Pinto Moreira⁴⁶⁷ com valsas, polcas, quadrilhas e schottisch⁴⁶⁸, sons europeus como maiores atrações do clube. Porém, a estratégia, por mais que bem divulgada, não foi bem sucedida. Na terça-feira de carnaval restava o contentamento com uma pequena nota no Jornal do Comércio ao informar que no baile à fantasia, embora houvesse ocorrido satisfatoriamente, não se achava ali o público aguardado. Os salões bem preparados, trajes a capricho e boa música não foram aproveitados pela elite, pois a programação concorria diretamente com outras diversões naquela noite⁴⁶⁹. Também pudera, os grupos de foliões já se preparavam para a solenidade que ocorreria no dia seguinte na Av. Eduardo Ribeiro e no Teatro Amazonas.

Passado o baile, no domingo gordo restou às famílias da agremiação apreciarem pelas janelas da sua sede, na rua Silvério Nery, o curso do Clube dos Terríveis que faziam a divulgação das encomendas de seus objetos e artes vindas de Paris, dos seus carros alegóricos e dos seus artistas, como Dionísio, famoso intérprete do carnaval do Rio de Janeiro, do Club dos Fenianos, dos Democráticos e dos Tenentes do Diabo⁴⁷⁰.

Às 15 horas, naquele domingo gordo de carnaval, a folia na cidade contava com a promoção do entrudo, com as batalhas de confetes e flores, com os grupos e cordões, com os bailes públicos mascarados para as crianças e adultos, e com os préstitos carnavalescos na Av. Eduardo Ribeiro. Na rua Municipal e na Saldanha Marinho estavam as arquibancadas destinadas às famílias e cavaleiros e que tinham por objetivo impedir os olhares dos não pagantes. Cerca de 30 carruagens profusas e ornamentadas estavam presentes no curso, e que carregavam nomes de influências românticas, francesas e patrióticas, como “Amor e Psiquê”, “Real Coche de El-Rei” (a mesma que parou para cumprimentar a diretoria do Ideal no ato), “Mefistófeles”, “Eloquência dos Incas”, “*Je suis* em Paris boulevardiano”, “As 4 estações”,

⁴⁶⁶ **Jornal do Comércio**. Manaus, 19 de fevereiro de 1905.

⁴⁶⁷ **Jornal do Comércio**. Manaus, 27 de fevereiro de 1908.

⁴⁶⁸ A orquestra executou o seguinte programa: “OUVERTURE: Zé Pereira, 1ª valsa, “Les Patineurs”; 1º Schottisch, “Ideal Club”; 2ª valsa, “Goutte de rosée”; 1ª polca, “tim-tim”; 1º quadrilha, “Nina Panche”; 3ª valsa, “Como esquecer-te?”; 2º schottisch “Magui”; 4ª valsa “O Danúbio Azul”; 1º Cake-Walke, “Yes”; 2ª quadrilha, “28 dias de Clarinha”; 5ª valsa, “Le Trésor”; 3º Schottisch, “Immenso dolor”; 6ª valsa, “Rosas do Sul”; 2º Cake-Walke “Joyeux Nègres”; 3ª quadrilha, “A capital federal”; 7ª valsa, Retour du Printemps”; 4º Schottisch, “Sorrindo”; e 8ª valsa, “La Fiancée”. **Jornal do Comércio**. Manaus, 04 de março de 1905.

⁴⁶⁹ **Jornal do Comércio**. Manaus, 07 de março de 1905.

⁴⁷⁰ **Jornal do Comércio**. Manaus, 17 de janeiro de 1905.

“Euterpe”, “Estado do Amazonas”, “Estegomia Fasciata”, assim como os carros dos sócios e das famílias fantasiados, bandos de foliões e grupos de arlequins⁴⁷¹.

Nesse momento, o Ideal Clube acompanhou prestigiosamente o Clube dos Terríveis com a significativa e consolidada atuação dessa entidade carnavalesca na capital. Essa forma de sociabilidade não se dava apenas nos dias de carnaval, cabendo destacar que em seu cotidiano o ponto de encontro dos homens sociais pertencentes ao rol associativo do Ideal Clube também era a cafeteria do “Café dos Terríveis”. O Clube dos Terríveis, de igual modo, também partilhava de uma vinculação política, ao trazer em seu rol associativo o ex-governador coronel José Cardoso Ramalho Júnior⁴⁷², o Superintendente dos Serviços Elétricos do Estado, o engenheiro Artur César Moreira de Araújo⁴⁷³, o capitão dos Portos do Amazonas, capitão-de-fragata Santos Lara, entre outros⁴⁷⁴. Assim sendo, o Ideal Clube, na verdade, cumprimentava seus pares naquele grande curso social ao usufruir do mesmo ato festivo e ao reconhecer a autoridade que tais homens desempenhavam no cotidiano manauara:

Quando na Avenida de Silvério Nery, o préstito do Clube dos Terríveis passou em frente à sede do Ideal Clube, as janelas do palacete “idealino” estavam apinhadas de associados e suas famílias, que saudavam e atiravam confetes e serpentinas sobre as carruagens ornamentadas do desfile. O “Real Coche de sua Magestade El-rei Carnaval”, ao chegar em frente ao Clube, parou. A seguir, o Soberano da Folia se dirigiu à sede, acompanhado de uma comissão de diretores do Clube dos Terríveis, sendo recebido à porta de

⁴⁷¹ **Jornal do Comércio**. Manaus, 07 de março de 1905.

⁴⁷² José Cardoso Ramalho Júnior foi governador do Amazonas de 04 de abril de 1898 a 23 de julho de 1900. Nascido no estado em 07 de abril de 1866, era filho de José Cardoso Ramalho e de Maria Francisca da Conceição. Empregou-se no comércio local, foi coronel do Exército, e entrou para a política pelo Partido Democrata e se elegeu deputado estadual para a Assembleia Legislativa. Em 1896 foi eleito vice-governador de Fileto Pires Ferreira. Em 04 de abril de 1898, em viagem a Paris, Pires Ferreira foi deposto e Ramalho Júnior assume o governo do estado. Em seu período de governo, defendeu o território acreano na Revolução Acreana e inaugurou o Palácio da Justiça, um dos símbolos da modernidade manauara deixados por Eduardo Ribeiro. Em 1914 e 1917 foi grão mestre da Loja Maçônica Esperança e Povir. RAMALHO JÚNIOR, José Cardoso. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**, FGV. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PEREIRA.%20Manuel%20Agapito.pdf>. Acesso em: 15 de fev. de 2021.

⁴⁷³ Arthur Cezar Moreira de Araújo, nasceu em Belém, em 17 de agosto de 1868. Foi filho do farmacêutico Abel A.C de Araújo. Matriculou-se no curso de engenharia no Rio Grande do Sul, mas foi transferido para a Escola de Realengo (RJ), onde foi aluno de Benjamin Constant. Passou pela Guarnição de Belém como 2º Tenente e foi transferido para Manaus, onde assumiu o posto de 1º tenente. Na cidade, casou-se com Donalina Nogueira Fleury com quem teve dois filhos (César e Lúcia, ambos enviados ao Rio de Janeiro). Ainda foi coronel e assumiu como comandante no Batalhão de Polícia do Estado em 1898, mas pediu exoneração e se dedicou nas carreiras de professor e engenheiro do estado. Desse modo, foi engenheiro-fiscal das obras do Porto, Superintendente Municipal de Manaus (1899-1902), co-empresário da Empresa Telefônica de Manaus, professor catedrático de matemática e astronomia do Ginásio Amazonense, professor de matemática e diretor da Escola Técnica do Comércio Solon de Lucena, engenheiro das obras do Teatro Amazonas, Vila Municipal (hoje Adrianópolis), cassino Julieta (posteriormente Cine Guarani) e redes de esgotos de Manaus. BITTENCOURT, Agnelo. **Dicionário amazonense de biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro, Conquista, 1973, p. 108 e 109.

⁴⁷⁴ BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa oficial, 1979, p.50.

entrada pela diretoria “idealina”. E de uma das janelas do prédio, Sua Majestade agradeceu as saudações da multidão que se comprimia, em delírio, ao longo da Av. Silvério Nery.⁴⁷⁵

A imagem do Ideal representado como palacete não é sem motivos ou explicações. Diferentemente do Teatro Amazonas, visto como uma cátedra central, a agremiação não era apenas um local de visitas dos sócios, mas um espaço que, assim como uma casa, incentivava os laços de familiaridade, como já descrevemos ao relatar os bailes e saraus dançantes. Por consequência, a referência que as famílias tinham no centro das festividades fez com que se continuasse estendendo o caráter familiar a eventos abertos e públicos, porém, se o início da primeira década tinha-se o desânimo nas ruas, até o final de 1910, graças aos grandes incentivos, o Ideal Clube consegue corresponder às expectativas dos sócios e frequentadores, se afirmando como um espaço conceituado das elites e famílias amazonenses através dos investimentos feitos na sua construção:

Tudo ali era alegria e graça. Uma orquestra regida a capricho, vibrava de momento a momento doces acordes que elevavam a alma às regiões dos sonhos onde tudo respira poesia e amor. O lança-perfume e confetes tomaram a si o encargo de expurgar a menor nuvem de tristeza que por acaso ali pairasse... e para dar ainda melhor brilho àquele festival encarregaram-se os diretores do mês do Ideal Clube de preparar os seus salões com um admirável gosto artístico, que merecem os mais francos elogios. Mais uma vez o Ideal firmou o seu conceito de sociedade chique e querida da elite amazonense.⁴⁷⁶

Alegria, graça, capricho, sonhos, confetes, danças sustentavam a estrutura do requinte e riqueza das ornamentações dos salões que transmitiam a ideia de semelhança com os “lendários palácios de fadas a todos que se deslumbravam com as suas estranhas e fantásticas belezas”⁴⁷⁷, causando nas elites a impressão e sentimento de estarem participando dos carnavais venezianos. Na verdade, essa mistura de sensações e ilusões tinham a pretensão de intensificar as distinções e causar um efeito de magnitude e notoriedade aos participantes dos grandes bailes carnavalescos. Pelo que notamos, a festa carnavalesca para os sócios e convidados do Ideal Clube estavam restritas aos bailes de salões, de máscaras e de fantasias em que ficavam marcadas a distinção entre classes⁴⁷⁸, para que o exibicionismo das elites

⁴⁷⁵ BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa oficial, 1979, p.51.

⁴⁷⁶ **Jornal do Comércio**. Manaus, 28 de fevereiro de 1911.

⁴⁷⁷ **Jornal do Comércio**. Manaus, 20 de fevereiro de 1912.

⁴⁷⁸ DE BORBA BARRETO, Álvaro Augusto. A elite em festa: a comemoração do Carnaval de Pelotas na década de 1910. In **Estudos Ibero-Americanos**, v. 37, n. 2, 2011, p. 233.

pudesse ser flagrantemente manifesto e contemplado, a iniciar pelos convites às famílias e prestigiados visitantes:

Dos convites, já em distribuição, coube-nos um, que reside, como os outros, ao entusiasmo e ao delírio dos ilustres associados, que o subscrevem. Reza assim o convite:

- Exm. Sr. – Dentre as nuvens carregadas que obumbram neste momento o sol esplêndido da felicidade humana, surgem, por vezes, alguns raios vivificadores que nos trazem alento e conforto.

Nessa irradiação acariciadora vislumbram-se sempre os fulgores do culto fantástico ao imensurável Deus das loucuras sublimes, a cujo altar vão levar a oblata do seu carinhoso concurso, em meio à mais doce evocação de hinos, todos aqueles que ainda sentem a alegria de viver.

O Ideal Clube, o pioneiro máximo da graça, apresta-se para render as homenagens mais lidimas ao lendário representante desse grande Deus *El Rey* Carnaval, que terá entrada triunfal em seus salões à noite de 9 deste mês. Ali, numa atmosfera de gratas emoções, o nosso espírito, distendidos os prodígios da fantasia, librar-se-á por sobre esse país florido de sonhos, onde erguem-se preces ao prazer e a vida é como a essência que se evolva deixando o ar impregnado de doce perfume.

Nessas horas em que as estrelas terão brilho e as tristezas não terão guarida, precisamos da participação honrosa e gentil de v.exc. e exma família, a qual pontilhará de distinção fidalga o nosso festival, merece que muito nos desvanecerá, dando ensanchas ao nosso profundo reconhecimento⁴⁷⁹.

Como o principal investimento do Ideal eram os bailes à fantasia ou os bailes *masqué*, a justificativa para reunir as elites para manutenção de suas tradições e cerimônias faziam com que no valor das fantasias e máscaras estivessem embutidos brilhantismo, triunfo e características exclusivas do grupo. As máscaras que “escondiam” as delicadas feições das patricias⁴⁸⁰, como sinal de ocultação de identidade, davam charme ao luxo e distinção das elites, mas também poderiam ser um perigo e mistério quando usadas para ocultar os personagens que se divertiam sob as fantasias, para alfinetar os amigos traiçoeiros⁴⁸¹, debochar dos adversários ou encobrir as intenções de um povo, assim como poderiam esconder a miséria, o crime ou o amor⁴⁸². Dessa forma,

O riso dos mascarados podia ser o escândalo das famílias burguesas, que tanto zelavam por suas imagens perante a sociedade “decente”. Os dias de folia passaram a ser especialmente desagradáveis para estas “respeitáveis famílias”, que acabavam tendo que assistir à ridicularização de seus preconceitos e tabus morais a céu aberto, por mascarados abusados. O velho

⁴⁷⁹ **Jornal A Capital**. Manaus, 5 de fevereiro de 1918.

⁴⁸⁰ **Jornal do Comércio**. Manaus, 29 de janeiro de 1910.

⁴⁸¹ Como a irônica sátira do Jornal Correio do Norte: “Eu sou a Máscara. Vivo afivelando sempre o rosto dos amigos... ursos!”. **Jornal Correio do Norte**. Manaus, 20 de fevereiro de 1912.

⁴⁸² CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. Companhia das Letras, 2001, p. 32.

“*ridendo castigat mores*”, a alegre troça antigamente consentida aos mascarados como válvula de escape, agora não era visto por muitos cidadãos senão como provocação deliberadas⁴⁸³.

Os mascarados e fantasiados sobre os salões se lançavam e se apropriavam das imediações do clube para bailar, dançar e festejar sem horas para término. Podemos observar ao menos três compartimentos que os sócios e foliões podiam usufruir: a recepção, os salões e os buffets que se estabeleceram como espaços principais em que se podia ser visto, cumprimentado, reverenciado e até mesmo cortejado.

Ainda podemos observar que esses salões, intitulados com os mesmos nomes das instituições que tinham grande expressão na sociedade, na recreação (caso do Salão *Ideal Terpsicore*) e na imprensa (Amazonas e Jornal do Comércio)⁴⁸⁴ eram os espaços centrais para se colocar em prática todas as etiquetas aprendidas. Dessa maneira, ao executar as danças, ouvir as orquestras, assistir os arranjos ou participar dos cordões, os indivíduos colocavam-se na essência da festividade e logicamente no centro da cerimônia. Abaixo, a imagem de um carnaval idealino no ano de 1914:

Figura 21 - Aspecto do salão do Ideal Clube, a nossa distinta associação dançante familiar, por ocasião do baile à fantasia no sábado 21 de fevereiro de 1914



Fonte: **Revista Cá e Lá**. Manaus, março de 1914. Ano 1, nº3.

Os centros dos salões pareciam o espaço oportuno para exibição das fantasias e do *status* social expresso pelas vestimentas, modos de se comportar, dançar e foliar. Isso se deu pelos clubes carnavalescos possuírem caráter elitista e conservarem o modelo íntimo e

⁴⁸³ LAZZARI, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer**: carnaval em Porto Alegre (1870-1915). Editora da UNICAMP, 2001, p.181.

⁴⁸⁴ BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal Clube**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p.49.

fraterno dos seus espaços fechados, pautados no bem estar dos diretores, de suas respectivas famílias, dos seus grupos e dos seus arranjos fraternos e políticos. Feito nos salões do clube idealino, certamente o carnaval para a agremiação seria mais um dos momentos em que se esbanjaria o que se tinha, logo, o momento oportuno para definir quem era a “fina flor social”, pois todos os encantos e ornamentações serviam para reafirmar o *status* pessoal e coletivo da solenidade e dos seus participantes:

Festa de sonho e de lenda, hoje o Ideal Clube vai inaugurar os festejos carnavalescos!

Os salões do elegantíssimo Clube, onde se aglomera a fina flor da sociedade manauense e onde elegeu imperecível morada a graça encantadora e fina, a graça eterna e suavíssima, a graça delicada e leve, os salões do Ideal, dizíamos, acham-se maravilhosamente decorados, dando a retina deslumbrada dos que tiveram a dita de comparecer ali hoje, a mágica impressão de palácios de recantos iluminados e rescendentes de paraíso.

Centro magnífico de formosura e de elegância, núcleo rutilante de prodigioso encanto, o Ideal Clube há de afirmar, uma vez ainda, o seu destaque superior, a sua incontestada preeminência, a sua glória inacessível.

Havemos de estar lá, na embriaguez das harmonias deliciosas, na magia deslumbrante da luz e do perfume, a redimir-nos das preocupações e das tristezas, porque o Ideal será hoje a pátria luminosa da ilusão, o país perfumado e rebrilhante da alegria⁴⁸⁵.

Nesse sentido, não importava se o carnaval ocorria nas ruas ou nos salões, em uma estrutura aberta de visibilidade e notoriedade pública, essa festividade guardava a centralidade social, onde ser visto e notado eram dimensões e intenções obrigatórias que uniam tanto as brincadeiras quanto os nomes e as vantagens individuais. Contudo, como se deve imaginar, nesse momento as vantagens em relação ao coletivo diziam respeito aos pares, companheiros e familiares dos associados que compartilhavam das mesmas dimensões de valores, prestígios e ideologias. Se observamos a própria construção de identidade das solenidades, veremos que os engrandecimentos e alusões à pátria formavam as principais encenações nos salões e programações do carnaval no clube, ganhando assim centralidade nas comemorações e divulgações das imagens e projetos em curso. O Ideal ao ser considerado como “a pátria luminosa da ilusão, o país perfumado e rebrilhante da alegria” revelava a própria característica patriótica e patrimonialista das suas festas que tentavam a todo momento se sobressair sobre as demais ao reafirmar seus valores.

Tomando como referência o ano de 1908, no salão de nome “Japonês”, em homenagem ao Japão que já manifestava sua potencialidade oriental, a ornamentação e cenas remetiam ao “Império do Sol Nascente”. Enquanto isso, no salão Rose, o seu cortejo

⁴⁸⁵ **Correio do Norte**. Manaus, 05 de fevereiro de 1910.

transportava um cenário de castelo medieval que mudou rapidamente pelo romper da atmosfera de luz da sala para o continente americano em que a América do Norte e a América do Sul se abriam e se uniam em patriotismo, escudos, armas e bandeiras do “Novo Mundo”:

Eis-nos, enfim, nas duas américas: - a Arde foi delicadamente trabalhada ali. No fundo dessas salas ricamente enfeitadas, abria-se as Duas Américas, espaçoso e belo, grandioso e brilhante.

A luz, que disferia, iluminava os cabelos empoados e a cútis perfumadas das senhoras e senhoritas, como o poderoso fogo do Atlântico iluminando a face das águas da baía de Hudsens.

Com um laço fraternal de cores nacionais uniam-se os povos americanos numa apoteose e magnífica da força do Novo Mundo, traduzida num escudo, em que as armas e as bandeiras falavam ao entusiasmo e ao patriotismo⁴⁸⁶.

A união das bandeiras, das armas e escudos, do entusiasmo e patriotismo em defesa da “América” manifestavam os interesses de aliança e aproximações políticas e civis com os Estados Unidos que desde 1891 inspirara o Brasil na fundamentação teórica e legal da nova Constituição que adotava o federalismo, o presidencialismo, os três poderes para o Governo Republicano, a separação entre Igreja e Estado, a definição do critério de alfabetização e voto⁴⁸⁷. Também se consolidaram através de apoio informal, expectativas de desempenho nos papéis e planos internacionais, regionais e bilaterais pautados no multilateralismo, pacifismo e na busca por *status* no cenário global, conforme define Monica Hirst e Matias Spektor:

Durante a Primeira República (1889-1930), as relações Brasil-Estados Unidos seguiram o modelo da aliança informal ou, como caracterizada por Bradford Burns, de uma “aliança não-escrita”. Embora essa aliança prescindisse de assistência militar mútua, o apoio diplomático recíproco e o intenso intercâmbio comercial teceram uma sólida amizade entre as duas nações. De acordo com a visão brasileira, a ordem mundial dominada pelos interesses eurocêntricos enfrentaria um processo de esgotamento, o que levaria os Estados Unidos a se converterem num poderoso ator internacional. Em outras palavras, os Estados Unidos eram percebidos como o principal poder ascendente no sistema internacional. O barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores (1902-1912) e fundador da diplomacia brasileira do século XX, foi o principal responsável por promover esta visão⁴⁸⁸.

⁴⁸⁶ **Jornal do Comércio**. Manaus, 03 de março de 1908.

⁴⁸⁷ DE SOUZA NEVES, Margarida. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. **O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente**: da Proclamação da República à Revolução de, 1930, p.21.

⁴⁸⁸ HIRST, Monica; SPEKTOR, Matias. **Brasil-Estados Unidos**: desencontros e afinidades. Editora FGV, 2009, p.20.

Nesse sentido, as festas carnavalescas eram uma excelente oportunidade para ostentar seus vieses ideológicos, modos de fazer política e potencialidades para a afirmação dos compromissos públicos e governamentais.

Em um momento que a jovem república estava efervescente aos aspectos positivistas de honra a pátria enraizados em uma perspectiva do “fazer cidadão” com o objetivo de enraizamento da civilização e do progresso, os bailes e atos públicos poderiam servir como dimensões de honorabilidade à nação e, ao mesmo tempo, por meio das danças e liturgias, tinham o seu caráter pedagógico primeiramente às elites e posteriormente às classes populares para o reconhecimento e identificação com os princípios nacionais que não deixavam de ser notados nas exposições do carnaval pelas relações conflituosas ou harmoniosas.

No que diz respeito aos conflitos, o ano de 1910 certamente precisaria de ilusões e alegrias tendo em vista que as perspectivas nacionais com a campanha civilista de Rui Barbosa tomaram dimensões regionais e tornou-se, em outubro, um golpe contra o coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, do qual os sócios do Ideal eram apoiadores. Foram os acontecimentos decisivos naquele ano que não passaram despercebidos do carnaval de 1911.

Dentre as grandes novidades do carnaval, o destaque na avenida Eduardo Ribeiro foi do cordão dos “Bombardeadores de Manaus” que se destacaram pelas severas críticas e ironias ao bombardeio dirigidos às figuras políticas que ficaram conhecidas como “inimigos da paz e perturbadores da ordem”, sendo ridicularizados pelos críticos do Jornal do Correio do Norte: “Os guabirus desse corsão vem expor em público o que fizeram e com certeza o que pretendem fazer. Mas desta vez o Tesouro está fechado e não avançam lá, porque os tempos mudaram e as ladroeiras se acabaram”⁴⁸⁹:

Figura 22 - Charge do Jornal Correio do Norte



Legenda: “O que eles fizeram e ainda pretendem fazer para desgraça completa do Amazonas”.
Fonte: **Jornal Correio do Norte**. Manaus, 28 de fevereiro de 1911.

⁴⁸⁹ **Jornal Correio do Norte**. Manaus, 28 de fevereiro de 1911.

A própria imagem contextualizada na crítica tinha seu próprio significado, reforçando que ao mesmo tempo em que o carnaval servia como tapete para o desfile dos grupos de poder, também tinha o potencial de ter sua ordem invertida. Essa inversão ocorria com os protestos sociais, brincadeiras e exposições morais, religiosas e políticas que estavam na cena cotidiana e que no período carnavalesco recebiam suas doses de ironia, crítica e dramaturgia.

Este era um dos poucos momentos em que os “homens da lei” estariam sendo debochados e ridicularizados pelas fantasias, tons e críticas de protestos à ordem instaurada, causando um riso cômico e “carnavalizado”⁴⁹⁰. No mesmo carnaval de 1911, por exemplo, apresentou-se o caricaturado “Funga-funga”, um burro vestido de casacos e sapatos, fazendo umas ponderações de mestre-escola barato e ensaiando a melhor posição para se curvar em bajulações torpes diante do Eminente, seu amo, seu senhor e seu dono⁴⁹¹:

Figura 23 - Charge e representação do jornal Correio do Norte



Fonte: **Jornal Correio do Norte**. Manaus, 28 de fevereiro de 1911.

A crítica feita pelo jornal ao burro se curvando diante dos seus senhores e autoridades fazia referência ao cotidiano político em que as alianças e relações pessoais dominavam as relações burocráticas e patrimoniais do Estado.

No carnaval, a crítica não poderia ficar de fora, e assim como o ato público poderia agregar os diferentes grupos sociais e esferas políticas em um mesmo espaço e tempo para se

⁴⁹⁰ Mikhail Bakhtin ao analisar o povo no centro da folia, nota que o carnaval popular é possuído por uma segunda vida, por uma vida do riso e uma vida festiva e, por vezes, subversora quando ridiculariza os Estados, as leis e as ordens. Assim, diante da relação social, o autor afirma que no carnaval todos eram iguais, pois era “onde reinava uma forma espacial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados da vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar”. (BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VIEIRA, Yara Frateschi. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 9). Em Manaus, inicialmente não foi isso que notamos, mas, a partir de 1910, percebemos que o povo começa a se fazer presente na festividade, ao ponto em que as elites foram criticadas com os protestos sociais e o riso sático que aproveitava-se da situação para debochar dos acontecimentos e eventos cotidianos.

⁴⁹¹ **Jornal Correio do Norte**. Manaus, 28 de fevereiro de 1911.

aproveitar das oportunidades para a exposição de críticas ou queixas contra o governo e seus representantes, de outra maneira, poder-se-ia manter a liturgia habitual dos grupos homogêneos em que seus representantes aproveitavam-se de toda estrutura posta para legitimação das devoções leais e patrimonialistas que ocorriam em seu dia a dia, como notamos no seguinte trecho:

Cremos no governo, todo poderoso, quando ele é benévolo, criador de cargos e distribuidor de empregos rendosos; e em seu secretário, um só seu lugar-tenente, nosso, protetor, quando serve de intermediário das nossas sempre justas e razoáveis proteções, as quais são filhas da nossa necessidade de ganhar muito dinheiro, e, concebidas do nosso fértil engenho, transitam pelas secções da secretaria, são verificadas, processadas e despachadas, descem à contadoria e ao terceiro dia ressurgem dentre os papéis da pagadoria do Tesouro, depois de terem subido ao Palácio e voltado com o pague-se escrito pela mão direita do deus do Estado, d'onde vem, afinal, transformadas em ouro, ou mesmo em apólices da dívida pública, recheiam os nossos bolsinhos e proporcionam a satisfação dos gozos que ambicionamos e ambicionaremos enquanto vivos e até depois de mortos: cremos nos superintendentes quando são razoáveis e se deixam explorar; na Santa Política do cacete para os que não engrossa; na comunicação das portarias de nomeações; na remissão dos nossos pecadilhos de resoluções abafadas pela polícia; na ressurreição da cornucópia das graças e na vida eternamente regalada; Amém.⁴⁹²

O credo citado acima ironiza as defesas, as valorizações e os enaltecimentos aos cargos e empregos rendosos ocupados pelas elites por nomeações públicas e com a proteção dos tenentes e da política da Primeira República. Fazia parte da normalidade da Velha República a crença no papel do Estado que, sob a luz do coronelismo e política dos governadores, fortalecia os poderes e alianças nacionais e regionais em um período marcado pelos conchavos políticos alicerçados. Com isso, imperavam os acordos e vantagens pessoais sob o domínio público a tal ponto em que o patrimonialismo público, ordenado pelo carisma de seus líderes estabeleciam quadros administrativos baseados nas relações, votos, deveres e vocações pessoais em um jogo de disputas e relações até mesmo nos dias de folia.

No período do carnaval, a relação com o público ficava exposta nos acenos das janelas dos clubes, nos passeios públicos, na devoção verbalizada ou cantada, nos desfiles dos carros alegóricos em que se colocavam as famílias, senhoras e senhores em uma exibição pública de honras, exibição e ostentação de suas vestimentas, poderes e carismas ao cumprimentarem com acenos, sorrisos e gestos para os espectadores que assistiam a cena⁴⁹³.

⁴⁹² **Jornal do Comércio**. Manaus, 07 de março de 1905.

⁴⁹³ Como um evento extraordinário, a festa carnavalesca era a oportunidade aguardada para a execução da dominação carismática que, segundo Weber, a depender de como fosse executada, tinha chances de se tornar uma dominação cotidiana graças ao princípio da legitimação em que os súditos reconhecem, aplaudem,

Assim sendo, participar de um carnaval com esses moldes requeria esforço, preparação e capital financeiro para adquirir os ingressos e acessórios que estivessem de acordo com as normas, cerimônias e etiquetas exigidas nos salões e bailes carnavalescos. Dessa maneira, as famílias e grupos aristocráticos destacavam-se e ocupavam as folhas periódicas no carnaval de 1912, mesmo que a cidade carecesse de alimentos e recursos econômicos:

Entre as carruagens que conduziam famílias, destacamos: o automóvel do Dr. Egas Duarte, galhardamente enfeitado com fitas de cores; o da família do coronel Cyrillo Neves onde ia a sua filha Alice, garbosamente fantasiada de Imprensa. Um caminhão coberto de rosas brancas, repleto de gentis senhoritas; outro de crisântemos azuis cheio de alegre e elegante grupo de moças. Vimos ainda outro coberto de flores rosas de um enfeite encantador e completa só de jovens formosas⁴⁹⁴.

O destaque dado para Alice e para o grupo de moças presentes no ato, certamente evidenciava que as mulheres eram utilizadas como ponto estratégico nas festas. Nos desfiles de carnaval as moças eram representadas como as embelezadoras e simbolizavam virtudes como a juventude, beleza, ingenuidade e elegância como atributos da família que manifestava-se com a intenção de chamar a atenção do público que frequentemente utilizava os nomes dos pais para indica-las como “moças de famílias” e distingui-las, através dos sobrenomes, das mulheres meretrizes que viviam suas opressões na cidade.

valorizam, devotam e vislumbram os seus representantes. Desta forma, o carisma exerce a sua função legitimadora cumprindo o seguinte processo: “A validade efetiva da dominação carismática baseia-se no reconhecimento da pessoa concreta como carismaticamente qualificada e acreditada por parte dos súditos. Conforme a concepção genuína do carisma, este reconhecimento é devido ao pretendente legítimo, enquanto qualificado. Esta relação, todavia, pode facilmente ser interpretada, por desvio, no sentido de que o reconhecimento, livre por parte dos súditos, seja por sua vez a suposição da legitimidade e seu fundamento (legitimidade democrática). Nestas ocasiões, o reconhecimento converte-se em “eleição”, e o senhor, legitimado, em virtude do seu próprio carisma, converte-se em detentor de poder por graça dos súditos e em virtude de mandato”. (WEBER, Max. **Sociologia**. Organizador: Gabriel Cohn, Editora Ática, 1997, p.140)

⁴⁹⁴ **Correio do Norte**. Manaus, 20 de fevereiro de 1912.

Figura 24 - A senhorita Ayres



Legenda: Ayres, filha do sr. João Pinho Ayres, com a fantasia com que conquistou, com justiça, o bonito e custoso prêmio instituído pelo Ideal Clube, no baile de 21 de fevereiro dessa associação.

Fonte: **Revista Cá e Lá**. Manaus, março de 1914.

De acordo com Caroline Leal, o carnaval para essas mulheres passou a configurar uma instituição em que o primor pela educação e formação moral eram vinculados à imagem de ideal feminino:

Solteiras, entre doze e dezenove anos, exaltadas por sua beleza, graça, candura, fineza, instrução, modéstia e dotes morais, nenhuma mulher era mais exaltada do que elas no carnaval. Para as rainhas eram dedicados bailes, tea concerts, exposições de seus retratos, vários eventos que pretendiam consagrar a soberana da agremiação. Por meio do carnaval se difundia o ideal de uma mulher que deveria ser: bonita, mas ingênua, culta, mas modesta; elegante e, sobretudo moralizadora. Essa imagem era vinculada não somente pela fala, como também nas fotografias que eram tiradas das rainhas nas vitrines das principais ruas da cidade, disponível aos olhos de todos!⁴⁹⁵

Os clubes, assim, nos atos públicos acabavam por externalizar seu conservadorismo moral e social, alinhado com a civilidade e diversão, fazendo com que moralidade íntima, social e política estivessem alinhadas com suas perspectivas que configuravam pelas mulheres o dispositivo moral e natural das virtudes familiares⁴⁹⁶. Símbolos de uma sociedade conservadora e patriarcal, os diretores do Ideal são aqueles que julgavam as melhores

⁴⁹⁵ LEAL, Caroline Pereira. O positivismo e as mulheres no carnaval de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. **Revista Crítica Histórica**, v. 10, n. 19, 2019, p.100-101.

⁴⁹⁶ Sobre os significados da doutrina, Lazzari aborda sobre a experiência no Rio Grande do Sul: “o pensamento positivista pregava a necessidade da regeneração moral da sociedade segundo suas leis naturais, e à mulher estaria reservado um importante papel nessa função. Ela possuiria uma disposição natural para o afeto e a virtude que manteria coesa a família – e a organização social em consequência – e zelaria pela integralidade moral dos filhos e do marido, a quem caberia as árduas tarefas da vida pública” LAZZARI, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer**: carnaval em Porto Alegre (1870-1915). Campinas, Editora da Unicamp, 2001, p.206.

fantasias e adereços que circulavam nos salões do clube e logicamente escolhiam as mulheres que representassem os valores de delicadeza, fineza e elegância:

Logo em seguida reuniu-se o júri, composto do desembargador Jovino Mais, dr. João Duarte Lisboa Serra, dr. Basílio Seixas, capitão de corveta Antônio da Silva, Braga e o nosso representante Fulgêncio Paiva, as fim de julgar a qual das máscaras, que, revelando mais espírito, melhor houvesse caracterizado a sua crítica, caberia a medalha de ouro oferecida pelo Clube. Nessa ocasião foi presente ao júri um outro prêmio, que, menos valioso que o do Clube, tinha, talvez, mais importância, porque reunia o que a natureza produziu de mais admirável na flora da Amazônia – uma garbosa Vitória Régia, a flor gigante de perfume, oferecida pela senhorita Maria Pinheiro, também para a máscara que obtivesse o primeiro lugar no concurso⁴⁹⁷.

No Ideal Clube, despossuídas de cargos de liderança ou administrativos, as mulheres eram colocadas nas organizações e preparativos da ornamentação, tal como no eixo familiar. Às esposas e filhas cabia o papel de organizar os cafés, jantares, encontros e *soirées*. As moças, senhoras e senhoritas do Ideal acabavam por disputar os prêmios de melhores fantasias, contudo as glórias iam mesmo para as instituições sociais nas quais as moças estavam representando pelas vestes e caracterização.

Em 1908, as notas sobre o grande carnaval nos salões da agremiação faziam referência às luxuosas *toilettes* e vistosas fantasias que realçavam a “beleza e graça” das gentis patricias⁴⁹⁸. As fantasiadas, ao disputarem uma medalha de ouro que mostrava o investimento do clube nas premiações, também manifestavam o seu valor e eram elogiosamente citadas ao se mascararem e vestirem-se de sacerdotisas romanas, do periódico “Jornal do Comércio”, de ciganas, toureiras, rosas, algeriana e miosótis, polichinelo, mensageira do amor e andaluza, correio e primavera, grega antiga e liberdade, César, Círio, Lua, dançarinas turca e do campo, telégrafos, do Jornal Ideal, espanhola, florista, estrela d’alva, galega, Ioto, dominós de cetim branco, dominós azuis, etc⁴⁹⁹. Após essa atividade, eram incentivadas a desfilarem, dançarem e exibirem seus melhores vestidos e fantasias nos bailes sociais, espaço estratégico para o

⁴⁹⁷ **Jornal do Comércio**. Manaus, 03 de março de 1908.

⁴⁹⁸ **Jornal do Comércio**. Manaus, 03 de março de 1908.

⁴⁹⁹ “Fantasias: Corina S. Ferreira (sacerdotisa romana), Isa Alves Ferreira (Jornal do Comércio), Ida Machado e Silva (cigana), Isolina S. Ferreira (toureira), Mariinha, Isaura e Alice Borges (rosas, algeriana e miosótis), Creusa Rebello (polichinelo), Judith Alves e Afonsina Ferreira (mensageira do amor e andaluza), Salaberga e Teté Bentes (correio e primavera), Maria Luiza Saboya e Sinhá Saboia (grega antiga e liberdade), Dolores Seixas (César), Judith Menezes (Sírio), Julieta (Lua), Carmosina Maia e Beatriz (dançarina turca e guarda do campo), Celeste Maia (telegrafo), Franciscuinha Garcia (Jornal Ideal), Alice Nogueira (espanhola), Nasilha Melo (florista), Maricota Melo (estrela d’alva), Lili Melo (galega), Inah Coqueiro (Ioto), Vicentina Cardoso, Magnolia e Camélia Freire (dominós de cetim branco), Beatriz e Ritinha Studart (dominós azuis).” **Jornal do Comércio**. Manaus, 03 de março de 1908.

arranjo familiar de futuros casamentos ou de pura exibição das estonteantes fantasias que apresentavam a riqueza das famílias nas vestimentas e máscaras utilizadas.

Os homens da agremiação eram o grupo que também recebia os louros publicamente pelas atividades que executavam. Dotados de capitais sociais em seu cotidiano e dentro da agremiação, executavam suas atividades na recepção, reconhecimento e comissão de *buffets* nos salões dos bailes idealinos, brindavam às instituições presentes e representadas pelas fantasias femininas ou homenageadas pelos salões do clube. As notícias locais constantemente traziam os nomes dos responsáveis pela ordenação da solenidade carnavalesca:

De acordo com o caráter da disciplina interna que regulariza a ordem das falanges marciais de Momo, o serviço para o harmônico reboiço de hoje foi assim detalhado: Comissão de recepção: Dr. Antero Coelho de Rezende, Godofredo Castro, Jayme Ferreira Ramos, João Pamplona, José Ignácio de Medeiros, Luiz Leske, Miguel Cruz Netto, Alexandre C. Moreira, Dr. Carlos Waldemar de Figueiredo, Dr. Emiliano E. Affonso. Comissão de reconhecimento: Augusto César Fernandes, Américo Lages Rebello, Dr. Gaspar A. Vieira Guimarães. Comissão de buffet: J. J. Martins, Dr. Antonio Miranda Correia, José Luciano de Moraes Rego, Domingos Alves Pereira de Queiros. Diretores do mês: Raimundo Alves Tribuzzi e Francisco Lima Valente. O Ideal não admite tristezas, porque o riso é o seu único broquel⁵⁰⁰.

Destinados a dirigir a sociedade no âmbito jurídico, comercial e militar, os diretores eleitos pelo grupo de associados eram também encarregados de cuidar dos preparativos da festa como sinal de liderança diante do grande prestígio que a mesma recebia.

O clube, sendo o núcleo do luxo, atenção e alegria durante os três dias de carnaval, na data marcada para execução dos bailes desfrutava do seu prestígio com o grupo de diretores encarregados de conduzir, recepcionar e cuidar dos seus preparativos. Tal ato não passava despercebido, ao contrário, eram elogiosamente citados nos jornais que reforçavam as atividades executadas pelos diretores e sócios do clube que “cientes da visita do Rei da Hilaridade, lhe preparavam retumbantes manifestações”⁵⁰¹.

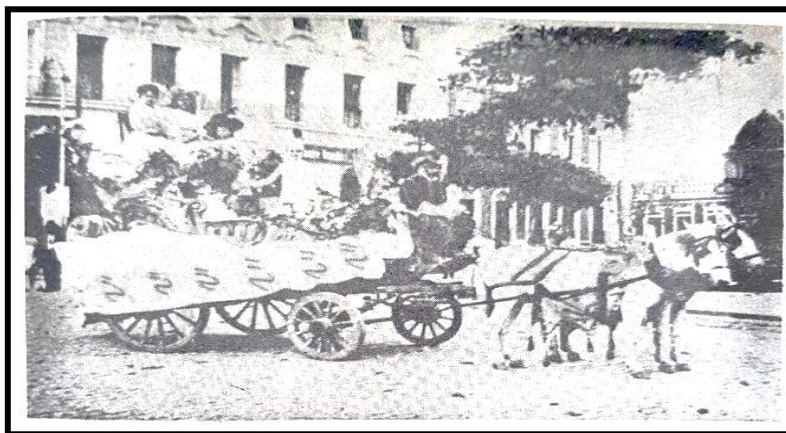
A separação das atividades revelavam as desigualdades e disparidades de gênero dentro da própria agremiação em que para as mulheres cabiam o papel de serem exibidas figurativamente, enquanto aos homens, o papel de dirigir. Mas havia em certos momentos a união desses papéis, o que demonstrava a ambiguidade causada pela defesa de um carnaval centralizado no eixo familiar e modelo conservador. Abaixo, por exemplo, a família do

⁵⁰⁰ **Jornal do Comércio**. Manaus, 17 de fevereiro de 1912.

⁵⁰¹ **Jornal do Comércio**. Manaus, 20 de fevereiro de 1912.

superintendente Adolfo Lisboa que embora tivesse a fama de poucos amigos e “não se misturava ao povo, tendo apreciado os desfiles de certo ponto afastado, pois nunca se quis integrar na espiritualidade da família amazonense”⁵⁰², suas filhas e parentes aproveitavam-se do curso e da fama do patriarca para apresentar-se ao público:

Figura 25 - Carro “As 4 Estações” com a família do Coronel Adolfo Lisboa



Fonte: BRAGA, Genesino. *Assim nasceu o Ideal*. Manaus, Imprensa oficial, 1979.

A exposição das famílias nos carros alegóricos também evidenciava o desfile do modelo moralizador. No âmbito social, em seu reflexo dos espaços íntimos, a moralidade além de figurar os quesitos mais visíveis da festa (carruagens de luxos, vestimentas, máscaras e joias caras) tinha a pretensão de reforçar o *status* financeiro e político das famílias e diretores presentes. Nesse momento, as famílias burguesas, vistas em seu seio moral e requintado com a função de desenvolvimento da socialização básica, apresentavam em seu conjunto os valores e papéis no âmbito público⁵⁰³.

A autoridade imposta por aqueles que eram os atores principais e desfilavam sobre seus carros alegóricos revela que esses atores almejavam esbanjar sua “superioridade e prestígio” para serem admirados e aplaudidos por todas as classes sociais⁵⁰⁴. Por isso, os diretores recorriam às grandes danças e à exposição pública em busca de suas honras, reconhecimento e notoriedade. Quando esses diretores e sócios escolhidos estavam nos salões do clube ou nos carros alegóricos nas ruas da cidade deixavam claro à sociedade qual era seu

⁵⁰² BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro, Conquista, 1973, p. 27-29

⁵⁰³ REIS, José Roberto Tozoni. Família, emoção e ideologia. In **Psicologia social**: o homem em movimento, v. 8, 1984, p.100.

⁵⁰⁴ LAZZARI, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer**: carnaval em Porto Alegre (1870-1915). Campinas, Editora da Unicamp, 2001, p.204.

lugar social. Esse tal “lugar social” evidenciava que os valores cultivados e nutridos no âmbito interno afirmavam os dois tempos e intencionalidades do carnaval: o período das festividades e o tempo da vida habitual que, como teatro que encena a vida cotidiana, tem seus personagens “privilegiados”, dotados de um debate público e ideológico, como exploraremos a seguir.

4.3 – “NO CERTÂMEN DA CIVILIZAÇÃO”⁵⁰⁵: OS DEBATES E CONFERÊNCIAS PÚBLICAS SOBRE OS RUMOS DA NAÇÃO

A noite do dia 24 de setembro de 1906 marcou um importante ato de nomeação e divulgação das atividades e das programações do Ideal Club na cidade. O feito divulgava o sarau de luxo que se daria na inauguração da segunda sede da associação. Os sócios e suas respectivas famílias mostravam-se animados com a mudança da sede para o espaço da Praça da Saudade. Como era de se esperar, puseram-se a planejar uma festa que se tornasse memorável dentre os acontecimentos sociais e culturais daquele período. E o fizeram. A diretoria decidiu que a inauguração deveria ter uma programação especial onde seriam proferidas palavras do orador do Clube, o médico Adriano Jorge, em uma conferência literária, na qual a nova sede seria aberta às atividades sociais⁵⁰⁶.

Adriano Jorge⁵⁰⁷, médico e futuro fundador da Assembleia Literária (1906) e da Sociedade Amazonense de Homens das Letras (1918), aceitou o convite e escolheu o tema da conferência: A Luz⁵⁰⁸. Durante trinta minutos de rigoroso silêncio no salão principal, os

⁵⁰⁵ Notícia sobre a exposição de caricaturas: “Dia a dia vemos registrando um surto de progresso da nossa mocidade que à visa de glórias vai acompanhando um interesse e o evoluir dos grandes centros de cultura e conquistando de etapa em etapa o lugar no certâmen da civilização”. **Correio do Norte**. Manaus, 05 de agosto de 1917.

⁵⁰⁶ BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p. 81.

⁵⁰⁷ Adriano Augusto de Araújo Jorge nasceu em 20 de agosto de 1879 em Maceió/Alagoas. Foi filho de Adriano Jorge e de Aristéa de Araújo Jorge, casou-se com Laura Tapajós de Alencar e teve um filho, o Rui Adriano. Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia. Apesar de não sabermos a data que migrou para o Amazonas, em 1904, aos 25 anos, já participava da primeira diretoria do Ideal Club enquanto Secretário da Assembleia Geral e como orador entre os anos de 1905 e 1909. Em 1910 foi eleito para o cargo de Deputado Estadual e em 1947 foi eleito vereador. Ainda foi Sócio do *Terpsychore club* (1908), Membro da Sociedade Mutua de Pecúlio e Garantia do Capital (1910) e Fundador e Presidente da Sociedade Amazonense de Homens das Letras (1918) ou Academia Amazonense de Letras (1920). (BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado**. Rio de Janeiro, Conquista, 1973, pp. 29-31)

⁵⁰⁸ Segundo a explicação de Genesino, o tema “A Luz” tem como significado: “Luz, clarão da lua ou radiação do sol; luz, refulgência de estrela ou policromia do arco-íris; luz, tênue e mórbida chama de círio mortuário ou ígnea labareda dos roçais; luz, que faz o dia; luz que dá fulgor à aurora; luz, que afugenta as sombras da noite; luz, que acorda os pássaros nos alaridos das ramagens; luz, que faz a cor do mar, - toda luz, toda a incandescência, toda a luminescência, toda a fosforescência, toda a fluorescência, o ‘lâser’, o neônio, os átomos, os elétrons, os hélios, os espectros, toda a infinita gama de teorias da emissão de luz foi conteúdo de ciência, de filosofia e beleza

presentes ouviram e alegraram-se com o enredo. O conferencista desenvolveu seu raciocínio sobre os espaços cósmicos, naturais e sociais, os valores científicos e os aspectos que confortavam, guiavam e promoviam o “bem, a energia e a alegria de viver”⁵⁰⁹ das elites nas discussões sobre os futuros da nação. Os indícios sobre suas perspectivas foram apresentadas logo no início de discurso:

Após longos séculos de animalidade apenas subconsciente, no início desse extraordinário trabalho de diferenciação cerebral que lhe veio a dar a preeminência zoológica, o homem pôs-se um dia a mirar estarecido o sol escaldante, que lhe fazia doer a pupila esmagadora;

[...]

E o homem, que apenas acabava de imergir da irresponsabilidade e da bruteza dos instintos para a consciência e para o entendimento, - que é mesmo que dizer: para os suarentos labores e para as amarguras desesperantes, - o homem quedou-se em êxtase, encantado da infinita beleza da noite constelada, surpreendido da inefável magia do luar puríssimo, assombrado da majestosa imponência da luz⁵¹⁰.

O orador já apontava o caráter evolucionista e darwinista em sua arguição, evidenciando a crença de que o homem saiu de seu estágio de animalidade até chegar ao processo de diferenciação cerebral. Ao atingir este nível, moveu-se contra os seus instintos e irresponsabilidades para ser governado pela sua consciência, razão e entendimento. A concatenação de ideias desenvolvia-se no sentido de que a luz, entendida nesse processo como instrução⁵¹¹, seria solidificada no mundo das ideias, ganhando materialidade e atingindo seu ponto alto quando médicos, literatos e figuras do escalão governamental começassem a adentrar os salões do clube com suas visões de mundo e seus projetos sociopolíticos. Contudo, é necessário ainda anunciar as bases onde o médico foi buscar inspiração para escrevê-lo.

A constituição desse espírito e conhecimento foi erigida a partir da bagagem intelectual e formação acadêmica de Adriano Jorge.

As questões científicas oriundas do seu lugar de formação, a faculdade de Medicina da Bahia, encontraram no Ideal Clube um local propício para o debate sobre os lugares da ciência na Amazônia. De acordo com Schwarcz, os médicos baianos cumpriam a sua função

literária no danoso e rico dissertar de Adriano Jorge”. O discurso foi impresso em 24 páginas, de papel nobre pela Livraria e Tipografia Palais Royal. (BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p. 89-90)

⁵⁰⁹ BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p. 90.

⁵¹⁰ ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003**: Um século de aristocracismo. Manaus, Imprensa Oficial, 2003, p. 75-77.

⁵¹¹ **Visões de Hoje**. Órgão Grêmio Crítico Cívico Literário Martins Júnior. Manaus, 15 de novembro de 1908.

perante o Estado nas disputas políticas, científicas e regionais em um período em que a efervescência dos debates sob a ótica médica, iniciados ainda no século XIX, apresentavam-se cada vez mais urgentes diante dos anseios de médicos e juristas para que se encontrasse a cura de um país “enfermo” de males causados pelo “cruzamento racial” que explicava “a criminalidade, a loucura, a degeneração”⁵¹².

Essa urgência pareceu sair dos laboratórios e tomar as dimensões públicas nas discussões e instâncias associativas, literárias ou recreativas, pois estas também cumpriam suas funções de elevar o espírito moral, filosófico e físico do homem. Tais entidades ainda colaboravam e aguardavam, direta ou indiretamente, pelos incentivos e pelas políticas públicas como meios de impedir a degeneração⁵¹³ e proporcionar a cura dos males do corpo por meio da instrução, vislumbrada como um dom e uma graça suprema. Ainda nas palavras de Adriano Jorge, a bendita luz era aguardada pelo homem e pelo mundo como forma de consolo:

E o homem e a terra inteira e o Universo todo, tudo se resume e se concreta nessa síntese suprema luz.

Resplendeça, gloriosa e retumbante, nas alturas inacessíveis, ou vacile, trêmula e incerta, na fumarenta candeia mortíca da choupana, a Luz é sempre o Dom e a graça suprema.

A doce luz consoladora, que entra pelos olhos e asserena a alma, quando piedosa e material, todas as dores e todos os males do espírito, sara também – a bendita luz divina! – males do corpo⁵¹⁴.

Essas últimas palavras deram margem para uma enorme salva de palmas que, ao longo dos dias, foram intensificadas pelas honras e repercussões culturais do aprofundamento científico e literário da exposição.

Após o discurso de Adriano Jorge, o que notamos é que o Ideal Clube não protagonizava apenas saraus dançantes e eventos carnavalescos como expulsemos, ao contrário, por concentrar em seu corpo associativo um conjunto de sócios que planejavam e discutiam os planos e ordenamentos do Estado e partilhavam de uma sociabilidade bastante diversa, os seus salões também serviam como espaços favoráveis para as reuniões que prezavam pela abordagem do avanço técnico e científico, exposições de artes e caricaturas, debates sobre filosofia, história, literatura, raça, mestiçagem e política como contribuições

⁵¹² SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. 16ª impressão, 1993, p. 249.

⁵¹³ Ler mais em: JÚNIOR, Edivaldo Góis. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 19, n. 1, p. 139-159, 2013.

⁵¹⁴ ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocracismo**. Manaus, Imprensa Oficial, 2003, p. 75-77.

públicas para o progresso nacional⁵¹⁵. Assim, as conferências e sessões literárias eram elogiosamente expostas:

As sessões literárias, que em tão feliz momento adaptaram, são um estímulo a esperançosos moços que, comungando as mesmas ideias, unidos pelo mesmo elo, convergem para o mesmo fim a elevação do espírito, a propagação do bem.

Seus oradores com frases sonoras e alusões expressivas, nos elevam realmente, “a uma nova Cochilda”, porque nosso espírito compenetrando-se profundamente de suas expressões sublimes e grandiosas, não deixa de extasiar-se a sentir-se atraído por esse fluído magnético que traduz as frases de um bom orador⁵¹⁶.

Desse modo, o modelo que vemos atingir o clube são as conferências públicas que, de fato, não representavam nenhuma novidade a nível nacional. Entre os anos de 1906 e 1920, por exemplo, ocorreram ao menos vinte e três conferências e debates científicos nos salões do Ideal Clube com os seguintes assuntos:

Quadro 9 - Conferências ou exposições que ocorreram no Ideal Club (1906-1920)

| Data | Temas | Conferencista | Assunto |
|------------|--|--|------------------|
| 29/04/1906 | “A mulher e o simbolismo católico” | Rodrigo Costa | Gênero |
| 24/09/1906 | “A Luz” | Adriano Jorge | Evolucionismo |
| 26/10/1907 | “Variações sobre o amor” | Raphael Pinheiro | Gênero literário |
| 04/04/1909 | “O esforço humano para a conquista da felicidade” | Pedro Freire | Gênero literário |
| 03/05/1909 | “De como se amora out’rora” | Luciano Pereira da Silva | Gênero |
| 13/06/1909 | “Dentro de Cem anos” | Gaspar Guimarães | História |
| 23/07/1909 | “Os que a História chama grandes” | Adriano Jorge | História |
| 22/09/1909 | Homenagem a Euclides da Cunha, Guimarães Passos e Júlio Tabosa | Sócios da Assembleia Literária | Gênero literário |
| 18/10/1909 | Homenagem a Júlio Tabosa | Sócios da Assembleia Literária. | Gênero literário |
| 01/12/1909 | “A mulher no domínio da arte” | Péricles Moraes | Gênero |
| 07/08/1910 | Pró-Riachuelo | Liga Marítima e o Comitê Central do Rio de Janeiro | Nacional |
| 11/04/1912 | “Alto Purus” | Godofredo Maciel | Regional |
| 08/09/1912 | Conferência para a criação da Liga Pró-Lauro Sodré | Sócios do Ideal Clube | Política |
| 21/06/1914 | “A arte de fazer jornais” | Paulo Eleutério | Gênero literário |
| 13/05/1917 | Comemoração sobre a abolição | Sócios do Grêmio Littero Cívico | Nacional |

⁵¹⁵ Pinheiro evidencia que o periodismo também experimentou o seu apogeu no século XX com a criação de instituições culturais, restritas às elites, que ampliaram o poder dos grupos culturais intelectuais. A autora ainda apresenta o mapeamento de Monteiro que registrou a criação da Crisália Literária (fins do século XIX), Associação Literária (1906), criada nos salões do Ideal Club e com os mesmos sócios e diretores, Núcleo Amazonense de Letras (1906), a Assembleia Literária (1912), Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (1917) e a Academia Amazonense de Letras (1918). (PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. 3ª ed. Manaus, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2015, p.146-147)

⁵¹⁶ **Jornal Ideal**. Manaus, 24 de setembro de 1904.

| | | | |
|------------|--|---|------------------|
| 23/07/1917 | Conferência Biossociológica | Dr. Paula Guimarães | Biologia |
| 11/08/1917 | Exposição caricaturista | Bernardo e Silva | Artístico |
| 24/09/1917 | “Aviação Nacional” | Raphael Machado | Técnico |
| 15/10/1917 | “O Real valor do povo alemão. A Alemanha pela guerra; sua situação em face da moral e da medicina. A paz universal” | Mendonça Lima | Nacional |
| 04/04/1918 | Exposição de quadros. | Mme. Berthe Worms | Artístico |
| 12/10/1918 | Festa literária-artística sobre o Descobrimento da América União Acadêmica | Francisco Galvão, Joaquim Gondim, Gaspar Coelho, Cid Lins e Paulo Eleutério | Nacional |
| 31/08/1919 | Homenagem a Olavo Bilac | Academia Amazonense dos Novos | Gênero literário |
| 19/06/1920 | “O homem americano” | Mendonça Lima | Nacional |

Fonte: Quadro organizado pela autora com a catalogação nos periódicos locais.

Esse quadro apresenta as características de alguns temas e assuntos que transitavam pelo meio científico: gênero, literatura, moralidade, arte, patriotismo, nacionalismo e política. Indiscutivelmente alguns desses assuntos estavam estritamente ligados um ao outro, como é o caso das temáticas que classificamos como “nacionais”, “biológicas” ou “históricas” que também tinham sua abordagem política e traços evolucionistas, eugênicos e higiênicos.

Nesse momento, a dedicação às letras já era muito bem conhecida pelos historiadores, literatos, filósofos, políticos e artistas, pois os mesmos encontravam no valor acadêmico também o seu valor simbólico e ascensão social, tendo em vista que o *status*, mudança de vida e aquisição financeira permitiam que muitos acadêmicos vivessem exclusivamente para as atividades intelectuais.

Àqueles que ministravam as palestras e conferências sobre os temas apresentados são conhecidos como conferencistas. Esses oradores, na verdade, eram literatos, jornalistas, professores, artistas, médicos ou magistrados que se dedicavam e sobreviviam dos seus estudos e trabalhos, fazendo parte também, assim como os médicos, do rol de homens das letras ou da ciência. Tais intelectuais aproveitavam da efervescência tecnológica e científica para divulgar as suas pesquisas, artes e estudos. Diante do cenário, utilizavam do espaço cedido para buscar apoios civis e financeiros em instâncias paralelas, como os jornais, os clubes e os teatros que contavam com a presença das elites comerciais, jurídicas e financeiras, assim como o comparecimento de governadores e administradores das pastas de instrução, higiene e tesouro que poderiam ter acesso de forma lúdica, comprometida e eloquente aos temas apresentados.

Os assuntos artísticos, científicos ou literários debatidos por esses homens também apresentavam a sua carga de valor enraizada em ideologias ou movimentos que acabavam balizando as percepções sobre as discussões nacionais.

De acordo com Karoline Carula, devido aos acontecimentos que marcaram o Brasil no século XIX, entre os anos de 1870 – 1880 despontavam as ciências europeias do positivismo, evolucionismo, darwinismo e naturalismo sob as luzes das quais eram lidas e ressignificadas a então realidade brasileira⁵¹⁷.

Desde o Império nutria-se o desejo de civilizar e educar a população. Em cidades como o Rio de Janeiro (a corte nacional), o governo empenhava-se em apoiar as sociedades promotoras de cursos particulares e de exposições nacionais que, diante da propagação dos ideais republicanos, abolicionistas, positivistas e valorização da cultura burguesa, via crescer a necessidade de instruir os negros, indígenas, mestiços, brancos pobres e mulheres “desvirtuosas” como meio de banir a incivilidade, manter o controle social e disciplinar os braços úteis ao trabalho com a implementação da industrialização.

Em Manaus, por sua vez, apresentavam-se grandes desafios.

De primeira ordem tinha-se o distanciamento dos “grandes centros” de debates científicos e a migração ainda esporádica das elites intelectuais à cidade. Como exposto, a primeira massa de elite letrada, especialmente aquela oriunda de Recife, migrou para o Amazonas somente nos fins do século XIX, junto com um contingente de migrantes nordestinos e imigrantes portugueses, espanhóis, italianos pobres que se destinaram às matas e seringais amazônicos ou ficaram na cidade em serviços urbanos, artesanais ou do primeiro setor industrial. Ainda assim, o sonho empreendido pela elite que chegava na cidade mostrava-se ainda mais latente no século XX com a busca pela elevação científica, moral e física dos indivíduos, para usar termos da época.

Com o objetivo exitoso de consolidar o campo científico e letrado através da exposição de textos orais, escritos nos jornais ou com a impressão de livretos é que a ciência começou a abrir campos e tornar-se mais conhecida e ao alcance dos cidadãos manauaras que, distante dos grandes centros de discussões como Recife, Rio de Janeiro e Bahia, aproveitavam-se das conferências para ter acesso direto ao que era debatido no meio técnico, científico e cultural de outros lugares. Assim sendo, as conferências constituíram-se como espaço privilegiado para a exposição de novas ideias científicas, reflexões acerca dos locais sociais com bases nos critérios raciais, condutas de comportamento⁵¹⁸, posicionamento político e critérios artísticos. Para o Amazonas, as conferências manifestaram a forma de

⁵¹⁷ CARULA, Karoline. **Darwinismo, raça e gênero: projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870-1889)**. Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp, 2016, p. 27.

⁵¹⁸ CARULA, Karoline. **Darwinismo, raça e gênero: projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870-1889)**. Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp, 2016, p. 20.

articulação com os assuntos nacionais, de conferir destaque e dar consagração a inúmeros intelectuais:

Entendendo-as como espaços vitais para a articulação entre os literatos locais e nacionais, as conferências eram ansiosamente esperadas não tanto por possibilitar aos intelectuais locais uma oportunidade de acesso aos novos conhecimentos trazidos pelos insignes visitantes, quanto pela possibilidade do contato direto, de troca de ideias e opiniões. Tratava-se de “fazer a corte” ao visitante, paparicá-lo em intermináveis almoços, jantares e “reuniões sociais”, que de fato os exauria. Tais contatos de bastidor, servindo para projeção pessoal, inevitavelmente seriam lembrados à exaustão, “comprovando” a relação de “intimidade” do intelectual da província com as expressões máximas de vida literária nacional⁵¹⁹.

Por essa razão, o incentivo para que a sociedade atingisse cada vez o maior grau de instrução tinha também o objetivo de reverter os preconceitos acerca da localidade amazônica que, mesmo legando notáveis intelectuais como Péricles Moraes, homem que circulava entre o meio intelectual e divulgava seu livro “*Confidências Literárias*”, no Rio de Janeiro, não conseguia abster-se do estigma do homem amazônico, afastado do “torneio das grandes letras”, portanto, distante da “civilização”:

A imagem que projetam desses intelectuais é a figura talentosa, porém injustiçada. Carregam consigo a triste sina de terem “nascido” na Província, longe do “torneio das grandes letras”. A par com o isolamento, uma infindável lista de adversidades é destacada. Incapazes de serem ouvidos e apreciados, com o brilho ofuscado pela densidade asfixiante da floresta tropical “os intelectuais esquecidos do Extremo Norte” tendiam a definhar na estreiteza de uma ambiência cultural precária⁵²⁰.

Se o homem amazônico foi estigmatizado, e aqui aplicamos as definições de Goffman que concebe o estigma como característica especial de relação entre atributos e estereótipos em que se coloca em questão a crença e o crédito como condições de julgamento e aceitação, podemos, quem sabe, refletir que mesmo que os intelectuais tivessem seu valor científico e literário, poderiam ser desacreditados e desacreditáveis, pois declarando a sua localidade de procedência, eram alvos de discriminações⁵²¹. Por consequência, é compreensível que os

⁵¹⁹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte**: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). 3ª ed. Manaus, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2015, p. 138.

⁵²⁰ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte**: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). 3ª ed. Manaus, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2015, p. 126.

⁵²¹ O autor apresenta ao menos três tipos de estigmas: os de abominações do corpo – as deformidades físicas; as culpas de caráter individual que envolvem “vícios”, distúrbios e crenças falsas; e, os estigmas de raça, nação e religião. É importante salientar que Goffman associa estigma a condutas diferentes, como, por exemplo, em um ambiente predominantemente católico ou cristão, um tipo de religiosidade que se desvie das condutas e tradições hegemônicas tende a sofrer estigma. Da mesma forma que a homossexualidade, condutas e posturas diferentes,

próprios conferencistas acreditem ou formulem as teorias, explicações e estudos que “melhorem” a sua condição. Diante da falta de validação e crença na humanidade a partir da diferença, expuseram-se teorias para explicar as discriminações, racismos e ideias de inferioridade para dar conta do suposto perigo que essas diferenças raciais, culturais e intelectuais representavam⁵²².

O solo apresentava-se fértil para o desenvolvimento dessas ideias, pois com a riqueza e circulação monetária da produção da borracha e dos ramos industriais poder-se-ia apresentar um projeto de progresso institucional, educacional, moral e cívico com propósito de distanciar-se das impressões de Aldred Russel Wallace que, ao se referir sobre os menos civilizados, apontou que “não conhecem outra diversão a não ser beber e jogar; a maior parte deles jamais abriu um livro e desconhece tudo e qualquer tipo de ocupação intelectual”⁵²³. Essa imagem ainda assombrava a República que incentivava a alfabetização, aprendizagem e intelectualização das elites e dos seus filhos/as, em especial quando nos deparamos com o recenseamento geral de 1890, no qual Mascarenhas identifica 30.910 analfabetos de uma população de 38.720 habitantes⁵²⁴.

Assim, a instrução, o letramento e a educação eram os alicerces de esperança e incentivo para o espírito civilizado, cultural e artístico para o povo brasileiro. Julgado pela sua falta de consciência, até então advinda da necessidade do espírito de nacional, a literatura ou dedicação às letras seria a manifestação do espírito de um povo:

Mais claro, mais positivo, sem, todavia, deixar de ser justo, é o Sr. José Veríssimo⁵²⁵: A literatura é, em regra geral, de todas as manifestações do

em um contexto de masculinidade hegemônica, também tendem a sofrer estigma. (GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro, LTC, 2008, p. 14-15)

⁵²² Goffman ainda pergunta: “Como a pessoa estigmatizada responde a tal situação? Em alguns casos lhe seria possível tentar corrigir diretamente o que considera a base objetiva de seu defeito, tal como quando uma pessoa fisicamente deformada se submete a uma cirurgia plástica, uma pessoa cega a um tratamento ocular, um analfabeto corrige sua educação e um homossexual faz psicoterapia”. Levando em consideração o contexto histórico do autor, ele ainda utiliza o termo “homossexualismo”, do qual discordamos, por entendermos que não se trata de uma doença como o sufixo “ismo” dá a considerar, mas recorreremos à citação por ilustrar a vigência dos preconceitos e discriminações sociais à época. (GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro, LTC, 2008, p. 18)

⁵²³ WALLACE, Aldred Russel. Viagens pelos rios Amazonas e Negro. Apud DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do fausto**: Manaus 1890-1920, Editora Valer, 2007, p. 58.

⁵²⁴ Segundo a autora, isso representa a porcentagem de 79,82% da população que não sabia ler e escrever em Manaus. No anexo, utilizo a mesma tabela que a autora empregou na sua obra para mostrar o percentual de 1906 considerando a listagem de 25 ruas. (DIAS, Edineia Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto**: Manaus, 1890-1920. 2ª edição. Manaus, Valer, 2007, p. 49)

⁵²⁵ José Veríssimo junto com Machado de Assis foram as figuras que atuaram na fundação e primeira geração da Academia Brasileira de Letras. A marca inicial da ABL, como disserta João Paulo Coelho de Souza Rodrigues, é de que “na busca por forjar um novo entendimento para sua atividade, os acadêmicos queriam o reconhecimento da criação literária, adotando o distanciamento ante a sociedade, não aceitando nem a marginalidade nem o

espírito de um povo, aquela por onde melhor podemos ajuizar da sua vitalidade; ora, não há, dos povos civilizados ao menos, um que tenha em menos conta a sua literatura do que o brasileiro; isto é, um que menos caso faça da tradução ou antes da reprodução escrita do seu próprio sentir e pensar. Este povo, pois, tão profundamente inconsciente, que mais parece uma simples aglomeração de gente do que uma nação, não tem direito, senão por uma aberração de espírito, de falar em nacionalidade⁵²⁶.

O verdadeiro sentido das críticas de José Veríssimo, nas palavras de Justiniano de Serpa, correspondia ao projeto nacional que incentiva a educação como meio de inculcar a civilização e a formação de cidadãos para a pátria ⁵²⁷.

O almejado triunfo do sentimento nacionalista só poderia ocorrer se o Estado pensasse a educação como princípio norteador, pois isso significava a “ação e arte de desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais da criança ou do moço, na conformidade de certos princípios e dando-se a essas faculdades uma direção fixa e habitual”⁵²⁸. Entretanto, como isso ocorreria? Seria através do desenvolvimento do projeto de tradição iluminista, priorizado no aperfeiçoamento do indivíduo, do homem, tido como autorreferente⁵²⁹ em uma visão unitária de humanidade ou seria no empenho e prosseguimento dos projetos generalistas com a noção de povos, raças e nações que principiavam o darwinismo como justificativa de questões sociais?

A resposta requer inúmeras outras reflexões, principalmente no que se refere às concepções, os debates e os interesses dos projetos em voga pelos conferencistas. Tais homens colocavam os assuntos de raça e nação como intrínsecos para compreensão do período que corresponde o desempenho dos intelectuais atuando em favor da “agitação política pela ideia nacional”⁵³⁰, ou, utilizavam-se das datas de processos políticos para

engajamento. A saída foi torná-la um salão polido e sagrado, marcado por rituais que reforçassem o seu caráter estritamente literário e de culto do estilo, portanto independente de injunções exteriores”. Sendo assim, temos a defesa dos valores e critérios científicos, assim como a defesa pela representação da cultura nacional endossada na literatura e educação. (RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras**: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). 2ª ed. Campinas – SP, Editora da Unicamp, 2003, p.28.)

⁵²⁶ Ginásio Amazonense. **Cadeira de Literatura Nacional**: Dissertação e teses de concurso. Apresentadas a respectiva Congregação por Justiniano de Serpa. Manaus, Tipografia A Federação, 1896, p. 22.

⁵²⁷ SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. **Dois pra lá, dois pra cá**: o Parthenon *Litterario* e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, p. 70.

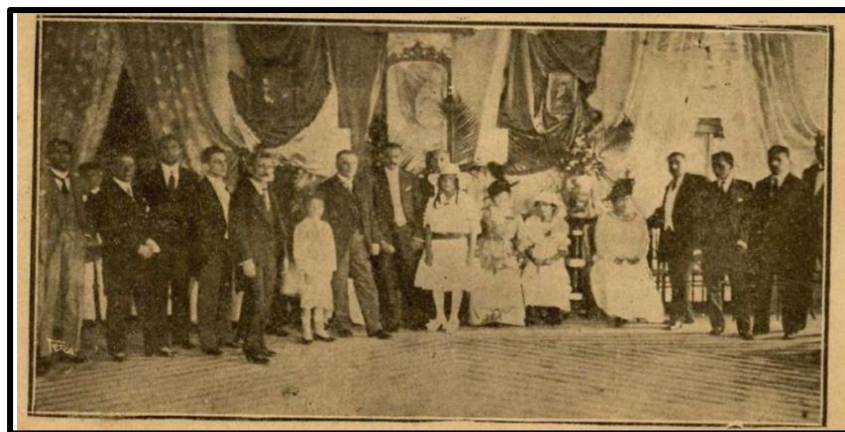
⁵²⁸ Ginásio Amazonense. **Cadeira de Literatura Nacional**: Dissertação e teses de concurso. Apresentadas a respectiva Congregação por Justiniano de Serpa. Manaus, Tipografia A Federação, 1896, p. 10.

⁵²⁹ DE MATOS, Maria Izilda Santos. Por uma história das sensibilidades: em foco a masculinidade. **História: questões & debates**, v. 34, n. 1, 2001.

⁵³⁰ O autor Eric Hobsbawm, ao concordar com as divisões postas por Hroch, enfatiza as três fases dos movimentos nacionais: A fase “A” que se iniciou na Europa do século XIX com um movimento cultural, literário e folclórico. A fase “B”, no qual está inserido esse debate, em que um conjunto de pioneiros e militantes da “ideia nacional”. E a fase “C” quando os programas nacionalistas adquiriram sustentação de massa.

celebração e/ou inculcação dos ideais e referências nacionais, como a festa em honra ao conferencista Raul de Azevedo, no dia 13 de maio de 1917, data que rememorava a assinatura da Lei Áurea:

Figura 26 - No Ideal Club, a festa em honra de Raul de Azevedo no dia 13 de maio



Fonte: **Revista Cá e Lá**. Ano 2, n. 9, maio 1917.

Nesse ínterim, a maior necessidade para se pensar a questão como uma intervenção política, tecnológica e que culminasse em uma transformação social foi exposta em dois momentos pelo Dr. Mendonça de Lima, oportunidade em que podemos analisar o caráter dessas conferências.

Na primeira ocasião, em 15 de outubro de 1917, o orador se opôs ao “fanatismo racial, ao imperialismo místico, e a agitação irritada e agressiva”⁵³¹ que se apresentava na Alemanha da Primeira Guerra Mundial. Nessa ocasião, na presença de Alcantara Bacelar (governador do Estado) e de Alcides Bahia (oficial de gabinete), durante quarenta e cinco minutos, Mendonça Lima ministrou as suas opiniões na palestra com a temática “*O Real valor do povo alemão. A Alemanha pela guerra; sua situação em face da moral e da medicina. A paz universal*”. Com severas críticas à personalidade filosófica e “doutrinadora” de Friedrich Nietzsche que, segundo o orador, ao prezar pelo individualismo, suas ideias representavam uma profunda subversão moral, “cujo exclusivismo irritante e desumano chega ao ponto de pregar guerra aos fracos, aos pobres, aos doentes, como seres indignos de viver na sociedade moderna”⁵³².

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1990, p. 21, p. 128.

⁵³¹ **A Capital**. Manaus, 16 de outubro de 1917.q

⁵³² **A Capital**. Manaus, 16 de outubro de 1917.

A crítica ao caráter de Nietzsche refere-se aos posicionamentos filosóficos e sociais adotados no período em que a maioria elogiava ou apoiava a política alemã. As ideias do filósofo infelizmente, poster ao seu falecimento, foram usadas e modificadas por Elisabeth Förster-Nietzsche, irmã do filósofo, ao apoiar a política nazista na Alemanha durante a década de trinta e quarenta⁵³³. Diante dos debates encetados após os estudos darwinistas, a discussão orbitava então sobre os caminhos mais viáveis ao Brasil e estava segmentada entre o ponto de vista biológico em que os considerados “problemas” raciais representavam uma “ameaça à paz na família, na sociedade e à nação”⁵³⁴ e entre aqueles que apostavam nas políticas adotadas pelos propagandistas médicos sanitários em que o saneamento, a saúde pública, a educação e a religião poderiam elevar o caráter nacional⁵³⁵.

Parece-nos que Mendonça de Lima estava no último grupo, portanto, fazendo críticas ao individualismo de Nietzsche e ao seu caráter antinacionalista. No entanto, naquele momento, a preocupação do conferencista se apresentava em como esses valores se propagavam como uma “micose coletiva”, lida como egoísta e propagando a ideia de superioridade alemã pela leitura equivocada dos alemães a obra de Nietzsche:

Caracterizando o estado patológico da alma alemã, o conferencista descreveu toda a sintomatologia, desde o egoísmo, até a megalomania, ao fanatismo racial, ao imperialismo místico, e à agitação irritada e agressiva, como presentemente se nota em toda Alemanha.

Depois de uma série de considerações a esse respeito, o orador passa a estudar os fatores de uma próxima paz universal, salientando que a Alemanha, de entre as nações, será uma das mais entusiastas em pregar as ideais pacifistas⁵³⁶.

⁵³³ De acordo com Antônio Marcos Nascimento Silva, “Elisabeth Förster-Nietzsche tornou-se a responsável legal e herdeira de todo o patrimônio intelectual de Nietzsche após a morte de sua mãe, em 1897. Elisabeth era conhecidamente antissemita, apoiadora severa da causa nacionalista e apoiou o Partido Nacional Socialista (nazista). Após tornar-se legalmente responsável pelos escritos do irmão, Elisabeth teve papel fundamental na assimilação de Nietzsche pelo militarismo e imperialismo alemães. Como exposto por Walter Kaufmann (1974, apud ANSELL-PEARSON, 1997, p.43) estudos investigativos concluíram que a irmã do filósofo falsificou dados e forjou cartas que afirmava que tinham sido escritas pelo filósofo, como também impediu a publicação de diversos manuscritos, a exemplo de sua autobiografia “Ecce Homo”. (SILVA, Antônio Marcos Nascimento. **O nazista está morto: Nietzsche, a política e o Estado sob uma nova perspectiva.** 2021, p.24)

⁵³⁴ WEGNER, Robert. Renato Kehl, a eugenia alemã e a doença de Nietzsche. **XXVI Simpósio Nacional de História-Anais Eletrônicos, São Paulo, 2011.**

⁵³⁵ WEGNER, Robert. Renato Kehl, a eugenia alemã e a doença de Nietzsche. **XXVI Simpósio Nacional de História-Anais Eletrônicos, São Paulo, 2011.**

⁵³⁶ **A Capital.** Manaus, 16 de outubro de 1917.

Apesar de destacar a possibilidade de a Alemanha buscar os ideais pacifistas, nesse momento já circulava entre os soldados alemães as obras de Nietzsche com a tentativa exploratória de explorá-lo como justificção ideológica⁵³⁷.

Contrário ao movimento defendido pelo filósofo alemão, que se opunha ao estado, a tutela cultural e ao nacionalismo, Mendonça Lima apresenta sua posição de unificação ao declarar que era necessário estamos “prontos para estabelecer o amor das raças, a confraternização geral dos povos, a harmonia geradora (fecunda, eternizando o direito, a moral e a justiça)”⁵³⁸. Sabendo disso, podemos acreditar que Mendonça aproximava-se de um caráter mais universal, uno⁵³⁹ e fraterno de evolução dos povos e constituição da nação, levando em consideração diferenças existentes entre eles. Isso fica evidente quando no dia 19 de junho de 1920, Mendonça de Lima versa sobre os apontamentos de Monteiro Lobato configurados no personagem Jeca Tatu.

O Jornal do Comércio publicou a conferência do Dr. Mendonça sobre os estudos dos fundamentos étnicos na formação da raça, principalmente do homem americano. Antes de abordar sobre o contexto social e rural, o conferencista inicialmente trouxe à tona as questões etnográficas e antropológicas das inúmeras famílias aborígenes disseminadas no Brasil, fazendo uma detalhada exposição da distribuição e da cultura desses povos até chegar à discussão sobre como os indígenas atuaram na “formação da ‘sub-raça’” brasileira. Em seguida, o cientista, ao descrever sobre a vida, a origem e as “imigrações” africanas, se reportou a esses povos como “selvagens” e descreveu o número de organizações e etnias encontradas no continente, mas negou e/ou ignorou em seu discurso a escravidão no Brasil. Por fim, sobre os portugueses discorreu desde seu fundamento primário e sua fusão com outros elementos étnicos e ibéricos. Tendo por base as três raças: americana, africana e portuguesa, em um caráter positivo para a formação da sociedade brasileira, Mendonça de Lima fez uma apreciação daquilo que seria o tipo representativo de “nossa raça” na defesa pela unidade étnica:

⁵³⁷ SILVA, Antônio Marcos Nascimento. **O nazista está morto**: Nietzsche, a política e o Estado sob uma nova perspectiva, 2021, p.23

⁵³⁸ **A Capital**. Manaus, 16 de outubro de 1917.

⁵³⁹ A autora Lília Schwarcz caracteriza a visão monogenista como dominante do século XIX, em que os pensadores acreditavam em uma humanidade uma que compartilhava uma mesma origem e de mesmos potenciais morais, por assim dizer: “O homem, segundo essa visão, teria se originado de uma fonte comum, sendo os diferentes tipos humanos apenas um produto da maior degeneração ou perfeição do Éden. Nesse tipo de argumentação vinha embutida, por outro lado, a noção de virtualidade, pois a origem uniforme garantiria um desenvolvimento (mais ou menos) retardado, mas de forma semelhante.” Em oposição a esse caráter estavam os cientistas poligenistas que se punham contra as leis naturais e a ideia de uma origem em comum e defendiam a comunicação e troca, pois os autores acreditavam na existência de vários centros de criação, e, portanto, em diferenças raciais. (SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 16ª impressão, 1993. p. 64).

Tanto assim assegurou o Dr. Mendonça Lima, que já se vem notando um traço bem visível entre o norte e o sul brasileiros, mostrando-se ali e aqui uma certa ordem diferenciada de ideias e aspirações entre o povo, a ponto de não possuímos ainda até hoje um ideal nacional comum, pois, sem cultura, sem preparo, como se acham as nossas populações rurais, impossível será criar no Brasil um almejado equilíbrio social e político de que tanto necessitam todas as nacionalidades.

Sem esse equilíbrio, que é o fundamento vivo e poderoso da existência dos povos, mostra-se precária a vida no Brasil, como nação ou como estado⁵⁴⁰.

Por maiores que fossem as diferenças culturais e sociais do país, vale ressaltar que qualificadas de forma preconceituosa sobre populações rurais, o plano de ação seria alicerçado sobre uma pretensa e ilusória unidade, o que reforçaria e daria valor aos aspectos nacionais, fundamentados, entretanto, na cultura burguesa, em busca de afirmar os seus princípios enquanto nação.

O nacionalismo, que calçou suas bases entre os anos de 1870 e 1914, concebia a nação para além de elementos como a língua, território e cultura. Hobsbawm apresenta que apenas esses traços não sustentariam o sentimento e a consciência nacionalista, pois em muitos casos sempre seria possível descobrir exceções, critérios ou variantes, e, desta forma, a chamada consciência nacional desenvolver-se-ia desigualmente entre os grupos e regiões sociais, pois os fenômenos e condições econômicas, administrativas, técnicas e políticas de cada contexto deveriam ser considerados⁵⁴¹. Mendonça de Lima pareceu ignorar essas particularidades em prol da unidade nacional, como podemos observar:

o povo brasileiro, sem uma determinada unidade étnica, dificilmente poderá garantir a unidade política do país, mormente por se saber que a falta dessa unidade étnica é ainda agravada pelo atraso profundo em que encontram as nossas quase abandonadas populações rurais, a cuja situação de dores e de misérias, se pode acrescentar esse cortejo funesto das nossas terríveis endemias, fortemente espalhadas por grande parte dos sertões brasileiros⁵⁴².

Quando olhamos pelo viés com que se levava em consideração as massas, percebemos que a diligência pelo “sonho da modernidade” ou de unidade nacional foi capaz de inferiorizar, ignorar, menosprezar as próprias- realidades ou regionalidades – como é o caso da Amazônia e do sertão – numa das quais se sustentava contextualmente o personagem de Lobato, a que o conferencista refere-se para ilustrar a sua principal pergunta: “O povo brasileiro, com sua morbidez e o seu atraso, tem capacidade para manter incólume o

⁵⁴⁰ **Jornal do Comércio**. Manaus, 30 de junho de 1920.

⁵⁴¹ HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1990, p. 21, p. 11-22.

⁵⁴² **Jornal do Comércio**. Manaus, 30 de junho de 1920.

patriotismo nacional?”⁵⁴³. A pergunta seria logo respondida pelo conferencista: “Não, atualmente, não”.

A partir de sua interpretação sobre o personagem Jeca Tatu, o conferencista expunha suas razões para acreditar que o povo brasileiro não tinha atributos para manter e nutrir o patriotismo nacional. O personagem passeava pela imprensa e pelas conferências do período como modelo de crítica social, política e sanitárias⁵⁴⁴.

Para entendermos a obra, é necessário considerar que em 1918, Monteiro Lobato (1882-1948) publicou o livreto com os contos *Velha Praga* e *Urupês*. Os contos eram inicialmente publicados pelo jornal O Estado de São Paulo, desde 1914, com as severas críticas à postura “indolente” do personagem Jeca Tatu. Lembrando que Lobato, como fazendeiro, ao transportar para sua obra aqueles que lidavam diretamente com o trabalho na terra, desaprovava o mal uso dos chamados “piolhos” que personificavam a visão que o autor tinha dos “caboclos” ao culpabilizá-los pelas queimadas que ocorriam no Vale do Paraíba. Nas anedotas, o autor trazia as ideias de progresso tecidas sobre críticas ao mundo rural, sob a ótica da modernidade em contraposição a um mundo colonial que transmitia o atraso econômico, moral e social à população rural brasileira, ao mesmo tempo em que denunciava o descaso do governo brasileiro para com a sua população⁵⁴⁵.

Lobato, ao configurar o personagem como uma “espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização”⁵⁴⁶, que ameaçava a natureza com os supostos ataques à floresta e que fugia do progresso que chegava pela via férrea a São Paulo, atribuía esse conjunto de atitudes como resultado de seu pensamento caboclo, numa pretensa tentativa de desvalorização daqueles ligados ao trabalho direto com a terra.

Contudo, a terra, se associada aos valores burgueses, do qual Lobato era o maior interessado, ao predominar a concepção do seu uso como principal fonte de riqueza, produção e civilização, a agricultura só seria compensadora quando o homem atingisse o seu “grau de

⁵⁴³ **Jornal do Comércio**. Manaus, 30 de junho de 1920.

⁵⁴⁴ Margareth Park contribuiu com a informação de que o ápice do reconhecimento e popularidade do personagem deu-se na Conferência de Rui Barbosa, no Teatro Lírico, sobre a questão racial. Citando o conferencista, a peça discursiva dizia: “Conheceis por ventura o Jeca Tatu do ‘Urupês’ de Monteiro Lobato, o admirável escritor paulista? Tiveste, algum dia, ocasião de ver surgir, debaixo desse pincel de uma arte rara na sua rudeza, aquele tipo de uma raça que ‘entre as formadoras de nossa nacionalidade’ se perpetua a vegetar de cócoras, incapaz de evolução ou impenetrável ao progresso. (Estadinho, 24/03/1919)” (PARK, Margareth Brandini. De Jeca Tatu a Zé Brasil: a possível cura da raça brasileira. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 1999, p.145)

⁵⁴⁵ DE SOUZA, Marcell Nunes. O caipira representado em Jeca Tatu e Zé Brasil. **Revista Primeira Escrita**, v. 7, n. 2, p. 6-15, 2020, p.7.

⁵⁴⁶ LOBATO, Monteiro. *Velha praga*. **O Estado de S. Paulo, São Paulo**, v. 12, 1914.

evolução notável, civilizado e próspero”⁵⁴⁷. Ciente disso, Mendonça adentra na conferência com a temática da moralização, higienização e nacionalização, mostrando que o Brasil seria curado dos males personificados pelo personagem de Jeca Tatu através da saúde e instrução:

Educando-o, porém, por meios severos e moralizadores, higienizando as suas habitações, o *habitat* comum da pátria; imprimindo-lhe uma outra ordem moral e cívica; afastando-o das garras sugadoras do patronato pérfido, e do contato com os régulos ‘politicóides’ dos sertões; dando-lhes escolas em vez de tabernas e cadeias esconsas; erguendo-o, enfim, da posição acocorada em que se encontra, o povo brasileiro poderá, asseverou o orador, tomar sobre os seus ombros, com galhardia máxima da vida de sua pátria, tão digna de outras forças e de outros empenhos por parte de todos os seus filhos⁵⁴⁸.

Essa idealização, como bem conhecida no período, era impulsionada pelo vento nacionalista que se sustentavam nas orientações médicas, literárias e legais como ponto de avanço ao progresso do país. No entanto, quando se depara com a realidade fora das grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus, foi nos “sertões brasileiros” – como os seringais amazônicos –, que as realidades expunham as suas devidas particularidades como a falta de acesso a saúde e moradias, assim como a garantia de salários justos que garantissem dignidade aos trabalhadores(as). Tais características evidenciavam os contrastes entre o sonho burguês em promover o sentimento nacionalista ao criar políticas de saúde e higiene públicas para a formação de uma população “racialmente sadia” e adepta ao trabalho⁵⁴⁹ numa tentativa de encorajar a harmonia, o equilíbrio político e controle social através do disciplinamento da vida coletiva.

Nesse mesmo sentido, as últimas palavras do conferencista apontavam para as práticas em que o grupo de sócios do Ideal Clube poderiam se solidificar. A esperança de que as elites do clube “pudessem conduzir o país ao rumo das luzes”⁵⁵⁰, estava presente tanto no incentivo pelo letramento quanto na formação de um povo trabalhador dócil, submisso e produtivo, pois

⁵⁴⁷ CAROLA, Carlos Renato. Jeca Tatu e o processo civilizador da família rural brasileira. **8º Simpósio Processo Civilizador, História e Educação: novas exigências do processo civilizador na contemporaneidade**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2004, p.3

⁵⁴⁸ **Jornal do Comércio**. Manaus, 30 de junho de 1920.

⁵⁴⁹ CAROLA, Carlos Renato. Jeca Tatu e o processo civilizador da família rural brasileira. **8º Simpósio Processo Civilizador, História e Educação: novas exigências do processo civilizador na contemporaneidade**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2004, p.8

⁵⁵⁰ ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **Imagens do analfabetismo: a educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos 20**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1995, p.23.

essas virtudes destacariam a nação por meio de uma população civilizada, apagando as suas diferenças raciais e de classe⁵⁵¹. Disse assim o orador:

A nossa história está cheia de exemplos brilhantes em que mestiços de várias gradações étnicas, tipos perfeitos de descendências Jeca, tem alevantado bem alto o nome sacrossanto da pátria, pondo-a em destaque supremo, no conceito geral das mais civilizadas nações. Entre as dezenas, avulta a figura empolgante de Floriano Peixoto, a quem se pode considerar o mais vivo representante da energia moral brasileira, o apóstolo maior do civismo em terras do Brasil⁵⁵².

Isto posto, o conferencista conclamava a atuação da figura do Estado como o principal responsável por essa tarefa, mas também indica que o civismo, na figura de Floriano Peixoto, por exemplo, poderia forjar a sociedade em princípios autoritários e conservadores que se consagravam na vida íntima e coletiva dessas elites que assumiam a sua missão de “moços da pátria”⁵⁵³. Desta maneira, entendemos a postura de Mendonça de Lima em relação a Nietzsche, tendo em vista que o filósofo alemão denunciava o Estado em sua tarefa de direcionar o uso das forças em prol de seu próprio desenvolvimento, ao ponto de profissionalizar e massificar a educação para garantir trabalhadores e nacionalistas ao seu próprio serviço⁵⁵⁴. O exemplo dessa crítica ocorreu em 23 de novembro de 1910, quando os salões do clube se abriram para o festejo patriótico em homenagem ao general Pedro Paulo da Fonseca Galvão com a presença da aristocracia amazonense:

A família amazonense, entusiasta como é nas ocasiões de grandes descortinados cívicos, deu aos salões do Ideal Clube a ternura cantante que o seu sorriso possui e o perfume subtilíssimo de sua graça encantadora. Mais patriótica do que unicamente diversiva, a festa da noite de anteontem, como solene homenagem ao bravo inspetor da região militar e oficialidade do exército e armada, assinalou, para gaudío de todos os espíritos que sabem premiar o mérito, um atestado de civismo da sociedade do Amazonas aos destemidos servidores da pátria. Devem estar satisfeitos, portanto, os distintos homenageados, vendo que na terra amazonense houve um movimento de geral simpatia pela missão elevadora que vieram desempenhar aqui em diversas épocas, mormente na atual, em que, sob a direção competente do general Pedro Paulo, conquistaram de todas as classes sociais o mais acrisolado respeito e

⁵⁵¹ Segundo a autora Marilena Chauí, esse discurso significava: “o discurso sábio e culto, enquanto discurso do universal, pretende unificar e homogeneizar o social e o político, apagando a existência efetiva das contradições e das divisões que se exprimem como luta de classe”. CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 12. ed. São Paulo, Cortez, 2007, p.61.

⁵⁵² **Jornal do Comércio**. Manaus, 30 de junho de 1920.

⁵⁵³ **Jornal do Ideal Club**. Manaus, 24 de setembro de 1904.

⁵⁵⁴ SILVA, Antônio Marcos Nascimento. **O nazista está morto: Nietzsche, a política e o Estado sob uma nova perspectiva**, 2021, p. 32.

admiração pelos excepcionais serviços prestados à legalidade e ao progresso do Amazonas.

Além do extraordinário realce aos salões da fidalga associação prestou a família patricia, foram inúmeros os cavalheiros que compareceram ao belo festival, vendo-se em todas as fisionomias o mais intenso regozijo⁵⁵⁵.

O regozijo estava em ter o seu valor comprovado na missão elevadora da ordem e do progresso. O espírito e o estímulo que nutriam essas elites para trabalharem em prol do clube e abrirem suas portas às homenagens públicas e aos princípios nacionais atestavam que o uso do Estado estava resguardado pelos diretores e sócios que adotavam o ânimo e vigor patriótico como serventia básica para o “bem social”, civismo, progresso e civilização.

Além de dançarem e alegrarem-se ao som e compassos de músicas mundialmente reconhecidas, transformando esses festejos em espaços para o avanço do nacionalismo, tinham um objetivo certo: evidenciar quem eram os “escolhidos da nação”, por esse motivo destacavam em suas notas que o movimento feito, o de “civilizar a Amazônia” estava sendo cumprido. Os tais “privilegiados”, além de representarem os desígnios nacionais, ainda exclamavam em alto e bom som: “e todos unidos desfraldando a nossa bandeira, cujas cores representam a esperança viva no futuro e a simplicidade e asseio esmerados em nossas ações, bradamos bem do íntimo d’alma: pra frente!”⁵⁵⁶. Portanto, o avançar da exploração através do lema progressista e positivista teve sua marcha em nosso território que utilizavam-se dos espaços recreativos, como o Ideal Clube, para servir e combater pela pátria:

Nós também lutaremos, e aqueles que não arrefeceram na luta, nesta luta honrosa em que nos empenhamos, queimando o último cartucho sobre as trincheiras fortificadas do inimigo, que são as dificuldades e contrariedades que havemos de vencer, trazendo ufanos no peito o padrão auricular de suas glórias, erguerão para que todos vejam e admirem o troféu majestoso de sua vitória.

Avante, pois, companheiros!⁵⁵⁷

Longe de apresentar essas elites como vencedora dos processos históricos ou ignorar as residências e os modos de vida das nossas populações que se opunham a estrutura do Estado e sua ideologia, temos como afirmar que o projeto em voga, em certa maneira, “venceu” nas opressões e explorações simbólicas e materiais do povo brasileiro, tendo em vista que a nossa sociedade se constituiu em modelo burguês, pautado em ideais nacionais e violentos.

⁵⁵⁵ **Jornal do Comércio**. Manaus, 25 de novembro de 1910.

⁵⁵⁶ **Jornal Ideal Club**. Manaus, 24 de setembro de 1904.

⁵⁵⁷ Idem.

Em um momento “faustoso” e ilusório de uma “Belle Époque”, marcada por desigualdades, as vivências dessas elites ainda parecem ocultas ou “escondidas” atrás de definições simplórias e generalistas que acabam de maneira equivocada cristalizando seu próprio poder através do desconhecimento de suas práticas. Afirmamos que os domínios desses grupos de poder necessitam ser conhecidos... e essa foi a nossa responsabilidade. Por trás de cada “Ideal” (seja um clube recreativo ou projetos políticos e nacionais), há sempre interesses e crenças que festejam em um grande salão social de diferenças, onde as elites se divertem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os debates postos nessa dissertação de mestrado pretenderam responder as questões sobre as organizações das elites nos clubes recreativos em Manaus no século XX. A temática articula as problemáticas da História Social e História Política ao utilizar como plano e objeto as discussões sobre os clubes, as elites e a cidade. Escolhemos esses dois campos pois, como diria René Remond, “se o político deve explicar-se antes de tudo pelo político, há também no político mais que o político”⁵⁵⁸, por isso objetivamos compreender como as relações de poder e as relações sociais se articularam nos espaços, trajetórias individuais e estilo de vida das elites locais.

Por mais que esses grupos fossem privilegiados em sua origem e estivessem no “topo” de governança política, é necessário reforçar que as análises históricas sobre a sua composição e ações ainda são incipientes. Não ignoramos que os estudos sobre os embates e enfrentamentos entre as classes (burguesia *versus* proletariado) são muitos, contudo, no que se refere a organização e representação das elites enquanto classe social ainda recaímos sobre generalizações dos motivos que nos levam a escrever sobre o grupo.

De um lado temos a dúvida e imprecisão sobre a aplicabilidade do conceito nos estudos acadêmicos que impede o aprofundamento nas investigações das relações sociais estabelecidas entre o governo, entre si mesmas e entre os seus oponentes. De outro modo, ainda estamos revestido de “um certo preconceito” quando reduzimos as elites em um segmento único ou estatal, considerando exclusivamente que os “grandes feitos ou heróis nacionais” foram utilizados para escrever uma história oficial que marginalizou e oprimiu os sujeitos sociais. De fato, isto que ocorreu, contudo, se quisermos entender como isso se perpetuou e reproduziu um estilo de vida burguês em nossa sociedade é necessário enveredarmos sobre as articulações, operacionalidades, enfrentamento, distinções ou interesses das elites enquanto classe.

Buscamos demonstrar como esses encadeamentos foram dados nas sociabilidades, identidades e associativismo no Ideal Clube (1903 a 1920).

A agremiação, como foi apresentado, foi fundada no ano de 1903 e teve suas atividades em pleno funcionamento até o início do século XXI, sendo atualmente administrado pela Secretaria de Cultura e Economia do Estado do Amazonas (SEC)

⁵⁵⁸ RÉMOND, René. **Por uma História Política**, 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p. 36.

Escolhemos escrever até o ano de 1920, pois entendemos que o período comporta as dinâmicas da cidade, a política local e ação das elites dentro e fora do clube em momentos diferenciados: o apogeu e crise da economia da borracha na região.

Desde sua criação, a agremiação foi frequentada por segmentos das elites que permitiam que desembargadores, advogados, governadores, administradores públicos, comerciantes, militares, intelectuais e doutores frequentassem seu espaço e partilhassem de uma vida coletiva, recreativa e distintiva ao ponto de estreitar uma sociabilidade burguesa. O clube, nesse período, era reflexo das expectativas que as elites vivenciavam em Manaus por meio da economia da borracha e desenvolvimento do comércio da região: seu momento de *belle époque*, em que a imposição direta e indireta de costumes europeus permitiram que os grupos circulassem seus poderes e influências em diversos meios, seja no âmbito econômico, cultural, recreativo e social.

Com as pesquisas nos acervos locais e na Hemeroteca Nacional Digital, tomamos como base a investigação nos periódicos, fazendo uma catalogação que visava mapear as notícias sobre os clubes recreativos, ações das elites em Manaus e atividades desenvolvidas na cidade que ofereciam esportes, saraus e danças. Com essas notícias, conseguimos realizar o levantamento de, ao menos, 200 entidades recreativas fundadas entre os anos de 1884 a 1920. Contudo, nos deparamos com um problema: como apresentar os clubes recreativos sem cair em generalizações? Por esse motivo, escolhemos priorizar as investigações sobre o Ideal Clube.

Durante os anos de pesquisa, tivemos acesso ao Jornal “Ideal” (1904), ao Estatuto do Ideal Clube (1915), as obras memorialistas de Genesino Braga e Gaitano Antonaccio, “*Assim nasceu o Ideal*” e “*Ideal Club de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de Aristocratismo*” respectivamente, que nos possibilitou apresentarmos a fundação do clube, a vida associativa das elites e, por fim, sobre as representações e conquistas de valores sociais adquiridas com as atividades desenvolvidas pela agremiação. No que diz respeito aos sócios e sua movimentação no clube e na sociedade, utilizamos do “*Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado*”, de Agnello Bittencourt, para biografarmos sobre alguns diretores e cruzarmos seus interesses dentro e fora da associação, o que nos levou a desenvolvemos as tabelas, gráficos e apêndices inspirados nos modelos da prosopografia (feituas de biografias coletivas) apresentadas ao longo do texto e ao final desse trabalho nos anexos.

Como exposto, nos aplicamos nas averiguações em como foi o surgimento das sociedades recreativas. Nos deparamos positivamente com uma “*maré dos clubes*” em que apresentavam um conjunto de associações formadas no período proposto, por essa razão, foi

necessário retroceder no recorte proposto para que assim pudéssemos ter a dimensão da origem dos clubes e das sociedades recreativas.

No capítulo I: “A cidade e os clubes: fundação e consolidação dos espaços recreativos em Manaus” tivemos como objetivo averiguar os motivos e incentivo para a fundação de clubes na cidade, observando a sua própria dinâmica e crescimento.

Começamos com a verificação que a Antiga Vila da Barra do Rio Negro sediou a criação da primeira sociedade recreativa local, em 1854, a Sociedade Recreação Amazonense. Através dela, inicialmente percebemos o desejo das pequenas elites locais em ligarem-se às referências nacionais, como a Corte carioca, ao oferecer homenagens cívicas ao Imperador Dom Pedro II e aos princípios nacionais. A partir de 1872, com o incentivo da migração nacional e estrangeira, notamos a formação de entidades étnicas que prezavam pelo socorro mútuo e beneficente aos imigrantes. Escolhemos a análise da Sociedade Italiana de Socorros Mútuos e da Cruz Vermelha Italiana, pois estas apresentaram um conjunto de sócios que compunham a elite formada por estrangeiros. Após esse debate, observamos que devido ao processo de urbanização e crescimento social, a cidade de Manaus, no século XX, foi o cenário propício para a florescimento, fundação e oferta de novas programações voltadas ao recreio. Isso se explica pelo fato da circulação monetária advinda do comércio local e do “boom da economia gomífera”, mas também pelos desejos das elites em criar uma cidade alinhada com os padrões de civilidade, modernidade e progresso. Os esportes, danças, reuniões e partidas cumpriram essa missão, por isso, categorizamos alguns clubes como “clubes de elites”, pois tinham suas atividades dirigidas e voltadas para o serviço desses grupos.

Ao nos depararmos com o Ideal Clube, no recorte temporal proposto, notamos que as nossas reflexões em perceber que as elites também exerceram o seu caráter associativo e relacional estavam alinhadas a própria manutenção dos seus poderes, cargos e prestígios, como apresentado no debate do “Capítulo II: Por uma vida associativa”. Apesar da aparência e impossibilidade das elites se desvincularem dos seus capitais, ao percebermos o emaranhado de significados que isso pudesse representar, constatamos que na verdade, a busca por capitais, cargos e valores estavam estritamente ligados com as intencionalidades e os interesses dos associados em formar uma grande rede de vínculos pessoais, institucionais, burocráticas e associativos. O associativismo realizado pelas elites foi uma maneira de regularização de suas bases e agentes, por essa razão, os diretores do clube organizaram a sua esfera estatutária que possibilitou a organização material e física dos documentos, atividades e funções que estabeleciam os critérios para entrada e permanência no clube.

Como escrito, optamos pela tentativa e uso da prosopografia e pelo debate historiográfico que tem como ponto central a discussão sobre as elites. Ao realizar essa escolha, tivemos alguns ganhos, entre os quais destacamos que não apenas mapeamos, mas essencialmente respondemos a inquietação de saber **quem** eram essas elites, **como** e **onde** circulavam. Ao verificar isso, tivemos a possibilidade de averiguar uma migração nacional realizada para a ocupação de cargos públicos no âmbito jurídico e militar, assim como o desenvolvimento do comércio. Interpretamos essa migração como uma maneira de recrutamento, ou seja, a oferta e o convite feito pelas próprias elites na ocupação de cargos e funções públicas ou privadas. Contudo, temos ciência da nossa limitação no uso da prosopografia que, embora tenha nos permitido o mapeamento das informações apresentadas, devido ao tempo não pudemos aprofundar as questões e semelhanças que uniam e aproximavam esses grupos ou que os caracterizavam.

No “Capítulo III: Entre prestígios, poderes e a troca de capitais no Ideal Clube” pudemos apreender sobre a postura ideológica de formação dos grupos, sócios e diretores do grêmio. Oriundos da Escola de Direito do Recife, os magistrados, como Gaspar Vieira Guimarães, serviram como homens da lei, do recreio e da moralidade; enquanto isso, ao se dedicarem ao comércio, os diretores da Associação Comercial do Amazonas e do Ideal Clube, Joaquim e José Nunes de Lima, utilizaram-se das suas atribuições para formar uma base eleitoral, carismática e representativa que agregasse e dialogasse até mesmo com as classes aparentemente divergentes, como os trabalhadores. No debate que realizamos, ficou notório o quanto as elites se articulavam e utilizavam dos esportes ou atividades recreativas para propagarem seus nomes, ideais e projetos nacionais de disciplina, controle e ordem social.

Ao investigarmos as ideologias das elites, nos deparamos com outros problemas, principalmente na análise das estratégias dos sócios e diretores do Ideal em usarem das suas sociabilidades, o recreio e o lazer como estilo de vida alinhados à aplicação de valores morais, individuais e sociais. Por isso, o entrelaçamento entre a história política e social para interpretação sobre os significados das partidas dançantes, encontros carnavalescos e eventos científicos serviu como chave para a compreensão das dimensões simbólicas que essas ocasiões geravam. Salientamos que sem esse entendimento, os atos e eventos debatidos no “Capítulo IV: A vanguarda do entusiasmo, confiança e crença: convívios, práticas e relações sociais” estariam despossuídos de significados, o que impediria as leituras e considerações sobre os hábitos, tradições e as visões de mundo que se alastravam em formas diferenciadas de distinção, opressão, preconceitos e racismos, uma vez que os homens do Ideal se viam ilusoriamente como os missionários do progresso, elegância e civilização.

Tendo em vista que a escrita histórica não se faz apenas com glórias e vitórias, a feitura dessa dissertação possui acúmulos de mudanças e incertezas. Isso explica-se pelo fato de modificações no projeto inicial, que me acompanhava desde a graduação: o estudo sobre a vida urbana dos cocheiros e carroceiros em Manaus. Entretanto, as minhas escolhas e leituras geraram questionamentos pessoais e acadêmicos sobre a mobilização das elites na cidade, desta forma, optei pelo desempenho dessa pesquisa que hoje me gera contentamentos pelos resultados obtidos.

Outro ponto a ser evidenciado foi a impossibilidade de acesso a alguns arquivos, entre os quais destaco o acervo do Ideal Clube, tendo em vista a crise sanitária e pandêmica gerada pela covid-19 que fechou os institutos e órgãos responsáveis. Possivelmente algumas questões ficaram a ser respondidas em outros trabalhos ou investigadas por outros pesquisadores, por isso, reiteramos a necessidade de mais investigações que deem conta de analisar as diferentes dinâmicas postas em outras duzentas organizações e associações catalogadas nesse trabalho. De igual modo, reafirmamos que os estudos sobre as elites e a identificação dos seus domínios de atuação não está dissociado das inquirições dos seus aspectos classistas, seus hábitos, comportamentos e valores, portanto, apresentam-se como essenciais para o conhecimento de suas relações, redes e interesses que acabam por apontar mais um caminho de contribuições para a História Social da Amazônia.

Esse projeto, por sua vez, faz os historiadores e historiadoras enveredarem por trajetórias, fontes e relatos que guardam as ambiguidades, os conflitos, as mobilizações e as estratégias que o fausto vento imperialista da *Belle Époque* tentava apresentar como vencedor. A nossa intenção não foi ostentar uma falaciosa história dos “gloriosos”, ao contrário, foi revelar que a manutenção das elites acarretou insucessos, inverdades e marginalizações simbólicas e materiais com teor distintivo, dentro de uma lógica do progresso propagada até os dias de hoje, fazendo-se necessário tomar dimensão que os usos e abusos do “passado” estão sempre disponíveis para compreendermos os desafios das relações do presente. Coube a nós o estímulo para enxergarmos o que está posto além da diversão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Moacir. **Manaus: ruas, fachadas e varandas**. 1984.
- ARAÚJO, Moisés Dias de et al. **O grito dos trabalhadores: movimento operário, reivindicações e greves na Manaus da Grande Guerra (1914-1918)**. 2018.
- ARAÚJO, Samuel et al. Entre palcos, ruas e salões: processos de circularidade cultural na música dos ranchos carnavalescos do Rio de Janeiro (1890-1930). **Em Pauta**, v. 16, n. 26, p. 73, 2005.
- ARAVANIS, Evangelia. **O corpo em evidência nas lutas dos operários gaúchos (1890-1917)**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Ltc, 1981.
- AVELINO, Alexandre Nogueira. **O patronato amazonense e o mundo do trabalho (1908-1919)**. 1ª edição. Curitiba. CRV, 2018.
- BAKHTIN, Mikhaïl Mikhaïlovitch; VIEIRA, Yara Frateschi. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 9.
- BATALHA, Claudio H. M. Batalha. Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. **Cadernos AEL**, Campinas: Unicamp/IFCH, vol. 6, n. 10/11, 1999.
- BATALHA, Claudio H. M.; CORD, Marcelo Cord. (Orgs). **Organizar e proteger: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.
- BATALHA, Claudio HM. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: **Formação Social e Cultural**. 3ª Ed. Manaus: Editora Valer, 2009.
- BERMAN, Marschall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- BILHÃO, Isabel. "Trabalhadores do Brasil!": as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 62, p. 71-92, 2011.
- BITTENCOURT, Agnello. **Chorografia do Estado do Amazonas**. Tipografia Palácio Real. Manaus.
- BOTTOMORE, Thomas B. **As elites e a sociedade**. Zahar editores. Rio de Janeiro, 1964.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Capital simbólico e classes sociais**. Novos estudos CEBRAP, n. 96, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira; revisão e tradução, Odaci Luiz Coradini. 3. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2019.

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRAGA, Bruno Miranda. A cidade, os índios e a belle époque: Manaus no final do Século XIX (Amazonas–Brasil). **Revista de História da UEG** (ISSN 2316-4379), v. 5, n. 1, p. 103-123.

BRAVARD, Alice. "O círculo aristocrático na França burguesa 1880-1939", **História, economia e sociedade**, vol. 30º ano, não. 1, 2011, pp. 85-99.

BRITO, Sandra. Associativismo recreativo-cultural: sentidos de uma prática. O Clube Fenianos Portuenses. **Revista da Faculdade de Letras do Porto. História**, p. 79-100, 2004.

BULST, Neithard. Sobre o objeto e o método da prosopografia. **Politeia: História e Sociedade, Vitória da Conquista**, v. 5, n. 1, 2005.

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 2011.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

BURNS, Bradford. **Manaus, 1910: retrato de uma cidade em expansão**. Manaus: Imprensa oficial, 1966.

CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. **Trabalho e Emancipação: Um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940)**. Dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal do Amazonas, 2010.

CANCELLI, Elizabeth. **A cultura do crime e da lei, 1889-1930**. Editora da Universidade de Brasília, UNB, 2001.

CANDIDO, Richard Kennedy Nascimento. Trabalho & Imprensa. **Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**, v. 1, n.1.

CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana (1890-1920)**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A Imprensa e História do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 1994.

CAPRARO, A. M. **Foot-ball, uma prática elitista e civilizadora: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

CARDOSO, Antônio Alexandre I. **Nem sina, nem acaso: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território Amazônico (1847-1877)**. Ceará: dissertação de mestrado; UFCE, 2011.

CARLONI, Karla. Dança e identidade nacional na imprensa carioca do início do século XX: diálogos culturais e relações étnicas e de gênero. **Estudos ibero-americanos**, v. 44, n. 2, 2018.

CAROLA, Carlos Renato. Jeca Tatu e o processo civilizador da família rural brasileira. **8º Simpósio Processo Civilizador, História e Educação: novas exigências do processo civilizador na contemporaneidade**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2004.

CARULA, Karoline. **Darwinismo, raça e gênero: projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870-1889)**. Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp, 2016.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, Centro de Pesquisa em História Social. 1ª Reimpressão, 2005.

CAVALCANTE, Ygor Olinto Rocha. **Uma viva e permanente ameaça: resistências, rebeldias e fugas escravas no amazonas provincial**. Jundaí, Paco Editorial, 2015

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 3, n. 4, p. 139-182, 2002.

CHARTIER, Roger; FEIST, Hildegard. História da vida Privada. **Da Renascença ao Século das Luzes**, v. 3, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 12. ed. São Paulo, Cortez, 2007.

CHAVES, Larissa Patron. **Honremos a Pátria, senhores! As Sociedades Portuguesas de Beneficência: caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro (1854-1910)**. Tese de Doutorado. Repositório Digital da Biblioteca de Unisinos, 2008.

CLARK, T.J. **A pintura da vida moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CODATO, Adriano. Metodologias para a identificação de elites: três exemplos clássicos. **Como estudar elites. Curitiba: Ed. UFPR**, p. 15-30, 2015.

CORADINI, Odaci Luiz. As missões da cultura e da política: confrontos e reconversões de elites culturais no Rio Grande do Sul (1920-1960). **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 32, p. 125-144, 2003.

CORADINI, Odaci Luiz. Estruturas de dominação, integração social e muito mais: os confrontos entre as noções de capital social de Bourdieu e de Coleman. **BIB, São Paulo**, n. 69, p. 23-41, 2010.

CORADINI, Odacir Luiz. **Em nome de quem?: recursos sociais no recrutamento de elites políticas**. Relume Dumará, 2001.

CORDIN, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello; tradução de João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. **História da virilidade**. Petrópolis, Vozes, 2013.

- COSTA, Deusa. **Quando viver ameaça a ordem urbana: Trabalhadores de Manaus (1890-1915)**. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2014
- COSTA, Hideraldo. **Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia: discurso dos viajantes – século 19**. Manaus, Editora Valer e FAPEAM, 2013.
- CRUZ, Heloísa de Faria. São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana–1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP. **Arquivo do Estado de São Paulo**, 2013.
- CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto história**, v. 35, n.35, p. 253-270, 2007.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. Companhia das Letras, 2001.
- DA SILVA DIAS, Maria Odila Leite; BOSI, Ecléa. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. Brasiliense, 1995.
- DA SILVA, Leonardo Santana. Carlo Ginzburg: o conceito de circularidade cultural e sua aplicação nos estudos sobre a música popular brasileira. **Revista Augustus**, v. 22, n. 43, 2018.
- DA SILVA, Tomaz Tadeu et al. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes**, 2000.
- DA SILVEIRA, Daniel Barile. Entre políticos, bacharéis, coronéis e juizes da República Velha: as práticas jurídicas e a tradição patrimonialista na formação do estado brasileiro. **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v. 2, n. 2, 2015.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, v. 5, 1997.
- DANTAS, Paula. **Desordem em progresso: crime e criminalidade em Manaus (1905-1915)**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, 2014.
- DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Zahar, 1999.
- DAOU, Ana Maria. **A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2014.
- DE ALENCAR, Manoel Carlos Fonseca. Educar e civilizar: um projeto das elites letradas para o Ceará no final do século XIX. **Fóruns Contemporâneos de Ensino de História no Brasil on-line**, 2013.
- DE AZEVEDO, CELIA M. MARINHO. Maçonaria: história e historiografia. **Revista USP**, n. 32, p. 182, 1996.
- DE BORBA BARRETO, Álvaro Augusto. A elite em festa: a comemoração do Carnaval de Pelotas na década de 1910. In **Estudos Ibero-Americanos**, v. 37, n. 2, 2011.
- DE CARVALHO, José Murilo. **A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial**. Editora Record, 2003.
- DE MATOS, Maria Izilda Santos. Por uma história das sensibilidades: em foco a masculinidade. **História: questões & debates**, v. 34, n. 1.
- DE MELO, Victor Andrade de. Educação do corpo-bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 3, p. 751-766.

DE MELO, Victor Andrade. **Causa e consequência**: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v.1.

DE MELO, Victor Andrade. Entre a elite e o povo: o *sport* no Rio de Janeiro do século XIX (1851-1857). **Tempo**, v. 21, n. 37, p. 208-229, 2015.

DE MELO, Victor Andrade. Lazer, esporte e cultura urbana na transição dos séculos XIX e XX: conexões entre Paris e Rio de Janeiro. **Logos**, v. 12, n. 1, p. 75-92, 2005.

DE MELO, Victor Andrade. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Autores Associados, 2018.

DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Editora UFMG, 2004.

DE SÁ, Jorge Franco. **Manaus: higiene, meio ambiente e segurança do trabalho na época áurea da borracha**. EDUA, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.

DE SOUZA NEVES, Margarida. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. **O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente**: da Proclamação da República à Revolução de 1930.

DE SOUZA, Eliza Salgado. SPORT CLUB AMAZONENSE: o divertimento em Manaus, 1897-1902. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 3, p. 5-23, 2017.

DE SOUZA, Eliza Salgado. **Panorama do esporte em Manaus-1897 a 1911**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

DE SOUZA, Juliano; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 16, n. 1.

DE SOUZA, Marcell Nunes. O caipira representado em Jeca Tatu e Zé Brasil. **Revista Primeira Escrita**, v. 7, n. 2, p. 6-15, 2020.

DECCA, Edgar S. de. **Cidadão, mostre-me a identidade**. Campinas, SP: Caderno CEDES, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **História dos homens no Brasil**. 1ª Ed. São Paulo, Editora UNESP, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira: Império-Volume 2**. Leya, 2016.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Teorias do lazer e modernidade: problemas e definições. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 12, n. 3, 2009.

DIAS, Ednéa Mascarenhas. **A ilusão do fausto**: Manaus, 1880-1920. Manaus: Valer, 1999.

DUMA, Jean. Sobre as elites: abordagem historiográfica. **História Unisinos**, v. 7, n. 8, p. 89-103, 2003.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Tradução de Pedro Süsssekind; prefácio Roger Chartier. Rio de Janeiro. Zahar, 2001

- EMMI, Marília Ferreira. **Um século de imigrações na Amazônia Brasileira (1850-1950)**. Belém: NAEA, 2013.
- ESCUADERO, Camila. **Imprensa de Comunidades Imigrantes de São Paulo e identidade: estudo dos jornais ibéricos Mundo Lusíada e Alborada**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista, 2007.
- FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. [Tradução de Fátima Murad]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.
- FELIPE, José Lacerda Alves. Festa e poder político. **Espaço e cultura**, n. 23, 2008.
- FERRARI, Marcela. Prosopografia e história política Algumas aproximações. **Antíteses**, v. 3, n. 5, p. 529-550, 2010.
- FERREIRA, Luiz Felipe. Rio de Janeiro, 1850-1930: A Cidade e seu Carnaval. **Espaço e Cultura**, n. 9-10, 2000.
- FOOT, Francisco. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. Companhia das Letras, 1988.
- FORTES, Alexandre. "Miríades por toda a eternidade": a atualidade de EP Thompson. **Tempo social**, v. 18, n. 1, p. 197-215, 2006.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal. Paz e Terra, 2005.
- FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. Tradução do inglês por Waldemar Valente em convênio com o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. – 4ª Ed. Revisitada. São Paulo: Global, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20ª Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014, p. 19.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro, LTC, 2008.
- GOMES, Luciane Luce. Reflexões sobre os significados de recreação e de lazer no Brasil e emergência de estudos sobre o assunto (1926-1964). **Conexões**, v. 1, n. 2, p. 131-144, 2003.
- GONÇALVES, Lopes. **O Amazonas: esboço histórico, chorográfico e estatístico até o ano de 1903**. Hugo J. Hanf, 1883.
- GRENFELL, Michael. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Editora Vozes, 2018.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa; com prefácio à edição de 1990**. Ed. Unesp, 2014.
- HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Belo Horizonte: Vozes, 2014
- HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. FGV Editora, 2006.

- HEINZ, Flávio. (orgs.) **História social de elites**. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- HEINZ, Flávio. (orgs.) **Poder, instituições e elites: 7 ensaios de comparação e história**. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- HIRST, Monica; SPEKTOR, Matias. **Brasil-Estados Unidos: desencontros e afinidades**. Editora FGV, 2009.
- HOBBSAWM, E. A invenção das tradições. **A invenção das tradições**. Trad. Celina C. Cavalcante. [título original: *The invention of traditions*, 1983.] São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.
- HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1990.
- HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Editora Paz e Terra, 2015.
- IGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. **Pró-posições**, v. 14, n. 2, 2003.
- JÚNIOR, Edivaldo Góis. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 19, n. 1, 2013.
- JÚNIOR, Edivaldo Gois. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 95-117, 2013.
- KLÜGER, Elisa. Espaço social e redes: contribuições metodológicas à sociologia das elites. **Tempo Social**, v. 29, n. 3, 2017.
- KRAAY, Hendrik. A invenção do Sete de Setembro, 1822-1831. **Almanack Braziliense**, n. 11, p. 52-61, 2010.
- LANA, Aquém e além-mar: imigrantes e cidades. **Vária História**, Belo Horizonte, vol.28, n 1º 48, p.871-887: jul./dez.2012.
- LAPA, José Roberto do Amaral. **A cidade: Os cantos e os Antros – Campinas 1850-1900**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- LAVEZZO, Catarina de Queiroz. **As festas do império: a organização da cidade para os dias festivos**. Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, 2003.
- LAZZARI, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)**. Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 2001.
- LEAL, Caroline Pereira. O positivismo e as mulheres no carnaval de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. **Revista Crítica Histórica**, v. 10, n. 19, 2019.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2006.
- LONER, Beatriz Ana; ALMEIDA GILL, Lorena. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 35, n. 1, 2009.
- LONER, Beatriz Ana; **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande**. 2. Ed.– Pelotas: Ed. UFPel, 2016.

- MALDONADO, Fernando Larrea. Classes sociais no papel, classes mobilizadas e lutas pela classificação em pierre bourdieu: uma discussão em diálogo com o fazer-se da classe de Ep. Thompson. **Revista Prelúdios**, v. 4, n. 4, 2015.
- MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. **História da vida privada**, v. 4, p. 238, 2009.
- MATOS, Maria Izilda; SOLLER, Maria Angélica (Orgs.) **A cidade em debate**. São Paulo: Olho d'água, 1999.
- MELLO, Thiago de. **Manaus – amor e memória**. 4ª Ed. Rev. Manaus: Editora Valer, Prefeitura Municipal de Manaus, 2004.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e arquitetura – 1852-1910**. 3ª edição. Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.
- MESQUITA, Otoni. **La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. Fapesp, 2012.
- MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos**. Paco Editorial, 2016.
- NEDELL, Jeffrel. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Cia das letras, 1993.
- NEGREIROS, Plínio Labriola. A cidade excludente e o clube do povo. **Revista de História**, n. 163, p. 207-242, 2010.
- NEGRO, Antônio Luigi. Paternalismo, populismo e história social. **Cadernos AEL**, 2004.
- NOBRE, F. Silva. **1001 cearenses notáveis**. Casa do Ceará Editora, 1996.
- NORONHA, Andrius Estevam. **Análise teórica sobre a categoria “elite política” e seu engajamento nas instituições da comunidade**. 1996.
- NOVAIS, Fernando Antônio. **História da vida privada no Brasil: República, da belle époque à era do rádio**. Companhia das Letras, 1998.
- OLEGÁRIO, Thaís Fleck. Aportes e limites da prosopografia para o estudo de elites regionais. **Revista Outras Fronteiras**, v. 4, n. 2, p. 24-40, 2018.
- PARK, Margareth Brandini. De Jeca Tatu a Zé Brasil: a possível cura da raça brasileira. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 1999.
- PEREIRA, Leonardo Affonso. **O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX**. 2ª ed. ver. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2004.
- PERISSINOTTO, Renato Monseff; CODATO, Adriano Nervo (Ed.). **Como estudar elites**. Editora UFPR, 2015.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. 2º Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
- PERROT, Michelle; BOTTMANN, Denise; JOFFILY, Bernardo. História da vida privada. **Da Revolução Francesa à Primeira**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crime, violência e sociabilidades urbanas. As fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do séc. XIX. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nouveaux mondes mondes nouveaux-Novo Mundo Mundos Novos-New world New worlds**, 2005.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Manaus: EDUA, 2015.

PINHEIRO, Geraldo Sá Peixoto. **Imprensa, Política e Etnicidade**. Portugueses Letrados na Amazônia, 1885-1936. Tese (Doutorado em História). Porto: Universidade do Porto, 2012.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925) – 3ª Ed.** – Manaus: FUA, 2015.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Imigração e Imprensa Espanhola em Manaus, 1901-1921. In: PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto (Org.). **Imprensa e Sociedade na Amazônia (1870-1930)**. Curitiba: Editora CRV, 2017, p. 183-209.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Portugueses e Ingleses no Porto de Manaus, 1880-1920. In: SOUSA, Fernando; MARTINS, Ismênia; MENEZES, Lená de Medeiros, MATOS, Izilda; FERLINI, Vera. SARGES, Nazaré, ARRUDA, Jobson (Orgs.). **Portugal e as Migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Porto (Portugal): CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2015, p. 52-73.

POLAZ, Karen Teresa Marcolino; ALMEIDA, Ana Maria Fonseca de. FRONTEIRAS SOCIAIS E SIMBÓLICAS EM UM CLUBE DE ELITE. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 98, 2018.

PONTES, Karinny Lima. **Dos bailes nos clubes aos blocos de rua: A representação da festa carnavalesca em Manaus (1890-1920)**. Monografia do Curso de História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, AM, 2019.

PRIMO, Bruno e Sébastien Chauvin. “A dimensão simbólica do capital social: os grandes círculos e os Rotary Clubs de Milão”, **sociedades contemporâneas**, vol. 77, 2010, pp. 111-137.

QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. **Estratégias e identidades: relações entre governo estadual, padrões e trabalhadores nas grandes greves da primeira república em Porto Alegre (1917/1919)**. 2012.

QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. Produzindo capital social: elites, sociabilidade e etnicidade em Porto Alegre durante a Primeira República. In: MORGA, Antônio Emílio (Org.). **História, sentimentos, cidades, encontros e desencontros**. Manaus: EDUA, 2016.

QUEIRÓS, César Augustos B. O FAZER-SE DA CLASSE PATRONAL: em Porto Alegre durante as grandes greves da Primeira República. **Revista Cantareira**, n. 18, 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. A ordem carnavalesca. **Tempo social**, v. 6, n. 1-2, p. 27-45, 1994.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. Tradução Emir Sader. São Paulo, Boitempo Editorial, 2015.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. **O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo. 1850/1930**, 2000.

REIS, José Roberto Tozoni. Família, emoção e ideologia. **Psicologia social: o homem em movimento**, v. 8, p. 99-124, 1984.

RÉMOND, René. **O século XIX 1815-1914: introdução à história de nosso tempo**, 2002.

RÉMOND, René. Por que a história política? **Revista Estudos Históricos**, v. 7, n. 13, p. 7-20, 1994.

RÉMOND, René. **Por uma História Política**, 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **Imagens do analfabetismo: a educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos 20**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1995.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. **Sociedade e cultura**, v. 8, n. 1, 2005.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza et al. **A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)**. 2ª Edição. Campinas, São Paulo. Editora Unicamp, 2003.

RODUNZ, Roberto; HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti (Orgs.) **Imigração e Sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil**. Caxias do Sul, RS: Edusc, 2015.

SALANSKIS, Emmanuel. Sobre o eugenismo e sua justificação maquiaveliana em Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, n. 32, p. 167-201, 2013.

SALGADO, Roberta Camila. **Manaus 1965: da floresta e das águas**. Manaus: Governo do Estado/Secretaria de Cultura, 2009.

SAMPAIO, Patrícia Melo (Org.) **Posturas municipais, Amazonas (1838-1967)**. Manaus: EDUA, 2016.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem Tudo Era Italiano: São Paulo e Pobreza (1890-1915)**. São Paulo, Annablume, 1998.

SARMIENTO, Érica. Associativismo espanhol/galego no Rio de Janeiro: Conflitos, visibilidade e lideranças étnicas. In: SOUZA, Fernando et al. (Org.). **Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Porto, Portugal: CEPESSE, 2014, v. 1, p. 560-576.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração: ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHMACHTENBERG, Ricardo. Código de posturas e regulamentos: vigiar, controlar e punir. **Vestígios do passado: a história e suas fontes**, p. 1-13, 2008.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura**, v. 2, n. 3, 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. **Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: UFRJ**, p. 187-205, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930.** São Paulo, Companhia das letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20,** 1992.

SILVA, Antônio Marcos Nascimento. **O nazista está morto: Nietzsche, a política e o Estado sob uma nova perspectiva.** 2021.

SILVA, Marcos Ruiz da. **A elite curitibana se diverte: a recreação nos clubes sociorrecreativos no fim do século XIX.** Maringá, 2017.

SILVA, Silva Eliazar. De esporte das elites ao esporte das massas: a trajetória do futebol no Brasil. **Fronteiras**, v. 14, n. 25, p. 99-110, 2012.

SILVA, Zélia Lopes da. **Os carnavais de rua e dos clubes de São Paulo: metamorfose de uma festa (1923 – 1938).** São Paulo: Editora Unesp; Londrina: Eduel, 2008.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. **Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon *Litterario* e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

SIMMEL, Georg et al. A metrópole e a vida mental In: **O fenômeno urbano.** Tradução de Sérgio Marques dos Reis. VELHO, Otávio Guilherme de (Org.). Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SIQUEIRA, Uassyr. Clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro: organização, lutas e lazer em um bairro paulistano (1915-1924). 2002. 190f. **Mestrado em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.**

SIQUEIRA, Uassyr. Entre sindicatos, clubes e botequins: identidades, associações e lazer dos trabalhadores paulistanos (1890-1920). **Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.**

STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, n. 39, 2011.

TANNO, Janete Leiko. Clubes recreativos em cidades das regiões sudeste e sul: identidade, sociabilidade e lazer (1889-1945). **Patrimônio e Memória**, v. 7, n. 1, 2011.

TEDESCO, João Carlos. Associativismo, familismo e imigração: dinâmicas de reconstrução de italianidade Sul do Brasil. In: RODUNZ, Roberto; HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti (Orgs.) **Imigração e Sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil.** Caxias do Sul, RS: Edusc, 2015.

TELES, Luciano Everton Costa et al. **A vida operária em Manaus: imprensa e mundos do trabalho (1920),** 2015.

TELES, Luciano Everton Costa. João Cursino da Gama: a trajetória de uma liderança operária socialista no Amazonas (1902-1935). **Canoa do Tempo**, v. 9, n. 1, p. 138-154, 2017.

THOMPSON, Edward Palmer; EICHEMBERG, Rosaura. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UGART, Auxiliomar Silva (org.). **Trajetórias políticas na Amazônia Republicana.** – Organizado por Auxiliomar Silva Ugarte; César Augusto Bulbolz Queirós. Manaus, Editora Valer, 2019.

VALLE, Rodolpho. **Centenários Maçônicos.** Manaus, Editora Sérgio Cardoso, 1972.

VERÇOSA, Mário. **Registros Maçônicos.** Manaus, Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1895

VILLANOVA, Simone. **Sociabilidade e cultura:** a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus (1859-1900). Manaus: EDUA, 2015.

WACQUANT, Loïc. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos estudos CEBRAP**, n. 96, 2013.

WEBER, Max. **Sociologia.** Organizador: Gabriel Cohn, Editora Ática, 1997.

WEGNER, Robert. Renato Kehl, a eugenia alemã e a doença de Nietzsche. **XXVI Simpósio Nacional de História-Anais Eletrônicos, São Paulo.**

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, nº 4, São Paulo, EDUC, 1985.

FONTES

Álbuns⁵⁵⁹:

Álbum Comercial de Manaus (1896).

Álbum da cidade de Manaus (1898 – 1948).

Álbum Manaus na administração do Dr. Jorge de Moraes (1911-1913).

Manaus: memória fotográfica.

Documentos oficiais⁵⁶⁰:

Almanaque Administrativo, Histórico, Estatístico e Mercantil da Província do Amazonas (1884).

Almanaque administrativo, Histórico, Estatístico, Comercial e Literário do Amazonas (1896).

Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial – Rio de Janeiro – (1931).

Almanaque do Palais Royal (1906 – 1909).

Anuário de Manaus (1913 – 1914).

Boletim Oficial da Província do Amazonas.

Código de Posturas Municipais⁵⁶¹.

Coleção de Leis da Província do Amazonas.

Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.

Relatórios e Mensagens do Governador do Amazonas (1929).

Relatórios e Mensagens dos Presidentes dos Estados Brasileiros.

Estatutos e Relatórios⁵⁶²:

Deutscher Kegelklub (1904).

Ideal Club (1915).

Liga Amazonense de Desportos Atlético (1914 e 1917).

Nacional Foot-ball Club (1913).

Relatório da Sociedade Nº 10 da Confederação do Tiro Brasileiro (1913).

Rio Negro Club (1913).

Sociedade Club Familiar (1872).

Sociedade da Cruz Vermelha Italiana (1917).

Sociedade Italiana de Socorros Mútuos (1900).

Sport Club Amazonense (1897).

Estatuto da Sociedade Cosmopolita de Benefícios Mútuos Previdente Amazonense (1913).

⁵⁵⁹ Disponibilizados no Centro do Povos da Amazônia.

⁵⁶⁰ Disponibilizados no acervo online da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas ou Centro de Documentação e Memória da Amazônia (CDMAM) em <https://issuu.com/bibliovirtualec>.

⁵⁶¹ SAMPAIO, Patrícia Melo. **Posturas municipais**, Amazonas (1838-1967). Manaus: EDUA, 2016.

⁵⁶² Consultados no Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas ou no Diário Oficial.

Periódicos e Revistas⁵⁶³:

A Capital (1917 e 1918).
 A Federação (1895-1900)
 Abolicionista do Amazonas (1884).
 Comércio do Amazonas.
 Correio do Norte (1906-1912).
 Correio Sportivo (1910, 1911, 1916).
 Derby Club (1910, 1911).
 Diário de Manaus (1890-1894).
 Diário Oficial (1893-1900).
 Estrella do Amazonas.
 Jornal Amazonas.
 Jornal de Recife (1890).
 Jornal do Comércio (1904-1920, 1946, 1971).
 Jornal Ideal Clube (1904).
 Jornal Sportivo (1914).
 O Acadêmico (1927).
 O Bond: hebdomadario humoristico, critico e chistoso (1906).
 O Sport (1909 – 1911).
 Polyanthéa (1916).
 Quo Vadis (1902-1904).
 Revista Cá e Lá (1914, 1917).
 Revista da Academia Amazonense de Letras. Ano 92.
 Revista do Amazonas (1876).
 Revista do Ideal (1958).
 Revista O Malho (1912, 1913).

Obras⁵⁶⁴:

BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o Ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979.
 BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro, Conquista, 1973.
 ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003**: Um século de aristocratismo. Manaus: Imprensa Oficial, 2003.

Verbetes:

DE ABREU, Alzira Alves. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Editora FGV, 2015.

⁵⁶³ Disponibilizados e consultados no acervo online ou físico da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, Centro do Povos da Amazônia, Hemeroteca Nacional Digital, Biblioteca Pública do Estado do Amazonas ou Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas.

⁵⁶⁴ Acervo pessoal.

APÊNDICE I – SOCIEDADES, ASSOCIAÇÕES E CLUBES EM MANAUS (1854-1920)⁵⁶⁵

| | Anos | Sociedades e Clubes | Sedes ou Endereços para encontro |
|-----|-------------|---|---|
| 1. | 1854 | Sociedade Recreação Amazoniense | Rua Formosa |
| 2. | 1861 | Sociedade Ipyranga | Não encontrado |
| 3. | 1868 | Recreação Marítima | Não encontrado |
| 4. | 1868 | Sociedade Dramática Particular | Rua Saldanha Marinho |
| 5. | 1872 | Club Familiar | Rua São Vicente |
| 6. | 1881 | Club Patriótico 15 de agosto | Praça Tenreiro Aranha |
| 7. | 1882 | Club Amazonense | Rua Igarapé de Manaus |
| 8. | 1883 | Club Recreativo Juvenil | Rua Municipal |
| 9. | 1884 | Club Juventude Amazonense | Rua dos Andradas |
| 10. | 1885 | Club Amazonia | Rua José Paranaguá, n. 30 |
| 11. | 1886 | Club dos Barés | Não encontrado |
| 12. | 1890 | Club Limitado | Rua Henrique Martins |
| 13. | 1890 | Club Ebat | Não encontrado |
| 14. | 1890 | Club Athenas | Rua do Espírito Santo |
| 15. | 1890 | Club Thesoura | *Beco das três cacetadas |
| 16. | 1892 | Club Carnavalesco High-life Club | Rua Barroso |
| 17. | 1892 | Club União Typografico | Não encontrado |
| 18. | 1892 | Club 5 de Setembro | Dr. Moreira, 13 |
| 19. | 1893 | Club Carnavalesco Polyanthéa | Praça São Sebastião |
| 20. | 1893 | Club Sempre-Viva | Rua 21 de Novembro, n. 74 |
| 21. | 1893 | Reform Club | Av. do Palácio |
| 22. | 1894 | Club Internacional | Rua Municipal |
| 23. | 1894 | Atheneu Comercial | Rua do Espírito Santo |
| 24. | 1895 | Club dos Abbades | Não encontrado |
| 25. | 1897 | Club Pic-Nic | Não encontrado |
| 26. | 1897 | Velo Club | Praça do Campo Pequeno |
| 27. | 1897 | Club 28 de Julho | Rua 07 de Setembro |
| 28. | 1897 | Associação Dramática recreativa e Beneficente | Não encontrado |
| 29. | 1898 | Club Amazonas | Rua da Instalação |
| 30. | 1898 | Sport Club | Rua Municipal |
| 31. | 1898 | Grupo Cyclista Amazonense | Praça General Osório |
| 32. | 1898 | Sociedade recreativa New Club | Rua Epaminondas, N° 17 |
| 33. | 1899 | Grêmio Recreativo Familiar | Bairro da Favela |
| 34. | 1899 | Club dos Vinte | Rua José Paranaguá |
| 35. | 1900 | Club Recreativo da Mocidade | Rua dos Andradas |
| 36. | 1900 | Grêmio Dramático Taborda | Não encontrado |
| 37. | 1900 | Club dos Turunas | Avenida General Gyicerio, N° 07 |

⁵⁶⁵ A catalogação foi realizada nos jornais: Estrela do Amazonas, Jornal do Rio Negro, Jornal do Amazonas, Estado do Amazonas, Diário Oficial, O Imparcial, Correio do Norte, Comércio do Amazonas, A Federação, O monitor, Quo Vadis?, Correio Esportivo, Jornal do Comércio, O Bond e A Capital. Salientamos que esse é apenas um demonstrativo dos segmentos carnavalescos, esportivos e recreativos que certamente devem ser estudados e melhor explorados nas pesquisas sobre as fundações, funções e organizações sociais dessas entidades em Manaus.

| | | | |
|-----|------|---|---|
| 38. | 1900 | Turf Club | Não encontrado |
| 39. | 1900 | Club do Passo Branco | Não encontrado |
| 40. | 1901 | Club dos Bohemios | Av. Eduardo Ribeiro |
| 41. | 1903 | Ideal Club | Rua Dr. Moreira, nº 10; Av. Eduardo Ribeiro. |
| 42. | 1903 | Clube Carnavalesco - Club dos Janotas | Não encontrado |
| 43. | 1903 | Centro Carnavalesco – Centro Familiar | Rua Izabel, Nº 20 |
| 44. | 1903 | Club Riche | Av. Eduardo Ribeiro, n.9 |
| 45. | 1903 | Club Cacau | Rua Quintino Bocaiuva, n.59 |
| 46. | 1903 | Club dos Chinezes | Praça da Constituição |
| 47. | 1903 | Club Democrata | Av. Eduardo Ribeiro |
| 48. | 1903 | Club da “Última hora” | Rua Sete de Dezembro |
| 49. | 1903 | Club União da Mocidade | Não encontrado |
| 50. | 1903 | Club Athletico | Rua Henrique Martins |
| 51. | 1904 | Sociedade Carnavalesca dos Catraieiros | Casa n.24, Rua Marcílio Dias |
| 52. | 1904 | Club Internacional | Rua Henrique Martins (n.23) com a Av. Eduardo Ribeiro |
| 53. | 1904 | Sport Club do Pará | Travessa Dom Bosco, nº 13 |
| 54. | 1904 | Club/Café dos Terríveis | Rua Epaminondas, Nº 86 |
| 55. | 1904 | Lawn Tennis Club | Bosque Municipal |
| 56. | 1904 | Tennis Club | Av. Floriano Peixoto |
| 57. | 1904 | Cricket Club | Bosque Municipal |
| 58. | 1904 | Deutscher Kegelklub | Não encontrado |
| 59. | 1906 | City Club | Rua Epaminondas |
| 60. | 1906 | Club P. G | Não encontrado |
| 61. | 1906 | Racing Club Amazonense | Rua Saldanha Marinho, n. 62 |
| 62. | 1908 | Manaós Sport Club | Rua dos Barés |
| 63. | 1908 | Terpsychore club | Rua Municipal |
| 64. | 1907 | Brasil F. B. Club | Praça Floriano Peixoto |
| 65. | 1907 | Club da Amazonia | Rua José Paranaguá |
| 66. | 1907 | Pará Club | Não encontrado |
| 67. | 1907 | Club recreio do norte | Rua Luiz Antony, n.18 |
| 68. | 1909 | White Club | Praça General Osório |
| 69. | 1909 | Sociedade Tiro Brasileiro do Amazonas | Rua Guilherme Moreira |
| 70. | 1909 | Sociedade de Tiro N.10/Reorganização do Batalhão de Caçadores | Bosque Municipal |
| 71. | 1909 | Grêmio Familiar Amazonense | Não encontrado |
| 72. | 1909 | Velo Club Amazonense | Não encontrado |
| 73. | 1909 | Manaós Athletic Club | Bosque Municipal |
| 74. | 1909 | Guarany Club | Floriano Peixoto |
| 75. | 1909 | Derby Club | Prado Amazonense (R. Belém, 309 - Praça 14 de Janeiro) |
| 76. | 1909 | Grêmio Literário e Esportivo | Não encontrado |
| 77. | 1910 | Amerika F.B. Club | Não encontrado |
| 78. | 1910 | Ensaio Litero-Dramático José de Alencar | Rua Saldanha Marinho, n.107 |
| 79. | 1910 | Club de Regatas Amazonense | Não encontrado |
| 80. | 1910 | Resbem Club | Bourlevard Amazonas |
| 81. | 1910 | Ideal Foot-bool Club | Bourlevard Amazonas |
| 82. | 1910 | Republica Foot-ball Club | Rua Ferreira Penna |
| 83. | 1910 | Os fenianos | Rua Marcílio Dias, n.48 |

| | | | |
|------|------|---------------------------------------|--|
| 84. | 1911 | Club dos Políticos | Não encontrado |
| 85. | 1911 | Grêmio Paraense | Não encontrado |
| 86. | 1911 | Club Mão Negra | Av. Joaquim Nabuco, nº927 |
| 87. | 1911 | Club Tiro aos Pombos | Associação dos Empregados do Comércio |
| 88. | 1912 | Euterpe Club | Praça 14 de Janeiro |
| 89. | 1912 | Tiro Naval Sportivo | Bosque Municipal |
| 90. | 1912 | Club Pi-Pó | Rua Monsenhor Coutinho, n.94 |
| 91. | 1912 | Post Office Club | Não encontrado |
| 92. | 1912 | Grêmio Recreativo Luzo Brasileiro | Não encontrado |
| 93. | 1912 | Hipódromo amazonense | Não encontrado |
| 94. | 1912 | Club dos Democráticos | Não encontrado |
| 95. | 1913 | Rio Negro Club | Não encontrado |
| 96. | 1913 | Clube dos Nippões | Não encontrado |
| 97. | 1913 | Radiante Club | Rua Barroso, n. 11 |
| 98. | 1913 | Clubs Patek - Felipe | Rua Marechal Deodoro, n.13 |
| 99. | 1913 | Clube Familiar 28 de julho | Palacete de S. José de Ribamar (bairro do Giral) |
| 100. | 1913 | Sociedade Esportiva Riachuelo | Não encontrado |
| 101. | 1913 | Clube Iracema | Não encontrado |
| 102. | 1913 | Clube dos Diários | Não encontrado |
| 103. | 1913 | Clube Chile | Rua Marechal Deodoro, n.9 |
| 104. | 1913 | Amazon FootBall Clube | Bosque Municipal |
| 105. | 1913 | Satélite Sporting Club | Praça Floriano Peixoto |
| 106. | 1913 | Aquidaban Foot-ball Club | Praça Floriano Peixoto/ Rua Barcelos |
| 107. | 1913 | Club Vasco da Gama | Eduardo Ribeiro, n.3 |
| 108. | 1913 | Manãos Sporting Club | Av. Joaquim Nabuco, n.63 Av. Treze de Maio, n. 26 |
| 109. | 1914 | Naval football Clube | Bosque Municipal |
| 110. | 1914 | Globetrotter Clube | Rua Marechal Deodoro |
| 111. | 1914 | Club familiar Oriental | Rua Cearense, n. 26 |
| 112. | 1914 | Excelsion clube | Pensão Floreux |
| 113. | 1914 | Club The Harmonies | Não encontrado |
| 114. | 1914 | Club familiar amazonense | Rua Quintino Bocaiúva, n.85. |
| 115. | 1914 | Club Manaus Recreativo | Praça Floriano Peixoto |
| 116. | 1914 | Mercúrio football club | Vila Municipal |
| 117. | 1914 | Rio Negro foot ball club | Bosque Municipal |
| 118. | 1914 | Ginásio Foot ball club | Praça Floriano Peixoto |
| 119. | 1914 | Team Amazonense | Praça Floriano Peixoto |
| 120. | 1914 | Club dos Pilotos | Federação Marítima |
| 121. | 1914 | Athlético Rio Negro Club | Rua Henrique Martins, n.149 |
| 122. | 1914 | Ipiranga Sporting Club | Dr. Moreira, n.22 |
| 123. | 1914 | Amazonas Foot ball club | Bosque Municipal |
| 124. | 1914 | Luzo Foot ball Club | Rua Leonardo Malcher, Nº 158 |
| 125. | 1914 | Aduaneiro Sport Club | Bosque Municipal |
| 126. | 1914 | Lusitano Sporting Operário | Bosque Municipal |
| 127. | 1914 | Liga amazonense de Sports Athléticos. | Não encontrado |
| 128. | 1915 | Nacional Football Clube | Rua dos Andradas, n.12/ Joaquim Nabuco, 115 |
| 129. | 1915 | Clube das Violetas | Rua Dez de Julho, n 95 |
| 130. | 1915 | Vila Municipal Football club | Praça Floriano Peixoto |
| 131. | 1915 | Tiradentes Atlético Clube | Av. Joaquim Nabuco, n.25 |

| | | | |
|------|------|--|--|
| 132. | 1915 | Club Onze Português | Rua Lima Bacury, n.10 |
| 133. | 1915 | Sportivo União Bloco | Residência de Francisco Público Bittencourt - Rua Dr. Moreira, n. 26. |
| 134. | 1915 | Liberal Sporting Club | Rua Marcílio Dias, n. 63 |
| 135. | 1915 | Bemfica Football club | Bosque Municipal |
| 136. | 1915 | Universitário Foot ball club | Bosque Municipal |
| 137. | 1915 | Club Myosottys | Rua Luiz Antony, n. 111 |
| 138. | 1915 | Estrella Club | Benjamin Constant, n.3 |
| 139. | 1915 | Club Dançante Risophilo | Rua 5 de setembro / Bairro São Raimundo |
| 140. | 1915 | Solimões football club | Bosque Municipal |
| 141. | 1915 | Manauense football club | Bairro do Educandos/ Praça Floriano Peixoto |
| 142. | 1915 | Club dos carecas | Praça do Comércio |
| 143. | 1915 | Grupo/ Legião amazonense dos escoteiros | Praça do Comércio |
| 144. | 1916 | Bloco Esportivo | Bosque Municipal |
| 145. | 1916 | Aliança foot ball Club | Av. Joaquim Nabuco, 94. |
| 146. | 1916 | Club Amazonense do Remo | Sede do Tiro Naval |
| 147. | 1916 | América Football club | Av. Joaquim Nabuco, 94. |
| 148. | 1916 | Botafogo S. Club | Praça Floriano Peixoto |
| 149. | 1916 | Sporting Club Monte-Cristo | Praça dos Remédios, n.4 |
| 150. | 1917 | União Sportiva Portuguesa | Campo da Vila Municipal |
| 151. | 1917 | Grupo dos trabuqueiros | Bosque Municipal |
| 152. | 1917 | Raimundo Sport Club | Bosque Municipal |
| 153. | 1917 | Cruz Vermelha Sporting Club | Sede da Cruz Vermelha Italiana |
| 154. | 1917 | Club da Independência / Club do Serrote | Bosque Municipal |
| 155. | 1917 | É Taco | Rua São Vicente, n.4 |
| 156. | 1918 | Mundo Sporting club | Não encontrado |
| 157. | 1918 | Amazonas Sport Club | Não encontrado |
| 158. | 1918 | Federação Amazonense de Desportos Atléticos | Não encontrado |
| 159. | 1918 | Juvenil foot ball Club | Grupo escolar Frei Miguelinho |
| 160. | 1918 | Pathé Club | Não encontrado |
| 161. | 1918 | Club das águias | Rua José Paranaguá, n.62 |
| 162. | 1918 | Foot ball club Força Policial | Não encontrado |
| 163. | 1918 | Colonial Foot Ball Club | Não encontrado |
| 164. | 1918 | Club Dominó Azul | Não encontrado |
| 165. | 1918 | Cabotagem Club | Parque Amazonense |
| 166. | 1918 | Manaós Harbour | Parque Amazonense |
| 167. | 1918 | Paysandu Sporting Club | Não encontrado |
| 168. | 1918 | Club Sportivo Italiano | Rua Marcílio Dias, n. 18 |
| 169. | 1918 | Tamandaré foot ball club | Não encontrado |
| 170. | 1918 | São Raimundo Sport Club | Não encontrado |
| 171. | 1918 | Union Sportiva Espanhola | Não encontrado |
| 172. | 1918 | Tacuruba Foot ball Club | Av. Treze de Maio. |
| 173. | 1918 | Riachuelo Football Club | Av. Tarumã |
| 174. | 1918 | Vila Izabel Football Club | Parque Amazonense |
| 175. | 1918 | Piauny Sport Club | Parque Amazonense |
| 176. | 1919 | Liga foot ball Club | Parque Amazonense |
| 177. | 1919 | Lutador Football Club | Praça da República |
| 178. | 1919 | Bangu Sporting Club | Bairro São Raimundo |
| 179. | 1919 | Orion Sporting Club | Não encontrado |
| 180. | 1919 | Primavera Sport Club | Parque Amazonense |
| 181. | 1919 | Grêmio Rui Barbosa | Não encontrado |

| | | | |
|------|------|---------------------------------|------------------------|
| 182. | 1919 | Club Recreativo Português | Não encontrado |
| 183. | 1919 | Primeiro de Maio football Club | Bosque Municipal |
| 184. | 1919 | Elegante foot ball Club | Bairro São Raimundo |
| 185. | 1919 | Bragança Sporting Club | Praça Floriano Peixoto |
| 186. | 1919 | Paulista Football Club | Praça Floriano Peixoto |
| 187. | 1920 | Bateria Sport Club | Parque Amazonense |
| 188. | 1920 | Militar Sport Club | Parque Amazonense |
| 189. | 1920 | Sparta football club | Palácio Amazonas |
| 190. | 1920 | Eden Club | Não encontrado |
| 191. | 1920 | Sport Club Portugal | Parque Amazonense |
| 192. | 1920 | Trinta e um Sport Club | Parque Amazonense |
| 193. | 1920 | Leixões Sport Club | Parque Amazonense |
| 194. | 1920 | Associação Athletica Desportiva | Parque Amazonense |
| 195. | 1920 | Palais Royal football Club | Parque Amazonense |
| 196. | 1920 | Euterpe football club | Não encontrado |
| 197. | 1920 | Rio Branco | Rua Barroso |
| 198. | 1920 | Travadinha | Parque 5 de outubro |
| 199. | 1920 | Bombarda Football Club | Parque 5 de outubro |
| 200. | 1920 | Tennis-court | Não encontrado |

APÊNDICE II – DADOS DOS DIRETORES DO IDEAL CLUBE (1904 – 1920)*

| Cargos no Ideal Clube | Anos nos postos da diretoria | Nomes | Profissão | Atividade Política ou Gestor Público | Idade ⁵⁶⁶ Nascimento e/ou Falecimento | Naturalidade | Diretorias, redes e vínculos | |
|----------------------------------|------------------------------|---------------------------------|--|---|---|---------------------|--|--|
| Presidente Assembleia Geral | 1904-1905 1909 | Raimundo da Silva Perdigão | Bacharel em Direito | Desembargador | 38 anos *14/10/1866 | São Luis / Maranhão | Sócio da Santa Casa de Misericórdia (1892) | |
| | | | | Diretor Tribunal de Justiça do Amazonas (1904, 1913) | | | Membro da Maçonaria. | |
| | | | | | | | Sócio fundador do <i>Terpsychore club</i> (1908) | |
| Presidente Assembleia Geral | 1906-1908 | Joaquim Nunes de Lima | Coronel | Senador (1912) | - | Fortaleza/ Ceará | Vice da Associação Comercial do Amazonas (1903) | |
| Vice-Presidente Assembleia Geral | 1904-1905 | | Comerciante da firma “Lima, Gomes e Companhia” | | | | | Sócio Fundador do <i>Club Internacional</i> (1904) |
| | | | | | | | | Presidente da Associação Comercial do Amazonas (1905-1908) |
| | | | | | | | Associação dos Empregados no Comércio (1906) | |
| Presidente da Assembleia Geral | 1910-1911 1915-1916 | Gaspar Antônio Vieira Guimarães | Bacharel em Direito | Promotor de Justiça do 2º Distrito da Capital (1893-1907) | 36 anos * 20/09/1874 † 23/06/1938 | Recife/ Pernambuco | Fundador da Escola Universitária Livre de Manaus (1909) | |
| | | | | | | | Sócio da Sociedade Brasileira de Tiro Nº10 (1910) | |
| | | | | | | | Sócio do Centro Pernambucano (1911) | |
| | | | | | | | Presidente do Derby <i>Club</i> (1911) | |
| | | | | | | | Sócio Fundador da Sociedade Amazonense de Homens de Letras (1918) | |
| | | | | | | | Patrono da Academia Amazonense de Letras (1920) | |
| | | | | | | | Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente Estadual do Amazonas (1917-1923) | |
| | | | | | | | Sócio da Sociedade Acadêmica de História Internacional de Paris (1918) | |

* Quadro organizado pela autora com base nos dados coletados nas obras: ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube** de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo. Manaus: Imprensa Oficial, 2003; BRAGA, Genesino. **Assim nasceu o ideal**. Manaus, Imprensa Oficial, 1979, p.22 e 23, no que se refere aos nomes dos diretores da associação. Mediante a organização dos cargos ocupados, fizemos o levantamento de suas trajetórias nos jornais Correio do Norte, Jornal do Comércio, *Quo Vadis*, Diário Oficial e outros jornais nacionais consultados na Hemeroteca Nacional Digital.

⁵⁶⁶ Idade referente a quando assumiram seus postos na diretoria no Ideal Clube.

| | | | | | | | |
|---------------------------------------|------|-------------------------------|---------------------|--|------------------------|-----------------------|---|
| | | | | Juiz de Direito da comarca de Rio Branco (1898) | | | |
| | | | | Juiz de Direito em Coari (1900) | | | |
| | | | | Senador Estadual ao Congresso dos Representantes do Estado (1900-1903) | | | |
| | | | | Juiz de Direito do 1º, 2º e 3º Distrito da Capital (1903, 1905, 1907) | | | |
| | | | | Prefeito de Segurança (1907) | | | |
| | | | | Desembargador do Tribunal de Justiça do Amazonas (1921-1935) | | | |
| | | | | Vice-Presidente no Tribunal de Justiça (1931-1932) | | | |
| | | | | Presidente do Superior Tribunal de Justiça do Amazonas (1933) | | | |
| Presidente da Assembleia Geral | 1912 | Manoel Agapito Pereira | Bacharel em Direito | Desembargador | 48 anos *24/03/1864 | Recife/ Pernambuco | - |
| | | | | Promotor em Taquaritinga (1885) | | | |
| | | | | Juiz Municipal de Manicoré e Borba (1889) | | | |
| | | | | Deputado Estadual (1912) | | | |
| | | | | Deputado Federal (1915) | | | |

| | | | | | | | | |
|--|--------------------------------|--|---------------------------------|---|--|-------------------------|---|---|
| Presidente da Assembleia Geral | 1913-1914 1917-1919 1920 | Franklin Washington de Sá e Almeida | Bacharel em Direito | Desembargador | - | - | - | |
| Presidente da Diretoria | 1915-1916 | | | | | | | |
| Presidente da Diretoria | 1911-1912 1917-1920 | Augusto César Fernandes | Coronel | Presidente da Junta Comercial (1914,1915,1918, 1921) | - | - | Sócio da Sociedade Brasileira de Tiro Nº10 (1910) Diretor da Associação Comercial (1910-1926); 2º Vice-Presidente da ACA (1928); Presidente da ACA (1916, 1932, 1936, 1937) Diretor da Companhia de seguros marítimos e terrestres <i>Lloud amazonense</i> (1911-1914) Tesoureiro da Cruz Vermelha Italiana (1918) Mordomo da Santa Casa de Misericórdia (1921) Conselho de Honra do <i>Atlético Rio Negro Club</i> (1921) Vice-Presidente Rio Negro Club (1925-1927); Presidente do Rio Negro Club (1928) *Vereador de Manaus (1935) com 2804 votos | |
| Vice-Presidente da Diretoria | 1915-1916 | | Comerciante de Junta | *Vereador (1935) | | | | |
| Presidente da Diretoria | 1904-1907 1910 | | Raimundo Alves Tribuzzi | Guarda-Livros (Contador) da firma Miranda Correia e Comp ^a . | - | * 07/11 † 24/03/1918 | São Luis / Maranhão | Conselheiro Fiscal da Sociedade Socorros Mútuos dos Marítimos (1890) Sócio fundador dos Empregados do Comércio (1906) |
| 1º Secretário da Diretoria | 1915-1916 | | | | | | | |
| Presidente da Diretoria | 1914 | | Manoel Dias Oliveira | Comerciante | Corretor Geral da Junta Comercial | *10/03 † 09/08/1940 | Fortaleza/ Ceará | Diretoria do <i>Sport Club</i> (1898) Sócio fundador do <i>Club Mão Negra</i> (1911) Diretor da Associação Comercial do Amazonas (1918) Sócio do <i>Rio Negro Club</i> . |
| Vice-Presidente da Diretoria | 1904-1905 | | Cosme Alves Ferreira | Coronel Comerciante de borracha. | Vereador em Maranguape (1888) | - | Maranguape/ Ceará | Fundador e sócio da Associação Comercial. |
| Vice-Presidente da Assembleia Geral | 1906-1907 | | Antônio Emygdio Pinheiro | Coronel | Superintendente do Batalhão Militar do Estado (1909) | *14/06 | Ceará | Sócio do <i>Terpsychore Club</i> (1908) Sócio da Sociedade Brasileira de Tiro no Amazonas Nº 10 (1908) e Presidente do Conselho Fiscal (1909) |
| Vice-Presidente da Diretoria | 1906-1907 | Domingos Alves Pereira de Queiróz | Coronel | Suplente do juiz municipal da comarca de Itacoatiara (1876) | - | São Luis / Maranhão | Sócio da Sociedade Brasileira de Tiro no Amazonas Nº 10 (1908) | |
| | | | Proprietário da Livraria | Deputado Federal (1915) | | | Sócio da Sociedade Cosmopolita de B. M. Previdente | |

| | | | | | | | |
|--|-----------|--------------------------------------|--|---|--------------------------|---------------------|---|
| | | | Universitária | | | | Amazonense (1911) |
| | | | | | | | Sócio do Centro Pernambucano (1911) |
| | | | Bacharel em Direito | Secretário da Prefeitura (1928) | | | Sócio da Casa de Misericórdia (1915) |
| Vice-Presidente da Assembleia Geral | 1909 | Prudêncio Bogéa de Sá | Capitão da Guarda Nacional | Presidente da Junta Comercial (1913) | *25/10 † 1933 | - | Membro e diretor da Associação Comercial (1909); Secretário da ACA (1911) |
| 2º Secretário da Diretoria | 1906-1907 | | Comerciante da firma J.G da Costa & Cª | Intendente Municipal em Porto Velho (1919-1920) | | | Sócio da Sociedade Mutua de Pecúlio e Garantia do Capital (1910) |
| Tesoureiro | 1912 | | | | | | Fundador e Presidente do <i>Club Internacional</i> em Porto Velho (1927) |
| Vice-Presidente da Diretoria | 1909 | Carlos Augusto Montenegro | Comerciante da firma Carlos Montenegro & Cª. | - | - | - | Sócio do <i>Terpsychore club</i> (1908) |
| Vice-Presidente da Diretoria | 1917 | Epaminondas de Albuquerque | Bacharel em Direito | Promotor Público | - | Recife / Pernambuco | - |
| Vice-Presidente da Diretoria | 1918 | José Lourenço Barroco | Comerciante da firma Adrião, Barroco & Cª. | - | *14/02 † 07/ 02/ 1937 | - | - |
| Tesoureiro da Diretoria | 1917 | | | | | | |
| Vice-Presidente da Diretoria | 1919 | Albertino Dias de Souza | Professor | Condutor das obras públicas (1904) | - | - | Sócio da Sociedade do Tiro Brasileiro (1908) |
| 2º Secretário da Diretoria | 1917 | | | Suplente do Tribunal do Juri (1909) | | | |
| Tesoureiro | 1918 | | | | | | |
| Vice-Presidente da Diretoria | 1920 | Raimundo B. de Britto Pereira | - | - | - | Caxias / Maranhão | Sócio da Sociedade de Tiro Nº10 (1908) |
| 1º Secretário da Assembleia | 1905-1906 | | | | | | |

| | | | | | | | |
|--|-----------|---|---|---|------------------------|------------------------------|--|
| Geral | | | | | | | |
| Conselho Fiscal | 1907 | | | | | | |
| 1º Secretário da Assembleia Geral | 1904 | Adriano Augusto de Araújo Jorge | Médico | Deputado Estadual (1910) | 25 anos *20/08/1879 | Maceió / Alagoas | Sócio do <i>Terpsychore club</i> (1908) |
| | | | | Vereador (1947) | | | Fundador e Presidente da Academia Amazonense de Letras (1918); |
| Orador | 1905-1909 | | | | | | Membro da Sociedade Mutua de Pecúlio e Garantia do Capital (1910) |
| 1º Secretário da Diretoria | 1904-1907 | Francisco d'Assis de Souza Guimarães | Gerente da Empresa telefônica de Manaus | - | - | São Luis / Maranhão | Presidente do <i>Racing Club</i> (1910-1911) |
| | | | | | | | Secretário da Associação dos Empregados do Comércio (1912) |
| | | | | | | | Vice-Secretário dos Empregados do Comércio (1914) |
| | | | | | | | Presidência do <i>Rio Negro Club</i> (1918;1921) |
| | | | | | | | Sócio fundador do Grêmio Maranhense (1928) |
| | | | | | | | Sócio do <i>Manãos Sport</i> |
| 1º Secretário da Assembleia Geral | 1907 | Achilles Beviláqua | Bacharel em Direito | Suplente do 1º Distrito de Polícia (1910) | - | Recife / Pernambuco | Sócio diretor do Instituto dos advogados do Amazonas (1906) |
| | | | | Juiz de Direito da Fazenda (1911) | | | Sócio da Sociedade de Tiro n.10 (1908) |
| | | | | | | | Fundador da Escola Prática de instrução militar no Amazonas (1909) |
| | | | | | | | Filiado ao Partido Republicano Amazonense (1918) |
| 1º Secretário da Assembleia Geral | 1909 | Godofredo de Castro | Bacharel em Direito | Fiscal Municipal do 3º Distrito (1904) | † 13/05/1927 | Fortaleza / Ceará | Secretário da Loja Maçônica Manãos Benemerita Esperança e Porvir (1909-1918) |
| 2º Secretário da Assembleia Geral | 1916 | | | Amanuense da Secretaria da Intendência Municipal (1909) | | | |
| 2º Secretário da Assembleia Geral | 1919 | | | | | | |
| Conselheiro Fiscal | 1920 | | | Deputado Estadual em Fortaleza (CE) – 1921 a 1927 | | | |
| 1º Secretário da Diretoria | 1909 | Rodolpho Vasconcellos | Coronel | - | *16/04 | Santo Eduardo Rio de Janeiro | Sócio fundador da Sociedade Cosmopolita de Beneficiários Mútuos Previdente Amazonense. |
| | | | Comerciante | | | | Sócio do Tiro Brasileiro no Amazonas Nº 10 (1908) |

| | | | | | | | |
|--|-----------|--------------------------------|--|---|--|---------------------|--|
| 1º Secretário da Assembleia Geral | 1911 | Raimundo Thomé Bezerra | - | - | - | - | - |
| 1º Secretário da Assembleia Geral | 1912 | Raimundo R. das Neves | - | - | - | - | Secretário da Associação Comercial do Amazonas (1913) |
| 1º Secretário da Diretoria | 1912 | Oscar Braun | Embargante | - | - | - | Sócio do <i>Manaos-Sport</i> (1907) |
| | | | Comerciante e Proprietário da Silva & C ^a . | | | | Sócio do <i>Tepsychore Club</i> (1908) |
| | | | Sócio do Tiro Brasileiro no Amazonas (1908) | | | | |
| | | | Sócio da Sociedade de Tiro Nº10 | | | | |
| Sócio fundador da Associação dos Empregados no Comércio do Amazonas (1910) | | | | | | | |
| 1º Secretário da Assembleia Geral | 1914 | J. J. R. Martins | - | - | - | - | - |
| Presidente do Conselho Fiscal | 1915-1919 | | | | | | |
| 1º Secretário da Assembleia Geral | 1915-1917 | Júlio de Cesari Roberti | Comerciante de ourivesaria, relojoaria e ótica | Vice-Consul da Itália no Amazonas | 37 anos *29/05/1878 † 14/09/1964 | Itália | Conselheiro da Sociedade Italiana de Socorro Mútuos (1900) |
| Presidente da Associação Comercial dos Retalhistas (1913) | | | | | | | |
| Membro da Maçonaria Amazonense. | | | | | | | |
| Delegado da Cruz Vermelha Italiana (1918) | | | | | | | |
| 1º Secretário da Diretoria | 1917-1918 | Raimundo Gama e Silva | Bacharel em Direito | - | - | - | Secretário da Loja Maçônica Aurora Lusitana (1909-1910) |
| 1º Secretário da Assembleia Geral | 1918-1919 | Telesphoro de Almeida | Bacharel em Direito | Promotor Público de Humaitá (1909-1910) | †03/09/1926 | Recife / Pernambuco | Filiado ao Partido Republicano Amazonense. |
| Presidente da Assembleia Geral | 1919 | | | Deputado Estadual (1914) | | | |
| 1º Secretário da Assembleia Geral | 1919-1920 | Jonathas Fernandes | Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais / RJ | Fiscal da Fazenda do Estado (1917-1923) | - | Manaus / Amazonas | Diretor do Conselho Fiscal do Grêmio Literário Amazonense (1904) |
| | | | | | | | Sócio da Sociedade de Tiro Nº10 (1913) |

| | | | | | | | |
|--|---|------------------------------------|--|--|------------------------|---------------------|--|
| | | | Advogado da Manáos Harbour Comp ^a (1910) | | | | Sócio do Nacional <i>Sport Club</i> (1918) |
| | | | | | | | Secretário da Federação Espírita Amazonense (1919) |
| 1º Secretário da Assembleia Geral | 1918 | Raimundo Gomes Nogueira | Comerciante da Carneiro da Mota e C ^a | Senador do Amazonas (1942) | - | - | - |
| 2º Secretário da Assembleia Geral | 1907 | | | Secretário da Educação (1946) | | | |
| 2º Secretário da Assembleia Geral | 1904 | Emiliano Estanislau Afonso. | Bacharel em Direito | Desembargador | - | - | - |
| | | | | Diretor Tribunal de Justiça do Amazonas (1945) | | | |
| 2º Secretário da Diretoria | 1904-1905 | José Nunes de Lima. | Coronel | Deputado Estadual (1935) | 20 anos *10/12/1884 | Fortaleza/ Ceará | Sócio Fundador do <i>Club Internacional</i> (1904) |
| | | | Comerciante da firma "Lima, Gomes e Companhia" | | | | Fundador da Associação dos Panificadores (1904) |
| Proprietário da Fábrica Mimi | Sociedade Cosmopolita de Benefícios Mútuos Previdente Amazonense (1906) | | | | | | |
| | Tesoureiro | | 1906-1907 | | | | |
| Conselheiro Fiscal | 1920 | | | | | | Presidente da Associação Comercial (1938-1942) |
| 2º Secretário da Assembleia Geral | 1905-1906 | Carlos Nogueira Fleury | - | Amanuense da Chefatura de Segurança Pública (1903) | *02/06 | - | Presidente do Parintins Foot-ball Club (1919) |
| Secretário da Diretoria | 1908 | | | Secretaria do Tesouro Público do Amazonas (1905) | | | |
| | | | | Assistente Técnico Interino (1941) | | | |
| 2º Secretário da Assembleia | 1909 | Arnaldo Guimarães Maia | Bacharel em Direito | Promotor Público em Manacapuru (1904) | *12/05 | Recife Pernambuco | - |

| | | | | | | | |
|--|-------------------|-------------------------------|--|---|------------------------|---------------|---|
| Geral | | | | Juiz de Direito do 2º Distrito criminal de Manaus (1909-1910) | | | |
| 1º Secretário da Diretoria | 1911 | | | Juiz Municipal de Barreirinha (1905-1907,1910) | | | |
| | | | | Juiz de Direito em São Felipe (1911) | | | |
| | | | | Juiz de Direito de Uracará (1912) | | | |
| | | | | Juiz de Direito de Maués (1929) | | | |
| 2º Secretário da Diretoria | 1909 | Alexandre Moreira | - | - | *03/05 † 07/05/1918 | - | Diretor do <i>Terosychore Club</i> (1909) |
| 1º Secretário da Assembleia Geral | 1911 | Raimundo Thomé Bezarri | - | - | - | - | - |
| 2º Secretário da Assembleia Geral | 1914 | Silvério Carvalho | - | - | - | - | - |
| 2º Secretário da Diretoria Tesoureiro | 1915 1919-1920 | Américo Lages Rebello | Comerciante da Firma Neves Castro & Compª. | Diretor da Junta Comercial (1914) | *03/06 | Belém Pará | Filiado do Partido Revisionista (1905) |
| | | | Agente geral da Singer Sewing Machine Compª (1916) | | | | Diretor do Grêmio Paraense (1910) |
| | | | Despachante | - | - | | Diretor da Companhia de seguros marítimos e terrestres <i>Lloud amazonense</i> (1911) |
| | | | | | | | Sócio fundador do Grêmio Paraense (1911) |
| | | | | | | | Sócio do Atlético Rio Negro Club (1923) |
| | | | | | | | Secretário do Rio Negro <i>Club</i> (1927) |
| | | | | | | | Presidente do Atlético Rio Negro Club (1928) |
| | | | | | | | Escrutinador da Santa Casa de Misericórdia (1940) |
| | | | | | | | - |

| | | | | | | | |
|--|-------------------|-------------------------------------|---|---|---|---------------------|---|
| 2º Secretário da Assembleia Geral | 1917 | José Luciano de Moraes Rego | Proprietário da casa filial dos Sr ^a . A. Berneaud & Comp ^a . | | | São Luis Maranhão | |
| 2º Secretário da Assembleia Geral | 1918 | Victor Crespo de Castro | Bacharel em Direito | Secretário da Chefatura de Polícia (1918) | - | - | - |
| 2º Secretário da Diretoria | 1920 | | | | | | |
| 2º Secretário da Diretoria | 1918-1919 | Raul Regallo Braga | Bacharel em Direito | Delegado do 1º Distrito (1913) | - | - | Sócio do Manaós <i>Sport</i> (1913) |
| | | | | 3º oficial do Tesouro do Estado (1914) | | | Sócio da Sociedade de Tiro Brasileiro (1914). |
| | | | | | | | Candidato eleitoral (1933) |
| 2º Secretário da Assembleia Geral | 1920 | Frederico da Fonseca Pereira | Sócio e comerciante da Farmácia Stuart | - | *15/07 † 16/11/1927 | Fortaleza Ceará | - |
| Tesoureiro | 1904-1905 | Antero Coelho de Rezende | Bacharel em Direito | Desembargador | - | Recife / Pernambuco | Associação Beneficente dos Funcionários Públicos. |
| Secretário Tesoureiro | 1908 1909-1910 | José Ramos Pinheiro | Guarda-Livros (contador) | - | *30/08 | São Luis Maranhão | - |
| Conselho Fiscal | 1911 | Dr. Mário dos Santos Porto | - | - | - | - | - |
| Tesoureiro | 1915-1916 | | | | | | |
| Orador | 1904 | João Barreto de Menezes | Bacharel em Direito | Secretário do Estado (1903) | - | Recife/ Pernambuco | Sócio fundador Academia Pernambucana de Letras (1901) Sócio da Sociedade de Tiro Brasileiro nº01 (1910). |
| Presidente do Conselho Fiscal | 1904-1905 | Carlos Costa Ferreira | Bacharel em Direito | Juiz Distrital da Subprefeitura de Caranary ⁵⁶⁷ (1895) | - | Recife/ Pernambuco | Sócio da Sociedade Cosmopolita de Benefícios Mútuos Previdente do Amazonas. |
| Presidente do Conselho Fiscal | 1906 | Lourival Alvez Muniz | Professor | Diretor dos Serviços Técnicos do Estado. | 30 anos * 15/06/1876 † 04/07/1943 | Ceará | - |
| | | | Engenheiro | | | | |
| Presidente do Conselho Fiscal | 1909 | Gil José de Araújo | Guarda-livro (contador) | - | † 02/04/1916 | Belém / Pará | Sócio da Santa Casa de Misericórdia. |
| | | | | | | | Sócio da Associação Comercial do Amazonas. |

⁵⁶⁷ Atual Carauari (1910)

| | | | | | | | |
|--------------------------------------|------|---------------------|---|---|--------|---|--|
| Presidente do Conselho Fiscal | 1920 | David Baruel | Comerciante na David Baruel e Ahlers & C ^a . | - | *04/07 | - | Sócio da Sociedade de Tiro Nº10 (1909) |
| | | | Proprietário do Armazém de moveis David Baruel | | | | |

APÊNDICE III – FESTIVIDADES DO IDEAL CLUBE (1903-1920)

| Data | Teor da Festividade ou Encontro | Local | Fonte |
|-------------|--|---|--------------------|
| 1903 | | | |
| 07/05/1903 | Reunião para os preparativos da 1ª partida do clube. | Residência do Cor. José Gonçalves Dias. | Quo Vadis. |
| 06/06/1903 | Fundação do Ideal Club. | Residência do Sr. Bittencourt | Quo Vadis |
| 20/12/1903 | Preparativos para a discussão do 1º estatuto. | Associação Comercial | Quo Vadis |
| 1904 | | | |
| 28/02/1904 | Eleição da Direção de 1904. | - | Jornal do Comércio |
| 06/06/1904 | Soirée Intima em comemoração ao 1º aniversário do Clube. | Sede do Ideal Club | Jornal do Comércio |
| 26/11/1904 | Participação do 7º Concerto no Café dos Terríveis. | Café dos Terríveis | Jornal do Comércio |
| 24/09/1904 | Soirée blanche. | Sede do Ideal Club | Jornal do Comércio |
| 31/12/1904 | Soirée Familiar em passagem de ano. | Sede do Ideal Club | Jornal do Comércio |
| 1905 | | | |
| 12/03/1905 | Eleição da Direção de 1905. | Sede do Ideal Club | Jornal do Comércio |
| 04/03/1905 | Baile a fantasia do Carnaval com o Maestro César Vasco. | Sede do Ideal Club | Jornal do Comércio |
| 13/05/1905 | Soirée Intima. | Sede do Ideal Club | Jornal do Comercio |
| 12/08/1905 | Soirée Familiar. | Sede do Ideal Club | Jornal do Comércio |
| 05/09/1905 | Festa Marítima e das regatas. | Flutuante da Manaus Harbour e Vapor Santo Antonio | Jornal do Comércio |
| 30/09/1905 | Festa Intima aos sócios. | Sede do Ideal Club | |
| 16/11/1905 | Espectáculo Cinematográfico Super Lumière dedicado ao Ideal Club. | Teatro Amazonas | Jornal do Comércio |
| 18/11/1905 | Sauterie Intima. | Sede do Ideal Club | Jornal do Comércio |
| 31/12/1905 | Sarau Flora em passagem de ano. | Sede do Ideal Club | Jornal do Comércio |
| 1906 | | | |
| 04/02/1906 | Eleição da Direção de 1906. | Sede do Ideal Club | Correio do Norte. |
| 24/02/1906 | Soirée de Carnaval. | Sede do Ideal Club | Correio do Norte. |
| 29/04/1906 | Conferência Literária “A mulher e o simbolismo católico”. | Sede do Ideal Club | Correio do Norte |
| 21/04/1906 | Festejo Patriótico. | Sede do Ideal Club | Correio do Norte. |
| 06/06/1906 | Soirée Blanche em comemoração do 3º aniversário do Clube. | Sede do Ideal Club | Jornal do Comércio |
| 10/06/1906 | Almoço da diretoria aos serviços prestados por Francisco Assis Guimarães e Bogéa de Sá. | Hotel Cassina | Correio do Norte |
| 10/06/1906 | Corrida de bicicletas promovida pelo Manaós Sport e a Empresa Maranhão & Compª em homenagem ao Ideal Club. | Velódromo Amazonense | Jornal do Comércio |
| 17/06/1906 | | | |
| 22/06/1906 | | | |
| 26/06/1906 | Sauterie promovido pelo Sr. Elpidio Eloy de Holanda. | Sede do Ideal Club | Jornal do Comércio |

| | | | |
|-------------|--|---------------------------------------|--------------------|
| 24/09/1906 | Sarau dançante em inauguração à sede na Praça da Saudade e Conferência “A Luz” | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 31/12/1906 | Sarau de passagem do ano. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 1907 | | | |
| 09/02/1907 | Baile a fantasia do Carnaval do Ideal Club. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 26/02/1907 | Teatro Rei Maldito de Marcellino de Mesquita. | Teatro Amazonas | Jornal do Comércio |
| 03/03/1907 | Posse da Diretoria da Associação dos Empregados do Comércio do Amazonas. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 29/03/1907 | Sarau em celebração a Páscoa. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 30/03/1907 | Sarau Íntimo | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 20/04/1907 | Posse da diretoria de 1907. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 14/09/1907 | Soirée. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 26/10/1907 | Soirée organizada pelo diretor Ascanio Saraiva Conferência de Raphael Pinheiro com o tema “Variações sobre o amor”. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 10/11/1907 | Comemoração do 1º Aniversário da Associação dos empregados no comércio do Amazonas. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 30/11/1907 | Soirée. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 31/12/1907 | Soirée de passagem de ano novo. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 1908 | | | |
| 16/02/1908 | Reunião dos Proprietários de Prédios. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 29/02/1908 | Baile Carnavalesco no Ideal. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 26/04/1908 | Torneio para estreia de Bilhar. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 05/04/1908 | Participação em baile infantil. | Club Internacional | Jornal do Comércio |
| 17/10/1908 | Soirée dançante. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 12/11/1908 | Sessão Magna da Associação Comercial. | Associação comercial | Jornal do Comércio |
| 13/12/1908 | Eleição dos corpos dirigentes para o ano de 1909. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 20/12/1908 | Corrida em homenagem ao Ideal Club. | Prado Amazonense | Jornal do Comércio |
| 1909 | | | |
| 16/01/1909 | Posse da diretoria de 1909. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 05/01/1909 | Assistir a Sociedade de Tiro nº10. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 20/02/1909 | Baile a fantasia de Carnaval. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 07/03/1909 | Sauterie em homenagem ao Ideal Club. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 15/03/1909 | Abertura da Assembleia Literária. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 04/04/1909 | Assembleia Literária com Pedro Freire com o tema “O esforço humano para a conquista da felicidade”. II Sauterie em homenagem ao Grêmio Familiar Amazonense. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 05/04/1909 | Soirée de páscoa com a organização de José Ramos Pinheiro e Francisco de Lima Valente. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 10/04/1909 | Sauterie do Ideal Club. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 03/05/1909 | Assembleia Literária – Conferência por Luciano Pereira da Silva com o tema “De como se amora out’ora”. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |

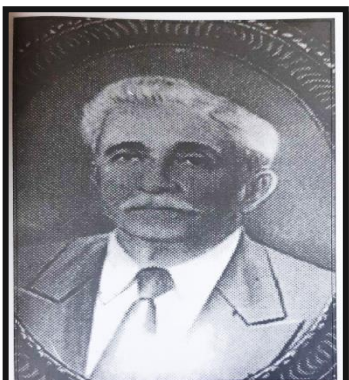
| | | | |
|-------------|---|---------------------------------------|--------------------|
| 06/06/1909 | Festa do 6º Aniversário do Club. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 13/06/1909 | Conferência Literária com Gaspar Guimarães com o tema “Dentro de Cem anos”. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 03/07/1909 | Cerimônia de posse da nova diretoria da sociedade de Tiro n.10. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 22/07/1909 | Match de xadrez. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 23/07/1909 | Assembleia Literária com Adriano Jorge com o tema “Os que a História chama grandes”. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 21/08/1909 | Festa em comemoração do Aniversário do Dr. Adriano Jorge. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 22/09/1909 | Assembleia Literária em homenagem a Euclides da Cunha, Guimarães Passos e Júlio Tabosa. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 18/10/1909 | Assembleia Literária em homenagem a Júlio Tabosa. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 24/10/1909 | Convalesce (piquenique). | Vapor Amazonas | Jornal do Comércio |
| 01/12/1909 | Conferência Literária de Pericles Moraes com o tema “a mulher no domínio da arte” e dedicada ao Grêmio Familiar Amazonense. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 26/12/1909 | Encontro para eleição da diretoria de 1910. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 31/12/1909 | Sarau Flora em passagem do ano. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 1910 | | | |
| 16/01/1910 | Sessão de posse da Diretoria do ano de 1910. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 05/02/1910 | Carnaval do Ideal Club. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 08/05/1910 | Reunião da Sociedade de Tiro Nº10. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 06/06/1910 | Sarau dançante em comemoração ao 7º Aniversário do Club. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 13/06/1910 | Reunião do Conselho Diretor. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 29/06/1910 | Posse da Diretoria da Sociedade de Tiro Nº10. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 30/07/1910 | Soriée dançante organizada por João Pamplona e José Nunes de Lima. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 07/08/1910 | Liga Marítima e o Comitê Central do Rio de Janeiro na causa “Pró-Riachuelo”. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 20/08/1910 | Soirée Dançante. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 30/12/1910 | Sarau dançante em passagem do ano novo. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 1911 | | | |
| 15/01/1911 | Sessão de posse da Diretoria do ano de 1911. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 27/02/1911 | Baile a Fantasia de Carnaval do Ideal Club. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 25/03/1911 | Sauterie promovido pelos diretores do mês Antero Rezende e Thomé de Bezerra. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 18/04/1911 | Reunião do Grêmio Paraense nos salões do Ideal. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 20/05/1911 | Reunião do Grêmio Paraense para discutir os estatutos. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 01/06/1911 | Assembleia Geral do Grêmio Paraense para promover a eleição de sua diretoria. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 06/06/1911 | Festa em comemoração ao 8º Aniversário do Club. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 12/06/1911 | Assembleia Geral do Grêmio Paraense. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 30/06/1911 | Reunião do Grêmio Paraense. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 15/08/1911 | Sessão de Posse da Diretoria do Grêmio Paraense e comemoração da adesão a independência do Brasil pelo Pará. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |

| | | | |
|-------------------|---|---------------------------------------|--------------------|
| 15/11/1911 | Sarau Íntimo. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 17/12/1911 | Assembleia para eleição do corpo dirigente de 1912. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 31/12/1911 | Sarau dançante em passagem do ano. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 1912 | | | |
| 18/01/1912 | Sessão de posse da diretoria de 1912. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Jornal do Comércio |
| 17/02/1912 | Baile de Máscara do Ideal Club com o maestro Donizetti. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 16/03/1912 | Concerto Musical com o Maestro Eduardo Boni. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 17/03/1912 | Concerto Musical de J. Andrade. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 11/04/1912 | Conferência Pública promovida por Godofredo Maciel com o tema “Alto Purus”. | Sede da Associação – Praça da Saudade | Correio do Norte |
| 03/05/1912 | Reunião do Hispano Amazonense. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 13/07/1912 | Festa em comemoração ao 9º Aniversário do Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Correio do Norte |
| 10/08/1912 | Soirée Intima do Grêmio Paraense. | Sede da Associação – Henrique Martins | Correio do Norte |
| 11/08/1912 | Concerto de Santos Moreira. | Sede da Associação – Henrique Martins | Correio do Norte |
| 17/08/1912 | Sautare Íntima. | Sede da Associação – Henrique Martins | Correio do Norte |
| 08/09/1912 | Conferência para a criação da Liga Pró-Lauro Sodré. | Sede da Associação – Henrique Martins | Correio do Norte |
| 03/10/1912 | Soirée dançante em Homenagem a Descoberta da América. | Sede da Associação – Henrique Martins | Correio do Norte |
| 27/10/1912 | Reunião da Classe Marítima para a criação do Club Naval. | Sede da Associação – Henrique Martins | Correio do Norte |
| 09/11/1912 | Sauterie dançante. | Sede da Associação – Henrique Martins | Correio do Norte |
| 31/12/1912 | Sarau dançante em passagem do ano. | Sede da Associação – Henrique Martins | Correio do Norte |
| 1913 | | | |
| 24/01/1913 | Soirée em homenagem ao Dr. Figueiredo Rodrigues. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 01/02/1913 | Baile a fantasia do Carnaval do Ideal Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 22/03/1913 | Sarau dançante de sábado de Aleluia. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 14/12/1913 | Reunião para a eleição de cargos dirigentes. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 31/12/1913 | Sarau dançante em passagem do ano. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 1914 | | | |
| 21/02/1914 | Baile a fantasia para o carnaval. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 11/04/1914 | Soirée Costumé no sábado de aleluia. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 02/05/1914 | Soirée musical. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 06/06/1914 | Décimo aniversário do Ideal Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 18- 20/06/1914 | Triunfo ao S. Luiz Gonzaga - padroeiro dos estudantes. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 21/06/1914 | Conferência de Paulo Eleutério - “A arte de fazer jornais”. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 05/09/1914 | Soirée em comemoração à elevação política do Amazonas. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 27/12/1914 | Assembleia Geral do Ideal Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 1915 | | | |
| 03/01/1915 | Assembleia Geral para reforma dos Estatutos. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |

| | | | |
|--------------------------|--|---------------------------------------|--------------------|
| 23/01/1915 | Soirée dançante da Escola Normal. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 31/01/1915 | Soirée dançante da cantora Sonia Ledine. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 15/02/1915 | Festa Carnavalesca Preto e Branco. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 05/03/1915 10/03/1915 | Festa em homenagem ao desembargador Franklin Washington da Silva e Almeida. | Polytheama | Jornal do Comércio |
| 06/06/1915 | Soirée em comemoração ao 12º aniversário. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 21/08/1915 | Reunião para organização da festa religiosa de Nossa Senhora de Nazaré. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 28/08/1915 | Soirée em homenagem ao desembargador Franklin Washington da Silva e Almeida. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 20/10/1915 | Reunião da Associação de Pilotos. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 30/12/1915 | Sarau de passagem de ano. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 1916 | | | |
| 30/01/1916 | Sessão de Assembleia Geral para a prestação de contas do Conselho Fiscal. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 04/03/1916 | Baile de Máscaras de Carnaval do Ideal. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 04/04/1916 | Festa Artística no Teatro Amazonas em Homenagem ao Ideal Club. | Teatro Amazonas | Jornal do Comércio |
| 06/06/1916 | Soirée em comemoração ao 13º aniversário. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 22/11/1916 | Reunião do Instituto de Proteção à Infância do Amazonas. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 31/12/1916 | Sarau dançante em passagem do ano. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 1917 | | | |
| 28/01/1917 | Assembleia Geral para eleição do Corpo Administrativo. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 18/02/1917 | Festa a fantasia de Carnaval do Ideal Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 13/05/1917 | Conferência do Grêmio Littero Cívico sobre a data da abolição. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 07/06/1917 | Comemoração do 14º aniversário do Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 23/07/1917 | Conferência Bio Sociológica do Dr. Paula Guimarães. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 11/08/1917 | Exposição caricaturista de Bernardo e Silva. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 06/11/1917 | Comemoração a fundação da Sociedade Cruz Vermelha Italiana. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 14/10/1917 | Reunião do Comitê de Aviação do Amazonas. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 15/10/2017 | Conferencia de Mendonça Lima com o tema “O Real valor do povo alemão. A Alemanha pela guerra; sua situação em face da moral e da medicina. A paz universal”. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 17/10/1917 | Chá da Sociedade Cruz Vermelha Italiana. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 20/10/1917 | Reunião da Cruz Vermelha Brasileira. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 27/10/1917 | Five Oclock Tea, em benefício da Cruz Vermelha Inglesa. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 24/11/1917 | Festival pela Cruz Vermelha Italiana. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 30/12/1917 | Reunião de Assembleia Geral da Cruz Vermelha Brasileira. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 31/12/1917 | Sarau dançante em passagem do ano. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 1918 | | | |
| 30/01/1918 | Sessão ordinária da Assembleia Geral. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 12/02/1918 | Baile a fantasia para o carnaval. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |

| | | | |
|-------------|--|---------------------------------------|--------------------|
| 24/02/1918 | Reunião dos Funcionários Públicos no Ideal Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Imparcial |
| 07/03/1918 | Concerto do músico Elpidio Pereira ao Ideal Club. | Teatro Amazonas | A Capital |
| 30/03/1918 | Soirée Íntima no sábado de Aleluia. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 06/06/1918 | Comemoração do 15º aniversário do Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Imparcial |
| 31/09/1918 | Reunião para a aquisição de uma bandeira nacional oferecida ao 45º Batalhão de Caçadores do Exército Nacional. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 04/04/1918 | Exposição de quadros de Mme. Berthe Worms. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 08/06/1918 | Comemoração do 15º aniversário. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 18/08/1918 | Inauguração da pedra do edifício do Ideal Club. | Sede do Ideal Club na Ed. Ribeiro | A Capital |
| 12/10/1918 | Festa literária-artística da União Acadêmica. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 1918 | Festa literária no Ideal Club pela comunidade portuguesa. | Sede da Associação – Henrique Martins | A Capital |
| 1919 | | | |
| 05/01/1919 | Soirée íntima em comemoração do armistício da grande guerra. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 26/01/1919 | Sessão ordinária da Assembleia Geral do Ideal Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 20/02/1919 | Assembleia Geral do Ideal Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 24/02/1919 | Festa a fantasia do Ideal Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 21/03/1919 | Eleição para a presidência do Club devido a renúncia do Cel. Augusto César Fernandes. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 14/04/1919 | Assembleia Geral do Ideal Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 19/04/1919 | Soirée Íntima. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 28/04/1919 | Assembleia Geral do Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 13/05/1919 | Sessão Magna do Grêmio litero-cívico Rui Barbosa. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 08/06/1919 | Chá dançante em comemoração ao 16º aniversário do Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 23/06/1919 | Chá dançante. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 28/06/1919 | Sessão extraordinária de Assembleia Geral. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 13/07/1919 | Homenagem à Imprensa de Manaus. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 31/08/1919 | Sessão Magna promovida pela Academia Amazonense dos Novos em homenagem a Olavo Bilac. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 1920 | | | |
| 15/01/1920 | Assembleia Geral do Club para eleição dos Corpos Dirigentes. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 17/02/1920 | Soirée à fantasia de Carnaval. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 03/04/1920 | Sarau a fantasia. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 09/05/1920 | Festa artística promovida pelas Senhoras da Caridade. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 13/05/1920 | Assembleia Geral para eleição do conselho fiscal. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 26/05/1920 | 3º convocação para a Assembleia Geral para eleição do conselho fiscal. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 06/06/1920 | Comemoração do 17º aniversário do Ideal Club. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 19/06/1920 | Conferência do Dr. Mendonça Lima sobre “homem americano”. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |
| 28/06/1920 | Festa de Arte em favor do Instituto de Proteção e Assistência á Infância. | Sede da Associação – Henrique Martins | Jornal do Comércio |

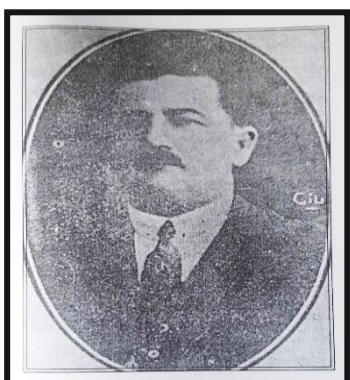
ANEXO I: FUNDADORES E DIRETORES DO IDEAL CLUBE ⁵⁶⁸



Dr. Adriano Augusto de Araújo Jorge, um dos fundadores do Ideal Clube, orador de grandes méritos, eleito Secretário da Assembleia Geral, em 28 de fevereiro de 1904.

Adriano Augusto de Araújo Jorge

Fundador do Ideal Clube, orador de grandes méritos, eleito Secretário da Assembleia Geral, em 28 de fevereiro de 1904.



Desembargador Antero Coelho de Rezende, um dos fundadores do Ideal Clube e diretor secretário nos primórdios da existência da agremiação.

Antero Coelho de Rezende

Fundador do Ideal Clube e diretor nos primórdios da existência da agremiação.



Empresário Augusto César Fernandes, um dos mais dedicados presidentes da diretoria, eleito pela primeira vez a 17.12.1911 e reeleito várias vezes, até 26.01.1934.

Augusto César Fernandes

Um dos mais dedicados presidentes da diretoria, eleito pela primeira vez a 17.12.1911 e reeleito várias vezes, até 26.01.1934.



Domingos Alves Pereira de Queiroz

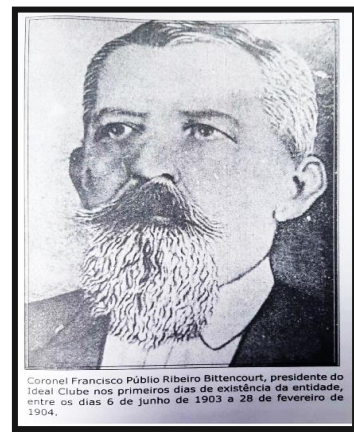
Fundador do Ideal Club, eleito vice-presidente em 1906 e presidente da diretoria, a 24.04.1908.



Desembargador Emiliano Estanislau Afonso, sócio fundador do Ideal Clube, membro diretor, vindo mais tarde a presidir o Tribunal de Justiça e tomando-se governador do Amazonas.

Emiliano Estanislau Afonso

Sócio fundador do Ideal Clube, membro diretor, vindo mais tarde a presidir o Tribunal de Justiça e tomando-se governador do Amazonas.

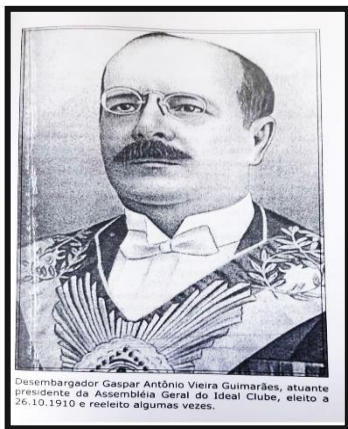


Coronel Francisco Púlbio Ribeiro Bittencourt, presidente do Ideal Clube nos primeiros dias de existência da entidade, entre os dias 6 de junho de 1903 a 28 de fevereiro de 1904.

Francisco Púlbio Ribeiro Bittencourt

Presidente do Ideal Clube nos primeiros dias de existência da entidade, entre os dias 6 de junho de 1903 a 28 de fevereiro de 1904.

⁵⁶⁸ ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Ideal Clube de 06-06-1903 a 06-06-2003: Um século de aristocratismo.** Manaus: Imprensa Oficial, 2003.



Desembargador Gaspar Antônio Vieira Guimarães, atuante presidente da Assembleia Geral do Ideal Clube, eleito a 26.10.1910 e reeleito algumas vezes.

Gaspar Antônio Vieira Guimarães

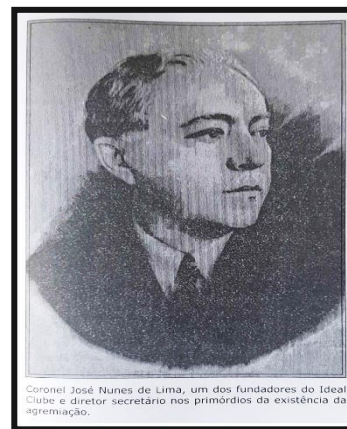
Atuante presidente da Assembleia Geral do Ideal Clube, eleito a 26.10.1910 e reeleito algumas vezes.



Coronel Joaquim Nunes de Lima, um dos fundadores do Ideal Clube, presidente da Assembleia Geral, eleito em 11 de fevereiro de 1906

Joaquim Nunes de Lima

Fundador do Ideal Clube, presidente da Assembleia Geral, eleito em 11 de fevereiro de 1906.



Coronel José Nunes de Lima, um dos fundadores do Ideal Clube e diretor secretário nos primórdios da existência da agremiação.

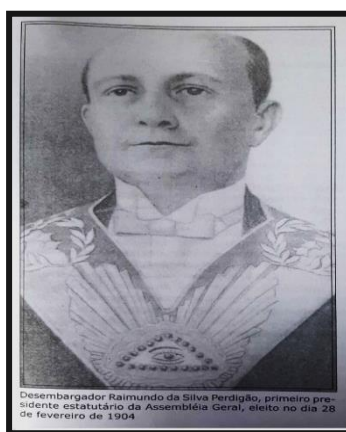
José Nunes de Lima

Fundador do Ideal Clube e diretor secretário nos primórdios da existência da agremiação.



Manoel Agapinto Pereira

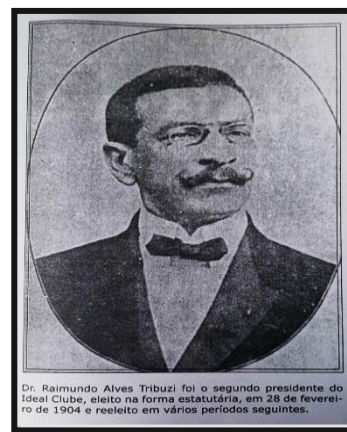
Presidente da Assembleia Geral do Ideal Clube em 1912.



Desembargador Raimundo da Silva Perdighão, primeiro presidente estatutário da Assembleia Geral, eleito no dia 28 de fevereiro de 1904

Raimundo da Silva Perdighão

Primeiro presidente estatutário da Assembleia Geral, eleito no dia 28 de fevereiro de 1904.



Dr. Raimundo Alves Tribuzzi foi o segundo presidente do Ideal Clube, eleito na forma estatutária, em 28 de fevereiro de 1904 e reeleito em vários períodos seguintes.

Raimundo Alves Tribuzzi

Foi o segundo presidente do Ideal Clube, eleito na forma estatutária, em 28 de fevereiro de 1904 e reeleito em vários períodos seguintes.

ANEXO II: TABELA DE RUAS, MORADORES E LISTAGEM DE ANALFABETOS ⁵⁶⁹.

| Ruas | Morados listados | Não sabem ler | Porcentagem |
|---------------------------------|-------------------------|----------------------|--------------------|
| Dr. Almino | 123 | 96 | 43,04% |
| Lima Bacury | 323 | 194 | 60,06% |
| Ramalho Júnior | 207 | 79 | 38,16% |
| Andradas | 296 | 147 | 49,66% |
| Mundurucus | 335 | 203 | 60,59% |
| Visconde de Porto Alegre | 125 | 92 | 73,60% |
| Guilherme Moreira | 70 | 35 | 50,00% |
| Rua dos Remédios | 747 | 408 | 54,61% |
| Praça dos Remédios | 158 | 37 | 23,41% |
| Leovigildo Coelho | 190 | 73 | 38,42% |
| José Paranaguá | 401 | 148 | 36,90% |
| Marcílio Dias | 272 | 150 | 55,14% |
| Constituição | 52 | 12 | 34,61% |
| Demétrio Ribeiro | 119 | 83 | 69,74% |
| Barés | 176 | 84 | 47,72% |
| Constantino Nery | 32 | - | 0 |
| Beco da Cadeia | 8 | - | 0 |
| Tenreiro Aranha | 72 | 29 | 40,27% |
| Quintino Bocaiúva | 395 | 201 | 50,88% |
| Dr. Moreira | 379 | 69 | 25,32% |
| Cândido Mariano | 122 | 22 | 18,03% |
| Bittencourt | 58 | 27 | 46,55% |
| Beco do Comércio | 24 | 21 | 87,5% |
| Isabel | 267 | 48 | 17,97% |

⁵⁶⁹ DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920*. 2ª edição. Manaus, Valer, 2007, p. 49